

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - FAFICH
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

MARCELA TESSAROLO BASTOS

**CARTOGRAFIA DOS AFETOS NA COVID-19 A PARTIR
DAS TIMELINES DISCURSIVAS NO *FACEBOOK***

Belo Horizonte
2022

MARCELA TESSAROLO BASTOS

**CARTOGRAFIA DOS AFETOS NA COVID-19 A PARTIR
DAS TIMELINES DISCURSIVAS NO *FACEBOOK***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Comunicação Social.

Área de Concentração: Comunicação e Sociabilidade Contemporânea

Linha de Pesquisa: Textualidades Midiáticas

Orientadora: Profa. Dra. Joana Ziller de Araújo Josephson

Coorientador: Prof. Dr. Fábio Luiz Malini de Lima

Belo Horizonte

2022

301.16 Bastos, Marcela Tassarolo.
B327c Cartografia dos afetos na COVID-19 a partir das timelines
2022 discursivas no Facebook [manuscrito] / Marcela Tassarolo
Bastos. - 2022.
254 f. : il.
Orientadora: Joana Ziller de Araújo Josephson.
Coorientador: Fábio Luiz Malini de Lima.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1. Comunicação - Teses. 2. Facebook (Recursos eletrônicos) - Teses. 3. Covid-19 (Doença) - Teses. I. Ziller, Joana. II. Lima, Fábio Luiz Malini de. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

"CARTOGRAFIA DOS AFETOS NA COVID-19 A PARTIR DAS TIMELINES DISCURSIVAS NO FACEBOOK."

MARCELA TESSAROLO BASTOS

Tese aprovada pela banca examinadora constituída pelos professores e professoras:

Profª Joana Ziller de Araújo Josephson - Orientadora
DCM/FAFICH/UFMG

Prof. Fabio Luiz Malini de Lima - Coorientador
UFES

Profª Geane Carvalho Alzamora
DCM/FAFICH/UFMG

Profª Ethel Leonor Noia Maciel
UFES

Prof. Carlos Frederico de Brito d'Andréa
DCM/FAFICH/UFMG

Profª Daniela Zanetti
UFES

Belo Horizonte, 28 de novembro de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **Geane Carvalho Alzamora, Professora do Magistério Superior**, em 29/11/2022, às 18:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Daniela Zanetti, Usuária Externa**, em 29/11/2022, às 20:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Joana Ziller de Araújo Josephson, Professora do Magistério Superior**, em 03/12/2022, às 14:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Frederico de Brito D Andrea, Professor do Magistério Superior**, em 05/12/2022, às 10:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fábio Luiz Malini de Lima, Usuário Externo**, em 06/12/2022, às 09:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ethel Leonor Noia Maciel, Usuário Externo**, em 12/12/2022, às 17:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1930260** e o código CRC **4798FBB6**.

Para Beatriz, Fred e Pedro, pela força motriz.

Para Camilo (in memoriam), pela inspiração.

AGRADECIMENTOS

Esta tese é uma obra coletiva. É fruto de afecções de toda uma vida. Mas, para não puxar um longo fio de memória, prefiro me ater às vivências do doutorado. Para uma mulher, mãe de duas crianças, moradora de Vitória, no Espírito Santo, estudar em uma instituição como a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) foi preciso uma rede de apoio. Meu marido Frederico Silveira Machado foi peça essencial ao apoiar a iniciativa e cuidar de nossos filhos, Pedro e Beatriz, com 6 e 1 ano e meio de idade, respectivamente, à época do início das aulas presenciais em Belo Horizonte.

As viagens semanais para Belo Horizonte exigiram logística e contaram com o suporte dos meus pais, Edna e Ulan Bastos; da minha sogra, Maria José Silveira; das minhas irmãs, Flavia e Paula Tessarolo Bastos; da futura psicóloga e minha fiel escudeira, Elida Morais Andrade; dos amigos e amigas do grupo Blue Stone Pub, como Tânia Machado, Jacqueline Albino, Renata Lucas e Eduardo Albino. Aliás, Eduardo convidou Pedro para começar a fazer aulas de vela, em *Optimist*, e se encarregava de levá-lo e buscá-lo. Isso era uma forma de distrair o pequeno, que sentia a minha ausência. Pedro se desenvolveu e já participou de três campeonatos brasileiros.

Mas a rede de apoio tinha mais encontros potentes. Em Belo Horizonte, fui recebida na casa da família da minha prima Carolina Zerbini. Ela, seu marido Thiago e a filha Giovana, na época com 1 ano e meio, deixaram o desafio mais leve e aliviavam a saudade dos meus pequenos. Recebi até visita da prima-irmã, Janine Tessarolo, que saiu de João Monlevade para passar a semana conosco, na capital mineira. Também fui recebida na casa de Luiza Linhares Costa, prima de Frederico, que dividia apartamento com Nathalia Guimarães, ambas, na época, estudantes de Direito. Agradeço a agradável convivência com as meninas e os pais de Luiza, Sara e Cássio Costa, pelo suporte fundamental.

Obrigada aos colegas de turma 2018/1 pelos momentos de aprendizado e descontração, em especial à querida Ana Carolina Souza, que dividiu comigo a representação feminina da turma de Textualidades Midiáticas. Agradeço também aos professores e estudantes que fazem parte do Núcleo de Pesquisa em Conexões Intermidiáticas (Nuccon), da UFMG, pelos debates e incentivo.

E o que dizer da minha orientadora? Gratidão, Joana Ziller, por tantos ensinamentos e pela maneira leve e respeitosa que conduziu toda a jornada. Joana é um ser humano de luz e me ensinou muito além dos livros. Ela me ensinou sobre respeito ao outro e ser serena no embate com os dissonantes. Aliás, ouvir Joana era sempre uma terapia. Minha gratidão, também, ao meu coorientador, Fábio Malini, por ter me ajudado desde o pré-projeto de pesquisa, ainda na seleção do doutorado, na UFMG. Malini me estendeu a mão no momento que eu mais precisava de apoio para meu projeto de mudança de rumos profissionais.

Obrigada também aos professores e servidores do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social (PPGCOM), em especial aos professores Bruno Souza Leal e Carlos D'Andrea, gigantes em suas áreas de atuação, mas de uma simplicidade e preocupação com o outro que me encantaram. Eles me mostraram o jeitinho acolhedor do mineiro ser. Agradeço também à professora Fernanda Duarte, pelos aprendizados de conteúdo e metodologias de ensino na disciplina “Processos de Criação em Mídias Digitais”, em que fui monitora de estágio em docência, em 2018.

Gratidão aos pesquisadores e pesquisadoras do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), pela ajuda em vários momentos durante a jornada. Em especial, agradeço ao jornalista e mestre, Allan Cancian Marquez, pelo auxílio na metodologia do meu pré-projeto de pesquisa; e às doutorandas em Estudos Linguísticos da Ufes, orientandas de Fábio Malini e parceiras de artigos científicos e de conversas fortalecedoras, pessoalmente ou no WhatsApp, Ana Paula Costa e Camilla Reisler Cavalcanti.

Iniciei o doutorado com a meta de me tornar professora universitária. Finalizo a jornada com três anos de sonho realizado e com projetos para o futuro na área de docência e pesquisa. Agradeço ao corpo docente da Universidade Vila Velha (UVV), pela parceria diária e aos meus alunos, que me ajudam a aprender mais sobre o tema que escolhi pesquisar. Realmente, sala de aula é troca de afetos.

Por tudo isso, digo que a tese é coletiva. É fruto desses encontros, de afetos que me ensinaram muito mais do que teorias em livros. Mostraram-me o quanto o ser humano é potente quando se junta, quando estende a mão para o outro.

RESUMO

O objetivo desta tese de doutorado é cartografar os afetos na Covid-19 a partir das *timelines* discursivas (MALINI *et al.*, 2020), no *Facebook* Brasil. Para isso, o trabalho é dividido em quatro capítulos e está alicerçado em referencial teórico que dialoga com a “virada afetiva” (CLOUGH, 2007), dos estudos nas humanidades e nas ciências sociais, e com os métodos digitais, na “virada computacional nas pesquisas em Comunicação” (VIMIEIRO; BARGAS, 2018). Assim, nosso primeiro capítulo trata da afetividade humana, com base em Espinosa (2016) e sua visão, principalmente, sobre medo e esperança. Para Espinosa (2016), com medo o homem se deixa dominar pela superstição, como aconteceu na genealogia de várias doenças, inclusive a da Covid-19. Recuperamos o medo na história da humanidade (WOLFF, 2007; DELUMAU, 2006; FEBVRE, 2009) e mostramos como a contemporaneidade também é uma era de temores (BAUMAN, 2012). Uma das formas dos seres humanos demonstrarem afetos, inclusive o medo, é por meio de narrativas propagadas nas plataformas de mídias sociais. Estas alteraram a forma que cada indivíduo se comunica e acessa informações (JURNO, 2020). Dessa forma, o capítulo 2 trata da sociedade da plataforma e o poderio do *Facebook*. Autores que trabalham destacam as complexas engrenagens das plataformas, que selecionam e influenciam no conteúdo que aparecerá na linha do tempo de cada usuário. Também cartografamos as principais políticas adotadas pelo *Facebook* para conter a desinformação sobre a Covid-19 e as controvérsias com os usuários durante a pandemia causada pelo novo Coronavírus, no Brasil, em 2020. O terceiro capítulo trata das mudanças no jornalismo com a liberação do polo de emissão de conteúdo e popularização da internet e das plataformas de mídias sociais e como esse cenário midiático amplia a propagação de desinformação. Também discute narrativas, acontecimentos e *timelines* discursivas (MALINI *et al.*, 2020). Por fim, trata da necropolítica e do necropoder (MBEMBE, 2016), aborda o populismo digital (CESARINO, 2019; 2020), e a desinformação como estratégia de comunicação política. O quarto capítulo traz nossa análise empírica de postagens públicas de quatro marcos discursivos de 2020, coletadas na ferramenta *CrowdTangle*, no *Facebook* Brasil, plataforma mais usada para busca por informações no país (DIGITAL NEWS REPORT 2020, 2021). Lemos, analisamos o conteúdo das postagens da *timeline* discursiva, que desloca os sentidos a cada período (MALINI *et al.*, 2020), e categorizamos os atores das postagens, nem sempre acatando as autodefinições. Apresentamos visualmente as redes formadas, por meio de grafos, a partir de princípios de análise de redes sociais (RECUERO, 2017). Também colhemos depoimento de cinco sobreviventes, em uma descida ao cotidiano (DAS, 2020) para mapear afetos não expressos no *Facebook*. A sensação de solidão, de desamparo e a ansiedade foram comuns entre os sobreviventes. Desde sua genealogia, narrativas controversas circularam e dificultaram o combate da doença. No *Facebook*, medo e esperança mobilizaram controvérsias na pandemia da Covid-19, como críticas ou defesa do isolamento social, e a desinformação sobre as vacinas que despontavam como promissoras. A extrema direita fomentou a esperança em falsos medicamentos e o medo das vacinas. Nesse contexto, não houve consenso no enfrentamento da Covid-19 no Brasil. Muitas narrativas de desinformação foram alimentadas por políticos, médicos e pessoas comuns. Nesse cenário, comunidades, grupos de *Facebook* e blogs, que imitam o modelo do jornalismo tradicional, tiveram papel importante na propagação de falsas esperanças de cura em remédios cujos estudos científicos já demonstravam sua ineficácia no combate à Covid-19.

Palavras-chave: afetos; timeline discursiva; *Facebook*; Covid-19; cartografia

ABSTRACT

This doctoral thesis aims to map the affections of Covid-19 from the discursive timelines (MALINI et al, 2020) on Facebook Brazil. For this, we divided the work into four chapters based on a theoretical framework that dialogues with the “affective turn” (CLOUGH, 2007), of studies in the humanities and social sciences, and with digital methods, in the “computational turn in research in Communication” (VIMIEIRO and BARGAS, 2018). Thus, our first chapter deals with human affectivity, based on Espinosa (2016) and his view on fear and hope. To Espinosa (2016), out of fear, people let themselves be dominated by superstition, as happened in the genealogy of several diseases, including Covid-19. We recover fear in the history of humanity (WOLFF, 2007; DELUMAU, 2006; FEBVRE, 2009) and show how contemporaneity is also an era of fear (BAUMAN, 2012). One way humans show affection, including fear, is through narratives propagated on social media platforms. They changed the way each individual communicates and accesses information (JURNO, 2020). So, chapter 2 deals with the platform society and the power of Facebook. Authors highlight the complex gears of platforms, which select and influence the content that will appear on each user’s timeline. We also mapped the main policies adopted by Facebook to contain misinformation about Covid-19 and the controversies among users during the Covid-19 pandemic in Brazil in 2020. The third chapter deals with the changes in journalism with the release of the broadcast hub of content and popularization of the internet and social media platforms, and how this media scenario increases the spread of disinformation. It also discusses narratives, events and discursive timelines (MALINI et al, 2020). Finally, it deals with necropolitics and necropower (MBEMBE, 2016, p. 146), addresses digital populism (CESARINO, 2019;2020), and disinformation as a political communication strategy. The fourth chapter brings our empirical analysis of public posts from four discursive milestones of 2020, collected in the CrowdTangle tool, from Facebook Brazil, the most used platform for searching for information in the country (DIGITAL NEWS REPORT 2020, 2021). We read and analyze the posts of the discursive timeline, which displaces the meanings in each period (MALINI et al, 2020), and we categorized the actors in the posts, not always complying with self-definitions. Through graphs, we visually present the networks formed based on principles of social network analysis (RECUERO, 2017). We also collected testimony from five survivors, in a descent into everyday life (DAS, 2020) to map affections not expressed on Facebook. Feelings of loneliness, helplessness and anxiety were common among survivors. Since its genealogy, controversial narratives have circulated and made it difficult to fight the disease. On Facebook, fear and hope mobilized controversies during the Covid-19 pandemic, such as criticism or defense of social isolation, and misinformation about vaccines that emerged as promising. There was no consensus on the fight against Covid-19 in Brazil. Politicians, doctors and ordinary people have fueled disinformation narratives. The far right promoted hope in fake medicines and fear of vaccines. In this scenario, communities, Facebook groups and blogs, which imitate the model of traditional journalism, played an important role in the propagation of false hopes for a cure in medicines whose scientific studies have already shown their ineffectiveness in combating Covid-19.

Keywords: affections; discursive timeline; Facebook; Covid-19; cartography

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – postagem de Bruno Dalvi sobre sua internação	54
Figura 2 – Mensagem do Facebook no perfil de João	95
Figura 3 – Bolsonaro mostra caixa de cloroquina	116
Quadro 1 – Análise dos atores de janeiro de 2020, divididos por categoria	131
Figura 4 - Grafo geral de rede de palavras do dataset de janeiro de 2020	133
Figura 5 – Grafo de rede de palavras, do cluster roxo, do dataset de janeiro de 2020	134
Figura 6 – Imagem de postagem do G1	135
Figura 7 – Grafo de rede de palavras, do cluster laranja, do dataset de janeiro de 2020	138
Figura 8 - Grafo de rede de palavras, do cluster verde, do dataset de janeiro de 2020	139
Figura 9 – Postagem sobre sopa de morcego	140
Quadro 2 – Análise dos atores de março de 2020, divididos por categoria	146
Figura 10 - Grafo geral de rede de palavras do dataset de março de 2020	148
Figura 11 – Grafo de rede de palavras, do cluster roxo, do dataset de março de 2020	149
Figura 12 – Imagem de postagem no Facebook	151
Figura 13 – Grafo de rede de palavras, do cluster verde, do dataset de março de 2020	154
Figura 14 – Grafo de rede de palavras, do cluster laranja, do dataset de março de 2020	155
Figura 15 – Grafo de rede de palavras, do cluster azul, do dataset de março de 2020	156
Figura 16 – Postagem de humor sobre isolamento dos idosos	157
Quadro 3 – Análise dos atores de junho de 2020, divididos por categoria	162
Figura 17 - Grafo geral de rede de palavras do dataset de junho de 2020	164
Figura 18 - Grafo de rede de palavras, do cluster roxo, do dataset de junho de 2020	166
Figura 19 - Grafo de rede de palavras, do cluster verde, do dataset de junho de 2020	167

Figura 20 – Grafo de rede de palavras, do cluster azul, do dataset de junho de 2020	170
Figura 21 – Postagem sobre tratamento precoce	172
Figura 22 - Grafo de rede de palavras, do cluster laranja, do dataset de junho de 2020	173
Figura 23 - Grafo de rede de palavras, do cluster amarelo, do dataset de junho de 2020	174
Quadro 4 – Análise dos atores de dezembro de 2020, divididos por categoria	179
Figura 24 – Grafo geral de rede de palavras do dataset de dezembro de 2020 ...	181
Figura 25 – Grafo de rede de palavras, do cluster rosa, do dataset de dezembro de 2020	182
Figura 26 – Grafo de rede de palavras, do cluster verde, do dataset de dezembro de 2020	184
Figura 27 – Grafo de rede de palavras, do cluster azul, do dataset de dezembro de 2020	186
Figura 28 – Grafo de rede de palavras, do cluster laranja, do dataset de dezembro de 2020	188
Figura 29 – Grafo de rede de palavras, do cluster laranja, do dataset de dezembro de 2020	189
Figura 30 – Postagem sobre projeto de lei	190

LISTA DE ABREVIATURAS

API	<i>Application Programming Interface</i>
AVC	Acidente Vascular Cerebral
CIAS	Complexo Integrado de Atenção à Saúde
HIV	<i>Human Immunodeficiency Virus</i>
IFA	Ingrediente Farmacêutico Ativo
LABIC	Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
PAHO	<i>Pan American Health Organization</i>
PL	Projeto de Lei
SBIm	Sociedade Brasileira de Imunizações
SBI	Sociedade Brasileira de Infectologia
SBPT	Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UTI	Unidade de Terapia Intensiva
VNI	Ventilação não invasiva
WHO	<i>World Health Organization</i>

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
1.1. Inspirações teóricas e metodológicas	24
2. A AFETIVIDADE HUMANA	30
2.1. Espinosa, a razão e os afetos	32
2.2. O que são afetos?	38
2.3. Servidão dos afetos	41
2.4. Medo na história da humanidade	46
3. SOCIEDADE DA PLATAFORMA E O CIRCUITO DE AFETOS	53
3.1. Redes sociais digitais ou plataformas?	58
3.2. Desmontando e remontando plataformas	62
3.2.1. Infraestrutura	66
3.2.2. Modelo de negócio	68
3.2.3. Governança	70
3.2.4. Práticas e affordances	72
3.3. Empresas de mídia ou de tecnologia?	74
3.4. O império do Facebook	80
3.5. Controvérsias do Facebook	84
4. POPULISMO DIGITAL E DESINFORMAÇÃO PROPAGÁVEL	94
4.1. Desinformação propagável	97
4.2. Narrativas e acontecimento	101
4.3. Necropoder na sociedade da desinformação	110
5. TIMELINE DISCURSIVA DA COVID-19 NO FACEBOOK BRASIL	124
5.1. APIs restritas e a possibilidade do CrowdTangle	125
5.2. Análise de quatro marcos discursivos na Covid-19	129
5.2.1. A eclosão da Covid-19	130
5.2.2. Controvérsia do isolamento social	142
5.2.3. A controvérsia do tratamento precoce	158
5.2.4. A controvérsia da vacina	176
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	192
REFERÊNCIAS	200
APÊNDICE	215

1. INTRODUÇÃO

A ligação de alguém do hospital chamava a família com urgência para se despedir. Era hora do almoço e a mensagem indigesta chegou no grupo de amigos no WhatsApp e colocou todos em compasso de espera, em uma viciante dependência do celular. Queríamos entender o que tinha acontecido, queríamos mais notícias, queríamos um milagre.

A angústia de aguardar o suspiro final durou até as primeiras horas do dia seguinte. Foi quando veio a confirmação. Camilo Dias Junior, 63 anos, havia partido. Foi tudo tão rápido. Da descoberta da doença até a morte, apenas uma semana. Camilo desconfiou que algo estava errado ao voltar da academia de ginástica, em uma das reaberturas autorizadas pelo Governo do Estado do Espírito Santo, na pandemia da Covid-19. Ao parar para comprar um lanche, não conseguiu fazer o pedido. A voz arrastada denunciava algum problema. Levado para o hospital pela família, o diagnóstico que o professor doutor em Fitoplâncton da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) recebeu dos médicos surpreendeu todos: Acidente Vascular Cerebral (AVC), provocado por Covid-19, fato que passou a ser comum em pacientes hipertensos e diabéticos. Também descobriu um câncer no estômago, com sintomas similares aos da diabetes, há muitos dias descontrolada.

Assintomático para Covid-19, mas com o corpo debilitado por outras comorbidades e pulmão comprometido pelo vírus, Camilo foi internado e não resistiu, em 21 de janeiro de 2021. Deixou duas filhas, ex-esposa e melhor amiga, familiares, muitos colegas, amigos e importantes pesquisas, como a que buscava identificar os impactos do rompimento das barragens da Samarco no Rio Doce.

Camilo era uma referência para mim. Junto de sua ex-esposa, Jacqueline Albino, era um incentivador para o estudo científico e uma das minhas inspirações para mudar radicalmente a carreira profissional. Foi o que fiz, em 2014, quando ingressei no mestrado em Comunicação e Territorialidades, na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), para entender as mudanças nos fluxos comunicacionais com a popularização da internet e das plataformas de mídias sociais, focando em um estudo que intencionava identificar o tipo de conteúdo que circulava em grupos colaborativos do *Facebook*. Os boatos propagados nesses territórios informacionais me preocupavam e me impeliam a estudar o tema.

Além da influência para uma vida acadêmica, admirava a inteligência de Camilo, o gosto por viagens, as seleções musicais de primeira linha, a rotina de trabalho e estudos com propósito educativo e importância social. Leitor voraz, era dono de voz calma, capaz de harmonizar uma mesa que debatia política, sempre com muita informação e sabedoria.

Eu o conheci ainda no início do namoro com meu marido, Frederico, em uma festa na casa da prima Tânia. A simpatia mútua foi imediata. A minha amizade com o grupo presente naquele encontro se solidificou e, como eu, ele fazia parte da turma de amigos que está sempre junta nos fins de semana, seja em Vitória, ou na casa de Jacqueline, em Pedra Azul, região de montanhas no Espírito Santo. A localização e a casa decorada como um pub deram origem ao nome do grupo: Blue Stone Pub, que até hoje tem calendário fixo para vários festejos.

Camilo Dias Júnior foi um dos 687.574 óbitos no Brasil por Covid-19 que aconteceram entre 26 de fevereiro de 2020 a 24 de outubro de 2022¹. É um exemplo de tantas pessoas com diferentes histórias e afetos que viraram estatística em uma pandemia em que a morte rondou e alterou a rotina de muita gente.

A Covid-19 também infectou centenas de milhares de pessoas que conseguiram se recuperar, com ou sem sequelas, afetou a economia e o bem-estar mundial. Cerca de 80% dos infectados se recuperaram da doença sem precisar de internação, mas um em cada seis pacientes fica gravemente doente e desenvolve dificuldade de respirar, principalmente idosos ou pessoas com alguma comorbidade (PAHO, 2020a).

Foi o caso do meu pai. Ulan Bastos, com bronquite crônica desde a infância, na época com 80 anos, foi diagnosticado com Covid-19, em janeiro de 2021. Como faz uso diário de corticoide e broncodilatador como parte do tratamento da bronquite crônica, não sentia falta de ar, apenas febre e sintomas gripais, mas já estava com 10% do pulmão comprometido quando descobriu a doença. Ficou internado por três dias, mas não precisou de administração de oxigênio, pois manteve a saturação acima de 95.

A notícia da sua internação deixou as três filhas e esposa em estado de alerta. Ele mesmo só fazia chorar no hospital. Diante das incertezas do porvir, temeu a morte. Lúcido, cheio de disposição e ainda atuante em seu laboratório de análises clínicas,

¹ Ministério da Saúde. <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 25 out. 2022.

em Cachoeiro de Itapemirim, cidade do Sul do Espírito Santo, preocupava a família insistindo em ir trabalhar, mesmo com o aumento de exames positivos para Covid-19, que ele mesmo descobria. A doença o deixou inseguro e ele se agarrou à superstição. Por conta própria, tomou ivermectina e azitromicina, parte dos medicamentos do tratamento precoce apregoado pelo presidente Jair Messias Bolsonaro, mesmo sabendo que as pesquisas comprovaram a não eficácia de tais medicações para Covid-19. Meu pai não sabe dizer por que não tomou cloroquina. Não se lembra bem, mas crê que não achou para comprar. A Covid-19 o deixou com tosse persistente por longos meses, o que dificultava sua fala. A sequela foi tratada e, felizmente, está recuperado.

A Covid-19 no Brasil

Doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), a Covid-19 teve seus primeiros casos confirmados na China, em dezembro de 2019. Tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. De acordo com a Organização Pan-Americana de Saúde (2020a, p. [1]) “alguns pacientes podem apresentar dores, congestão nasal, dor de cabeça, conjuntivite, dor de garganta, diarreia, perda de paladar ou olfato, erupção cutânea na pele ou descoloração dos dedos das mãos ou dos pés”. Além disso, há o grupo das pessoas consideradas assintomáticas, indivíduos que não apresentam os sintomas acima, mas que podem transmitir o vírus também.

Se a morte de Camilo Dias Junior foi a que mais me afetou na pandemia, a Covid-19 também afetou minhas relações com amigos que abraçaram a desinformação, o que tornou o diálogo e a convivência virtual insustentáveis. Isso porque a pandemia da Covid-19 no Brasil foi marcada por disputas de narrativas que amplificaram as controvérsias nas plataformas de mídias sociais e polarizaram marcadamente dois grupos: um que propagava narrativas que estimulavam as pessoas a ficar em casa, seguindo as orientações acordadas mundialmente pela Organização Mundial da Saúde (OMS); e outro grupo, do qual faz parte o presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, que sustentava que o país não podia parar e pedia o fim do isolamento social. Bolsonaro é político de extrema-direita, eleito em 2018, e minimizou a gravidade da pandemia durante todo o ano de 2020 e 2021, assumindo posições de desvalorização do conhecimento científico.

Bolsonaro foi defensor ferrenho da cloroquina como tratamento contra a Covid-19 e chegou a exibir uma caixa do medicamento para seus apoiadores, em frente ao Palácio da Alvorada, no dia 19 de julho de 2020. O medicamento não tinha comprovação científica para este fim e, até hoje, não tem. Em 7 de julho de 2020, quando anunciou que havia contraído Covid-19, Bolsonaro repetiu 17 vezes o nome do medicamento em um *live* transmitida pelo YouTube (MARTINS, 2020).

Bolsonaro governa o Brasil com “base em decisões e implementações de políticas e discursos e pronunciamentos dirigidos à população cujos pilares fundamentais se assentam e se justificam com base em teorias conspiratórias” (AGGIO, 2021, p. 65). A propagação de desinformação foi ampliada em seu governo.

A problemática da desinformação sempre me afetou e foi minha motivação de estudo ao ingressar no doutorado em Comunicação Social na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). À época, apresentei o projeto de tese sobre disputas de narrativas e a amplificação do medo no *Twitter* durante a greve da Polícia Militar do Espírito Santo, ocorrida em 2017. A greve foi um exemplo de como as plataformas de mídias sociais podem ser usadas para potencializar o medo e podem ser território fértil para a propagação de desinformação. Mas, a ambiência informacional da greve da Polícia Militar do Espírito Santo se ampliou para todo o Brasil em outros acontecimentos posteriores.

Historicamente, o surgimento de uma doença vem acompanhado de metáforas, estereótipos e fantasias, e faz surgir todo um léxico sobre a enfermidade (SONTAG, 1988). Para Sontag (1988), “a doença não é uma metáfora”, mas, ao mesmo tempo, observa que é quase impossível o doente não ter sido influenciado anteriormente pelas metáforas que rondam as enfermidades e os discursos que culpabilizam os pacientes pelas suas patologias (SONTAG, 1988, p. 6).

A tuberculose, no século XIX, por exemplo, era doença desconhecida, sem tratamentos eficazes, portanto, sem cura e rodeada de mistérios e temores. Um diagnóstico de tuberculose era como uma sentença de morte. A exemplo do câncer, muitos não nomeavam a doença por medo de ela se espalhar mais rápido (SONTAG, 1988).

Com a descoberta da causa e de tratamentos eficazes contra a tuberculose, o câncer passou a “ocupar a vaga da enfermidade que entra sem pedir licença; é o câncer que representa o papel de uma doença vivenciada como uma invasão cruel e secreta” (SONTAG, 1988, p. 1). A própria Sontag foi afetada por um grave câncer de

mama, em estágio avançado, com metástase, aos 42 anos, o que a impeliu a estudar as linguagens que envolvem as doenças, como tuberculose e câncer (MOSER, 2019). Anos mais tarde, também estudou a AIDS e suas metáforas e ponderou que o câncer perdeu parte do seu estigma por causa do surgimento da dessa doença, que estigmatiza ainda mais os pacientes (SONTAG, 1988).

Nesse sentido, nos interessa cartografar os afetos da Covid-19 nas *timelines* discursivas (MALINI *et al.*, 2020) no *Facebook* Brasil, analisando as narrativas sobre a doença com mais interações em seu primeiro ano. Isso porque, como dissemos, a ambiência da pandemia da Covid-19 foi repleta de desinformação e disputa de narrativas. A OMS e a Organização Pan-Americana de Saúde (Pan American Health Organization, PAHO) indicaram que o surto dessa doença veio acompanhado de infodemia, “excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa” (PAHO, 2020b, p. 2).

O aumento na quantidade de informações sobre essa pandemia se multiplicou exponencialmente e, junto a informações fidedignas, surgiram boatos, desinformação e manipulação das informações com interesses duvidosos. Nesse sentido, “na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas redes sociais e se alastra mais rapidamente, como um vírus” (PAHO, 2020b, p. 2).

Em página informativa divulgada em 1 de maio de 2020, a PAHO advertiu sobre o aumento de 50% a 70% de buscas na internet sobre a Covid-19 entre todas as idades. Nos 30 dias anteriores ao lançamento do informativo, 36 milhões de vídeos foram carregados no *YouTube* contendo os termos COVID-19 e COVID 19, além de mais de 19.200 artigos publicados no *Google Scholar*, desde a eclosão da pandemia. No *Twitter*, só em março de 2020, cerca de 550 milhões de tuítes tinham as palavras “coronavirus, corona virus, covid19, Covid-19, covid_19 ou pandemic [pandemia]” (PAHO, 2020b, p. 2).

Em meio à abundância de informações, com produção e propagação de conteúdo de vários para vários, circularam muitas narrativas falsas ou imprecisas, teorias conspiratórias sobre a origem do vírus, sua causa, tratamento e propagação. É a chamada desinformação. Para Wardle e Derakhshan (2017), notícias falsas podem ser caracterizadas por dois termos em inglês, que se diferem pela sua intencionalidade: *misinformation* e *disinformation*. *Misinformations* são informações falsas criadas sem a intenção de causar mal ou prejuízo. Já *disinformations* são as

informações falsas criadas com o intuito de causar dano a uma pessoa, grupo social, organização ou país.

Em uma pandemia, a desinformação pode afetar a saúde mental das pessoas e prejudicar a saúde humana (PAHO, 2020b). “A desinformação pode circular e ser absorvida muito rapidamente, mudando o comportamento das pessoas e possivelmente levando-as a correr riscos maiores” (PAHO, 2020b, p. 2).

Nesse cenário, o *Facebook* foi a plataforma mais usada pelos brasileiros para se informarem no ano do início da pandemia da Covid-19, segundo o *Digital News Report 2020*, do *Reuters Institute*. Pela primeira vez, a pesquisa mostrou que o meio on-line, incluindo as plataformas de mídias sociais (87%), superou a televisão (66%) na preferência dos brasileiros na busca por notícias. Em 2020, *Facebook* (54%), *WhatsApp* (48%), *YouTube* (45%), *Instagram* (30%) e *Twitter* (17%) foram as mais usadas no Brasil para se acessarem notícias sobre os acontecimentos.

Os dados da pesquisa *Digital News Report 2020* foram coletados no final de janeiro e início de fevereiro de 2020, em áreas mais urbanas e representam usuários mais conectados e com melhor poder aquisitivo. O relatório foi lançado durante a pandemia, cujas “consequências econômicas, políticas e sociais ainda estão ocorrendo”, reforçando, assim, a necessidade de jornalismo confiável como fonte de informação, ao mesmo tempo que escancara como “nos tornamos abertos a conspirações e desinformação”² (NEWMAN, 2020).

Em janeiro e fevereiro de 2021, uma nova pesquisa foi realizada, com coleta de informações por meio de questionário, e constatou-se que, no Brasil, o meio on-line, incluindo as plataformas de mídias sociais (83%), seguiam superando a televisão (61%) na preferência dos brasileiros na busca por notícias. O *Facebook* era a plataforma favorita para se informar, com 47%, seguida do *WhatsApp* (43%), *YouTube* (39%), *Instagram* (30%) e *Twitter* (12%), como mostra o *Digital News Report 2021*. O documento também destacou os ataques de Jair Messias Bolsonaro contra a imprensa e suas atitudes que minimizavam a pandemia.

O *Digital News Report* realizou nova pesquisa, por questionário on-line, em janeiro e fevereiro de 2022. O relatório mostrou que meios on-line (83%), incluindo as mídias sociais, ainda superam a televisão (55%) na preferência dos brasileiros por notícia. A pesquisa apontou queda do *Facebook* (40%) para a terceira colocação,

² <http://www.digitalnewsreport.org/survey/2020/overview-key-findings-2020/>. Acesso em 26 ago 2020.

ficando atrás do *YouTube* (43%) e do *WhatsApp* (40%), que foram consideradas mídias sociais e de mensagens preferidas para se informar.

O estudo mostrou que dobrou, nos últimos cinco anos, o número de pessoas que evitam as notícias no Brasil (54%) e no Reino Unido (46%). A justificativa é que as notícias têm um efeito negativo no humor das pessoas. O Brasil está entre os três países em que mais se evitam notícias. O documento apontou ainda que Jair Messias Bolsonaro ataca rotineiramente a imprensa, em meio a evidências de crescente fadiga de notícias.

Esse ataque de Bolsonaro vem de longo tempo. O ano de 2020, por exemplo, foi de recorde de ataques à imprensa no Brasil, com 428 casos, segundo Relatórios de Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil, da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj)³. A agência de *fact-checking* Lupa mostrou que Jair Messias Bolsonaro atacou a imprensa em 42 das 49 *lives* semanais que ele apresentou nas plataformas de mídias sociais em 2021⁴.

Nessa ambiência, este trabalho tem como objetivo principal cartografar os afetos da Covid-19 na *timeline* discursiva (MALINI *et al.*, 2020) no *Facebook* Brasil em quatro períodos de 2020. Como objetivos específicos, buscamos compreender teoricamente os afetos, descrever a mudança de fluxos da comunicação e o cenário de plataformização da sociedade e do jornalismo, discutir o uso da desinformação como estratégia política, recontextualizar os acontecimentos por meio de reportagens da imprensa tradicional, analisar a governança do *Facebook* durante a pandemia para evitar a propagação de desinformação, e as controvérsias da plataforma com seus usuários por causa das regras impostas e pela política de deplataformização (ROGERS, 2020). Para isso, recorreremos ao jornalismo como procedimento metodológico, como um grupo de controle, para recontextualizarmos os acontecimentos por meio de reportagens da imprensa tradicional. Analisamos a governança do *Facebook* e a controvérsia com usuários, durante o primeiro ano da Covid-19, por meio dos comunicados oficiais no blog da plataforma e imprensa tradicional.

Também buscamos descer ao cotidiano (DAS, 2020) de cinco sobreviventes

³ Disponível em: <https://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contra-jornalistas-e-liberdade-de-imprensa-no-brasil/>. Acesso em 10 set. 2021.

⁴ <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/12/4972684-bolsonaro-atacou-jornalistas-e-imprensa-em-86-das-lives-feitas-em-2021.html>. Acesso em 2 jul. 2022.

para cartografar afetos não expressos nas postagens de Facebook. São eles: meu pai, Ulan Bastos; a jornalista, mestre em Comunicação e doutoranda em Estudos Linguísticos, Ana Paula Costa; o jornalista Bruno Dalvi; o diretor de eventos, Bruno Bourguignon; e o João, nome fictício para sobrevivente que negou o depoimento, mas possui relevante conteúdo para o presente estudo em seu perfil público de *Facebook*.

Circuito de afetos na Covid-19

Para Safatle (2016), as sociedades são sistemas de reprodução de formas hegemônicas de vida e produzem afetos que nos fazem assumir certas possibilidades de vida em detrimento de outras. Nesse sentido, entendermos a sociedade como circuito de afetos implica compreender os “modos de gestão do medo, a partir de sua produção e circulação enquanto estratégia fundamental de aquiescência à norma” (SAFATLE, 2016, p. 11). No atual estudo, como dissemos, implica entender os afetos que foram gerados a partir das *timelines* discursivas sobre a Covid-19.

Nesse cenário, as plataformas de mídias sociais, como *Facebook*, *Instagram*, *YouTube*, *WhatsApp* e *Twitter*, se tornaram centrais no setor de notícias. O jornalismo profissional é dependente das plataformas para a circulação de notícias e molda sua produção de acordo com dados e métricas das plataformas (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018).

Atuando também como agregadores de conteúdos, essas plataformas permitem que jornalistas profissionais, empresas de mídia e de outros setores ou qualquer usuário comum crie e compartilhe informações. “Nesse sentido, as mídias sociais enfraquecem não apenas o controle das organizações de notícias sobre a seleção de notícias, mas também prejudicam fundamentalmente a posição privilegiada do jornalismo profissional” (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018, p. 53, tradução nossa)⁵. O material de empresas jornalísticas faz parte de um mix de conteúdos que também agrega fontes diversas, inclusive produtores de desinformação (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018).

Dessa forma, as plataformas de mídias sociais alteraram a forma que cada indivíduo acessa informações (JURNO, 2020). O grande consumo de notícias por

⁵ In this regard, social media not only undermine the control of news organizations over the selection of news but also fundamentally undermine the privileged position of professional journalism.

meio de plataformas de mídias sociais mostra que o Facebook domina, cada vez mais, a seleção e a distribuição de notícias no mundo (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018).

Para empreender nossa análise, o trabalho é dividido em quatro capítulos e está alicerçado em referencial teórico que dialoga com a “virada afetiva” (CLOUGH, 2007) dos estudos nas humanidades e nas ciências sociais e com os métodos digitais, na “virada computacional nas pesquisas em Comunicação” (VIMIEIRO e BARGAS, 2018).

O primeiro capítulo trata da dimensão dos afetos na vida humana. Se no início dos estudos o foco era no medo, o encontro com a obra de Espinosa (2016) nos fez perceber que a problemática ia além do medo. Há muitos outros afetos envolvidos e nem todos sentiam medo durante a pandemia da Covid-19. Cada um era afetado de maneiras diferentes. Por isso, partimos de Espinosa (2016), que define afetos como algo natural aos seres humanos, “afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída” (ESPINOSA 2016, p. 49), afetando e sendo afetado.

Espinosa (2016) traz a alegria, a tristeza e o desejo como afetos primários, dos quais derivam todos os outros. Interessam-nos, principalmente, os afetos medo e esperança, muito presentes na experiência da contingência vivida na pandemia da Covid-19. Esperança e medo são afetos opostos, mas interdependentes, na medida em que “não há esperança sem medo, nem medo sem esperança” (ESPINOSA, 2016, p. 65).

O medo como afeto é derivado da tristeza, oposto e interdependente da esperança. O afeto medo refreia, reduz a potência de agir do corpo. Com medo, o ser humano se deixa dominar pela superstição, é afeito às coisas incertas, como ocorreu na genealogia de doenças como tuberculose, câncer, AIDS e Covid-19. Para Espinosa (2016), o medo institui a submissão de um povo e é um poderoso instrumento de dominação. Na pandemia da Covid-19, por exemplo, muitos se agarraram à falsa esperança de medicamentos sem comprovação científica, se posicionaram contra o isolamento social e, até mesmo, contra as vacinas. Já a esperança estimula, aumenta a potência de agir do corpo. “Viver sob o medo e a esperança é viver na dúvida quanto ao porvir” (CHAUÍ, 2011, p. 64). Essa dúvida provocou insegurança, choro e ansiedade, como aconteceu com meu pai e outros sobreviventes, cujos depoimentos trazemos ao longo deste trabalho.

Dessa forma, recuperamos o medo na história da humanidade (FEBVRE, 2009; DELUMAU, 2006, 2009) e mostramos como a contemporaneidade também é uma era

de temores (BAUMAN, 2012).

Na Covid-19, uma das formas dos seres humanos demonstrarem os afetos, inclusive o medo, foram as narrativas propagadas nas plataformas de mídias sociais. Percebemos uma plataformização da vida durante a pandemia. Muitas narrativas são propagadas nas mídias sociais digitais e seguem regras dessas plataformas. Por isso, o capítulo 2 trata da sociedade da plataforma e o poderio do *Facebook*. Autores como Van Dijck (2013); Van Dijck, Poell, Waal (2018); Gillespie (2010), D’Andrea (2020) e Jurno (2020) destacam as complexas engrenagens das plataformas, que selecionam e influenciam no conteúdo que aparecerá na linha do tempo de cada usuário usando regras que não são transparentes.

Destacamos, ainda, como as plataformas fazem parte da vida cotidiana do brasileiro, em normalização e “aceitação onipresente das pessoas da mídia conectiva que penetra todos os aspectos da sociabilidade e da criatividade” (VAN DIJCK, 2013, p. 129, tradução nossa)⁶, performando um cotidiano midiaticizado e moldado por plataformas. Também analisamos as controvérsias e tensões entre o *Facebook* e seus usuários durante a Covid-19 no Brasil e suas ações para tentar coibir a propagação de desinformação sobre a pandemia.

Para dar continuidade a essa discussão, o capítulo 3 trata das mudanças no jornalismo com a liberação do polo de emissão de conteúdo e popularização da internet e das plataformas de mídias sociais, e como esse cenário midiático amplia a propagação de desinformação. Também discute narrativas, acontecimentos e *timelines* discursivas (MALINI *et al.*, 2020). Por fim, trata da necropolítica e do necropoder (MBEMBE, 2016, p. 146), aborda o populismo digital (CESARINO, 2019; 2020), e a desinformação como estratégia de comunicação política.

As narrativas tecem a compreensão de um acontecimento, uma vez que a experiência do cotidiano é entrelaçada com as trocas comunicacionais, mídia e seus produtos e exige um olhar atento para as narrativas, que articulam essa vivência. Para Ricouer (2010), um acontecimento é sempre mediado e qualificado pela narrativa, uma vez que é entendido e se faz entender a partir do narrar (CARVALHO; LAGE, 2012), em um eterno “vir a ser”, um devir (QUERÉ, 2005).

Nesse contexto, a interação dos sujeitos sobre determinado acontecimento põe em circulação textualidades midiáticas distintas, fazendo surgir disputas de narrativas

⁶ [...] people’s ubiquitous acceptance of connective media penetrating all aspects of sociality and creativity.

e controvérsias. Textualidades são entendidas como um “fazer-se qualificado e qualificante, um tecer-se e um devir em um labirinto de sentidos” (ABRIL, 2018, p. 12-13), uma vez que o sufixo “idade” denota um sentido de qualidade, fluidez e abertura, que não há no substantivo texto. Assim, a textualidade tem sentido relacional, como os afetos. “Sendo um processo, a textualidade faz com que os textos não sejam artefatos estáveis, mas, sim, amálgamas provisórios de relações em curso” (LEAL, 2018, p. 22). E “sendo processo sincrônico e diacrônico multidimensional” (p. 22), nos faz entender a complexidade do processo comunicativo, que se efetiva “no compartilhamento de sensações, sentimentos, afetos e/ou mesmo na própria condição de estarmos juntos” (LEAL, 2018, p. 27).

Como um eterno vir a ser, disputas são comuns em qualquer acontecimento, principalmente com a popularização das narrativas nas plataformas de mídias sociais, em que estão tensionadas permanentemente inúmeras versões sobre o mesmo acontecimento, em jogos de poder e confrontos de ideias que provocam concordâncias e discordâncias.

A comunicação política se apropria dessa lógica comunicacional para propagar suas ideias e crenças. De acordo com Seargeant (2020, p. 14)⁷, “estamos vivendo uma época em que aproveitar as emoções das pessoas provou muito mais eficaz que o argumento racional. Que as pessoas votam principalmente em seus valores e sentimentos”. É a chamada pós-verdade, palavra do ano do dicionário Oxford em 2016, definida como “circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal” (D’ANCONA, 2018, p. 20).

Após o arcabouço teórico que alicerça nosso trabalho, apresentamos o quarto capítulo, que explica a coleta dos dados no *CrowdTangle*, suas possibilidades e restrições, e cartografa os afetos no primeiro ano da pandemia da Covid-19, analisando sistematicamente a “formação do social” a partir de recontextualização dos acontecimentos e cartografia das postagens que circularam no *Facebook* em quatro períodos da pandemia, por meio de “cartografia das narrativas na cronologia das redes”, que nos ajudam a contextualizar os acontecimentos, chamada “*timeline* discursiva” por Malini *et al.* (2020).

⁷ we’re living in an era in which tapping into people’s emotions has proved far more effective than rational argument. That people vote primarily on their values and feelings.

Em meio à disputa de narrativas, o debate sobre a pandemia se desenvolveu de forma polarizada. Diante disso, como os atores performaram no *Facebook* em relação à pandemia? Quais as narrativas sobre a Covid-19 que mais circularam no *Facebook*? Nossa premissa é a de que as informações dissonantes, que circularam no Brasil durante a pandemia em 2020, primeiro ano da pandemia de Covid-19, confundiram as pessoas e dificultaram o combate à doença, propagando afetos.

Importante pontuar que o olhar analítico não será voltado apenas para os dados disponibilizados pelo *Facebook*, via *CrowdTangle*, mas também para o modo como a plataforma digital contribui decisivamente para a constituição das dinâmicas sociotécnicas, como preconiza D'Andrea (2020).

1.1. Inspirações teóricas e metodológicas

Escolher as metodologias para este trabalho foi desafiador. Afinal, a pandemia da Covid-19 é quantitativa, com números diários de novos casos, internações, mortos e curados; e é qualitativa, com muitas vidas impactadas, histórias de perdas e superação que precisam ser contadas. Junte-se a isso o desafio de estudar o tempo presente, em que a pesquisadora foi afetada de inúmeras formas.

Em um primeiro momento, pensamos em adotar a perspectiva de Bardin (1977) para análise de conteúdo. Bardin (1977) defende que as diferentes fases da análise de conteúdo devem ser organizadas em torno da pré-análise; a exploração do material; o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Na fase de exploração do material, no entanto, os tipos de enumerações, propostos por Bardin (1977), nos pareceram limitantes para a complexidade da pandemia da Covid-19.

Foi quando estudamos o conceito de afetos, recuperado com rigor na comunicação (SODRÉ, 2006), que notamos uma abordagem mais efetiva para o trabalho. Sodré (2006, p. 10) destaca que a relação comunicativa não é apenas a análise racional e estrutural da mensagem, mas devem-se reconhecer os “jogos de vinculação” que acontecem nas relações entre os interlocutores, os modos como cada um afeta e é afetado quando se põe em comunicação.

Assim, este trabalho parte da virada afetiva nas humanidades (CLOUGH, 2007) e segue os momentos, propostos por Moriceau (2020), para pensar os afetos na pesquisa. O primeiro deles é o contato, o encontro com o campo de estudo. O segundo momento é o movimento de mudança de pensamento, de posição na pesquisa e, até

mesmo, mudança na nossa vida como pesquisador. O terceiro é composto da fase de reflexividade e escrita do texto, o que envolve a significação e a importância social e política da pesquisa na situação em que está inserida, deixando ser tocado e afetado pela experiência. Isso porque, “entrando em contato com um acontecimento, algo nos contagia e produz em nós uma sensação de cólera ou de alegria, ou um medo que nos revela que temos uma sensibilidade, que podemos sentir” (MORICEAU, 2020, p. 29).

Dessa forma, tentam-se colher os rastros do político, do ético em nossa performance, destacando o “efeito das estruturas, da história, da biopolítica, do imaginário, do contágio” (MORICEAU, 2020, p. 29), abarcando reflexivamente o efeito de nossos atos, deixando-nos vivenciar a experiência (MASSUMI, 2015).

A pesquisa afetiva nos faz descortinar a ampla rede de conexões que se amplia no cotidiano, com a nossa capacidade de afetar e ser afetado por meio de encontros, contingências, emergências, expectativas, devaneios etc., que envolvem as pessoas (STEWART, 2007, p. 13).

Além disso, “pesquisar com afeto é colocar-se ‘em relação com’ e ‘em relação a’. Portanto, este tipo de pesquisa exige outro gesto da pessoa pesquisadora, um movimento de integração e não de distanciamento do fenômeno pesquisado” (PESSOA; MARQUES; MENDONÇA, 2019, p. 8), visto que o pesquisador está imerso na teia de acontecimentos, e, por isso, afeta e é afetado por ela.

Mas, “justamente por escapar à rigidez dos conceitos, a delimitação dos afetos em uma determinada estrutura já comprometeria sua própria natureza sutil e fluida” (RIBEIRO, 2021, p. 89). Assim, propomos uma cartografia afetiva, “projetos que desafiam a linguagem cartográfica a traduzir outros tipos de registros, normalmente ignorados por esse tipo de suporte sógnico” (RIBEIRO, 2021, p. 101).

Mapeamos as narrativas públicas e suas teias de sentidos no *Facebook* sobre a Covid-19 em quatro marcos temporais, no “contexto de afetação dos interlocutores” (RIBEIRO, 2021, p. 86), por meio da cartografia das controvérsias. Nosso mapa também conta a história de cinco sobreviventes da Covid-19, já que a “cartografia também se interessa pelas narrativas orais” (RIBEIRO, 2021, p. 96). A intenção é fazer uma descida ao cotidiano (DAS, 2020) para entender como os sobreviventes que deram depoimentos possibilitam a vida por meio de relatos ou silêncios sobre a Covid-19 no cotidiano, a partir de depoimento via *Google Meet*, *WhatsApp* e observações do cotidiano.

Nossa pesquisa também se aproxima dos Estudos de Plataforma, atrelado ao grande campo dos Estudos de Ciência e Tecnologia (em inglês, *Science and Technology Studies - STS*). Os autores dos Estudos da Plataforma reconhecem que esses constructos sociotécnicos têm papel central em mudanças na sociedade, mas propõem visão mais abrangente, uma vez que as plataformas se infiltraram no coração da sociedade, estruturam a maioria das interações, convergem com o *off-line* e ainda provocam disputas entre ganhos privados e públicos (VAN DIJCK, POELL, WAAL, 2018, p. 1, tradução nossa). Aprofundaremos a discussão no capítulo 3.

Buscamos entender a sociologia do comportamento dos indivíduos, inspirados pela Teoria Ator-Rede (LATOUR, 2012), que põe em conexão atores humanos e não-humanos nas redes, e a cartografia das controvérsias, conceito revigorado por Venturini (2010). Na visão do autor, controvérsias são situações

onde a vida coletiva se torna mais complexa: onde a maior e a mais diversa seleção de atores está envolvida; onde as alianças e oposições se transformam sem muita prudência; onde nada é tão simples quanto parece; onde todos estão gritando e brigando; onde conflitos crescem de maneira áspera. (VENTURINI, 2010, p. 262).

Compreendemos, por meio de observação sistemática, como a “formação do social” sobre a pandemia da Covid-19 no Brasil se estabeleceu a partir das possibilidades de uso do *Facebook*, ambiência em que os usuários agem com objetivo de obter visibilidade para suas narrativas (D’ANDREA, 2020). Nesse caminho, “os métodos digitais são a perspectiva teórico-metodológica que, alinhada aos Estudos de Plataforma, melhor nos ajudam a embasar as pesquisas que se voltam para o entrelaçamento entre temáticas diversas e as materialidades online” (D’ANDREA, 2020, p. 31).

Os métodos digitais fazem parte de amplo movimento de “virada computacional nas pesquisas em Comunicação” (VIMIEIRO e BARGAS, 2018), e posiciona os procedimentos metodológicos como “formas de saber que fazem emergir leituras e visões de mundo atrelados às lógicas de datificação, às mediações algorítmicas, às políticas de governança e a outras dimensões das plataformas online” (D’ANDREA, 2020, p. 32).

Isso porque um dos percursos metodológicos dos métodos digitais é a extração, processamento e visualização de grandes quantidades de dados (*big data*) coletados por meio de APIs públicas das plataformas. Embora exista uma tendência a se reduzir a oferta de dados, principalmente depois do escândalo da *Cambridge*

Analytica, por causa da “privacidade dos usuários, [...] os dados estruturados fornecidos pelas plataformas são um potente e rico material para análise” (D’ANDREA, 2020, p. 32).

Em julho de 2020, o Facebook abriu o aplicativo público *CrowdTangle* para pesquisas acadêmicas em “nível de corpo docente, doutorado ou pós-doutorado, e que estão focados em desinformação, eleições, COVID-19, justiça racial e bem-estar”⁸ (SHIFFMAN; SILVERMAN, 2020). Nessa época, o Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), foi credenciado a ter acesso à ferramenta, o que possibilitou que os dados deste trabalho fossem extraídos da *CrowdTangle*. A ferramenta do Facebook disponibiliza “insights públicos”, e ajuda a “seguir, analisar e relatar”⁹ conteúdo público do *Facebook*, *Instagram* e *Reddit* (BLEAKLEY, 2020).

Por entender que os dados do *CrowdTangle* são insuficientes e para evitar uma possível plataformização da pesquisa acadêmica, nosso processo metodológico compreende mais etapas, que vão além do *big data*. Como dissemos, cartografamos as controvérsias do *Facebook* com seus usuários e as ações da plataforma para combater a propagação de desinformação, durante o primeiro ano da pandemia da Covid-19, por meio de reportagens da imprensa tradicional e notas oficiais divulgadas no blog do *Facebook*. Também colhemos depoimentos de cinco sobreviventes, como já mencionado.

Recuperamos os principais fatos da Covid-19, no Brasil, por meio de reportagens da imprensa tradicional. O jornalismo profissional é tratado aqui como grupo de controle e nos auxiliou a estabelecer uma linha do tempo e eleger quatro marcos que provocaram disputas de narrativas para seguir com a pesquisa.

A partir daí, coletamos, via *CrowdTangle*, imagens, textos e vídeos em perfis verificados, páginas públicas, grupos públicos e contas públicas influentes (“políticos, jornalistas, mídia e editores, celebridades, equipes esportivas, figuras públicas” etc.)¹⁰ referentes aos quatro períodos que foram analisados. Entendemos que os perfis

⁸ University-based researchers at the faculty, PhD, or post-doctoral level, and who are focused on misinformation, elections, COVID-19, racial justice, and well-being.

⁹ CrowdTangle is a public insights tool from Facebook that makes it easy to follow, analyze, and report on what’s happening with public content on social media.

¹⁰ Accounts like politicians, journalists, media and publishers, celebrities, sports teams, public figures and more.

verificados também são grupos de controle. Nossa intenção não é pontuar a totalidade dos acontecimentos, mas jogar luz às disputas narrativas com relação à pandemia.

Para a análise dos dados públicos da *CrowdTangle*, elegemos quatro períodos da pandemia no Brasil, em 2020, em que metáforas da doença (SONTAG, 1988) foram se configurando a partir da *timeline* discursiva (MALINI *et al.*, 2020). Três deles são marcados por frases fortes de Jair Messias Bolsonaro, que vão de encontro à Organização Mundial da Saúde (OMS) e hiperaceleraram a disputa de sentidos nas plataformas. São eles: a repercussão da eclosão da doença (20 a 29 de janeiro de 2020); a suspensão de aulas presenciais nas escolas e as limitações para o funcionamento do comércio e outras atividades econômicas (17 a 26 de março de 2020); a disputa de narrativas com relação ao tratamento precoce da Covid-19 com medicamentos sem comprovação científica (29 de junho a 8 de julho de 2020); e as narrativas controversas sobre as vacinas que despontavam como promissoras no segundo semestre de 2020 (14 a 23 de dezembro de 2020).

Lemos e analisamos as postagens com mais interações em cada marco discursivo. Também analisamos os atores das postagens. Entramos manualmente no link de cada página e perfil para conferir como eles se autodefiniam, mas também realizamos análise de conteúdo e de estrutura fora das plataformas de mídias sociais para analisar e classificar cada um (VER APÊNDICE). Essa abordagem foi importante para identificar ironias, por exemplo, que em leitura automatizada poderia levar a falsa classificação.

A análise de dados nos mostrou que políticos de direita, blogs, comunidades, grupos colaborativos do *Facebook* e pequenas empresas de mídia com foco regional foram importantes para propagar informação e desinformação acerca da pandemia. Muitos desses espaços imitam o modelo do jornalismo profissional, por já ser consagrado e ter credibilidade junto ao público. Também notamos narrativas xenofóbicas, que culpam os hábitos alimentares estranhos da China pelo surgimento da doença, como já ocorrido na Europa medieval, assolada pelas pestes, quando a população também buscava culpados, como estrangeiros e viajantes (DELUMAU, 2009).

O medo foi o afeto comum entre os que defendiam o isolamento social e os que temiam perder empregos e renda e acreditavam que apenas idosos e pessoas com comorbidade deveriam ser protegidos em prol da economia. Mesmo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) esclarecendo não existir tratamento profilático

para a Covid-19, a *timeline* discursiva (MALINI *et al.*, 2020) se deslocou para a esperança do tratamento precoce, formado pela cloroquina, ivermectina e azitromicina, com políticos debatendo a adoção do tratamento precoce como política pública ou preferindo dar liberdade aos médicos na tomada de decisão do tratamento.

A grande imprensa reaparece com narrativas com mais engajamento em dezembro de 2020, quando as controvérsias são sobre as vacinas que despontavam como promissoras para o combate à Covid-19. Para alguns, esperança para o combate à Covid-19. Para outros, medo das novas vacinas, fomentadas por desinformação, propagadas inclusive por políticos que deveriam garanti-las para a população. O acontecimento lembrou a histórica revolta da vacina, em 1904, motim popular ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, capital do Brasil na época, contra a obrigatoriedade da vacinação em massa contra a varíola, em campanha da presidência da República (SEVCENKO, 2018). No século XXI, a revolta da vacina ocorreu em narrativas controversas nas plataformas de mídias sociais e afetou a muitas pessoas, que temeram a vacinação contra a Covid-19.

Acreditamos que esse percurso metodológico, que une a cartografia afetiva com a cartografia das controvérsias, nos possibilita cumprir os objetivos propostos. Iniciamos com o primeiro capítulo, que trata da dimensão dos afetos, do medo e esperança como afeto na sociedade do risco e como os afetos motivam a comunicação e a ação, guiada pela razão ou pela superstição.

2 A AFETIVIDADE HUMANA

Espinosa é referência quando se fala em afetividade humana. Por isso, quisemos trazer sua história de vida e mostrar como ele foi afetado pela busca da razão absoluta, em uma época dominada pela religião. Interessa-nos discutir mais profundamente a esperança e o medo, afetos muito presentes no cotidiano dos cidadãos durante a pandemia da Covid-19.

Espinosa (2016) traz a alegria, a tristeza e o desejo como afetos primários, dos quais derivam todos os outros. Para Espinosa (2016), o medo é uma tristeza instável, que surge a partir de uma imagem duvidosa, paralisa e refreia a potência de agir. Moldado pela superstição, o medo institui a submissão de um povo e é um poderoso instrumento de dominação. Na dúvida do porvir, acredita-se em qualquer coisa, seja em remédios sem comprovação científica ou em teorias da conspiração contra as vacinas, por exemplo, como aconteceu na pandemia causada pelo novo Coronavírus.

Já a esperança é uma alegria instável, que amplia a potência de agir. Esperança e medo são afetos opostos, mas interdependentes. Se não houver dúvida, a esperança passa a ser segurança. Já o medo torna-se desespero. Espinosa (2016) acrescenta que esperança e medo são carência de conhecimento e impotência da mente, que tem incertezas sobre o porvir. Diante de uma doença nova, com carência de conhecimentos sobre a cura, a esperança e o medo tiveram terreno fértil para se propagar no primeiro ano da pandemia da Covid-19.

A partir de Espinosa, este capítulo busca discutir os afetos sob a ótica da virada afetiva na teoria crítica (CLOUGH, 2007), que desloca o pensamento para os afetos e “pode estar registrando uma mudança no cofuncionamento do político, econômico e cultural” (CLOUGH, 2007, p. 1, tradução nossa)¹¹.

A virada afetiva é importante para teorizar o social (CLOUGH, 2007). Isso porque afetos são “capacidades corporais de afetar e ser afetado ou ao aumento ou diminuição da capacidade de um corpo de agir, se engajar, se conectar, de modo que autoafecção está ligada ao autosentimento de se estar vivo – isto é, ‘vivacidade’ ou vitalidade” (CLOUGH, 2007, p. 2, tradução nossa)¹².

¹¹ The turn to affect may be registering a change in the cofunctioning of the political, economic, and cultural.

¹² For these scholars, affect refers generally to bodily capacities to affect and be affected or the augmentation or diminution of a body’s capacity to act, to engage, and to connect, such that autoaffectation is linked to the self-feeling of being alive—that is, aliveness or vitality.

O conceito de afetos de Clough (2007) foi pensado em estudos sobre afetos junto a seus doutorandos e inspirado em Deleuze, Guattari, Espinosa e Bergson. Clough (2007, p. 2) cita Massumi (1998) para argumentar que o afeto não é “pré-social”, pois há um “refluxo de volta da experiência consciente para o afeto”¹³. Dessa forma, ações e situações anteriores são mantidas e reiteradas, “autonomicamente reativadas”¹⁴, mas não empreendidas ou completadas, em uma “complexidade não-linear”¹⁵. Nessa perspectiva, são levados em consideração corpos, tecnologia e afetos. Isso porque a tecnologia permite “ver” o afeto e produz capacidades do corpo de ser afetado e afetar agindo, engajando, conectando.

A virada afetiva convoca para abordagem teoricamente transdisciplinar e metodologia que evidencia a experiência, com o objetivo de capturar a simbiose mutável do político, do econômico e do cultural (CLOUGH, 2007).

Uma das principais referências desse campo, Kathleen Stewart (2007) acredita que a abordagem dos afetos busca rastrear as dimensões afetivas que permeiam o comum. Para a estudiosa,

os afetos comuns são sentimentos públicos que começam e terminam em ampla circulação, mas também são coisas das quais as vidas íntimas aparentemente são feitas. Eles geram circuitos e fluem formas de vida. Eles podem ser experimentados como um prazer e um choque, como uma pausa vazia ou uma ressaca arrastada, como uma sensibilidade que se encaixa ou uma profunda desorientação. Eles podem ser engraçados, perturbadores ou traumáticos. (STEWART, 2007, p. 2, tradução nossa)¹⁶.

Na mesma linha de pensamento, Moriceau (2019) destaca que a virada afetiva oferece uma alternativa singular para estudar a comunicação. Nela, são considerados a capacidade de cada participante da pesquisa de afetar e ser afetado, em diálogo com o conceito de afeto de Espinosa (MORICEAU, 2020, p. 25).

Neste capítulo, também recuperamos o medo na história da humanidade (FEBVRE, 2009; DELUMAU, 2006) e como ainda vivemos em uma era de temores da contemporaneidade (BAUMAN, 2012). Trazemos uma discussão sobre a sociedade do risco, termo cunhado por Ulrich Bech (2011) para designar a interpenetração entre

¹³ There is a reflux back from conscious experience to affect.

¹⁴ autonomically reactivated

¹⁵ nonlinear complexity.

¹⁶ Ordinary affects are public feelings that begin and end in broad circulation, but they're also the stuff that seemingly intimate lives are made of. They give circuits and flows the forms of a life. They can be experienced as a pleasure and a shock, as an empty pause or a dragging undertow, as a sensibility that snaps into place or a profound disorientation.

produção social de riqueza e produção social de riscos na modernidade tardia, em uma espécie de efeitos colaterais do progresso.

Por fim, a partir das contribuições de vários autores que mostram como os afetos são inerentes ao ser humano, propõe-se que, na contemporaneidade, afetos são potencializados por narrativas propagadas nas plataformas de mídias sociais, cujos algoritmos privilegiam reações, comentários e compartilhamentos. Assim, os afetos, como o medo e a esperança, são propagáveis e foram muito presentes na pandemia da Covid-19. Mas, antes de nos aprofundarmos nesse ponto, é importante olhar a vida e a obra de Espinosa.

2.1. Espinosa, a razão e os afetos

A vida de Espinosa foi cheia de controvérsias. O filósofo sofreu excomunhão, decretada pela comunidade judaica de Amsterdam, em 27 de julho 1656. Espinosa não estava presente na ocasião, mas um texto de excomunhão foi lido por um rabino, na sinagoga de Amsterdam, e enviado, posteriormente, ao filósofo, e é um dos documentos mais conhecidos da vida de Espinosa:

Por decreto dos anjos e pelo comando dos homens santos, excomungamos, expulsamos, amaldiçoamos e condenamos Baruch de Espinosa, com o consentimento de Deus. [...] Amaldiçoando-o com a excomunhão com que Josué baniu Jericó e com a maldição que Eliseu amaldiçoou os meninos e com todas as punições que estão escritas no Livro da lei. Maldito seja de dia e maldito seja de noite; maldito seja ele quando se deitar e maldito seja quando se levantar. Maldito seja ele quando sair e maldito seja ele quando entrar. (NADLER, 2001, p. 2, tradução nossa)¹⁷.

O documento ainda diz que ninguém poderia se comunicar com Espinosa, nem lhe fazer qualquer favor ou dividir com ele o mesmo teto (NADLER, 2001). Outro trecho da condenação definitiva menciona que tentaram tirar Espinosa de “seus maus caminhos”, mas seguia-se tendo “maiores notícias das horrendas heresias que praticava e ensinava”. Mas, o que o jovem Espinosa, com apenas 23 anos de idade,

¹⁷ By decree of the angels and by the command of the holy men, we excommunicate, expel, curse and damn Baruch de Espinoza, with the consent of God [...] cursing him with the excommunication with which Joshua banned Jericho and with the curse which Elisha cursed the boys and with all the castigations which are written in the Book of the Law. Cursed be he by day and cursed be he by night; cursed be he when he lies down and cursed be he when he rises up. Cursed be he when he goes out and cursed be he when he comes in.

fez de tão horrendo? O texto e nenhum outro documento da sinagoga ou de Espinosa trazem os motivos da excomunhão. “O único relato está na primeira biografia de Espinosa, escrita por volta de 1678 pelo jornalista e livre-pensador francês refugiado na Holanda Jean-Maximilien Lucas. Ele foi o único biógrafo que conheceu pessoalmente Espinosa” (PINHEIRO, 2010, p. 218).

Segundo Lucas (1927), o banimento de Espinosa ocorreu porque ele defendia teses heréticas, como Deus é corporal e que a alma não é imortal, mas há outras especulações, como críticas de Espinosa à Bíblia, seu envolvimento com protestantes radicais e exploração de novas ideias filosóficas, especialmente as de René Descartes e sua confiança no poder da razão (POPKIN, 2004). Em consonância com os outros autores, Nadler (2001) especula que a excomunhão de Espinosa se deu por sua defesa a teses “cartesianas”, com o agravante de contestar a imortalidade da alma.

O doloroso processo sofrido por Espinosa ocorreu no “início da modernidade, do nascimento de uma razão laica contra as tradições religiosas então dominantes” (PINHEIRO, 2010, p. 218), época marcada por muitas controvérsias. No período, a excomunhão era comum na comunidade judaica de Amsterdam e era usada para regular comportamentos, como punição por se entregar “ao jogo, pela não observância dos dias sagrados, por bigamia, por não pagar os impostos devidos”. Geralmente, durava alguns dias e a pessoa podia ser reintegrada à comunidade se confessasse seu arrependimento e pagasse uma multa (PINHEIRO, 2010, p. 220).

No entanto, a expulsão de Espinosa foi a mais severa realizada pela comunidade judaica de Amsterdam. Curiosamente, seu texto não foi escrito apenas para Espinosa. Com exceção da parte inicial, o documento tinha sido trazido da sinagoga de Veneza pelo rabino Saul Levi Mortera quase quarenta anos antes, em um texto que seria uma fórmula geral para excomunhões. Mesmo assim, o material foi usado apenas uma vez, no século XVII, contra Espinosa, sendo proferido novamente em julgamento comum contra três heréticos, já no início do século XVIII (NADLER, 2001).

Sem chance de arrependimento ou retorno, Espinosa passa a viver no Sul de Amsterdam, em meio aos protestantes, mas não se filia a nenhuma outra religião, promovendo um rompimento com a tradição da época. Espinosa foi, segundo Popkin (2004, p. 38) “uma das primeiras pessoas a viver fora de qualquer filiação religiosa”. Ele chegou a escrever um texto rebatendo as acusações sofridas na sinagoga, entretanto o documento está atualmente perdido (PINHEIRO, 2010).

Espinosa nasceu em 24 de novembro de 1632, em Amsterdam, filho do meio de família proveniente da Espanha, mas que emigrou para Portugal e, posteriormente, para a Holanda, que despontava na época com o pioneirismo do livre comércio. Eles eram marranos, ou seja, judeus convertidos ao cristianismo, todavia permaneceram vinculados à tradição judaica.

A vida familiar também exigiu sacrifícios de Espinosa. Mesmo sendo excelente aluno, precisou interromper os estudos formais aos 17 anos, após a morte do irmão mais velho, Isaac, para ajudar na importadora da família. Espinosa sofreu a excomunhão dois anos após a morte do pai, quando tocava o negócio da família com o irmão mais novo (NADLER, 2001). Deserdado pela família e afastado dos negócios após a excomunhão, aprendeu a polir lentes de luneta para se sustentar. Foi bem-sucedido na função e ganhava o suficiente para se manter (CHAUÍ, 1995). Espinosa nunca se casou, provavelmente por ser tísico. Na época, o tratamento para tísica (tuberculose) era abstinência de relações sexuais¹⁸ (LUCAS, 1927).

A excomunhão de Espinosa ocorre antes da publicação do seu Tratado Teológico-Político, em 1670, cujo anonimato do autor da obra não foi suficiente, pois suas ideias foram reconhecidas, o que o fez sofrer ameaças de banimento, principalmente pelos calvinistas (PINHEIRO, 2010). No tratado, o filósofo defende a liberdade da filosofia, a separação entre Estado e Igreja, política e religião, filosofia e revelação. Já *Ética* fica pronto em 1657, contudo Espinosa desiste de publicar porque havia rumores de que representantes religiosos calvinistas apelaram ao governo para impedir sua publicação.

Dessa forma, as publicações da *Ética*, das *Correspondências*, do *Tratado da Reforma do Entendimento*, do *Tratado Político* e de um *Compêndio de Gramática Hebraica* são feitas somente após a morte do filósofo, que aconteceu em Haia, por tuberculose, em 21 de fevereiro de 1677. Mesmo depois de morto, Espinosa segue perseguido e o governo holandês publica édito proibindo a divulgação da obra

¹⁸ Na pandemia da Covid-19, estudos mostram queda significativa na frequência de relações sexuais em países como Itália e Reino Unido, principalmente entre os solteiros. Regras rígidas de isolamento social, apreensão e estresse, causados pela pandemia, foram apontados como motivos. No Brasil, pesquisa do Datafolha revela que 30% dos solteiros entrevistados relata piora na satisfação com a vida sexual (BRUNHARA, 2021). Da mesma forma que não havia tratamento eficaz para a tísica na época de Espinosa, ocorreu no primeiro ano da pandemia da Covid-19, em que as pessoas lavavam as compras, usavam tapetes com álcool 70% para higienizar os sapatos antes de entrar em casa e até sanitizar as ruas com água sanitária, procedimentos que depois não permaneceram pela falta de eficácia para doença respiratória (MEDINA, 2021).

póstuma do filósofo. Anos depois, em 1687, acontece a publicação do Tratado sobre o Cálculo Algébrico do Arco-Íris e de Cálculo das Probabilidades (AURÉLIO, 2003).

A contextualização das controvérsias da vida de Espinosa nos ajuda a entender sua visão sobre os afetos. O pensamento filosófico de Espinosa (2016) é tido para o filósofo Hegel, no século XIX, como o precursor da filosofia moderna, pois “sem ele nenhuma filosofia é possível” (CHAUÍ, 1995, p. 9).

A inovação do pensamento de Espinosa se dá em uma série de teses e, talvez, por isso, tenha irritado tanto o *status quo* da época em que viveu. Espinosa remonta à origem da natureza, a causa primeira de todas as coisas: Deus. Por isso, é preciso iniciar no conhecimento da essência de Deus para, a partir daí, conhecer o universo. Todavia, o Deus espinosista não é “super-homem” (CHAUÍ, 1995, p. 9), “transcendente, pessoal e criador”, mas “imanente à natureza” (GLEIZER, 2005, p. 16). Assim, Deus e natureza são a mesma coisa (CHAUÍ, 1995).

Espinosa aplica a razão suficiente, em que “tudo tem uma causa ou razão” (GLEIZER, 2005, p. 14). No método sintético empregado por Espinosa, o conhecimento efetivo se dá a partir do conhecimento das causas e progride no sentido do conhecimento do efeito (GLEIZER, 2005).

Na visão do filósofo, a alma (mente) humana é a ideia do corpo, sendo corpo e alma a dupla expressão de uma única realidade, de uma única modificação da substância absoluta (GLEIZER, 2005). Por isso, o homem é livre e possui força interna para pensar e agir (CHAUÍ, 1995). Na experiência diária, o corpo humano afeta e é afetado de diferentes maneiras por corpos exteriores, sendo apto para reter essas afecções (*affectio*), ou seja, as mudanças causadas a partir das interações (GLEIZER, 2005).

É importante notar que, “pela primeira vez em toda a história da filosofia, corpo e mente são ativos ou passivos juntos e por inteiro, em igualdade de condições e sem relação hierárquica entre eles” (CHAUÍ, 2011, p. 36). Ademais, a potência de agir do corpo está relacionada com os estímulos ou refreamento da potência de pensar da mente. Sendo assim, corpo e mente se afetam conjuntamente. A partir de uma narrativa, de um pensamento, de um acontecimento, por exemplo, o corpo terá sua potência de agir estimulada ou refreada. Isso porque os afetos, afecções do corpo, potencializam ou refreiam a potência de agir.

Trazendo o pensamento de Espinosa para a contemporaneidade, apesar dos 343 anos que separam a morte do filósofo do aparecimento do primeiro caso de Covid-19 no Brasil, sua escrita soa muito atual. Vejamos:

Se os homens pudessem, em todas as circunstâncias, decidir pelo seguro ou se a fortuna se lhes mostrasse sempre favorável, jamais seriam vítimas da superstição. Mas, como se encontram frequentemente perante tais dificuldades que não sabem que decisão hão de tomar, e como os incertos benefícios da fortuna que desenfreadamente cobiçam os fazem oscilar, a maioria das vezes, entre a esperança e o medo, estão sempre prontos a acreditar seja no que for. [...] A que ponto o medo ensandece os homens! O medo é a causa que origina, conserva e alimenta a superstição. [...] Não há nada mais eficaz do que a superstição para governar as multidões (ESPINOSA, 2003, p. 5-7).

No primeiro ano da pandemia da Covid-19, sabia-se pouco sobre o vírus e o mundo buscava conhecimento sobre a doença, terreno fértil para a esperança e o medo. O tratamento precoce, formado pelos medicamentos cloroquina, ivermectina e azitromicina, por exemplo, foi tomado como esperança. Podemos afirmar que esse kit foi uma das superstições do primeiro ano da Covid-19 e que ainda é tido como verdade para muitos. Parte dos médicos receitava o kit Covid-19 para seus pacientes.

Essa recomendação aconteceu com o diretor de eventos Bruno Bourguignon, 44 anos, internado por 18 dias na UTI com 25% do pulmão comprometido em novembro de 2020. Por ordens médicas, tomou os medicamentos do chamado tratamento precoce. “O que me mandaram tomar, eu tomei. Até zinco, vitamina D, anticoagulante” (informação verbal)¹⁹. Ele lembra que a família toda teve Covid-19 após um chá revelação do sexo do segundo filho, Arthur.

Na pandemia da Covid-19, a família se reuniu para anunciar à primogênita Manuela que um menininho estava chegando na família. Todos na festa foram infectados com a doença, menos a irmã de Bruno, que ficou pouco tempo no local e usava máscara de proteção. Na época, a esposa de Bruno, Karla, estava grávida de três meses e foi infectada, mas teve sintomas leves. Karla, por indicação médica, tomou os medicamentos do tratamento precoce.

Bruno desconfia que tenha contraído a doença quando, no início de novembro de 2020, acompanhou o sogro em uma cirurgia de apendicite. A família viveu o drama de ambos ficarem internados na UTI, por causa da Covid-19. O sogro ficou 26 dias no

¹⁹ Depoimento de Bruno Bourguignon, Vitória, 2022.

hospital. Bruno, 19. A avó de Karla, com 90 anos, também ficou internada, mas durante quatro dias apenas.

A Covid-19 é uma doença do corpo e da alma. É uma doença solitária e, por isso, afeta o emocional. Na dúvida do porvir, gerou ansiedade. “Nunca tinha sido internado na vida. [...] Fiquei muito debilitado, muito cansado, ofegante. [...] Cansava com o mínimo e usei cadeira de rodas. Tive ansiedade”, conta Bruno, lembrando o dia em que chorou quando a enfermeira foi ajudá-lo no banho. “Comecei a chorar no hospital quando uma enfermeira, que não conhecia, foi me dar banho. Tenho enfermeira na família e nunca dei valor. Eu chorava e pedia desculpas por nunca ter dado valor a esses profissionais”.

Bruno conta que se comunicava por cartinha com a família e com chamadas de vídeo uma vez por dia. “A psicóloga do hospital fazia as ligações diárias e promovia jogos entre eu e a minha filha Manu”.

Bruno precisou usar ventilação não invasiva (VNI) e conta que era muito desconfortável. “Uma enfermeira me disse que a VNI ajudava e comecei a me esforçar para usar. Cheguei a usar 10 horas por dia e dormir pronado”. A estratégia de dormir pronado, de bruços, se tornou comum entre os pacientes internados com Covid-19 para facilitar a respiração.

Aos poucos, Bruno foi melhorando e a oxigenação foi reduzida, mas uma infecção descoberta o obrigou a passar mais dias no hospital. “O tempo não passava. Assistia TV, porque a UTI que fiquei era um quarto adaptado, dormia 15 minutos e nada do tempo passar. Fiquei muito emotivo e chorava assistindo as propagandas de Natal”. Uma delas afetava Bruno em especial. Era um VT da Coca-Cola, em que uma menininha pedia ao Papai Noel que o pai voltasse para casa. Bruno é o organizador da Caravana de Natal da Coca-Cola em vários Estados do Sudeste e, naquele ano, não pôde participar do seu projeto favorito. “A caravana passou em frente da minha casa quando saí do hospital. A gente fica muito emotivo. Junta tudo. Passei a dar valor às pequenas coisas e a valorizar as pessoas em casa”.

O Natal de 2020 teve gostinho de renascimento para toda a família. Hoje, Arthur tem pouco mais de um ano de idade. Manu tem 7 anos e já está vacinada contra a Covid-19. Bruno passou a se preocupar mais com a saúde, fez bateria de exames, mas conta que a respiração ainda não é a mesma. Sentiu medo de perder a memória ou a doença afetar seu coração.

Nesse cenário, importante entender o medo e a esperança como afetos, na visão de Espinosa, e relacionar sua obra com estudos da contemporaneidade. É o que faremos a seguir.

2.2. O que são afetos?

Em sua obra, Espinosa (2016) determina a natureza, a virtude e a força dos afetos (*pathema* – paixão do ânimo) e define afetos (*affectus*), algo natural aos seres humanos, como

afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções. Quando, por conseguinte, podemos ser a causa adequada de uma dessas afecções, por afeto entendo uma ação; nos outros casos, uma paixão. (ESPINOSA, 2016, p. 49).

Dessa forma, Espinosa (2016) compreende afeto como ação ou, caso contrário, uma paixão. Quando a mente humana tem ideias adequadas, ela age, mas quanto mais ideias inadequadas, maior o número de paixões que é subordinada. Sobre as paixões, Espinosa (2016, p. 52) considera que “só estão referidas à mente enquanto ela tem algo que envolve uma negação” (ESPINOSA, 2016, p. 52).

“Um afeto é uma afecção que faz variar positiva ou negativamente a potência de agir. [...] Uma afecção neutra, isto é, que deixa invariável a potência de agir, não tem dimensão afetiva. Assim, se todo afeto é uma afecção, nem toda afecção é um afeto” (GLEIZER, 2005, p. 35). Dessa forma, “a relação originária da mente com seu corpo e de ambos com o mundo é a relação afetiva” (CHAUÍ, 2011, p. 35).

Na mesma linha de pensamento, Moriceau (2020, p. 92) destaca que “o afeto é acima de tudo aquilo que nos é estrangeiro, misto, indeterminado, irredutível a um sentimento ou um conceito já identificado e catalogado, e que nos invade, nos inquieta, nos move”.

Os afetos são do corpo e da alma e alteram a potência de agir do corpo e as ideias dessas afecções que alteram a potência de pensar da alma (GLEIZER, 2005). “Em outras palavras, os afetos não são simples emoções, mas acontecimentos vitais e medidas da variação de nossa capacidade para existir e agir” (CHAUÍ, 2011, p. 36).

Para Espinosa, “a nossa mente, algumas vezes, age; outras, na verdade, padece. Mais especificamente, à medida que tem ideias adequadas, ela

necessariamente age; à medida que tem ideias inadequadas, ela necessariamente padece” (ESPINOSA, 2016, p. 99).

Nesse sentido, “o *affectus* é então a variação contínua da força de existir de alguém, enquanto esta variação é determinada pelas ideias que ele tem” (DELEUZE, 2019, p. 42). São “devires não humanos do homem” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 219), um eterno vir a ser.

Espinosa (2016) traz a alegria, a tristeza e o desejo como afetos primários, dos quais derivam todos os outros. A alegria é uma paixão em que a “mente passa de uma perfeição menor para uma perfeição maior” (ESPINOSA, 2016, p. 93), amplia a força de existir, trazendo para corpo e mente excitação ou contentamento. Portanto, “a alegria é diretamente boa” (CHAUÍ, 1995). Já a tristeza é diretamente má, é uma paixão em que a “mente passa a uma perfeição menor” (ESPINOSA, 2016, p. 93) e o corpo e mente experimentam dor ou melancolia, diminuindo a força de existir.

O desejo pode ser entendido como “o apetite juntamente com a consciência que dele se tem”. Desejamos uma coisa, por isso nos esforçamos e a julgamos como algo bom (ESPINOSA, 2016, p. 53). É curioso notar que, para Espinosa (2016), um mesmo objeto pode causar afetos conflitantes, como a alegria e a tristeza. Isso porque o afeto não é uma comparação, mas uma experiência vivida, que transita entre a maior ou menor potência de agir. Dessa forma, como considera Espinosa (2016, p. 140), “uma só coisa pode ser ao mesmo tempo boa e má, e também indiferente”, a depender da experiência individual.

Na definição de Espinosa (2016), os afetos amor e ódio são opostos. O amor aumenta a potência de agir, por ser a alegria acompanhada de imaginação provocada por causa exterior, ao passo que a tristeza refreia a nossa potência de agir. Nesse sentido, “a tristeza acompanhada da ideia imaginativa de uma causa exterior definirá geneticamente o ódio” (GLEIZER, 2005, p. 41).

O ódio deriva da imaginação de que a pessoa odiada é causadora da tristeza e, por isso, nos esforçamos para afastá-la ou destruí-la. Mas renunciamos à ação se esta puder nos causar mal maior. Amor e ódio são representações da imaginação, assim como “todas as ideias imaginativas – inadequadas, confusas e fontes de uma falsa interpretação tanto dos objetos exteriores quanto da própria natureza do sujeito desejante” (GLEIZER, 2005, p. 42).

Desse modo, é possível compreender os afetos da esperança e do medo, centrais em nossa pesquisa. “A esperança nada mais é do que uma alegria instável,

surgida da imagem de uma coisa futura ou passada de cuja realização temos dúvida. O medo, por outro lado, é uma tristeza instável, surgida igualmente da imagem de uma coisa duvidosa” (ESPINOSA, 2016, p. 56). Se não houver dúvida, a esperança passa a ser segurança, enquanto o medo se torna desespero, “quer dizer, uma alegria ou uma tristeza surgida da imagem de uma coisa que tínhamos ou de uma coisa que esperávamos” (2016, p. 56). Esperança e medo são afetos opostos, mas interdependentes, uma vez que “não há esperança sem medo, nem medo sem esperança” (2016, p.65). Ambos não existem sem a tristeza e não são bons por si mesmos, mas apenas quando refreiam o excesso do afeto alegria. Espinosa acrescenta que esperança e medo são carência de conhecimento e impotência da mente. Por conseguinte, aponta o caminho da busca da razão de todas as coisas para depender menos da esperança e livrar-se do medo.

O afeto esperança estimula e aumenta a potência de agir no corpo, enquanto o afeto medo a refreia, reduz a potência de agir do corpo. Nesse sentido,

falamos em sistema medo-esperança porque, tristeza e alegria instáveis, medo e esperança são paixões inseparáveis, expressão máxima de nossa finitude e de nossa relação com a contingência, isto é, com a imagem de uma temporalidade descontínua, imprevisível e incerta, pois, como escreve Espinosa, jamais podemos estar certos do curso das coisas singulares e de seu desenlace. Viver sob o medo e a esperança é viver na dúvida quanto ao porvir. A experiência da contingência e da dúvida torna o medo e a esperança inconstantes e intercambiáveis não apenas em momentos sucessivos, mas também na simultaneidade: numa metamorfose interminável, cada uma dessas paixões habita e perpassa a outra, pois quem está suspenso na esperança e dúvida do desenlace, teme enquanto espera, e quem está suspenso no medo e dúvida do que possa acontecer, espera enquanto teme. Medo e esperança não se separam senão quando suprimida a dúvida, ainda que permaneça insuperável a incerteza quanto ao curso das coisas singulares. (CHAUÍ, 2011, p. 64).

Na pandemia da Covid-19, esperança e medo foram paixões presentes na experiência da contingência vivida. Esperança em medicamentos (mesmo sem comprovação científica), vacinas, e, ao mesmo tempo, medo do contágio, das complicações causadas pela doença, medo da morte, medo de perder o emprego por causa do isolamento social e fechamento de comércio.

Dessa forma, a alegria instável oriunda de ideia futura ou passada, em que temos dúvidas sobre o desenlace, dá origem à esperança. Já a tristeza instável oriunda de ideia futura ou passada, em que temos dúvidas sobre o desenlace, dá origem ao medo. Em ambos, paira a dúvida.

Nesse sentido, quem se apega à esperança tem dúvida sobre a sua realização, “tem medo de que a coisa não se realize” (2016, p. 143). Já quem tem medo e tem dúvida sobre a realização de alguma coisa, tem esperança de sua não realização. Para Espinosa (2016), se retirarmos a dúvida, da esperança nasce a confiança, e do medo, o desespero.

O medo é mais intenso se o imaginamos no presente do que um medo em um futuro distante (ESPINOSA, 2016). Nesse sentido, “o afeto produzido sobre os registros do virtual e do potencial, do medo que é real, mas não necessariamente concretizado em eventos, vem a constituir a ecologia do medo na vida cotidiana” (DAS, 2020, p. 31).

Para Espinosa (2016), medo e esperança são afetos que prenunciam falta de conhecimento, impotência da mente. Por isso,

também a segurança, o desespero, o gáudio e a decepção são sinais de um ânimo impotente. Com efeito, embora a segurança e o gáudio sejam afetos de alegria, pressupõem, entretanto, que a tristeza os precedeu, quer dizer, a esperança e o medo. Assim, quanto mais nos esforçamos por viver sob a condução da razão, tanto mais nos esforçamos por depender menos da esperança e por nos livrar do medo; por dominar, o quanto pudermos, o acaso; e por dirigir nossas ações de acordo com o conselho seguro da razão. (ESPINOSA, 2016, p. 93).

Portanto, os afetos são contrários à razão e, para Espinosa (2016), são maus. O homem que vive sob as regras da razão busca dominar os afetos, busca fazer o bem o quanto permite sua natureza humana e deseja o bem ao próximo. Já os homens que se deixam dominar pelas paixões, vive de servidão, ou seja, é impotente e não consegue refrear os afetos.

2.3. Servidão dos afetos

As várias formas de servidão humana, imaginadas como liberdade, preocupam Espinosa (2016). “Por esse motivo, voltou seu pensamento para as causas reais e os efeitos reais da servidão como ilusão da liberdade (CHAUÍ, 1995, p. 81). Para Espinosa, as causas da servidão são “superstição religiosa, tirania teológica, despotismo político, ignorância filosófica e científica (CHAUÍ, 1995, p. 81). Vale pontuar que essas causas são provocadas por nós mesmos, seres passionais. O caminho para liberdade é apontado por Espinosa por meio de sua filosofia (CHAUÍ, 1995).

Espinosa chama de “servidão a impotência humana para regular e refrear os afetos” (ESPINOSA, 2016, p. 77), uma impotência para conduzir a própria vida. Uma pessoa submetida aos afetos não está sob comando próprio, o comando da razão. Quando tem medo, por exemplo, o homem se deixa dominar pela superstição. “Se os homens pudessem, em todas as circunstâncias, decidir pelo seguro ou se a fortuna se lhes mostrasse sempre favorável, jamais seriam vítimas da superstição” (ESPINOSA, 2003, p. 5).

Como dissemos, o homem dominado pelo medo como superstição é afeito às coisas incertas. Nos dias de adversidade, angustiados, tornam-se crédulos de tudo o que ouvem, mesmo que seja algo absurdo (ESPINOSA, 2003).

“A superstição é uma maneira de viver, é uma existência entristecida que, na busca de alívio para o medo, dá ensejo ao desespero, que, por seu turno, buscando alento, abre as comportas da servidão” (CHAUÍ, 2011, p. 65). A exemplo do medo que domina o homem e o deixa à mercê de superstições, podemos citar os remédios sem comprovação científica que os brasileiros usaram, durante a pandemia, para o tratamento precoce contra a Covid-19, como a cloroquina, hidroxicloroquina, ivermectina e azitromicina, recomendados, em 2020, pelo Ministério da Saúde, mesmo depois de estudos indicarem que o tratamento não surtia os efeitos desejados. Muitos brasileiros também passaram a tomar vitaminas e suplementos alimentares com vitaminas D, C e zinco para evitar o contágio da doença (LEMOS, 2020), como aconteceu com o diretor de eventos Bruno Bourguignon.

O uso de medicamentos não aprovados para determinados fins, que não constam na bula, chamados *off-label*, fazem parte da história de meu pai, Ulan Bastos. Meu avô contava que meu pai, com um ano de idade, foi desenganado pelos médicos por causa de graves eczemas pela pele. Como as feridas coçavam, a criança vivia com as mãos amarradas. Kardecista, uma noite meu avô se sentou à mesa da sala e rezou para que Deus salvasse seu filho. A fórmula de uma pomada veio em sua mente e ele anotou no papel interno da embalagem de um maço de cigarros. Nenhum médico quis assinar a fórmula para a manipulação da medicação, que seria remédio para cavalo. Mas meu avô preparou o medicamento por conta própria, mesmo com a ameaça de denúncia de um médico, caso o experimento fosse maléfico.

Meu avô fez a pomada, aplicou no meu pai e os eczemas cicatrizaram. Com três dias de pomada, o pequeno Ulan assistiu à atuação do pai em peça de teatro, no colo da mãe, com as mãos livres. Foi curado pela pomada misteriosa. O médico, que

antes ameaçava meu avô de denúncia, quis comprar a fórmula, mas meu avô nunca vendeu. Ajudava pessoas com problema semelhante e curou muitos. Ele costumava dizer que meu pai foi curado pela fé. Até hoje, Ulan tem a fórmula do *Ulanxil*, à base de xilol, mas nunca teve a curiosidade de estudar o medicamento, mesmo sendo um bioquímico farmacêutico.

A história era contada oralmente nas festas da minha família e retrata a tradição religiosa da minha família, mas também de remédios naturais ou curas por meio de benzedadeiras e curandeiras, tão comuns no interior do Brasil. Diante de uma doença sem cura, apela-se para remédios alternativos, para superstições, como aconteceu na pandemia da Covid-19. Como disse Espinosa (2016), diante do medo, as pessoas se agarram a superstições, são afeitas às coisas incertas.

O acontecimento não foi novidade na história da humanidade. No século XIX, a tuberculose era uma doença incurável e acreditava-se que mudar o paciente para locais elevados, secos, como montanhas e desertos, poderia ser favorável e era recomendado pelos médicos. Isso porque a tuberculose era tida como “enfermidade úmida, uma doença de cidades úmidas e encharcadas. [...] ‘Umidade nos pulmões’ era uma expressão muito usada” (SONTAG, 1988, p. 11).

No final do século XIX, as pestes eram provocadas por causas desconhecidas, mas atribuídas “à poluição do ar, ela própria ocasionada seja por funestas conjunções astrais, seja por emanções pútridas vindas do solo ou do subsolo” (DELUMAU, 2009, p. 159). Na ocasião, algumas medidas sem efeito esperado foram usadas, como jogar vinagre em cartas e moedas, acender fogueiras para purificar o ar, desinfetar pessoas, roupas e casas com perfume e enxofre, além de uso de máscara em “forma de cabeça de pássaro cujo bico era preenchido com substância odoríferas” (*ibidem*, p. 159).

Na Idade Média, por exemplo, administradores e prefeitos temiam prejuízos financeiros e pânico, assim, minimizavam a doença. Na época, “a quarentena para uma cidade significava dificuldades de abastecimento, ruína dos negócios, desemprego, desordens prováveis nas ruas etc.” (DELUMAU, 2009, p. 170).

O mesmo aconteceu na pandemia da Covid-19: houve hábitos exagerados e errôneos no início da pandemia, como lavar e/ou passar álcool 70% nas compras de supermercado, não entrar com sapatos em casa, sanitizar as ruas das cidades com água sanitária, ter medição de temperatura e tapetes desinfetantes na entrada de locais de grande circulação. Posteriormente, foi-se descobrindo que essas medidas não eram tão importantes para evitar uma doença de transmissão principalmente

respiratória. Muitas ações, como tirar os sapatos antes de entrar em casa, impedem a entrada de sujeira e seres contaminantes, mas não era medida para evitar a propagação do vírus da Covid-19, que não se espalhava facilmente pelas superfícies. Apesar de possível, o contágio via superfícies era raro, como se descobriu posteriormente (MEDINA, 2021).

Como defende Espinosa (2003), o medo é um instrumento poderoso de dominação quando estimulado pelas superstições, pela religião e por práticas governamentais. A servidão em Espinosa tem relação com o uso político do medo na constituição e manutenção do Estado. Observamos o uso político do medo e de superstições na pandemia da Covid-19, em narrativas que propagavam falsas esperanças e influenciavam condutas errôneas (VER CAPÍTULO 3).

Para Marilena Chauí (1995), a obra de Espinosa é “racionalismo absoluto”, ou seja, confiança no poder libertador da razão, uma crítica ao irracionalismo e à superstição. “De onde nasce a superstição que leva ao irracionalismo? Do medo de males futuros ou de que bens não aconteçam, mas também da esperança de bens futuros ou de que males não aconteçam” (CHAUÍ, 1995, p. 34).

Dessa forma, “enquanto sistema de reprodução material de formas hegemônicas de vida, sociedades dotam tais formas de força de adesão ao produzir continuamente afetos que nos fazem assumir certas possibilidades de vida a despeito de outras” (SAFATLE, 2016, p. 10).

Nessa perspectiva, entender a sociedade como circuito de afetos implica compreender os “modos de gestão do medo, partir de sua produção e circulação enquanto estratégia fundamental de aquiescência à norma” (SAFATLE, 2016, p. 11).

Partindo de Hobbes, Safatle (2016) afirma que o medo é posto em circulação como afeto político central. A sugestão é que pensemos a política a partir da maneira como os afetos produzem modos específicos de encarnação, que cria e sustenta vínculos. “Encarnação que pode se dar sob a figura do líder, da organização política, da classe, da ideia diretiva, dos vínculos a certos arranjos institucionais, da lavadeira” (SAFATLE, 2016, p. 15).

Mas, como não há poder que se fundamenta apenas pelo medo, há sempre algo positivo, “a dar às estruturas de poder sua força de duração. Poder é, sempre e também, uma questão de promessas de êxtase e de superação de limites. Ele não é só culpa e coerção, mas também esperança de gozo” (SAFATLE, 2016, p. 16). Como

dissemos anteriormente, medo e esperança são afetos que se complementam. Um não existe sem o outro (ESPINOSA, 2016).

Medo e esperança são dependentes da temporalidade e da expectativa do porvir. Nesse tempo de espera, o corpo político pode ser “constituído pela crença esperançosa em uma providência por vir ou o corpo depressivo e amedrontado de uma providência perdida ou nunca alcançada” (SAFATLE, 2016, p. 16). Nessa perspectiva, o afeto produzido a partir do medo que é real, mas não necessariamente é concretizado em eventos, constitui a ecologia do medo na vida cotidiana (DAS, 2020).

Esse tempo de espera por uma cura marcou a pandemia da Covid-19 e muitas pessoas se agarraram a crenças infundadas, o que nos leva a questionar o que acontece a um corpo político em um circuito de afetos que vai do “medo ao desamparo”? Partindo de Freud, que coloca o desamparo como afeto que nos move a criar vínculos sociais, Safatle (2016, p. 17) diz que o corpo político em desamparo cria vínculos, está em contínua “despossessão e desidentificação de suas determinações [...], marcado por contingências que desorganizam normatividades impulsionando as formas em direção a situações impredecadas. Por isso, o desamparo produz corpos em errância”.

O desamparo elimina a temporalidade da expectativa e inaugura um caráter indeterminado, “pois estar desamparado é estar sem ajuda, sem recursos diante de um acontecimento que não é a atualização de meus possíveis. Por isso, ele provoca a suspensão, mesmo que momentânea, da minha capacidade de ação, representação e previsão” (SAFATLE, 2016, p. 53).

A sensação de desamparo foi citada nos testemunhos dos sobreviventes da Covid-19 com quem conversamos para este trabalho. Como lembra a jornalista, mestre em Comunicação e doutoranda em Estudos Linguísticos, Ana Paula Costa:

A sensação é desamparo. Me sentia como uma criança internada, com medo, porque você não sabia se ia melhorar, se o tratamento ia dar certo, não sabia o que tomar, não tinha uma pessoa da família perto para poder ver, abraçar, se sentir confiante. É um processo muito solitário e foi muito difícil (informação verbal)²⁰.

Ana Paula pegou a doença do professor de pilates, em março de 2021. Ela teve 50% do pulmão tomado pela Covid-19 e ficou internada por 10 dias. Diante da

²⁰ Depoimento de Ana Paula Costa, Vitória, 2022

fragilidade da vida, chorou muito nos dois primeiros dias de internação. “Me deram calmantes para tomar e chamaram a psicóloga do hospital para conversar comigo. Aos poucos fui me acalmando e passei a ouvir músicas calmas, no *Spotify*, com barulho de chuva, meditação”, diz. Também passou a informar aos amigos e parentes, em mensagem padrão, o estado de saúde via *WhatsApp*. Atender ligações e responder a muitas mensagens a deixava nervosa e ansiosa.

É o que Safatle (2016) propõe: entendermos o desamparo como condição para o desenvolvimento de coragem afirmativa que, diante de situações, pode produzir paralisia ou “engajamento diante da transfiguração dos impossíveis em possíveis através do abandono da fixação à situação anterior”, inspirando mudanças (SAFATLE, 2016, p. 55).

Ana Paula lembra que conversa muito com outros sobreviventes da Covid-19 e todos têm a mesma percepção da doença: a sensação de solidão, de desamparo e o medo da morte. “Ao sair do hospital, tive depressão séria, além de arritmia cardíaca, pressão e glicose altas. Passei a me questionar: por que eu sobrevivi? Por que não morri? [...] A doença foi ponto de virada na minha vida”, diz.

Nesse cenário, vamos recuperar a seguir o medo na história da humanidade, da Idade Média aos tempos atuais, para observar os modos de gestão do medo no circuito de afetos da sociedade.

2.4. Medo na história da humanidade

“Medo sempre e em toda parte” (FEBVRE, 2009, p. 351) dominava o cotidiano dos cidadãos que viveram na Europa do século XVI, início da Idade Moderna. Na época, o “medo, filho da ignorância” (*ibidem*, p. 349) era o sentimento dos cidadãos, em tempo dominado pela Igreja Católica, pela reverência ingênua às autoridades e pela crença no ouvir-dizer.

O ser humano era dominado pela ideia de um mundo cheio de espíritos, forças invisíveis, em uma visão mística do universo. Ainda não se buscavam as causas das experiências vivenciadas. A queda de um raio ou um eclipse, por exemplo, não eram um fenômeno natural, mas algo atribuído ao divino, um presságio. “Na trama de todas as vidas, natural e sobrenatural se entrelaçam perpetuamente, sem que ninguém se espante, nem se sinta pouco à vontade” (FEBRE, 2009, p. 376).

Na contemporaneidade, mesmo com o desenvolvimento da ciência, “vivemos de novo numa era de temores” (BAUMAN, 2012, p. 7). Na cultura pré-moderna do medo, atribuíam-se os perigos e medos aos deuses ou à natureza, e a promessa de que a modernidade superaria essas ameaças com modernização e mais progresso.

Mas, na cultura do medo da segunda modernidade, as ameaças não podem ser atribuídas a Deus ou à natureza, mas pela própria modernização e progresso. Assim, a cultura do medo se estabelece no paradoxo de que “as instituições, que deveriam controlar, produzem incontabilidade” (BECK, 2006, p. 7).

O medo é inato ao ser humano e é a palavra que define a nossa incerteza diante ou não de um risco (BAUMAN, 2012). Toda criatura viva, para Bauman (2012), conhece o “medo original, o medo da morte”, experiência que os seres humanos dividem com os outros animais. Na presença de uma ameaça à vida, ambos oscilam entre fuga e agressão, graças ao instinto de sobrevivência.

Bauman (2012) propõe que os humanos vão além e conhecem um medo social e cultural que modela seu comportamento, estando ou não diante de uma ameaça imediata. É o “medo de segundo grau”, “medo derivado” nas palavras de Hughes Lagrange (1996), autopropulsor, sentimento interiorizado de estar suscetível ao perigo, uma espécie de vestígio de experiências do passado, que norteia a conduta a partir da sensação de insegurança e vulnerabilidade. Pudera. Somente os seres humanos têm a consciência da morte como inevitável, mas enfrentam a tarefa cotidiana de sobreviver, mesmo diante desse conhecimento.

O medo da morte é o mais humano, constante, universal e o princípio de todos os medos, alicerçando a construção da história de todas as religiões e grande parte das obras da humanidade (WOLFF, 2007). “Atrás do menor dos nossos medos reside justamente o maior deles – o do maior dos males, o medo da morte. [...] O medo da morte parece, então, estar presente em todos os medos” (WOLFF, 2007, p. 22).

Importante descrever que o medo, para Wolff (2007), é uma emoção que nos afeta negativamente, nos é natural, um instinto de sobrevivência consciente causado pela ideia de um risco futuro, algo que potencialmente pode acontecer. Esse sentimento provoca um desconforto, uma “dor imaginária” pelo receio do que pode ocorrer. Assim, o medo causa apreensão e assusta porque é construído na incerteza.

Na mesma linha de pensamento, Delumau (2006) pensa o medo como algo inerente ao ser humano, que tem na segurança uma necessidade estrutural, um símbolo da vida. Ao contrário, a insegurança é símbolo da morte. Não há medo sem

a consciência do perigo, do risco e, por isso, Delumau (2006) acredita que, sem o medo alertando dos perigos sucessivos ao longo do caminho, nenhuma espécie teria sobrevivido.

O medo é uma reação de legítima defesa, descrita clínica e fisiologicamente como uma “emoção-choque, muitas vezes precedida de surpresa, provocada pela consciência do perigo iminente ou presente”, sendo “acompanhado de reações do organismo, de comportamentos somáticos e de modificações endócrinas” (DELUMAU, 2006, p. 27).

Recuperando a história do medo no ocidente, Delumau (2006) descreve que os maiores perigos eram as catástrofes naturais, as epidemias e, desde a invenção das armas de fogo, no século XV, e a Revolução Francesa, no final do século XVIII, o ser humano passou a temer as guerras e, na contemporaneidade, o terrorismo com dimensões mundiais. “O medo se tornou o medo do próprio homem” (DELUMAU, 2007, p. 42), medo mais cultural que fragiliza indivíduos e coletividades. Mas isso não significa que o homem deixou de temer as catástrofes naturais e as epidemias, mas que passou a ter consciência de que o próprio ser humano tem a capacidade de perturbar a natureza e pode acabar com o mundo.

Nesse contexto, Bauman (2012) insere o mal como irmão siamês do medo. O primeiro aponta para o mundo exterior, enquanto o segundo revela o mundo interior, o “aqui dentro”. A partir de estudos de Neiman (2003) sobre o mal no pensamento moderno, Bauman (2012) diz que tememos o mal que o homem é capaz de fazer e que não somos capazes de controlar. Ao mesmo tempo, somos todos perigosos uns aos outros.

“O problema do mal é a força condutora do pensamento moderno” (NEIMAN, 2003, p. 15, epub). Para Neiman (2003), o terremoto de Lisboa, em 1775, foi a referência do mal para os europeus do século XVIII. Na contemporaneidade, enxergamos o mal como manifestação da crueldade humana, sendo Auschwitz seu exemplo extremo. Diante disso, Neiman (2003) argumenta que o terremoto que destruiu Lisboa não é o mesmo mal que matou milhões em campo de concentração. O equívoco seria usar a palavra “mal” para se referir a desastres naturais e à crueldade humana. Para a autora, o mal na contemporaneidade nos deixa impotentes e pode ser descrito como “atos absolutamente daninhos que não deixam espaço para justificativa ou explicação” (NEIMAN, 2003, p.15).

A partir de revisão teórica do mal na história da filosofia, a autora sugere que a separação do mal moral (provocados pelo homem) do mal natural (desastres da natureza), debate provocado a partir do Terremoto de Lisboa, ajuda a marcar o início do “moderno”. Neiman (2003) argumenta que parte do significado de modernidade se dá a partir do momento em que a sociedade tenta parar de culpar Deus e assume a responsabilidade pelas mazelas do mundo em que vive.

Nessa linha de pensamento, Delumau (2007) destaca que a consciência do mal moral, provocado pelo homem, e apontado por Neiman (2003), amplia o “medo do outro”. Um exemplo é o sentimento anti-China, que se propagou durante a pandemia da Covid-19. Muitos acreditavam e até diziam que o “vírus chinês” havia sido fabricado em laboratório ou provocado pelos maus hábitos de higiene e de alimentação, como apontam comentários dos *datasets* coletados do Facebooks, a partir de postagens públicas, via *CrowdTangle*. Vemos um exemplo abaixo:

Pois é. A China tem uma dieta bem peculiar. Também os métodos de higienização e de vigilância sanitária deixam a desejar. Depois, espalham esses vírus e põe fim, ficam (mais) bilionários porque são rápidos para agilizar vacinas por conta da imensa gama de indústrias científicas e de pesquisa farmacêutica. Essa é a quinta pandemia com a qual ela lucra.... Na bolsa de valores enquanto muitos perdem...a China sairá bem..”²¹.

Em escala mundial, o “medo cultural do outro” é a apreensão, a incerteza, provocada por pessoas com outro comportamento, língua, religião, costumes e práticas culturais, o que traz ameaça constante de “choque entre civilizações”. Para Delumau (2007, p. 46), “por todas essas razões, eles nos assustam e somos tentados a tomá-los como bodes expiatórios em caso de perigo” e “está na origem dos racismos de todos os tempos”. Afinal, o outro é culpado pelos atos daninhos, injustificáveis, como pondera Neiman (2003).

Na Europa medieval, assolada pelas pestes, a população buscava culpados, como estrangeiros, viajantes, cometas e fantasmas. “O movimento primeiro e mais natural era o de acusar outrem. Nomear culpados era conduzir o inexplicável a um processo compreensível. Era também pôr em ação um remédio, impedindo os semeadores de morte de continuar sua obra nefasta” (DELUMEAU, 2009, p. 204). Na pandemia da Covid-19, os chineses foram culpabilizados, como dissemos. O medo do estrangeiro aflorou desde a descoberta do vírus.

²¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=199922587859459>. Acesso em 14 jul. 2022.

Nessa ambiência, Delumeau (2009, p. 12) diz que “não só os indivíduos tomados isoladamente, mas também as coletividades e as próprias civilizações estão comprometidas num diálogo permanente com o medo”. O ser humano tem necessidade de segurança e a consciência da finitude da vida dá origem ao medo, sentimento que permite ao organismo escapar provisoriamente à morte. No indivíduo, o medo imobiliza. Coletivamente, o medo resulta em apreensão parcial da realidade. Como disse Espinosa (2016), o medo faz o ser humano se agarrar a superstições, se agarrar a falsas esperanças, como os remédios milagrosos e sem efeito para a Covid-19.

Delumau (2009) vai ao encontro do que pensa Delpierre (1974) ao dizer que o homem objetifica o instinto combativo para superar o sentimento de temor. Em vez de ir à luta ou fugir dela, sente prazer em ler, assistir, escrever, ouvir ou contar histórias sobre batalhas, como touradas, boxe e corridas perigosas. Aproximando a discussão teórica de nosso objeto empírico, acreditamos que as plataformas de mídias sociais são ambientes para esse prazer em escrever, ler, ouvir, contar histórias, compartilhar narrativas de terceiros que também são capazes de amplificar o medo ou a esperança.

Delumau (2009) diferencia medo e angústia. Temor, terror, espanto e pavor dizem respeito ao medo e referem-se ao conhecido, a um objeto determinado. O medo cessa com o desaparecimento da ameaça e pode virar angústia se sentido repetidas vezes. Já a inquietação, a ansiedade e a melancolia dizem respeito à angústia, referem-se a algo desconhecido, como narrado nos depoimentos dos sobreviventes que elencamos neste trabalho. É vivida como espera dolorosa, em um “sentimento global de insegurança”. Apesar dos laços no comportamento humano, medo e angústia são distintos.

Para Delumeau (2009, p. 35), a angústia é muito mais difícil de ser superada do que o medo e, por isso, por uma questão de sobrevivência, o ser humano precisa “transformá-la e fragmentá-la em medos precisos de alguma coisa ou de alguém”.

A modernidade, organização social surgida na Europa no século XVII, possibilitou melhores condições de vida como nenhum outro período histórico, mas também trouxe um “lado sombrio”, perigoso e cheio de riscos. A modernidade é “um fenômeno de dois gumes” e, na contemporaneidade, suas consequências se tornaram mais radicalizadas e universalizadas. Dessa forma, vivemos em uma época de desorientação, em que não somos capazes de entender e controlar grande parte dos eventos que nos cercam (GIDDENS, 1991, p. 12-13).

Diariamente surgem novos medos na sociedade líquido-moderna (BAUMAN, 2007) e o que mais amedronta, para Bauman (2012), é a ubiquidade dos medos, que surgem de qualquer fresta, de qualquer canto. Mesmo assim, o autor enumera que os perigos naturais e sociais dos quais temos medo podem ser de três tipos: ameaçam o corpo e as propriedades; ameaçam a durabilidade e a confiabilidade da ordem social, da qual dependem da renda, do emprego ou mesmo da sobrevivência na velhice; e, por fim, os perigos que ameaçam a hierarquia social, a identidade “(de classe, de gênero, étnica e religiosa) e a imunidade à degradação e à exclusão social” (BAUMAN, 2012, p. 8).

A durabilidade da ordem social repousa em terreno movediço, como diz Bauman (2012), da mesma forma que as empresas e os empregos que elas nos oferecem estão suscetíveis a diferentes tipos de crises. Dessa forma, as pessoas que defendiam que a economia não podia parar durante a fase aguda da pandemia da Covid-19 tinham medo da perda dos empregos e da renda, por exemplo.

“Vivemos em um mundo fora de controle. Não há nada certo além da incerteza” (BECK, 2006, p. 5). É a sociedade de risco, termo cunhado por Beck, (1997) que significa “a fase de desenvolvimento moderno em que os riscos sociais, políticos, econômicos e individuais cada vez mais tendem a escapar das instituições para monitoramento e controle da sociedade industrial” (BECK, 1997, p. 5).

Para Beck (2011), as forças produtivas geram efeitos colaterais, que ameaçam a vida dos seres humanos, animais e plantas. O risco já não é mais limitado a uma região ou grupo social, mas onipresente, globalizado e independente de classes. Muda-se a lógica, da sociedade industrial, de distribuição de riquezas e de escassez para a lógica da distribuição de riscos e potenciais autoameaças.

Para Beck, Giddens e Lash (1997, p. 8), na contemporaneidade, o mundo social e o mundo natural estão imersos pelo conhecimento humano reflexivo, mas isso não significa que os homens são mestres de seus destinos. “Enquanto espécie, já não temos garantida a nossa sobrevivência, mesmo a curto prazo – e tal é uma consequência das nossas próprias ações, enquanto humanidade coletiva. A noção do risco é hoje central na cultura moderna”, já que novas imprevisibilidades ocorrem derivadas, muitas vezes, pela própria tentativa de controle.

Nesse contexto da sociedade do risco, se tomarmos o medo e a esperança como afetos coletivos, podemos afirmar que talvez nunca tenha existido no mundo um desequilíbrio tão grande entre o medo e a esperança (SANTOS, 2021). “A grande

maioria da população do mundo vive dominada pelo medo. Pelo medo da fome, da guerra, da violência, da doença, do patrão, da perda do emprego ou da improbabilidade de encontrar emprego, da próxima seca ou da próxima inundação” (SANTOS, 2021, p. 255).

Mas, como os seres humanos demonstram os afetos, inclusive o medo, na contemporaneidade? Uma das formas são as narrativas propagadas nas plataformas de mídias sociais. Faz-se necessário compreender esses artefatos sociotécnicos, suas regras e modos de funcionamento.

3 SOCIEDADE DA PLATAFORMA E O CIRCUITO DE AFETOS

O barulho da sirene da ambulância ainda traz angústia. Remete o jornalista Bruno Dalvi Rampinelli para a lembrança de sua transferência do Complexo Integrado de Atenção à Saúde (Cias), da Unimed Vitória, para o Hospital Meridional, em Serra, município ao lado, em busca de um leito de Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Com máscara de oxigênio, ligado a fios de equipamentos de monitoramento, Bruno lembra de um médico ao seu lado com uma bombinha de ventilação mecânica nas mãos, para caso a máquina de oxigênio falhasse. “Minha vida estava nas mãos do médico, literalmente” (informação verbal)²².

No trajeto de 17 quilômetros, a mente vagava na troca de olhares com a esposa Luciane Freitas, quando embarcou na ambulância, e o beijo que poderia ser de despedida. Ela também estava com Covid-19, mas com sintomas leves, e o beijo e o acompanhamento até o embarque foram permitidos pelos médicos. No entanto, os pensamentos eram interrompidos pelo incômodo da velocidade da ambulância. Era caso de urgência e ele se sentia “um saco de batatas”.

Era início de dezembro de 2020 e Bruno estava com saturação de oxigênio em pouco mais de 80²³. O pulmão estava comprometido e ele foi levado diretamente para a UTI. Antes de entrar, pediu para ligar para a família. Achou que fosse a última ligação da vida. Conversou com os dois filhos, Laura e Pedro, na época com 5 e 9 anos, respectivamente, e pediu para a esposa contar para as crianças o que tinha acontecido, caso ele morresse.

“A gente não sabe o que vem pela frente. Fiquei com medo, inquieto, angustiado. O psicológico pira”, conta. Temendo ser intubado, foi colocado em ventilação não invasiva (VNI), mas a intubação seria mandatória caso a saturação de oxigênio caísse mais. “Sou um homem de fé e comecei a rezar”. Consciente, o apito das máquinas da UTI incomodava. Pediu para desligar, mas não podia. “Passei quatro dias com VNI, sem banho. Só respirava e rezava”. Com a frequência cardíaca alta pelo esforço para respiração, foi estabilizado muitas vezes com sedativo.

Quando tirou a VNI e pôde ficar com o aparelho de telefone celular, mesmo na UTI, a tecnologia das plataformas de mídias sociais trouxe alento. Passou a ligar muito para a esposa e filhos. Faziam vídeos uns para os outros. Às 18 horas, rezava o terço

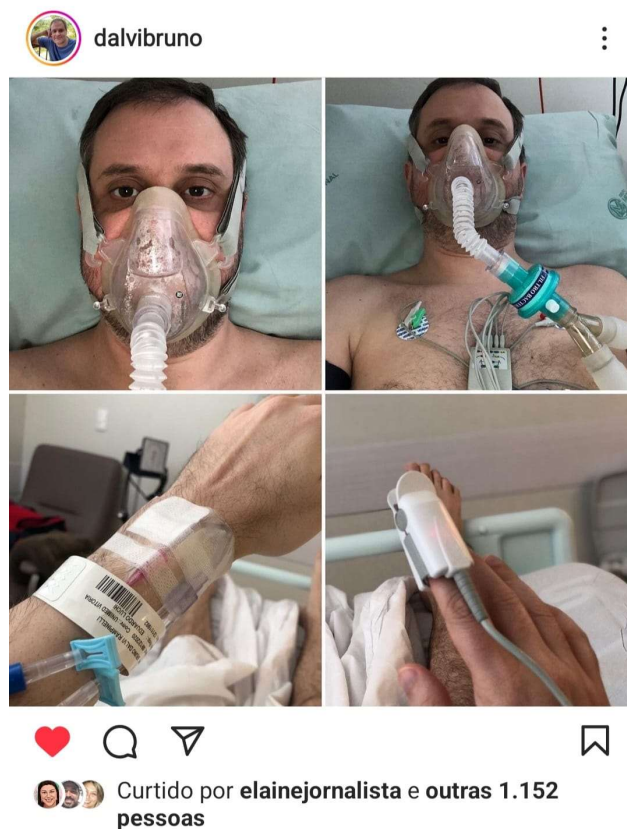
²² Depoimento de Bruno Dalvi Rampinelli, Vitória, 2022.

²³ Abaixo de 95 de saturação, o paciente deve ser internado.

com a mãe e uma amiga da igreja. Teve problemas no fígado e, depois, nos rins. A UTI e a Covid-19 deixaram traumas emocionais. “Não quero estar naquele lugar nunca mais. [...] A Covid-19 é uma doença triste. É solitário. Não tinha com quem conversar. Não podia ter comigo as pessoas mais importantes da minha vida. É momento de solidão. Precisava de alguém para conversar, para chorar”.

Ainda internado, Bruno contou sua história no Instagram, em 14 de dezembro de 2020, com fotos que impactavam.

Figura 1 – postagem de Bruno Dalvi sobre sua internação



Fonte: perfil de Bruno Dalvi no Instagram²⁴

Reproduzimos parte do texto aqui:

A imagem é forte. A dor e a angústia são equivalentes. Mas é pra lembrar que nosso comportamento afeta o outro quando vivemos em sociedade. Estou sumido há duas semanas desde que fui contaminado pela Covid. O vírus não chegou de mansinho em mim. Ele veio trazido por gente irresponsável, abjeta, que se acha no direito de circular com sintomas gripais como se ninguém merecesse respeito. Hoje, Deus me permitiu

²⁴ Disponível em:

https://www.instagram.com/p/C1x717wjfY6P7k3_XX6MJfbezen0A9iuXTfdQ00/?igshid=MDJmNzVkMjY
 ☰. Acesso em 8 jul. 2022.

contar minha história, mas poderia ser diferente. Milhares de pessoas não tiveram a mesma chance. É por elas que devemos falar! Estou aqui para agradecer as milhares de mensagens que tenho recebido e ainda não dei conta de responder. [...] Infelizmente, fui acometido por uma forma mais agressiva - mesmo sem nenhuma condição prévia que pudesse favorecer o vírus. Tive mais de 70% do pulmão tomado. Ainda estou na UTI, mas já com previsão de alta para o quarto²⁵.

A postagem trouxe muitas mensagens de apoio, mas também conselhos para tomar cloroquina, ivermectina, remédios que ficaram conhecidos como tratamento precoce para Covid-19 e que as pessoas insistiam em usar mesmo com os estudos mostrando sua ineficácia. A tecnologia das plataformas de mídias sociais também trouxe controvérsias. “Recebi esse conselho até de médicos pelas mídias sociais, mas, desde o início, procurei um médico infectologista da minha confiança”, disse, em depoimento para a autora deste trabalho. Bruno não tomou essas medicações e foi acusado de estar na situação em que se encontrava por não ter usado o kit covid. As críticas vieram até mesmo da parte bolsonarista da família.

Quando recebeu alta, a esposa Luciane Freitas foi buscá-lo com as crianças. “Dentro do carro, no abraço da família, parecia que eu estava nascendo de novo. Melhor abraço do mundo e senti tudo que me faltou naqueles dias, todo carinho. A vida é menos que um fio. Hoje só Deus para me tirar de uma programação familiar”, conta. A doença deixou sequelas físicas: miocardite e necessidade de fisioterapia respiratória. Teve alta do tratamento das sequelas em março de 2022, mas necessita de novo *check-up* ainda este ano.

A doença também deixou sequelas emocionais. Bruno não conseguia falar sobre o acontecimento sem chorar. Precisou “recuperar a cabeça”, se recuperar “da culpa no coração e do estrago na cabeça”. Ele se culpava por ter perdido a formatura da filha na creche, momento importante para a caçula. A dança e a música que o DVD da formatura traz não pode ser tocada nem mostrada. Fazem a pequena chorar porque ela lembra da ausência do pai por estar no hospital.

Bruno precisou ser acompanhado por psiquiatra, fez terapia. Diz que teve a noção da fragilidade da vida. É o que Das (2020) nomeia de “descida ao cotidiano por meio do qual as vítimas e os sobreviventes afirmam a possibilidade da vida removendo-a da circulação de palavras que se tornaram selvagens – dando um lar às

²⁵ Disponível em:

https://www.instagram.com/p/C1x717wjfY6P7k3_XX6MJfbezen0A9iuXTfdQ00/?igshid=MDJmNzVkMjY
 ☰. Acesso em 8 jul. 2022.

palavras, por assim dizer” (DAS, 2020, p. 292). Sua experiência com a Covid-19 hoje pode ser contada sem choro. A criança ainda não escuta a música de sua formatura. Quem sabe um dia essa lembrança ruim passe.

Na época, mesmo tão fragilizado, já em casa, Bruno Dalvi Rampinelli precisou lidar com narrativas controversas e postou no Facebook, em 17 de dezembro de 2020, um longo texto criticando as pessoas que o acusavam de ter ficado mal de saúde por não ter ingerido o kit covid.

[...] decidi escrever motivado por outras milhares de mensagens que comecei a receber desde que fui diagnosticado com COVID-19. A maioria veio de quem não é médico. E o pior: sempre de forma dura, me acusando de negligência, cobrando rapidez na ingestão de coquetéis milagrosos. Coisas de uma estupidez e de uma ignorância sem tamanhos. Não tenho segredo. Se as dúvidas continuam...segue a verdade dos fatos. Acredito na boa informação e na boa ciência para combater a doença. Nunca passou pela minha cabeça me automedicar ou tomar qualquer remédio sem evidência científica. Mesmo ouvindo o tempo inteiro dos intrometidos de plantão: “se não fizer bem, mal também não fará”. Oi?? [...] Nunca tomei cloroquina, ivermectina e tantas outras drogas cuja comprovação não existe no caso da Covid. Segui meus médicos e, na primeira semana da doença, me mediquei apenas para os sintomas que tive. [...] Apenas no hospital, monitorado, eu tomei o antibiótico ceftriaxina e o corticoide dexametasona – ambos na veia – um anticoagulante injetável na barriga, Azitromicina e Codeína oral. É o que preconiza os protocolos mais atuais nos EUA, na Europa, na Ásia, e em hospitais sérios do Brasil. Eu tive informação e poder de escolha para não me entupir de remédios sem necessidade. Tive ainda sanidade para aguentar os “doutores aloprados” que tinham sempre uma receita pronta. Mas lamento por tantos que não tem a mesma chance e continuam entregues a médicos – sim, médicos – que recebem de tudo um pouco na tentativa de acertar alguma tacada. Isso é de doer. É de chorar. Lutarei eternamente pelo direito de escolha entre médico e paciente. Pela liberdade individual. Mas jamais me calarei com as barbaridades que andam fazendo de forma deliberada e irresponsável.²⁶

Nesse cenário, interessa-nos analisar os diversos fragmentos narrativos, postos em circulação, a partir da lógica da sociedade da plataforma. Por isso, questionamos: como as pessoas consomem notícias no Brasil?

As plataformas de mídias sociais têm crescente importância no consumo de notícias no Brasil, país em que 71% da população tinha acesso à internet em 2020 e 2021. Segundo o *Digital News Report (2020)*, do *Reuters Institute*, o meio on-line (incluindo as mídias sociais) é fonte de notícias para 87% dos brasileiros. Pela primeira vez, desde que a pesquisa é realizada (2013), as mídias sociais digitais (67%) ultrapassaram o meio TV (66%) como fonte de notícias.

²⁶ Disponível em:

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid02xMXyQW8fZvjZZeidhKGeHaLcnboZQqhnHFRXWpUEdMRA88XtDhs9rFnmWacWodhUI&id=1397290320. Acesso em: 8 jul. 2022.

Para consumo de notícias no ano de início da pandemia da Covid-19, o *Digital News Report* (2020) revelou que o *Facebook* figurou em primeiro lugar entre as plataformas de mídias sociais mais usadas no Brasil, com 54%, seguido do *WhatsApp* (48%), *YouTube* (45%), *Instagram* (30%), *Twitter* (17%) e *Facebook Messenger* (13%).

Em 2021, nova pesquisa foi realizada, com coleta de informações por meio de questionário em janeiro de fevereiro de 2021 e grupo focal, e constatou que, no Brasil, o meio on-line (incluindo as mídias sociais) é fonte de notícias para 83% dos brasileiros. As mídias sociais digitais (63%) seguem superando a televisão (61%) na preferência dos brasileiros na busca por notícias. *Facebook* continua sendo a plataforma favorita para se informar, com 47%, seguida do *WhatsApp* (43%), *YouTube* (39%), *Instagram* (30%) e *Twitter* (12%), como mostra o *Digital News Report* 2021.

Em 2022, o *Digital News Report* realizou nova pesquisa, por questionário on-line em janeiro e fevereiro. O relatório mostra que meios on-line (83%), incluindo as mídias sociais, seguem superando a televisão (55%) na preferência dos brasileiros por notícia. A pesquisa aponta queda do *Facebook* (40%) para a terceira colocação, ficando atrás do *YouTube* (43%) e do *WhatsApp* (40%) como mídias sociais e de mensagens preferidas para se informar. Mostra também que 46% dos brasileiros entrevistados compartilham notícias via plataformas de mídias sociais e e-mail e que, no Brasil (54%), dobrou, nos últimos cinco anos, a quantidade de pessoas que evitam notícias. O documento ainda mostra que aumentou para 75% a população com acesso à internet no país.

Com as mudanças nos fluxos comunicacionais, está imbricada no meio on-line uma série de fontes de informação (mídia tradicional, plataformas de mídias sociais, blogs que se comportam como empresas de mídia, cidadãos comuns, políticos, entidades, entre outros), em uma disputa de narrativas e de sentidos para os fatos, que muitas vezes carregam informações enganosas, em desacordo com os dados oficiais e científicos (NEWMAN, 2020), como aconteceu no caso do jornalista Bruno Dalvi Rampinelli que já narramos.

Newman (2020) destaca a preocupação global com notícias reais e falsas que circulam na internet. A média é de 56% entre os 40 países pesquisados. Já o Brasil, que se informa majoritariamente via plataformas de mídias sociais, lidera o ranking e chega a 84%, como revela a pesquisa *Digital News Report* (2020).

Nesse cenário, faz-se importante entender o significado do termo plataforma, suas características e agenciamentos, que impactam o conteúdo que aparece no *Feed* de Notícias de cada usuário. Para isso, trabalhamos com a virada crítica trazida pelos Estudos de Plataforma, os quais “capturam como a comunicação e a expressão são ativadas e restringidas por novos sistemas digitais e novas mídias”, voltados para o lucro (PLANTIN *et al.*, 2018, p. 293, tradução nossa)²⁷. Essa abordagem leva em consideração o funcionamento ou a governança das plataformas de mídias sociais digitais (D’ANDREA, 2017).

Autores como Van Dijck (2013, 2017); Van Dijck; Poell; Waal (2018); Gillespie (2010, 2014, 2018), Bucher e Helmond (2018), Helmond (2015), Bucher (2018), D’Andrea (2020), Recuero (2017, 2019), Rogers (2020) nos ajudam a entender o conceito de plataforma e destacam as características, complexidade lógica e infraestrutura desses espaços, que selecionam e influenciam o conteúdo que aparecerá no *Feed* de Notícias de cada usuário, cujas regras não são transparentes. Outrossim, discutimos se as plataformas são empresas de mídia ou empresas de tecnologia, por meio de Napoli; Caplan (2018), Devito (2016), Hutchby (2001), Hutchby; Barnett (2005) e as narrativas que a plataforma Facebook faz sobre ela mesma.

Ainda analisamos o Facebook como plataforma e seu poderio. Também analisamos as controvérsias e tensões entre o Facebook e seus usuários durante a Covid-19 no Brasil e suas ações para tentar coibir a propagação de desinformação sobre a pandemia. A seguir, vamos apresentar algumas das discussões sobre o conceito de plataforma e as diferenças das chamadas redes sociais digitais.

3.1. Redes sociais digitais ou plataformas?

Os estudos iniciais destacaram o caráter colaborativo e comunitário da internet e influenciaram a construção das chamadas redes sociais digitais e esses reflexos idealistas repercutem até hoje. De certo, a autocomunicação on-line foi possibilitada pela popularização da internet e das redes sociais digitais, que possibilitaram o acesso a ferramentas inéditas de produção e propagação de conteúdos (VAN DIJCK, 2013).

²⁷ captures how communication and expression are both enabled and constrained by new digital systems and new media

A metáfora da rede como local colaborativo, de inteligência coletiva, se espalhou, destacando a ressignificação da sociabilidade na internet por meio de perfis em sites de relacionamento, que possibilita interconexões por meio de recursos como curtidas, comentários e compartilhamentos (D' ANDREA, 2020).

Para Van Dijck (2013), as expectativas são “exageradas e nutriram um clima prematuro de vitória entre os idealistas da web” (VAN DIJCK, 2013, p. 11, tradução nossa)²⁸. Van Dijck (2013) argumenta que há a necessidade de uma história crítica sobre o avanço das mídias sociais digitais, em um panorama técnico, social, econômico e cultural, uma vez que elas transformaram a comunicação privada e pública.

Nessa virada crítica dos estudos de internet e dos estudos sociais de Ciência e Tecnologia (STS), os pesquisadores chamam a atenção para o popular uso do termo *site de rede social* como sinônimos de *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, entre outros. Chamá-los de site de rede social digital ressalta apenas o aspecto relacional, excluindo do debate os aspectos políticos, econômicos, computacional, a arquitetura e a governança dessas plataformas de conectividade on-line (D'ANDREA, 2020).

Além disso, o termo *site de rede social*, cunhado por Boyd e Ellison (2007), e muito usado em estudos de Comunicação anteriores, significando ferramentas sociais na internet que publicizam e influenciam as estruturas da sociabilidade, não dá mais conta da complexidade das propriedades das relações nesses espaços e das novas características adicionadas (RECUERO, 2019).

Dessa forma, “defendemos aqui que, na contemporaneidade, os modos de se estabelecer vínculos na web não podem ser vistos fora de uma lógica de sociabilidade programada proposta pelas plataformas” (D'ANDREA, 2020, p. 18).

Vale salientar também que rede social existe antes da internet e deve ser entendida como relação social de grupos de pessoas, em ambientes como família, amigos, colegas de trabalho, por exemplo. Nessa perspectiva, a análise de redes sociais (ARS) é o estudo sistemático das relações de grupos sociais, por meio de sua estrutura e medidas específicas. Fundamentada no sociograma de Jacob Moreno, criado na década de 30, essas redes podem ser representadas visualmente por meio de grafos (estrutura de rede), que mostram os nós (atores sociais) e suas conexões (arestas, representadas por linhas, que unem esses nós) (RECUERO, 2017, 2019).

²⁸ [...] outsized expectations nourished a premature winning mood among the web idealists.

O conceito de rede é usado como forma de conhecimento, que se multiplica e se potencializa quando associada às estruturas computacionais (VENTURINI; MUNK; JACOMY, 2018). Nas plataformas de mídias, “as conexões sociais se tornam mais materiais e, com isso, mais rastreáveis” (VENTURINI; MUNK; JACOMY, 2018, p. 9). Dessa forma, segundo Venturini; Munk e Jacomy (2018), a Teoria Ator-Rede é uma das formas de analisar essa vida coletiva moldada por plataformas, medida pela análise de redes sociais e capturada em forma de dados de rede.

Nas plataformas de mídias sociais, as lógicas de conexão são amplificadas para atender a interesses comerciais, estimulando os usuários a deixar rastros de seus gostos, preferências no ambiente on-line (D’ ANDREA, 2020).

Mas o que é plataforma? Van Dijck, Poell e Walls (2018) definem plataforma como uma arquitetura moldável engendrada para promover interações sociais entre usuários, corporações e órgãos públicos, mas alertam que sua anatomia vai além. “Uma plataforma é alimentada por *dados*, automatizada e organizada através de *algoritmos* e *interfaces*, formalizados através de relações de *propriedade* conduzidas por *modelos de negócios* e regidos por *acordos de usuários*” (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018, p. 9, grifo dos autores, tradução nossa)²⁹.

Em estudo pioneiro, Gillespie (2010) chama a atenção para a estratégia discursiva das plataformas, para enquadrar seus serviços e tecnologia nos âmbitos cultural, financeiro, político e regulatório de forma vantajosa. No discurso, colocam-se como meros “intermediários”, neutros, que oferecem abertura progressiva e democrática, facilitando acesso a informações e serviços (GILLESPIE, 2010).

Como metáfora estrutural, o termo plataforma oferece especificidade, mas, ao mesmo tempo, flexibilidade e aciona quatro significados semânticos: computacional, arquitetônico, figurativo e político (GILLESPIE, 2020). No âmbito computacional, é uma infraestrutura para projetar, construir e inovar, suportando *design* e uso de aplicativos.

No âmbito arquitetônico, enfatiza a estrutura física, horizontal, que permite comunicação, moldando, regulando e, ao mesmo tempo, são apropriadas pelos usuários. No âmbito figurativo, deve ser analisada como base para ação. No âmbito político, plataforma passou a designar o posicionamento, conjunto de ideias de um candidato durante eleições.

²⁹ a platform is fueled by *data*, automated and organized through *algorithms* and *interfaces*, formalized through *ownership* relations driven by *business models*, and governed through *user agreements*.

De acordo com D'Andrea (2020, p. 21), “Gillespie (2010) contribuiu decisivamente para a constituição de um olhar analítico que considera o entrelaçamento entre os interesses comerciais, as escolhas computacionais e os posicionamentos políticos das plataformas”.

Nessa ambiência plataformizada, *Facebook*, *Twitter*, *YouTube* e *LinkedIn* tiveram uma explosão no número de usuários e no potencial de gerar lucro. A interconexão dessas plataformas resultou no surgimento de uma nova infraestrutura: um ecossistema de mídia conectiva, que transformou, em dez anos, a “comunicação em rede em uma sociabilidade moldada por plataformas, e a cultura participativa em uma cultura da conexão” (VAN DIJCK, 2013, p. 4-5, tradução nossa)³⁰.

Dessa forma, as plataformas de mídias sociais digitais adentraram profundamente na vida cotidiana e alteraram as regras da sociabilidade, desde as interações informais entre as pessoas, à comunicação institucional e às rotinas de trabalho. Plataformas de mídias sociais, as empresas de comunicação tradicional, usuários e instituições estão imbricados em complexa dinâmica, sustentada pela lógica de funcionamento das plataformas (VAN DIJCK; POELL, 2013). Podemos testemunhar isso durante a pandemia da Covid-19. Com o isolamento social, as plataformas organizaram a vida cotidiana para o trabalho remoto, para as aulas virtuais, para o entretenimento, por exemplo. Também serviram para propagar informação e desinformação sobre a pandemia da Covid-19. Podemos afirmar que as plataformas são circuito de afetos, uma vez que as sociedades, inclusive a sociedade da plataforma, são sistemas de reprodução de formas hegemônicas de vida e produzem afetos que nos fazem assumir certas possibilidades de vida em detrimento de outras. Isso implica compreender os “modos de gestão do medo, partir de sua produção e circulação enquanto estratégia fundamental de aquiescência à norma” (SAFATLE, 2016, p. 11).

Diante disso, Van Dijck; Poell (2013) apontam quatro elementos da lógica das mídias sociais, que estão emaranhados com a mídia de massa, são elas: programabilidade, popularidade, conectividade e datificação. Por programabilidade, entendem-se códigos, dados, algoritmos, protocolos e o agenciamento dos usuários, que podem direcionar a programabilidade por meio de sua participação, mas também podem resistir e desafiar códigos e protocolos.

³⁰ The transformation from networked communication to “platformed” sociality, and from a participatory culture to a culture of connectivity.

Quanto à popularidade, Van Dijck; Poell (2013) se referem à visibilidade, gerada por meio de curtidas, *rankings* e algoritmos. Esse item quer dizer que, quanto mais uma postagem gera engajamento, mais ela circula. Podemos afirmar que a popularidade de uma postagem afeta a *timeline* discursiva, como podemos observar no estudo empírico do capítulo 4.

Já a conectividade permite a personalização de conteúdos, uma vez que se trata de uma formação mútua entre os atores envolvidos (plataformas, usuários, anunciantes etc.). Os três elementos descritos até aqui são baseados na datificação, última das quatro especificidades elencadas por Van Dijck; Poell (2013), que possibilita a criação de técnicas de previsões e análises em tempo real.

As plataformas fazem parte da vida cotidiana do brasileiro, em normalização e “aceitação onipresente das pessoas da mídia conectiva que penetra todos os aspectos da sociabilidade e da criatividade” (VAN DIJCK, 2013, p. 129, tradução nossa)³¹, performando um cotidiano midiaticizado na sociedade da plataforma.

Toda essa nova economia compartilhada, engendrada pela tecnologia, modelo econômico e usuários, fez surgir novos negócios e “a ascensão das plataformas digitais é aclamada como o motor do progresso econômico e inovação tecnológica” (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018, p. 1, tradução nossa)³².

Uma das consequências é a “plataformização da web” (HELMOND, 2015), “ascensão da plataforma como modelo infraestrutural e econômico” para o restante da web (HELMOND, 2015, p. 1, tradução nossa)³³. *Facebook* e *Google* oferecem “modelo de funcionamento computacional” para sites, blogs e portais, por exemplo, que precisam se adequar aos termos das plataformas (D’ANDREA, 2020, p. 21). É necessário discutir as características dessas plataformas e o seu modelo de funcionamento e governança. É o que faremos a seguir.

3.2. Desmontando e remontando plataformas

É preciso jogar luzes às formas de atuação das plataformas para entender seu complexo funcionamento. D’Andrea (2020, p. 25) aponta cinco dimensões, que se

³¹ [...]people’s ubiquitous acceptance of connective media penetrating all aspects of sociality and creativity.

³³ [...] the rise of the platform as the dominant infrastructural and economic model.

articulam entre si, que ajudam a “desmontar” e remontar as plataformas para entender a “complexidade dos fenômenos estudados”, a saber: datificação e algoritmos, infraestrutura, modelo de negócios, governança, práticas e *affordance*.

Conceitualmente, de acordo com Mayer-Schoenberger e Cukier (2013 *apud* VAN DIJCK, 2017, p. 41), “a datificação é a transformação da ação social em dados on-line quantificados, permitindo assim monitoramento em tempo real e análise preditiva”. Esses dados são compartilhados entre as plataformas e com terceiros, seja para anunciantes oferecerem produtos ou serviços de forma mais personalizada para público-alvo, seja para governos monitorarem comportamentos em nome da segurança nacional.

A datificação desempenha papel central nas plataformas de mídias sociais e é apontada como “novo paradigma na ciência e na sociedade” (VAN DIJCK, 2017, p. 39). Van Dijck (2017) aponta que há tolerância para a coleta e compartilhamento de dados pessoais dos usuários para ajudar a entender e monitorar o comportamento humano. Também faz uma crítica, ancorada em uma série de estudos sobre a temática, à “crença generalizada na quantificação objetiva” (VAN DIJCK, 2017, p. 43) permitida pelos dados, destacando que os dados obtidos para pesquisas acadêmicas, uso comercial ou governamental não representam a totalidade, não são neutros e nem objetivos.

Nos processos de datificação, é central o papel dos metadados, que fornecem detalhes sobre outros dados e lhes dão maior significado. Um comentário no *Facebook*, por exemplo, é acompanhado de metadados como o ID do usuário, localização, horário etc. O cruzamento e interpretação dos metadados possibilita cálculo de público-alvo para fins comerciais ou para uso político, como na identificação de suspeito de crime (D’ANDREA, 2020).

A datificação deve ser entendida em articulação com protocolos de intercâmbio de dados por meio de “web APIs”, permitindo que “o componente de um *software* faça requisições de dados a um servidor [...] oferecendo a desenvolvedores e outros usuários externos um acesso controlado a parte dos dados gerados e armazenados nas plataformas” (D’ANDREA, 2020, p. 28).

Por meio de APIs públicas, as plataformas dão acesso a parte “ínfima” dos dados (para pesquisadores, por exemplo) a partir de uma chave de acesso. Já as APIs comerciais disponibilizam dados e metadados mais detalhados ao clientes, o que

mostra a “forte assimetria econômica dessas trocas informacionais” (D’ANDREA, 2020, p. 29).

Todo esse intercâmbio padronizado de dados é base da “plataformização da web” (HELMOND, 2015) que, como dissemos, é a “ascensão da plataforma como modelo infraestrutural e econômico” para o restante da web (HELMOND, 2015, p. 1, tradução nossa)³⁴, baseado na programabilidade.

A centralidade da datificação das plataformas se evidencia ainda mais com o processamento dos dados por algoritmos. Nesse processo, datificação e algoritmos são interdependentes (D’ANDREA, 2020). Os algoritmos gerenciam a linha do tempo do usuário a partir do mapeamento das atividades on-line, temas de interesse e preferências e privilegiam “amigos” que estabelecem mais conversação, em detrimento de outros. As regras de funcionamento não são transparentes e são remodeladas periodicamente (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018; GILLESPIE, 2014).

Conceitualmente, algoritmos são “procedimentos codificados para transformar dados de entrada em uma saída desejada, com base em cálculos especificados” (GILLESPIE, 2014, p. 167, tradução nossa)³⁵.

Para Gillespie (2018), algoritmos não são algo técnico ou abstrato, mas resultam de escolhas humanas e institucionais. São processos codificados, cálculos específicos, que convertem dados em resultados almejados, como, por exemplo, fórmulas matemáticas, procedimentos de navegação e computadores, este último tido por Gillespie (2018) como máquinas algorítmicas.

Nesse cenário, a conectividade se tornou recurso valioso, uma vez que engenheiros passaram a codificar os rastros digitais dos usuários em algoritmos, que monetizam o conteúdo curtido, comentado, compartilhado ou pesquisado na internet. Publicações banais, como fotos de cachorro e paisagens, “formalizam inscrições” e categorizam o usuário em grupo maior, com mesmos interesses, para monetização desses dados pelo algoritmo (VAN DIJCK, 2013).

Automaticamente, as plataformas coletam dados dos usuários a partir de dados como curtidas, comentários e compartilhamentos, que ensinam os gostos, preferências e geolocalização dos usuários para a inteligência artificial, que os processa e os analisa. Esses dados alimentam o incremento da conectividade, dando

³⁴ [...] the rise of the platform as the dominant infrastructural and economic model.

³⁵ [...] they are encoded procedures for transforming input data into a desired output, based on specified calculations.

aos algoritmos papel destacado na arquitetura das plataformas (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018).

Gillespie (2018) destaca seis dimensões dos algoritmos que possuem valor político, que são: padrões de inclusão (o que é incluído e excluído), ciclos de antecipação (tentativa de prever os usuários), avaliação de relevância (critérios de relevância e escolhas políticas sobre o que é apropriado e legítimo, que não são claros), promessa de objetividade algorítmica (destaque do controverso caráter técnico para garantia de imparcialidade), entrelaçamento com a prática (usuários reconfiguram suas práticas, disputam politicamente e questionam os algoritmos) e produção de públicos calculados (apresentação que os algoritmos fazem dos públicos que têm interesses comuns, o que acaba criando bolhas informativas).

Gillespie (2018) salienta a importância de resistir à tentação do determinismo tecnológico, pois os algoritmos são constructos sociotécnicos, isto é, influenciam os usuários, mas também são influenciados por eles. A visão de Gillespie (2018) vai ao encontro da teoria ator-rede, de Latour (2012), que visa entender a sociologia do comportamento dos indivíduos a partir da conexão de atores humanos e não-humanos nas redes

Nesse sentido, Gillespie (2018) aconselha não considerar “efeitos”, mas entrelaçamento a todo momento, em “ciclo recursivo”, que muda a cada atividade. Considerando isso, “à medida que esses algoritmos se abrigam na vida das pessoas e nas suas rotinas informacionais, os usuários moldam e rearticulam os algoritmos com os quais se deparam” (GILLESPIE, 2018, p. 110).

Na mesma linha de pensamento, Bucher (2018) enfatiza que os algoritmos não são estáticos, mas “processos em desenvolvimento, dinâmicos e relacionais, articulando um conjunto complexo de atores, humanos e não humanos” (BUCHER, 2018, p. 14).

O *Facebook* possui vários tipos de algoritmos. Os mais conhecidos são os algoritmos do *Feed* de Notícias, implantados em setembro de 2006 (JURNO, 2020). São esses algoritmos que nos interessam nesse estudo. Segundo o próprio *Facebook* (2019), “os algoritmos do *Feed* de Notícias priorizam os *posts* que são previstos a estimular mais interação entre as pessoas, seja pelo formato [...] ou por serem *posts* compartilhados por pessoas, Grupos ou Páginas”, com os quais o usuário interage com mais frequência.

Dessa forma, algoritmos são elementos-chave na nossa participação na discussão pública, pois exercem papel cada vez mais importante ao selecionar as informações relevantes que devem aparecer na linha do tempo de cada usuário. O que nos permite afirmar que, “à medida que assumimos as ferramentas computacionais como nossa forma primária de expressão, sujeitamos discurso e conhecimento humanos às lógicas de procedimento que sustentam a computação” (GILLESPIE, 2018, p. 96).

Gillespie (2014) argumenta que a narrativa e o conhecimento humano estão submetidos aos algoritmos e isso traz implicações quando essa lógica computacional é usada para organizar e selecionar conteúdo mais relevante em um conjunto de dados formado pelos rastros digitais dos usuários, que são nomeados “algoritmos de relevância pública”.

Os algoritmos de relevância pública são feitos a partir de nossos rastros digitais, expressões e predileções, estabelecendo uma “lógica de conhecimento” baseada na avaliação dos algoritmos, que identificam o que precisamos saber (GILLESPIE, 2018, p. 97).

3.2.1. Infraestrutura

Outra dimensão das plataformas apontada por D’Andrea (2020) é a infraestrutura. Conhecendo a anatomia das plataformas, é possível identificar como a combinação de elementos gerenciam usuários e suas práticas. Van Dijck, Poell e Waal (2018) destacam cinco companhias norte-americanas que dominam o ecossistema informacional e servem de infraestrutura para todos os outros aplicativos e plataformas: *Alphabet*³⁶ - *Google*, *Facebook*, *Apple*, *Amazon* e *Microsoft*. Para se ter ideia da magnitude das cinco grandes corporações que são o coração do ecossistema informacional mundial,

os serviços de infraestrutura incluem mecanismos de busca e navegadores, servidores de dados e computação em nuvem, e-mail e mensagens instantâneas, redes sociais, redes publicitárias, lojas de aplicativos, sistemas de pagamento, serviços de identificação, análise de dados, serviços de hospedagem de vídeo, serviços

³⁶ Segundo Van Dijck; Poell; Waal (2018), *Alphabet* é o guarda-chuva corporativo dos serviços do Google.

geoespaciais e de navegação, e um número crescente de outros serviços (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018, p. 13, tradução nossa)³⁷.

Outras plataformas setoriais atendem a nichos de mercado, como notícias, hospitalidade, transporte, saúde, entre outras, mas necessitam dos serviços de informação e infraestrutura das *Big Five* (cinco grandes). Juntas, *Alphabet - Google* e *Facebook* controlam 80% dos serviços de redes sociais, com alcance mundial de mais de dois bilhões de usuários mensais. As duas empresas também dominam 60% da publicidade digital mundial e são predominantes nos serviços de identificação on-line (*login* do *Facebook*, por exemplo) como porta de entrada para outros serviços (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018).

Esses investimentos em infraestrutura das *Big Five* são chamados por Plantin *et al.* (2018) de “plataformização das infraestruturas”. Até mesmo governos e instituições públicas utilizam as plataformas globais privadas, em uma reformulação da revolução industrial do século XIX, quando as infraestruturas eram provenientes de investimentos públicos. Isso levanta a discussão entre interesse privado versus valores e bem comum.

Os discursos das plataformas de promover interação social e fortalecer a democracia e valores públicos, na verdade, se misturam a interesses econômicos. O escândalo da *Cambridge Analytica*, em 2018, por exemplo, expôs como o *Facebook* rentabiliza os dados e põe em xeque a privacidade dos usuários, chegando a influenciar o resultado da eleição presidencial nos Estados Unidos. Dessa forma, a cultura da participação também está exposta ao risco de manipulações (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018).

Nesse cenário, os governos precisam criar instrumentos regulatórios para proteger os valores públicos, como a democracia, a solidariedade, a privacidade dos dados, a liberdade, a diversidade, o direito dos consumidores. As plataformas devem pactuar o desenvolvimento de “ecossistema saudável e equilibrado”, com regras transparentes definidas por todos os atores envolvidos, como sociedade civil e governos (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018, p. 164).

No cotidiano, o que assistimos é um movimento oposto ao da regulamentação das plataformas pelos governos. Durante a pandemia da Covid-19, por exemplo, o

³⁷ Infrastructural services include search engines and browsers, data servers and cloud computing, email and instant messaging, social networking, advertising networks, app stores, pay systems, identification services, data analytics, vídeo hosting, geospatial and navigation services, and a growing number of other services

Twitter deletou duas postagens do presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro por ferirem as regras da plataforma, em 29 de março de 2020. Na ocasião, o *Twitter* removeu dois vídeos de Bolsonaro e informou que atualizou a estratégia contínua durante a Covid-19, desde 19 de março de 2020, e disse que continuará “a remover conteúdo comprovadamente falso ou potencialmente enganoso que tem maior risco de causar danos às pessoas”, como informa *post* no blog do *Twitter* Brasil³⁸. No dia 23 de março de 2020, tuíte do ministro do Meio Ambiente do Brasil, Ricardo Salles, e outro do senador brasileiro Flávio Bolsonaro, filho do presidente do país, também foram apagados por conterem vídeo antigo sobre a doença apresentado como se fosse novo, confundindo a população.

Mas essas iniciativas não foram suficientes para impedir a circulação de desinformação durante a pandemia da Covid-19. Muitas teorias da conspiração e postagens com conteúdos falsos seguem no ar sobre a doença.

3.2.2. Modelo de negócios

A terceira dimensão das plataformas, apontada por D’Andrea (2020), é o modelo de negócios. As plataformas de mídias sociais, principalmente as *Big Five*, são, a cada dia, mais protagonistas do capitalismo contemporâneo. Suas lógicas de funcionamento e constrangimentos moldam o mercado fundamentado em “movimentações financeiras transnacionais, de caráter especulativo e que acirra desigualdades e assimetrias em âmbitos locais e globais” (D’ANDREA, 2020, p. 36).

Nessa ambiência, o caráter comercial das plataformas se evidencia com o incentivo do pagamento de assinaturas para “acesso a conteúdos exclusivos, sem interrupções de anúncios e com funcionalidades extras” (D’ANDREA, 2020, p. 36).

Dados provenientes de rastros digitais, fornecidos pelos usuários, são armazenados, processados e intercambiados, em indissociável estratégia comercial e datificação. Nesse processo, as Interfaces de Programação de Aplicações (em inglês, *Application Programming Interfaces – APIs*) também têm papel fundamental. Ao mesmo tempo em que há restrições nas APIs públicas, as plataformas ampliam oferta de acessos a dados para os parceiros comerciais, atendendo “qualquer” demanda informacional (D’ANDREA, 2020).

³⁸ https://blog.twitter.com/pt_br/topics/company/2019/uma-atualizacao-sobre-nossa-estrategia-continua-durante-o-covid-19. Acesso em: 27 jul 2020.

Na esfera econômica, a propriedade e o modelo de negócios também compõem a arquitetura das plataformas. Se denominadas “globais”, fogem de regras e tributos específicos de cada país. Se o modelo de negócios, a criação e captação de valor for oferecer serviços gratuitamente, o lucro provém da rentabilização dos dados dos usuários para publicidade, que são precisamente segmentados para mensagens mercadológicas personalizadas, de acordo com sexo, idade, localização, gostos e preferências. Essa prática de governança levanta a questão da privacidade dos dados pessoais dos usuários (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018).

São exemplos dessas práticas, o *Facebook Insight* e *Google Analytics*, ferramentas que mostram comportamento dos usuários e audiência; e o *Google Adwords* e *Facebook Ads*, que possibilitam a criação e propagação de anúncios para públicos específicos, a partir de rastros digitais dos usuários.

Nesse mercado de dados, se consolidaram as chamadas “plataformas multilaterais”, ou seja, serviços on-line oferecidos pelas plataformas que são baseados na articulação com outros serviços e mercados (NIERBORG; POELL, 2018). As instituições jornalísticas são exemplo dessa dinâmica, uma vez que são dependentes das plataformas infraestruturais para circulação e remuneração de seus conteúdos (D’ANDREA, 2020).

Outro exemplo é a mídia programática, que automatiza a compra e venda de espaços publicitários on-line e “consiste na exibição de conteúdos de terceiros junto ao conteúdo dos *publishers* contratantes” (D’ANDREA, 2020, p. 40). Esse tipo de mídia ganhou destaque durante a pandemia da Covid-19 por causa do movimento *Sleeping Giant*, que chegou ao Brasil em maio de 2020, após sucesso nos Estados Unidos desde 2016. A conta no *Twitter* (@slpng_giants_pt) denuncia mídia programática de empresas anunciantes em sites e blogs que propagam desinformação ou conteúdo duvidoso³⁹, expondo a importante problemática desse sistema. Ao serem expostas publicamente, as empresas que anunciam nessas páginas, em sua maioria, acabam cancelando a publicidade e revendo sua política de mídia programática, incorporando ferramentas que prometem mitigar a veiculação de anúncios em páginas com conteúdo duvidoso⁴⁰.

³⁹ Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/05/23/cansado-de-ver-noticias-falsas-ganharem-diz-criador-sleeping-giants-brasil.htm>. Acesso em: 18 abr. 2021.

⁴⁰ Disponível em: <https://www.proxima.com.br/home/proxima/noticias/2021/03/24/sleeping-giants-o-impacto-na-midia-programatica.html>. Acesso em: 18 abr. 2021.

O *Sleeping Giants* Brasil conseguiu, por exemplo, que mais de 250 empresas retirassem anúncios dos conteúdos produzidos pelo astrólogo Olavo de Carvalho, guru bolsonarista que minimizava a pandemia da Covid-19 e propagava, dentre outros conteúdos, desinformação a respeito da doença⁴¹. Olavo de Carvalho morreu, nos Estados Unidos, em 24 de janeiro de 2022. A causa da morte não foi revelada, mas ele tinha sido diagnosticado com Covid-19 oito dias antes⁴².

3.2.3. Governança

Outra dimensão das plataformas de mídias sociais é a governança, “conjunto heterogêneo de mecanismos e práticas de ordem técnica, política, jurídica e comercial que regulam seu funcionamento” (D’ANDREA, 2020, p. 41). Nesse sentido, a governança estabelece regras, comportamentos e o conteúdo que pode ou não ser publicado. Para isso, um conjunto de APIs, algoritmos e moderadores humanos trabalham para garantir o uso adequado dos serviços disponibilizados (D’ANDREA, 2020).

Os “termos de serviços” e as “diretrizes para a comunidade” são dois documentos de governança disponibilizados em todas as plataformas. Em geral, o termo de serviço é mais formal, com ênfase jurídica, e deixa claro os termos que regem a relação entre usuário e plataforma, as obrigações do usuário e a maneira de resolver disputas que possam surgir. Por outro lado, as diretrizes para a comunidade são escritas de forma mais coloquial e informam o que a plataforma considera apropriado ou não (GILLESPIE, 2018).

O *Facebook*, por exemplo, publica nos Padrões de Comunidade detalhes “do que é ou não permitido no *Facebook*”, destacando assuntos como comportamento violento e perigoso (fraude, dolo, incitação à violência), conteúdo questionável (discurso de ódio, nudez, abordagem sexual), integridade e autenticidade (notícias falsas, mídia manipulada, segurança cibernética), dentre outros. A introdução do documento informa que as políticas do *Facebook* são criadas a partir de diálogo com

⁴¹ Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/sleeping-giants-propaganda-olavista-tem-papel-fundamental-na-radicalizacao-da-sociedade,ede10701c969f6fb9de0be66d4c8f42ceqsxy1ro.html>. Acesso em: 18 abr. 2021.

⁴² Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/01/25/morre-olavo-de-carvalho.ghtml>. Acesso em: 27 ago. 2022.

a comunidade e conselhos de especialistas de áreas, “como tecnologia, segurança pública e direitos humanos”⁴³.

Importante lembrar que esses documentos não aprofundam nas explicações e justificativas, abordam vagamente o que pode ou não ser postado e dificilmente são lidos pelos usuários finais das plataformas (D’ANDREA, 2020). Como essas documentações são insuficientes para gerir as plataformas e as práticas dos usuários, D’Andrea (2020) aponta que a política de moderação de conteúdo se torna uma importante ferramenta de governança.

Parte do trabalho é feita por algoritmos, mas 15 mil trabalhadores terceirizados (BIDDLE, 2020) também fazem a moderação de conteúdo do *Facebook* 24 horas por dia, de segunda a segunda, principalmente para avaliar conteúdos subjetivos, como discurso de ódio, bullying e perseguição (UCHINAKA, 2019). Na prática, algoritmos e moderadores humanos atuam retirando postagens de circulação, reduzindo sua visibilidade ou rotulando o conteúdo como sensível. Vale destacar que os usuários colaboram nesse processo denunciando postagens que consideram impróprias (D’ANDREA, 2020).

Fica para a inteligência artificial a remoção, em sua grande maioria, de conta falsa, spam, conteúdo gráfico e violento, nudez adulta e atividade sexual, propaganda terrorista, nudez infantil e exploração sexual de crianças, segundo o *Facebook*. Mas o “*Facebook* admitiu que seu sistema de inteligência artificial para detectar conteúdo não permitido ainda não é capaz de agir na hora de reconhecer o vídeo transmitido ao vivo”, por exemplo, como ocorreu com a *live* do atirador, em março de 2019, conhecido como o massacre em Christchurch, na Nova Zelândia (UCHINAKA, 2019). O ataque a duas mesquitas foi transmitido ao vivo no *Facebook*, por 17 minutos, e deixou 51 muçulmanos mortos⁴⁴.

Dessa forma, as *lives* rompem com os algoritmos e dificultam a mediação das plataformas, fato muito explorado por Jair Bolsonaro durante seu mandato. Todas as quintas-feiras, o mandatário transmitia *lives* sobre assuntos diversos, atacava a imprensa e divulgava sua versão dos fatos.

⁴³ Disponível em: <https://www.facebook.com/communitystandards/introduction>. Acesso em: 23 abr. 2021.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/atirador-de-massacre-em-mesquitas-na-nova-zel%C3%A2ndia-tem-pris%C3%A3o-perp%C3%A9tua/a-54716322>. Acesso em: 10 set. 2021.

3.2.4. Práticas e affordances

A quinta dimensão das plataformas, apontada por D’Andrea (2020), são as práticas e *affordances*. No cotidiano, as práticas sociais mediadas pelas plataformas de mídias sociais são construções sociotécnicas, em que emergem jogos de poder. Dessa forma, o conceito de *affordance* nos revela como os usuários constituem suas práticas a partir das possibilidades que emergem das plataformas (D’ANDREA, 2020).

Para Bucher e Helmond (2018, p. 3), o conceito de *affordance* é multivalente e é chave para se compreenderem e “analisar as interfaces de mídia social e as relações entre a tecnologia e seus usuários”.

James Gibson cunhou o termo *affordance*, nos anos 1960, no campo da psicologia ecológica para indicar todos os tipos possíveis de ação dos animais em um ambiente físico. Posteriormente, o conceito de *affordance* foi usado em estudos de Design por Donald Norman (BUCHER; HELMOND, 2018; D’ANDREA, 2020). Para Norman (1988), *affordances* são “as propriedades percebidas e reais dos objetos, principalmente as propriedades fundamentais que determinam como o objeto poderia possivelmente ser usado” (NORMAN, 1988, p. 9, tradução nossa)⁴⁵.

Os estudos de Norman (1988) são baseados em ciência cognitiva e buscam perceber o funcionamento da mente humana e sua relação com o uso cotidiano dos dispositivos. Por meio do conceito de “*affordances* percebidas”, Norman (1988) aponta que os *designers* devem projetar os objetos de tal modo que eles já encorajem e restrinjam ações dos usuários no modo de usá-los no dia a dia. A visão de Norman (1988) sobre *affordances* é bastante influente no campo do Design e virou sinônimo de usabilidade e acessibilidade, importante padrão no design de experiência do usuário, usado nas mídias sociais e indústria de tecnologia.

Na esteira da relação entre comunicação e tecnologia, o sociólogo Ian Hutchby (2001) sugere que as *affordances* possibilitam um meio termo que leva em conta como as tecnologias são socialmente construídas, seus aspectos habilitadores e constrangedores em uma ação. Hutchby (2001) desenvolveu o conceito de *affordances* comunicativas como “possibilidades de ação que emergem de [...] determinadas formas tecnológicas” (HUTCHBY, 2001, p. 30).

⁴⁵ The perceived and actual properties of the thing, primarily those fundamental properties that determine just how the thing could possibly be used

Nessa visão, são considerados os aspectos funcionais (habilitam e restringem) e os relacionais (alerta sobre as diferentes formas de uso das possibilidades de um objeto por cada usuário) (HUTCHBY; BARNETT, 2005).

O botão “curtir”, onipresente na internet e já não mais propriedade exclusiva do *Facebook* (VAN DIJCK, 2013), é exemplo de *affordance*. A imagem do botão “curtir” é usada em outras plataformas e, inclusive, fora da internet, em campanhas publicitárias, conversação entre usuários e publicações em diferentes meios de comunicação. D’Andrea (2020) relembra que, em 2016, o *Facebook* implementou os *reactions*, ampliando as manifestações de expressão por meio de emojis associados a sentimentos como *amei*, *haha*, *grr*, ao mesmo tempo em que ampliou a capacidade do *Facebook* de coletar dados dos usuários e rastrear padrões de comportamento. Essas novas funcionalidades e formas de modularização de sentimentos são realizados por meio de estudos patenteados pelo *Facebook*, como mostraram estudos da pesquisadora Debora Machado (RUDNITZKI; OLIVEIRA, 2019).

D’Andrea (2020) destaca que cada usuário vai se apropriar de formas diferentes das funcionalidades disponíveis, usando os recursos das plataformas de formas inesperadas. Um exemplo são as enquetes realizadas no *Twitter*, em que os votos são computados por meio de curtidas ou retuítes. Também é possível citar como exemplos de *affordance* “a criação de ‘eventos’ fictícios no *Facebook*, o uso da descrição do perfil para burlar a impossibilidade de compartilhar *links* no *Instagram* (“link na bio”) e a possibilidade de geolocalizar uma postagem em locais fictícios, também no *Instagram*” (D’ANDREA, 2020, p. 50). Há ainda possibilidades de ações políticas coletivas, como “descurtir” vídeo do *YouTube*, não assistir a ele e não o compartilhar.

As *affordances* mostram o caráter sociotécnico das plataformas, que se constituem mutuamente nos tensionamentos das práticas e materialidades, mesmo que o relacionamento entre usuários e plataformas seja assimétrico.

Analisando as cinco dimensões das plataformas, propostas por D’Andrea (2020), fica evidente a crescente importância das plataformas no ecossistema midiático. Inclusive há crescente discussão sobre as plataformas serem empresas de mídia ou se podem ser enquadradas como empresas de tecnologia. Esse debate não é apenas semântico e acarreta consequências. A avaliação do discurso das plataformas, questão levantada anteriormente por Gillespie (2010), foi ampliada por Napoli e Caplan (2018), que debatem se as plataformas são empresas de mídia ou

tecnologia e as implicações que essas nomenclaturas carregam. No entanto, antes vamos discutir o conceito de mídia e de dispositivos midiáticos. É o que mostraremos a seguir.

3.3. Empresas de mídia ou de tecnologia?

Alzamora, Ziller e D'Andrea (2018, p. 78) entendem mídia “como uma forma de ambiência”, de natureza flexível e dispersa, “que estabelece disposições e configura modos de agir por meio da rede que a constitui” (2018, p. 69). Os autores aproximam o conceito de mídia e de dispositivo para delinear entendimento para dispositivos midiáticos, noção que vem sendo apropriada pelos estudos nas humanidades.

Os autores partem de Foucault (1998) e de seu entendimento de que dispositivo é a rede que se estabelece entre “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (FOUCAULT, 1998, p. 244). Podemos citar as plataformas de mídias sociais como exemplo de dispositivo. Para Foucault, dispositivo não é um objeto estático, mas uma rede que se estabelece a partir de um conjunto de práticas, de relações, que estão sempre em “movimento, em adaptação, em alteração” (ALZAMORA, ZILLER, D'ANDREA, 2018, p. 63).

Dispositivo, em Foucault (1998), se relaciona com saber e poder. “O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele emergem, mas que igualmente o condicionam” (FOUCAULT, 1998, p. 246). Dessa forma, são relacionais, estão inscritos em práticas sociais.

Sendo a mídia um tipo de ambiência, configurando modos de agir e saber em sua rede, “entendemos que desvelar o dispositivo midiático pressupõe, entre outras questões, o entendimento de que este se enreda em outros dispositivos, em uma dinâmica de afetação recíproca que contamina a configuração circunstancial da materialidade midiática” (ALZAMORA, ZILLER, D'ANDREA, 2018, 69). Nesse sentido, as narrativas publicadas no dispositivo midiático Facebook ou em outras plataformas de mídias sociais, afetam os usuários que se relacionam nessa rede e as retroalimenta com opiniões, informações e discussões.

Na mesma linha de pensamento, Silverstone (2002, p.12-14) diz que a “mídia é onipresente, diária, uma dimensão essencial de nossa experiência contemporânea. É impossível escapar à presença, à representação da mídia”. O autor diz que a mídia faz parte da “textura geral da experiência”, usando a expressão de Isaiah Berlin para designar o cotidiano, os aspectos corriqueiros da experiência. Assim, a mídia faz parte do cotidiano e, ao mesmo tempo, uma alternativa a ele, um eterno fluxo da sociedade. Estudar mídia é estudar esses movimentos, esses fluxos, sua contribuição para a textura geral da experiência e vice-versa.

Mesmo desempenhando crescente e influente papel no fluxo de informações, principalmente em relação à busca por notícias (DEVITO, 2016), chegando o *Facebook* a ser apontado como a plataforma mais utilizada pelos brasileiros para consumo de notícias (DIGITAL NEWS REPORT, 2020, 2021, 2022), como já dissemos, as plataformas de mídia social e agregadores de conteúdo resistem a serem caracterizadas como empresas de mídia, preferindo se autodefinir exclusivamente como empresas de tecnologia (NAPOLI; CAPLAN, 2018).

A distinção não é apenas semântica. Pelo contrário, traz importantes consequências políticas, legais e regulatórias, como alertam Napoli e Caplan (2018). Os autores analisam três justificativas dessas empresas: não produzem conteúdo original, dizem ser cientistas da computação e argumentam que não há interferência editorial humana.

Um dos argumentos mais usados pelas plataformas de mídias sociais e agregadores de conteúdo é que, em sua maioria, eles não produzem conteúdo original, apenas facilitam a propagação e circulação de material criado por usuários. Em depoimento no Capitólio, no Congresso dos Estados Unidos, o CEO do *Facebook*, Mark Zuckerberg, disse que considera o *Facebook* como empresa de tecnologia e não uma empresa de mídia. Em suas palavras, “eu nos considero uma empresa de tecnologia porque a principal coisa que fazemos é ter engenheiros que escrevem códigos e criam produtos e serviços para outras pessoas” (CASTILLO, 2018).

Essa não foi a primeira vez que Zuckerberg se posiciona dessa forma. Em palestra na Universidade Luiss, em 29 de agosto de 2016, respondeu a um estudante italiano que “nós somos uma empresa de tecnologia, não uma empresa de mídia”, negando a intenção de produzir conteúdo (REUTERS, 2016).

Zuckerberg afirma que há na plataforma apenas engenheiros e produtos tecnológicos, e não jornalistas e produção de notícias (JURNO, 2020). Entretanto,

essa informação não é verdadeira, principalmente após o lançamento do *Facebook Journalism Project (FJP)*, em janeiro de 2017. Os principais executivos do *FJP* são conhecidos jornalistas, que passaram a atuar no *Facebook*, como a principal responsável pelo projeto, Campbell Brown. Além disso, a própria Brown anunciou a criação de programas noticiosos financiados pelo *Facebook*, em junho de 2018 (JURNO, 2020).

É importante salientar que tradicionalmente, três atividades fundamentais, mas raramente mutuamente exclusivos, descrevem a organização industrial da mídia: produção, distribuição e exibição (PICARD, 2011), o que vai ao encontro de Picard, Napoli e Caplan (2018), que argumentam que a digitalização e a convergência de mídia mudaram os fluxos de comunicação e isso significa que esses processos podem ser mesclados, com conteúdo sendo distribuído diretamente para o usuário final.

Esses processos evoluíram e a distribuição é definidora para uma empresa de mídia, tanto quanto a criação de conteúdo. A posse de conteúdo nunca foi ponto de distinção para regulação de uma empresa de mídia, remontando ao surgimento das TVs a cabo para mostrar que, no início, também não produziam conteúdo, se caracterizando apenas como distribuidores e sendo enquadradas nas leis regulatórias para a mídia (NAPOLI; CAPLAN, 2018).

A segunda linha de argumentação das plataformas de mídias sociais ao afirmarem que são empresas de tecnologia é a de terem equipe majoritariamente formada e liderada por cientistas da computação. Napoli e Caplan (2018) afirmam que o argumento é pobre e recuperam a história da mídia para mostrar que a tecnologia sempre foi essencial no desenvolvimento da comunicação, exemplificando a criação da rádio e da tecnologia de satélite, ambos redutos de engenheiros e tecnólogos na época.

O terceiro argumento é a falta de interferência humana na decisão do conteúdo que vai ao ar, uma vez que isso é feito por “algoritmos e tecnologias orientadas a dados que filtram, categorizam e classificam informação já presente no sistema, apenas refletindo o que os usuários querem” (NAPOLI; CAPLAN, 2018, p. 149).

Mas esse argumento também não é verdadeiro, uma vez que reportagens revelaram a presença de mediação humana no processo de seleção de notícias jornalísticas no *Trending*, em maio de 2016. Ex-curadores de conteúdo do *Facebook* contaram que foram orientados a incluir histórias selecionadas no *Trending*, mesmo que não fossem populares o suficiente. Dessa forma, a seção *Trending* do *Facebook*

funciona como uma redação de jornalismo tradicional e não é feito apenas por algoritmos, como divulgado pela plataforma, estando sujeito a decisões subjetivas, que podem refletir preconceitos de seus funcionários (NUNEZ, 2016).

Em 2018, o vice-presidente de operações do *Facebook*, Ellen Silver, disse que o uso de mão de obra contratada permitiu que o *Facebook* "se expandisse globalmente" - para ter moderadores de conteúdo trabalhando 24 horas por dia, avaliando postagens em mais de 50 idiomas, em mais de 20 locais em todo o mundo (NEWTON, 2019).

Os moderadores de conteúdo passam o dia assistindo aos piores do mundo, imagens e vídeos traumáticos, como cenas de violência, de racismo, assassinatos e acabam desenvolvendo crises de ansiedade, síndrome do pânico e muitos passam a acreditar em teorias da conspiração. Em 2019, *The Verge* denunciou as péssimas condições de trabalho, o ambiente nocivo e a falta de apoio para a saúde mental dos moderadores na terceirizada do *Facebook*, *Cognizant* (NEWTON, 2019).

Após as denúncias, o vice-presidente de operações do *Facebook*, Justin Osofsky, divulgou um comunicado garantindo que a empresa está comprometida "em trabalhar com nossos parceiros para exigir um alto nível de apoio a seus funcionários". O executivo disse que grande parte do trabalho de moderação de conteúdo é feita com empresas parceiras. "Essas parcerias são importantes porque nos permitem trabalhar com empresas estabelecidas que têm uma competência essencial nesse tipo de trabalho e que podem nos ajudar a melhorar rapidamente o suporte a idiomas e localização" (ALVES, 2019).

O executivo não negou as acusações. Por meio de comunicado, disse que o "*Facebook* também se comprometeu a melhorar as condições de trabalho de seus funcionários, padronizando seus contratos e buscando um *feedback* dos mesmos". A empresa também anunciou a criação de uma "linha direta de denúncias" para facilitar o processo verificação de conteúdos impróprios na plataforma (ALVES, 2019).

Esses trabalhadores horistas são terceirizados e, durante a pandemia da Covid-19, após meses de *home office*, foram obrigados a voltar ao trabalho presencial, nos Estados Unidos, em 12 de outubro de 2020, o que gerou controvérsias. Poucos dias depois, um moderador de conteúdo, contratado pela *Accenture*, em Austin, Texas, testou positivo para Covid-19. A decisão gerou protestos dos moderadores, pois os funcionários assalariados do *Facebook* foram informados que poderiam continuar trabalhando de casa, ao menos até junho de 2021. Em um comunicado, a

porta-voz da Accenture, Rachel Frey, disse: “Temos protocolos de rastreamento de contato em vigor para que qualquer um de nossos funcionários que tenha contato próximo com um membro da equipe com teste positivo para COVID-19 seja imediatamente notificado e solicite a autoquarentena” (BIDDLE, 2020).

Em novembro de 2020, um grupo de mais de 200 moderadores de conteúdo do *Facebook*, juntamente a alguns empregados de outros setores, escreveram uma carta exigindo melhores condições de trabalho. “O texto pede que a empresa pare de, desnecessariamente, arriscar a vida dos moderadores de conteúdo” (FIORE, 2020). O objetivo é convencer o *Facebook* a permitir o *home office* “para todos os empregados que sejam do grupo de risco ou convivam com alguém que pertença a um grupo de risco sejam liberados para trabalhar de casa por tempo indeterminado” (FIORE, 2020). Além disso, pedem que a empresa se estruture para permitir que o máximo de trabalho possa ser feito em *home office* (FIORE, 2020).

A tentativa da narrativa das plataformas da falta de interferência humana, que já não se sustenta, tem o objetivo de trazer a percepção de distanciamento e neutralidade. Além da moderação de conteúdo feita por humanos, como mostramos, há ainda os algoritmos, que são criados por seres humanos, que trazem consigo valores internos, preferências e inclinações (DEVITO, 2016). Dessa forma, Napoli e Caplan (2018) apontam que há uma mudança nos mecanismos de avaliações editoriais (*gatekeeping*), mas mantém-se a identidade fundamental da atividade. Além disso, as plataformas estão envolvidas em cenário de ampla circulação de desinformação e se veem impelidas a tomar decisões editoriais a todo momento (NAPOLI; CAPLAN, 2018).

Mas a característica que faz ruir toda a narrativa de ser apenas empresas de tecnologia é a centralidade da publicidade como fonte de receita das plataformas de mídias sociais e agregadores de conteúdo, definidora das empresas de mídia. Nas campanhas publicitárias, as plataformas de mídias sociais, como *Facebook*, *Twitter*, *Google*, são avaliadas junto às empresas tradicionais de comunicação, de acordo com o público que se quer atingir e os objetivos a serem alcançados (NAPOLI; CAPLAN, 2018).

No Brasil, a resolução 01/2019, do Conselho Executivo das Normas-Padrão (CENP), publicada em 16 de julho de 2019, considera veículo de divulgação ou de comunicação “todo e qualquer ente jurídico que tenha auferido receitas decorrentes de propaganda” (CENP, 2019, p. 1). O texto da resolução diz que “são veículos de

divulgação, para os efeitos desta lei, quaisquer meios de comunicação visual ou auditiva capazes de transmitir mensagens de propaganda ao público, desde que reconhecidos pelas entidades e órgãos de classe” (CENP, 2019, p. 1).

O texto também diz que era “indispensável a identificação dos veículos surgidos em consequência do desenvolvimento tecnológico” (CENP, 2019, p. 1) e passou a incluir internet, nas categorias busca, social, vídeo, áudio, display e outros. Dessa forma, as plataformas de mídias sociais passam a figurar oficialmente entre os veículos de comunicação/divulgação no Brasil. A decisão do CENP (2019) é fundamentada em parecer jurídico, elaborado pelo escritório Sampaio Ferraz Advogados, que destaca que as plataformas de mídias sociais tradicionalmente negam que são empresas de mídia.

O CENP é uma entidade com atuação nacional, mantida exclusivamente pelo setor privado, para assegurar boas práticas comerciais o mercado publicitário, em comum acordo entre anunciantes, agências e veículos⁴⁶. Importante frisar que a resolução não trata de conteúdo jornalístico.

Nesse cenário, a distribuição de conteúdo, a partir das decisões algorítmicas e curadoria humana, e a centralidade da publicidade, fonte primária das receitas, caracterizam as plataformas de mídias sociais como empresas de mídia. Para Napoli e Caplan (2018), é necessário traçar parâmetros do caráter híbrido das plataformas como empresas de tecnologia/mídia, formulando novos enquadramentos legais, regulatórios e jornalísticos. Historicamente, a tecnologia sempre norteou as mudanças na comunicação, abreviando o tempo de produção e distribuição de mensagens. Foi assim com a passagem dos manuscritos para a prensa de Gutenberg, do jornalismo impresso para o jornalismo na internet, por exemplo. Podemos afirmar que as plataformas de mídias sociais são uma nova etapa histórica da tecnologia e da mídia, que sempre estiveram imbricadas. Assim, as plataformas são empresas de mídia da contemporaneidade.

Nesse sentido, faz-se necessário entender o funcionamento do *Facebook*, compreender as características de seu ambiente midiático e suas ações no cenário de propagação de notícias.

⁴⁶ Disponível em: <https://cenp.com.br/sobre-o-cenp/o-que-e-o-cenp>. Acesso em: 5 set. 2021.

3.4. O império do Facebook

“No contexto das mídias sociais, conteúdo e forma são fatores significativos” (VAN DIJCK, 2013, p. 26-27, tradução nossa)⁴⁷. Portanto, é importante destacar as principais características da plataforma *Facebook*. Ela faz parte de um ecossistema intermediário, dinâmico, que se alimenta mutuamente, e interdependente. Assim, um conteúdo que circula no *Twitter* pode recircular no *Facebook* e/ou *Instagram*, por exemplo, uma vez que essa interoperabilidade dos sistemas é facilitada.

Em estudo que faz uma retrospectiva da evolução das plataformas, Van Dijck (2013) joga luzes sobre as características das principais plataformas e nas narrativas oficiais de cada uma delas. Nesse trabalho, nos atemos ao *Facebook* por ser a plataforma de mídia social mais usada para fonte de notícias em 2020 e 2021, segundo o *Digital News Report* (2020; 2021).

Criado em 2004, o *Facebook* é uma potência que também é formada pelo *Messenger*, *Instagram* e *WhatsApp* e detém as informações pessoais dos usuários (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018).

Durante o primeiro trimestre de 2020, época que marcou o início da pandemia da Covid-19, três bilhões de usuários acessaram ao menos uma vez por mês uma das plataformas do grupo (*Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp* e *Messenger*), como informou o G1 (2020a).

Estudos do *Cuponation*⁴⁸ mostram que as plataformas de mídias sociais tiveram ampliação do número de usuários e de tempo de uso durante a quarentena e, nesse cenário, o *Facebook* ocupa a liderança. Em 2020, o Brasil estava em quarto lugar mundial em número de usuários ativos (são 120 milhões), ficando atrás da Índia (280 milhões), Estados Unidos (190 milhões) e Indonésia (130 milhões) (SILVA, 2020). Além disso, quase 52% dos acessos a sites de mídias sociais no Brasil, no primeiro semestre de 2020, foram para o *Facebook*, seguido pelo *Instagram*, também de propriedade do *Facebook*, segundo o *Statista*.⁴⁹ Os dados mostram o importante papel desempenhado pelo *Facebook* no Brasil no período estudado.

⁴⁷ In the context of social media, content and form are a significant factor [...].

⁴⁸ Disponível em: <https://www.cuponation.com.br/insights/facebook-2020>. Acesso em: 2 mai. 2021.

⁴⁹ Disponível em: [https://www.statista.com/statistics/244936/number-of-facebook-users-in-brazil/..](https://www.statista.com/statistics/244936/number-of-facebook-users-in-brazil/). Acesso: 1 ago. 2020.

Sobre essa ambiência das plataformas, Van Dijck (2013, p. 45) recupera promessas do *Facebook* e cita entrevista de Mark Zuckerberg à jornalista da Revista *Time*, em 2010, em que ele destacava que a missão do *Facebook* era construir uma rede social padrão (*default*), com o propósito de fazer do mundo um lugar mais “aberto e conectado”. Outras entrevistas de executivos repetiram o “mantra” do *Facebook* em tornar o mundo mais empático, transparente, buscando o bem da sociedade. Mas, na prática, os resultados são outros.

No *Facebook*, compartilhar é imperativo. Van Dijck (2013, p. 46) aponta a ambiguidade do termo, uma vez que os próprios usuários propagam conteúdos pessoais entre eles, mas também há nessa ação filtragem desses dados pessoais para terceiros, em relação comercial que visa lucro. Assim, compartilhar é termo contrário à privacidade, “uma norma em evolução”, segundo Zuckerberg, na mesma entrevista para a *Time*.

Para Van Dijck (2013), a norma que está em evolução não é a privacidade, como afirma Zuckerberg, mas a ideia de compartilhar. Ela aponta o significado ideológico e social para compartilhar, como fazer amigos, curtir. Pela situação de liderança, o *Facebook* estabeleceu os modos aceitáveis para interações sociais online e seus padrões de compartilhamento influenciaram outras plataformas, reforçando valores legais, como privacidade e controle de dados. Nesse viés, é possível afirmar que “alterar o significado do compartilhamento acaba sendo vital para alterar as decisões legais relativas à privacidade e aceitar novas formas de monetização” (VAN DIJCK, 2013, p. 46, tradução nossa)⁵⁰, uma vez que, quanto mais os usuários compartilham informações, melhor para as plataformas, porque significa mais monetização.

Mas essa monetização dos dados é feita por algoritmos e protocolos invisíveis, que cumprem o trabalho programado socialmente nomeado “curtir”. Ao apertar o botão “curtir”, onipresente na internet e já não mais propriedade exclusiva do *Facebook*, dados pessoais tornam-se conexões públicas com os algoritmos “que filtram os dados produzidos pelos usuários e os moldam em um fluxo significativo de informações” (VAN DIJCK, 2013, p. 49, tradução nossa)⁵¹, customizando a linha do tempo de cada usuário e controlando um regime de visibilidade de amigos, notícias,

⁵⁰ Changing the meaning of sharing turns out to be vital to altering legal rulings concerning privacy and to accepting new forms of monetization.

⁵¹ [...] which filter data produced by users and shape them into a meaningful stream of information [...]

de acordo com os interesses de cada um, mas também podendo “promover algo ou alguém” por compartilhar dados dos usuários com terceiros.

Para Van Dijck (2013), a ambição do *Facebook* vai muito além de ser um site de rede social digital. Ele pretende ser um portal capaz de gerenciar o conteúdo social e prover infraestrutura para plataformas menores, definindo e controlando as normas da sociabilidade on-line.

Nesse cenário, o estudo evidencia a evolução do *Facebook* de rede social para plataforma estrutural, instável, promovendo mudanças contínuas e com vastas parcerias corporativas como negócio (HELMOND *et al.*, 2019). Helmond *et al.* (2019) observam que o *Facebook* se tornou programável ao convidar desenvolvedores terceiros, passando a acomodar diferentes necessidades de grupos e partes interessadas, com o lançamento beta da *Facebook Development Platform* (2006), seguida pela *Facebook Platform* (2007), versões distintas de sua base de programação.

Para isso, a plataforma passou a oferecer um conjunto de *boundary resources* (recursos de fronteira), exibindo sua arquitetura e provendo orientações sobre acessos de dados e funcionalidades da plataforma para os desenvolvedores criarem seus próprios aplicativos, a partir da base de programação oferecida pelo *Facebook* (HELMOND *et al.*, 2019).

Dessa forma, ao mesmo tempo em que negociam a programabilidade da plataforma com terceiros, por meio de *boundary resources*, conduzem parcerias, em domínios diferentes e estratégicos. “Por meio dessas parcerias empresariais estrategicamente forjadas, plataformas instilam dependências de plataforma, tornam-se incorporadas e ganham poder em outros domínios”, (HELMOND *et al.*, 2019, p. 125, tradução nossa)⁵², como publicidade, marketing, desenvolvimento de software, produção de conteúdo e publicações da mídia.

Na mesma linha de pensamento, Plantin *et al.* (2018) destacam a centralidade do *Facebook* na moldagem da nossa comunicação contemporânea:

O *Facebook* filtra nossos atos comunicativos diários por meio de uma peneira de extração de lucros, implantando sua visão íntima das atividades e relacionamentos dos usuários para o benefício de anunciantes e outros, que por sua vez fornecem mais dados (por meio do API) para o gráfico social do *Facebook*. Como resultado, seu poder

⁵² Through these strategically forged corporate partnerships, platforms instil platform dependencies, become embedded, and gain power in other domains.

de moldar nossa comunicação o comportamento para seus próprios fins aumenta. (PLANTIN *et al.*, 2018, p. 304)⁵³.

Plataformas de mídias sociais se tornaram a forma predileta de socialização na internet e são moldadas em torno do princípio da sociabilidade e as relações de amizade entre o sujeito e os outros. Trata-se de uma sociabilidade programada, dependente dos recursos da plataforma, em que a “configuração da amizade online é fundamentalmente impulsionada tecnologicamente e comercialmente motivada” (BUCHER, 2013, p. 480, tradução nossa)⁵⁴.

Por exemplo, para configuração do perfil no *Facebook*, encontrar amigos, conhecer preferências, manter uma rede de conexão entre usuários requer dependência da plataforma de *software* (BUCHER, 2013). Como Van Dijck (2012) aponta, plataformas de mídias sociais ativam impulsos relacionais, mas, para além de identificar essa sociabilidade programada, é necessário perceber como esses relacionamentos são ativados: quem ativou, com qual finalidade e utilizando quais mecanismos?

O *Facebook* facilita a amizade, ao prover plataforma para amizades existentes, mas também é um *criador de amizades*, ao auxiliar na decisão de novas amizades sugeridas pelo *software* como atores (BUCHER, 2013). Nessa ambiência, a amizade on-line é um híbrido sociotécnico, que inclui humanos e não-humanos e influenciam a circulação e a visualização de conteúdos na linha do tempo, que funciona na lógica do engajamento centrado nos *likes* (BUCHER, 2013).

A sociabilidade programada do *Facebook* atua em regime de visibilidade (BUCHER, 2012). “Tornar-se visível é ser selecionado pelo algoritmo. Inscrita na lógica algorítmica padrão do *Feed* de Notícias está a ideia de que a visibilidade funciona como uma recompensa” (BUCHER, 2012, p. 1174, tradução nossa)⁵⁵. Dessa forma, usuários comuns, empresas jornalísticas, políticos, entidades, empresas, entre outros, buscam essa visibilidade como recompensa. Na pandemia da Covid-19, narrativas contrastantes no *Facebook*, muitas delas falsas, disputavam a visibilidade

⁵³ Facebook filters our daily communicative acts through a profit-extracting sieve, deploying its intimate view of users’ activities and relationships for the benefit of advertisers and others, who in turn provide further data (via the API) for the Facebook social graph. As a result, its power to shape our communication behavior for its own ends increases.

⁵⁴ Yet, the configuration of friendship online is fundamentally technologically driven and commercially motivated.

⁵⁵ [...]becoming visible is to be selected for by the algorithm. Insccribed into the algorithmic logic of the default News Feed is the idea that visibility functions as a reward.

no *feed* de notícias com informações baseadas na ciência. Nesse contexto, importante analisar as controvérsias do *Facebook*. É o que faremos a seguir.

3.5 Controvérsias do Facebook

Como vimos, a decisão de usar uma plataforma, como o *Facebook*, implica moldar o conteúdo de acordo com as regras vigentes, que ditam o que é permitido ou proibido (BUCHER; HELMOND, 2018). Citamos casos de mediação algorítmica no *Facebook* que geraram controvérsias e ampla repercussão. Uma delas foi a censura da icônica foto *The Terror of War*, clicada por Nick Ut, na Guerra do Vietnã, que mostra Phan Thi Kim Phuc, na época com nove anos, correndo nua, junto a outras crianças, após uma ataque de napalm, em 1972. A foto, vencedora do Prêmio Pulitzer, foi postada no *Facebook* pelo jornalista e autor norueguês Tom Egeland em 2016. Ele foi banido temporariamente do *Facebook* por causa da postagem (JURNO, 2020).

Na ocasião, o jornalista publicou sete fotos que, apesar de cruéis, continham imagens que ajudaram a mudar o curso da história *The Terror of War*, a qual foi deletada pelo *Facebook* com a justificativa de que “o conteúdo violava as políticas sobre nudez, conteúdo sexual e pornografia infantil” (JURNO, 2020). Tom Egeland publicou postagens sobre sua revolta com o ocorrido em outras plataformas. No *Facebook*, postou capa de jornal da década de 70 para mostrar o conteúdo jornalístico desta. Teve a foto deletada novamente pela plataforma. Por ser um conhecido autor e jornalista norueguês, acabou influenciando muitas postagens de outros jornalistas e usuários comuns, fomentando ampla discussão na mídia nacional sobre o assunto, todas deletadas pelo *Facebook*. O caso ganhou repercussão internacional (JURNO, 2020).

O *Facebook* só reconsiderou a decisão em 9 de setembro de 2016, 20 dias após o início da controvérsia, “depois que o *Aftenposten*, o jornal de maior circulação na Noruega, escreveu uma carta aberta a Mark Zuckerberg criticando sua empresa por abuso de poder e censura do uso da fotografia no *Facebook*. Por meio de um porta-voz, disse que ouviu a comunidade e decidiu reconhecer “a história e a importância global dessa imagem em documentar um momento particular no tempo” (HEATH, 2016, tradução nossa)⁵⁶. Também prometeram recuperar a imagem de onde

⁵⁶ “the history and global importance of this image in documenting a particular moment in time” (HEATH, 2016).

ela tinha sido removida, ajustar os mecanismos de revisão para que a foto pudesse ser compartilhada e “se engajar com editores e outros membros de nossa comunidade global sobre essas questões importantes daqui para frente” (HEATH, 2016, tradução nossa)⁵⁷

Outra controvérsia semelhante aconteceu no Brasil, também em 2016, quando o *Facebook* bloqueou página da revista *Piseagrama* por publicar na capa foto da índia Yawalapiti, da Amazônia, com seios nus e uma muda de árvore nas mãos. O *Facebook* nunca respondeu aos administradores da revista, que precisaram criar nova página, onde publicaram a imagem da índia com os seios cobertos. Para os editores, “parece que a galera do Vale do Silício não entendeu que indígena não usa camiseta e que seio de fora não é pornografia. Aliás, não podemos deixar de comentar que há bastante machismo e puritanismo hipócrita nessa política” (JURNO, D’ANDREA, 2017).

Antes disso, o *Facebook* já havia invisibilizado imagens de indígenas no Brasil. Uma foto de casal de Botocudos, ambos com seios nus, foi censurada, no lançamento do Portal Brasileira Fotográfica, do Ministério da Cultura, em abril de 2015, às vésperas do Dia do Índio. O então ministro da Cultura, Juca Ferreira, disse que “tenta impor ao Brasil, e às demais nações do mundo onde a empresa opera, seus próprios padrões morais, agindo de forma ilegal e arbitrária”. “O *Facebook* e outras empresas globais”, concluía ele, “operam numa lógica muito próxima à dos tempos coloniais” (JURNO; D’ANDREA, 2017). O *Facebook* desbloqueou a foto e afirmou que “não é fácil encontrar o equilíbrio ideal entre permitir que as pessoas se expressem criativamente e manter uma experiência confortável para a nossa comunidade global e culturalmente diversa” (JURNO, D’ANDREA, 2017).

Os exemplos da proibição dos seios desnudos das mulheres indígenas deixam claro a tentativa de o *Facebook* impor seus próprios valores, ignorando a cultura brasileira. Se um país tiver valores opostos aos das plataformas, o que vai valer?

A própria política das operadoras de telefonia no Brasil é controversa e escancara a desigualdade da tecnologia do Brasil e a necessidade de democratização da internet. A maioria dos pacotes mais populares dá acesso livre às plataformas de mídias sociais, sem consumir o pacote de dados de internet. Os brasileiros não pagam para consumir conteúdos no Facebook, Twitter, Instagram, WhatsApp, entre outras.

⁵⁷ “will be engaging with publishers and other members of our global community on these important questions going forward” (HEATH, 2016).

Dessa forma, a busca por conteúdo nas mídias sociais digitais no Brasil é determinada por essa estrutura dos planos de dados ofertados pelas empresas de telefonia. Ter acesso à internet não quer dizer ter qualidade de acesso, uma vez que a maioria dos portais de notícias, do jornalismo tradicional, fecharam o conteúdo para assinantes. Ler notícias de diferentes fontes afeta o bolso do cidadão e esse quadro, certamente, contribui para o cenário midiático em que vivemos. Acostumados com conteúdos que desde os primórdios da internet eram ofertados gratuitamente, muitos brasileiros resistem ou não têm condições de pagar por assinaturas de portais de notícias.

Como a Digital News Report 2022 mostrou, as plataformas de mídias sociais são a principal fonte de notícias para os brasileiros. Ao mesmo tempo que revela mudança nos hábitos de consumo de mídia, pode também refletir a facilidade e gratuidade de consumo de informações limitadas. Em 2022, apenas 18% dos entrevistados pela pesquisa disseram pagar por informações, tímidos 1% a mais que a pesquisa de 2021. Esse cenário amplia a problemática da desinformação.

A desinformação é uma preocupação crescente das plataformas, que se veem pressionadas por soluções. Curioso notar que, ao invés de os governantes regularem as plataformas, como sugerido por Van Dijck, Poell e Waal (2018), na prática ocorre justamente o contrário. Governantes que propagam desinformação têm conteúdos removidos pelo *Facebook* e outras plataformas, como dissemos no capítulo anterior. Em 30 de março de 2020, por exemplo, o *Facebook* e *Instagram* deletaram vídeo do presidente do Brasil Jair Messias Bolsonaro em que ele provoca aglomeração e se posiciona contrário ao isolamento social para conter a Covid-19. Um porta-voz do *Facebook* disse que a plataforma retira do ar "conteúdo no *Facebook* e *Instagram* que viole nossos Padrões da Comunidade, que não permitem desinformação que possa causar danos reais às pessoas"⁵⁸.

Os Padrões de Comunidade do *Facebook* proíbem postagens com comportamento violento e perigoso (fraude, dolo, incitação à violência), conteúdo questionável (discurso de ódio, nudez, abordagem sexual), integridade e autenticidade (notícias falsas, mídia manipulada, segurança cibernética), dentre

⁵⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/03/30/facebook-e-instagram-removem-video-de-jair-bolsonaro-por-violacao-de-regras.ghtml>. Acesso em 27 jul. 2020.

outros⁵⁹. Dessa forma, as plataformas atuam com autorregulação e tentam frear governantes que propagam desinformação.

Nesse cenário, ocorre justamente o oposto ao desejável, de acordo com Van Dijck, Poell e Waal (2018), que defendem que os governos precisam criar instrumentos regulatórios para proteger os valores públicos, como a democracia, a solidariedade, a privacidade dos dados, a liberdade, a diversidade, o direito dos consumidores. As plataformas devem pactuar o desenvolvimento de “ecossistema saudável e equilibrado”, com regras transparentes definidas por todos os atores envolvidos, como sociedade civil e governos (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018, p. 164).

Isso coloca em questão a possibilidade real de os governos regularem as plataformas, como o próprio Jair Messias Bolsonaro tenta fazer desde 2020. Ele assinou medida provisória (MP) que dificultava a remoção de conteúdos pelas plataformas no Brasil. A MP interferia diretamente na forma como as plataformas podiam moderar os conteúdos postados. Estabelecia que “a exclusão, o cancelamento ou a suspensão, total ou parcial, dos serviços e das funcionalidades da conta ou do perfil de usuário de redes sociais somente poderá ser realizado com justa causa e motivação” (MP N.1068)⁶⁰.

Também estabelecia situações em que ocorreria esta justa causa: “como nudez, apologia ao consumo de drogas e estímulo à violência contra animais”. Entretanto, deixava de fora a possibilidade de exclusão, cancelamento ou suspensão da desinformação ou informações falsas⁶¹. O Senado, no entanto, rejeitou sumariamente a medida provisória n. 1.068, de 2021, em 14 de setembro de 2021, e devolveu o texto à presidência da república⁶².

Nessa ambiência, surge o termo deplataforma. A deplataforma, que pode ser entendido também como “a remoção de uma conta nas redes sociais por quebrar regras de plataforma, tem aumentado recentemente” (ROGERS, 2020, p. 2, tradução

⁵⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/communitystandards/introduction>. Acesso em: 23 abr. 2021.

⁶⁰ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2021-09/senado-devolve-mp-que-dificulta-exclusao-de-conteudos-de-redes-sociais>. Acesso em 27 ago 2022.

⁶¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/09/06/bolsonaro-assina-mp-que-dificulta-remocao-de-conteudo-das-redes-sociais.ghtml>. Acesso em 11 set. 2021.

⁶² Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2021-09/senado-devolve-mp-que-dificulta-exclusao-de-conteudos-de-redes-sociais>. Acesso em 27 ago 2022.

nossa)⁶³. O método é usado, nos últimos anos, pelo *Facebook*, *Instagram*, *YouTube*, *Twitter* e outras plataformas, como antídoto contra a toxidade de discursos extremos de grupos de ódio, neonazistas, antissemitas, nacionalistas brancos, que estão tendo as contas suspensas e conteúdos postados removidos (KRAUS, 2018). Muitos dos que sofreram com a política de deplataforma são de extrema-direita e acabam migrando para plataformas alternativas, como o *Telegram*. Os banidos se comportam como vítimas de censura e muitos acabam ganhando novos seguidores por causa da repercussão dos casos em plataformas alternativas e mídia tradicional (ROGERS, 2020).

De acordo com Doria (2021), “como se vendem como plataformas neutras, sempre que banem alguém as redes são acusadas de censura. Se fossem vistas pelo que de fato são — veículos com características novas, por serem digitais — esta acusação nunca surgiria”.

Um dos casos mais emblemáticos ocorreu em 8 de janeiro de 2021, quando o *Twitter* banuiu permanentemente a conta do ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump. “Após uma análise detalhada das mensagens recentes da conta (de Trump) e do contexto em torno delas, suspendemos permanentemente o perfil devido ao risco de mais incitação à violência”, disse o *Twitter*.

No dia da invasão ao Congresso americano, em 6 de janeiro de 2021, durante a sessão conjunta entre deputados e senadores para a certificação da vitória de Biden, a conta de Trump foi bloqueada por 12 horas. O ex-presidente voltou à plataforma depois, mas o *Twitter* decidiu pelo banimento após carta de seus funcionários. Trump não reconhecia a vitória do adversário e fazia acusações sobre possíveis fraudes nas eleições⁶⁴.

Meses depois, em 4 de junho de 2021, o *Facebook* suspendeu as contas do ex-presidente Donald Trump por dois anos. A decisão foi tomada após o conselho fiscalizador independente do *Facebook* se pronunciar em favor da suspensão da conta do ex-presidente, por causa do incentivo ao ataque ao Capitólio, nos Estados Unidos. A suspensão será reavaliada em 7 de janeiro de 2023. Diante disso, o comunicado da plataforma foi o seguinte: “dada a gravidade das circunstâncias que levaram à

⁶³ Deplatforming, or the removal of one’s account on social media for breaking platform rules, has recently been on the rise.

⁶⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/01/twitter-suspende-conta-de-donald-trump-permanentemente.shtml>. Acesso em 11 set. 2021.

suspensão do sr. Trump, acreditamos que suas ações constituíram uma violação grave de nossas regras, o que merece a maior pena possível” (BEAUREGARD, 2021).

A política de deplataforma também atingiu um grupo de pesquisadores do projeto *NYU Ad Observatory*, da Universidade de Nova Iorque, criado para examinar a origem e a difusão de anúncios políticos no *Facebook*. O objetivo do estudo era descobrir quem paga por anúncios políticos e como eles estão sendo direcionados, o que expõe falhas do *Facebook*, “uma vez que a empresa não verifica os fatos dos anúncios políticos” (VINCENT, 2021).

Para a pesquisa, os acadêmicos criaram um *plug-in*, chamado *Ad Observer*, que coleta automaticamente dados sobre quais anúncios políticos os usuários estão sendo exibidos e por que esses anúncios estão sendo direcionados a eles. Segundo os pesquisadores, o *plug-in* não coleta nenhuma informação de identificação pessoal, incluindo o nome do usuário, número de ID do *Facebook* ou lista de amigos (VINCENT, 2021).

Mas, o *Facebook* entendeu que os pesquisadores violaram os termos de uso e banuiu as contas pessoais dos acadêmicos, que também perderam o acesso ao *CrowdTangle*. Para a plataforma, o *plug-in Ad Observer* “coletou dados sobre usuários do *Facebook* que não instalaram ou consentiram com a coleta” (VINCENT, 2021). Todavia, para Laura Edelson, uma das pesquisadoras banidas, a empresa quer acabar com o escrutínio independente na plataforma

Como dissemos, a desinformação é outra preocupação crescente das plataformas. Em meio a tantas controvérsias e política de dados oscilante, o *Facebook* anunciou uma série de ações para tentar conter a desinformação sobre a Covid-19. A seguir, analisamos o discurso e controvérsias sobre as práticas do *Facebook* durante a pandemia da Covid-19.

Facebook e desinformação na Covid-19

No primeiro ano da pandemia da Covid-19, o *Facebook* anunciou implementação de um centro de informações sobre a doença, em 18 de março de 2020, no topo do *Feed* de Notícias. Inicialmente, o centro de informações passou a funcionar na Itália, França, Alemanha, Espanha, Reino Unido e Estados Unidos. Na sequência, outros países tiveram a funcionalidade implementada (LAVADO, 2020).

O centro reúne vídeos, artigos e dicas de como se prevenir da doença e sobre a importância do distanciamento social. "Queremos ter certeza que as pessoas têm acesso à boa informação, vinda de fontes confiáveis", disse o CEO do *Facebook*, Mark Zuckerberg, em entrevista coletiva. Na ocasião, também disse que a maioria dos colaboradores e moderadores de conteúdos terceirizados estavam trabalhando em *home office* (LAVADO, 2020), o que vimos que não se sustentou, uma vez que os terceirizados do Texas voltaram ao trabalho presencial e outubro de 2020 (BIDDLE, 2020).

Texto no *Facebook for Media* informa que "o *Facebook* está trabalhando para apoiar a Organização Mundial da Saúde (OMS), Unicef, e Ministérios da Saúde de vários países para conectar as pessoas a informações precisas e ajudar a limitar a propagação de notícias falsas"⁶⁵. O Centro de Informações sobre a Covid-19 traz atualizações de autoridades nacionais e organizações globais de saúde, como da Organização Mundial da Saúde (OMS), artigos, vídeos e *posts* sobre distanciamento social e sobre prevenção⁶⁶.

A iniciativa traz números atualizados da doença no mundo, dicas de prevenção, últimas postagens da Unicef e OMS, em clara curadoria de conteúdo com interferência humana, em uma espécie de seleção e edição das notícias mais importantes sobre a temática. O *Facebook* diz que a iniciativa é para conter a desinformação sobre a doença, e a OMS recebeu créditos para promoção de campanhas informativas⁶⁷.

A plataforma anunciou, em 25 de março de 2020, "medidas para apoiar o trabalho que o Ministério da Saúde está fazendo para conter a disseminação do coronavírus e manter as pessoas seguras no Brasil". A plataforma também forneceu créditos para que o Ministério da Saúde promova campanhas no *Facebook* e *Instagram* sobre prevenção⁶⁸. No dia seguinte, anunciou lançamento, em parceria, de *bot* do Ministério da Saúde do Brasil no *WhatsApp*, "para esclarecer dúvidas sobre o

⁶⁵ Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/formedia/solutions/coronavirus-resources>. Acesso em: 26 abr. 2021.

⁶⁶ Disponível em: <https://about.fb.com/br/news/2020/04/coronavirus/#centro-informacoes>. Acesso em: 12 set. 2021

⁶⁷ Disponível em: <https://about.fb.com/br/news/2020/03/combater-a-desinformacao-sobre-Covid-19-em-nossos-aplicativos/>. Acesso em: 12 set. 2021.

⁶⁸ Disponível em: <https://about.fb.com/br/news/2020/04/coronavirus/#ministerio>. Acesso em: 12 set. 2021.

coronavírus, auxiliar no diagnóstico, informar sobre a rede de assistência e orientar profissionais de saúde”⁶⁹.

A parceria é controversa. O próprio Ministério da Saúde promoveu o kit Covid-19 como política pública, com remédios sem eficácia comprovada. Em 20 de maio de 2020, o Ministério da Saúde divulgou orientações para “manuseio medicamentoso precoce de pacientes com diagnóstico da Covid-19”. O documento orienta a prescrição de Difosfato de Cloroquina, Azitromicina, Sulfato de Hidroxicloroquina, em diferentes dosagens, a depender da fase da doença, para uso no Sistema Único de Saúde (SUS)⁷⁰.

Na época, o Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass) divulgou nota contrária à medida, denunciando que o documento de orientação do Ministério da Saúde foi feito sem participação técnica e pactuação tripartite. A nota do Conass ainda diz que “não há evidências científicas que sustentem a indicação de quaisquer medicamentos específicos para a Covid-19”⁷¹.

A FDA, agência norte-americana que regulamenta o uso de medicamentos nos Estados Unidos, revogou, em 15 de junho de 2020, a autorização emergencial de uso de cloroquina e hidroxicloroquina no tratamento da Covid-19⁷². Mesmo assim, o Ministério da Saúde manteve a orientação. Dessa forma, o *Facebook* ajudou a propagar desinformação ao fazer parceria com governo que nega a Ciência e minimiza a pandemia.

Em 12 de setembro de 2021, a Central de Informações sobre Covid-19 mostra, em destaque, à direita da tela, uma lista das principais organizações de saúde, com botão para seguir suas respectivas páginas. Constam na lista: Unicef Brasil, Instituto Butantan, OPAS OMS Brasil, Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm), PAHO-WHO, *World Health Organization* (WHO) e Unicef. Há, no centro da página, um “saiba

⁶⁹ Disponível em: <https://about.fb.com/br/news/2020/04/coronavirus/#ministerio-bot>. Acesso em: 12 set. 2021.

⁷⁰ Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/orientacoes-manuseio-medicamentoso-covid19-pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.

⁷¹ Disponível em: <https://www.conass.org.br/nota-oficial-sobre-o-documento-intitulado-orientacoes-do-ministerio-da-saude-para-tratamento-medicamentoso-precoce-de-pacientes-com-diagnostico-da-Covid-19-lancado-pelo-ministerio-da/>. Acesso em: 12 set. 2021.

⁷² A nota do FDA diz que “o FDA concluiu, baseado em novas informações e outras discussões anexadas a este memorando, que não há mais razão para acreditar que fórmulas orais de cloroquina e hidroxicloroquina podem ser efetivas para tratar a Covid-19, nem que é há razão para crer que os conhecidos e potenciais benefícios destes produtos são maiores que os potenciais riscos”. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/06/15/agencia-dos-eua-revoga-autorizacao-para-uso-da-cloroquina-contr-a-Covid19.htm?next=0001H1144U11N&cmpid=copiaecola>

mais sobre o coronavírus (COVID-19) no site coronavirus.saude.gov.br. O site é do Ministério da Saúde do Brasil, órgão oficial de combate à Covid-19 no Brasil, cujo presidente foi eleito democraticamente. Ao lado, há um ícone de informações que traz *links* para o site das principais organizações de saúde, as mesmas listadas acima⁷³. A parceria controversa ainda está vigorando e levanta uma complexa discussão sobre limites das plataformas e relacionamento com governos de cada país em que atuam. Desde janeiro de 2020, segundo o vice-presidente de Assuntos Globais e Comunicação da Meta, Nick Clegg, o *Facebook* remove publicações que fazem

alegações falsas sobre curas, tratamentos, disponibilidade de serviços essenciais ou sobre a localização e gravidade do surto. Atualizamos regularmente as políticas para conteúdos passíveis de remoção com base em orientações da OMS e de outras autoridades de saúde. (CLEGG, 2020, P. [1])

Uma dos temas de remoção são as alegações de que o distanciamento físico não ajuda a impedir a propagação da Covid-19, como informa texto no blog da plataforma.

O *Facebook* também disse que trabalha com rede de mais de 55 parceiros de verificação de fatos, com mais de 45 idiomas, para desmascarar teorias da conspiração e boatos. A plataforma também anunciou parceria com a *International Fact-Checking Network* (IFCN) para “lançar um programa de subsídios de US\$1 milhão para aumentar sua capacidade durante esse período”. Quando uma postagem é classificada como falsa por um verificador de fatos, o *Facebook* reduz sua distribuição e insere marcações para avisar sobre o conteúdo enganoso⁷⁴.

Em 30 de março de 2020, o *Facebook* anunciou “investimento adicional de US\$100 milhões para apoiar jornalistas – incluindo um fundo emergencial de US\$25 milhões para notícias locais através do *Facebook Journalism Project*, e um adicional de US\$75 milhões em gastos marketing para canalizar recursos para *publishers* ao redor do mundo, num momento em que a receita deles com publicidade está em

73

Disponível

em:

[https://www.facebook.com/coronavirus_info/?page_source=bookmark&hoisted_module_types\[0\]=update&hoisted_module_types\[1\]=vaccine_finder&hoisted_module_types\[2\]=vaccine_tracker&hoisted_module_types\[3\]=latest_news](https://www.facebook.com/coronavirus_info/?page_source=bookmark&hoisted_module_types[0]=update&hoisted_module_types[1]=vaccine_finder&hoisted_module_types[2]=vaccine_tracker&hoisted_module_types[3]=latest_news). Acesso em: 12 set. 2021

⁷⁴ Disponível em: <https://about.fb.com/br/news/2020/03/combater-a-desinformacao-sobre-Covid-19-em-nossos-aplicativos/>. Acesso em: 12 set. 2021.

declínio”. O investimento se soma ao apoio anunciando anteriormente: US\$1 milhão em doação para notícias locais, US\$1 milhão em doação para organizações de checagem de fatos e US\$1 milhão em doação para a *International Fact-Checking Network* (IFCN)⁷⁵.

Há um esforço na propagação de informações fidedignas sobre a pandemia da Covid-19, mas, ao mesmo tempo, o *Facebook* tem parcerias controversas, como a com o Ministério da Saúde do Brasil, e também esbarra nas crenças e afetos que cada usuário terá sobre cada postagem. O próprio *Facebook* retirou do ar transmissão de Bolsonaro, em que ele associou as vacinas contra Covid-19 à AIDS, em 25 de outubro de 2021. Foi a primeira vez que a plataforma restringiu conteúdo de Bolsonaro. Pela desinformação propagada pelo presidente do Brasil, as vacinas produzidas com adenovírus facilitariam a infecção pelo HIV, o que foi desmentido por especialistas⁷⁶. Antes, em agosto de 2021, Bolsonaro impôs sigilo de 100 anos em seu cartão de vacinação⁷⁷.

Nesse cenário, as plataformas algorítmicas são usadas como estratégia de comunicação política, que propagam desinformação e promovem disputas narrativas, que confundem o cidadão, em uma guerra híbrida, “tomada aqui como uma modalidade contemporânea de luta política baseada na desestabilização permanente, podendo apresentar-se como organizada horizontalmente ou comandada a partir de uma máquina de guerra” (CASTRO, 2019, p. 1). É nessa temática que vamos nos aprofundar no capítulo 5, quando analisamos as postagens públicas de quatro marcos discursivos sobre a pandemia da Covid-19, no *Facebook* Brasil, em 2020.

⁷⁵ Disponível em: <https://about.fb.com/br/news/2020/04/coronavirus/#industria-noticias>. Acesso em: 12 set. 2021.

⁷⁶ Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/bandnews-fm/noticias/facebook-retira-do-ar-transmissao-de-bolsonaro-que-associa-vacinas-com-aids-16456388>. Acesso em 8 set. 2022.

⁷⁷ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/08/4941718-bolsonaro-sobre-sigilo-de-100-anos-nao-tem-nada-de-esquisito-nada-de-anormal.html>. Acesso em 8 set. 2022.

4 POPULISMO DIGITAL E DESINFORMAÇÃO PROPAGÁVEL

Era para ser um dia feliz. Aniversário costuma ser uma data festiva, mas, naquele ano, Júlia não tinha motivos para comemorar. Fazia tempo em que a angústia dominava seus dias. Mas a ferramenta de avisos de aniversário do *Facebook* e as dezenas de mensagens de parabéns foram a gota d'água para ela revelar aos amigos virtuais aquilo pelo que estava passando. Em vez das corriqueiras mensagens de agradecimento, Júlia contou, em postagem no *Facebook*, que seu marido, João, pai de seus dois filhos, estava com Covid-19 e internado, em estado grave, na UTI. Esperando um milagre, ela pediu orações como presente e passou a contar o estado de saúde do companheiro pela plataforma e pelo *WhatsApp*, sempre deixando clara sua fé em Deus. Júlia e eu trabalhamos na mesma empresa e setor por muitos anos e nossos ex-colegas de trabalho sempre mandavam notícias sobre o estado de saúde de João.

Intubado, sedado, alimentado por sonda, foi colocado de bruços no leito (pronado), por vários dias, para melhorar a oxigenação, cena que se tornou comum nas unidades de terapia intensiva destinadas ao tratamento de pacientes com Covid-19. Da revelação da internação no *Facebook* à alta foram 28 dias, em 2020. Muito católica, no dia da alta, Júlia contou a novidade e escreveu, "ao nosso Deus de milagres toda honra e toda glória".

Passado o susto, procurei-a para conversar sobre a experiência, em tentativa de humanizar as estatísticas da tese. Para minha surpresa, Júlia negou a conversa. Desejou sucesso na tese, mas se justificou dizendo que a internação de João ainda era um tema sensível para a família, que eles não gostariam de relembrar. Testemunhamos a tentativa de fazer desaparecer evidências. É o que Das (2020) nomeia "descida ao cotidiano por meio do qual as vítimas e os sobreviventes afirmam a possibilidade da vida removendo-a da circulação de palavras que se tornaram selvagens – dando um lar às palavras, por assim dizer" (DAS, 2020, p. 292).

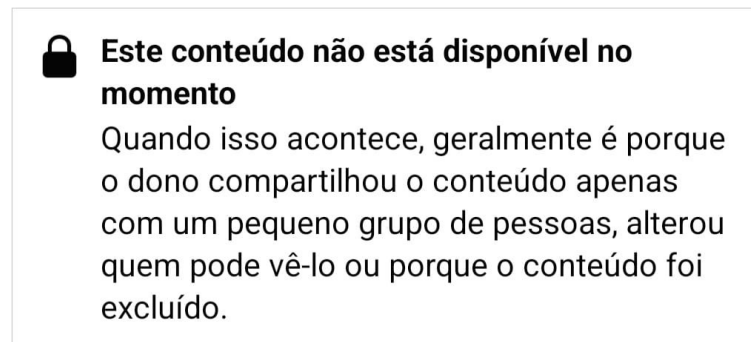
Já estava desistindo de contar o caso quando fui olhar o perfil de ambos no *Facebook*. Júlia é muito discreta e quase não tem postagens na plataforma. Para minha surpresa, João, mesmo após a cura da Covid-19, se posicionou a favor do tratamento precoce contra Covid-19, contra o distanciamento social, contra o uso de máscaras, contra as vacinas, divulgando textos de sites de direita que se comportam

como empresa jornalística, como o *Terça Livre*, e muitos vídeos de *YouTube*, que divulgam desinformação e teorias da conspiração.

Também fez campanha para a volta das missas presenciais e defendia a importância da comunhão, mesmo na fase aguda da pandemia. “Satanistas” não querem a igreja aberta. Para João, a Covid-19 é uma “praga chinesa”, o uso de máscaras é para a China vender mais, as vacinas causam trombose em idosos e miocardite em crianças. Em vários posts, o *Facebook* insere abaixo da postagem uma legenda chamando para leitura sobre o assunto na Central de Informações sobre Covid-19, na própria plataforma. Em uma postagem, o *Facebook* informa que o *link* da postagem é parcialmente falso e foi checado por empresas de checagem de notícias.

Como dissemos, as postagens precisam obedecer às regras impostas pelas plataformas de mídias sociais. Em ao menos cinco postagens, no decorrer de um ano, o *Facebook* pode ter retirado o conteúdo postado por João do ar, porque há a seguinte mensagem:

Figura 2 – Mensagem do Facebook no perfil de João



Fonte: Perfil de Facebook do João

Como dissemos, a extrema direita faz ataques constantes à imprensa e ao jornalismo tradicional e fomentam canais próprios de informação. A pesquisa *Digital News Report 2022* apontou que Jair Messias Bolsonaro ataca rotineiramente a imprensa, em meio a evidências de crescente fadiga de notícias. Nesse cenário, João é um exemplo de como as pessoas podem ser afetadas por narrativas constantes de desqualificação da imprensa tradicional e teorias da conspiração.

No ano de 2020, por exemplo, foram registrados 428 casos de ataques à imprensa, número recorde, segundo *Relatórios de Violência contra Jornalistas e*

Liberdade de Imprensa no Brasil, da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj)⁷⁸. A agência de *fact-checking* Lupa mostrou que Bolsonaro atacou a imprensa em 42 das 49 *lives* semanais que ele apresentou nas plataformas de mídias sociais em 2021⁷⁹.

Não sou amiga de João no *Facebook*, mas seu perfil é público e todo o conteúdo segue no ar. Resolvi contar a história usando nomes fictícios porque o caso ilustra a ambiência midiática em que vivemos na nossa sociedade. Sociedade entendida aqui como circuito de afetos (SAFATLE, 2016), como já mencionamos.

Como dissemos anteriormente, medo e esperança são afetos que se complementam. Um não existe sem o outro (ESPINOSA, 2016). Dessa forma, esses afetos são postos em circulação também por narrativas em plataformas de mídias sociais. Em meio à abundância de informações, com produção e propagação de conteúdo de vários para vários, circulam muitas narrativas falsas ou imprecisas, teorias conspiratórias sobre diversos assuntos e sobre a origem do Coronavírus, a causa da Covid-19, tratamento e propagação. É a chamada desinformação, que é propagável na sociedade da plataforma e é alimentada por lideranças por meio do populismo digital.

Este capítulo trata das mudanças no jornalismo com a liberação do polo de emissão de conteúdo e popularização da internet e das plataformas de mídias sociais, e como esse cenário midiático amplia a propagação de desinformação. Também discute narrativas, acontecimentos e *timelines* discursivas. Por fim, trata da necropolítica e do necropoder, para explicar as várias formas, na contemporaneidade, de subjugação “da vida ao poder da morte”, conferindo às pessoas o status de “mortos-vivos” (MBEMBE, 2016, p. 146), aborda também o populismo digital (CESARINO, 2019;2020) e a desinformação como estratégia de comunicação política.

Isso porque a pandemia mobilizou um conjunto de afetos, entendido como “forças corporais pré-individuais que aumentam ou diminuem a capacidade do corpo de agir e quem se engajam criticamente com as tecnologias tornam possível

⁷⁸ Disponível em: <https://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contrajornalistas-e-liberdade-de-imprensa-no-brasil/>. Acesso em 10 set. 2021.

⁷⁹ <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/12/4972684-bolsonaro-atacou-jornalistas-e-imprensa-em-86-das-lives-feitas-em-2021.html>. Acesso em 2 jul. 2022.

apreender e manipular o dinamismo imperceptível do afeto” (CLOUGH, 2007, p. 1-2, Tradução nossa)⁸⁰.

Tecnologias mobilizam afetos e as mídias sociais digitais possibilitam uma íntima expansão técnica dos sentidos (CLOUGH, 2007). Dessa forma, narrativas sobre acontecimentos em plataformas de mídias sociais ajudam a formar entendimentos sobre o assunto a partir de diversos fragmentos que nos chegam. Afetos e comunicação andam juntos, muito próximos. “Os afetos são comunicação: alguma coisa se comunica pelos afetos, alguma coisa está comunicada nos afetos. Dito de outro modo, nossa comunicação se realiza através dos afetos e sobre um fundo de afetos” (MORICEAU, 2020, p. 23). São os afetos que nos conectam com o mundo, nascem do encontro com o outro e nos colocam em comunicação (MORICEAU, 2021). Dessa forma, o exemplo de João nos mostra, por meio de narrativas no Facebook, como ele foi afetado pela doença.

4.1 Desinformação propagável

O exemplo das narrativas que João ajudou a propagar mostra também que “nunca antes tanta gente pôs em prática técnicas, processos e estratégias jornalísticas para se comunicar. O jornalismo tornou-se uma propriedade não apenas de empresas e profissionais” (MOTTA, 2014, p. 9-10). Com a popularização da internet e das plataformas de mídias sociais, o jornalismo se tornou atividade generalizada. “A sociedade se apropriou do jornalismo. As fontes não são mais um lugar onde jorra uma informação pura. Ao contrário, elas agem, direcionam, forjam notícias bem escritas e bem apresentadas” (MOTTA, 2014, p. 10).

Tensionado, o campo jornalístico teve todo o processo produtivo alterado no cenário digital, desde a participação maior do público na definição de pautas e apuração, por exemplo, a dependência do jornalismo tradicional das plataformas de mídias sociais para propagação de seu conteúdo. Aliás, o conteúdo do jornalismo tradicional concorre com narrativas de cidadãos comuns e/ou *mídias das fontes*,

⁸⁰ Affect as pre-individual bodily forces augmenting or diminishing a body’s capacity to act and who critically engage those technologies that are making it possible to grasp and to manipulate the imperceptible dynamism of affect.

expressão cunhada por Sant'anna (2009) para designar mídias alimentadas com notícias de atores sociais tradicionalmente vistas como fontes de informação.

Nesse cenário, o jornalismo é um dos setores transformados pelas plataformas infraestruturais, que oferecem ecossistema e serviços básicos para a construção de plataformas setoriais, que servem a nichos ou setores particulares, como as notícias. A ascensão das plataformas on-line transformou o setor de notícias, por causa do aumento dos mecanismos de busca, agregadores de notícias e classificados, o que afetou significativamente as receitas das empresas de mídia tradicional e a propagação de notícias (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018). “Isso não é um processo orientado para a plataforma ou orientado para o usuário, mas que resulta da interação entre plataformas, redes de anúncios, organizações de notícias e checagem de fatos, anunciantes e bilhões de usuários” (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018, p. 71, tradução nossa)⁸¹.

Em estudo sobre a plataformização do jornalismo no *Facebook*, Jurno (2020) observa o movimento ativo de aproximação do *Facebook* das empresas jornalísticas para oferecer infraestrutura para o desenvolvimento de produtos e ferramentas destinadas a jornalistas e editores de notícias. Nessa ambiência, as plataformas transformaram o modo das pessoas acessarem informações e esse processo afeta a produção, circulação, monetização do jornalismo, em uma crescente dependência das grandes plataformas (JURNO, 2020).

As notícias jornalísticas não são as únicas a circular na internet. A expansão das plataformas de mídias sociais, e o hábito dos usuários em ler notícias a partir delas, também as tornam agregadores de notícias de diferentes fontes. Como explicam Van Dijck, Poell & Waal (2018),

enquanto os agregadores de notícias tradicionais empregam editores profissionais ou algoritmos para selecionar o conteúdo de um conjunto relativamente limitado de publicações de notícias profissionais, na mídia social todos podem compartilhar notícias ou outro conteúdo de qualquer pessoa para qualquer lugar. Isso significa que o que é compartilhado tende a ser um mix de conteúdo muito mais heterogêneo e fortuito, contendo notícias de organizações de notícias convencionais, mas também da mais ampla variedade de outras fontes, incluindo usuários regulares e produtores de desinformação. Nesse sentido, as mídias sociais não apenas minam o controle das organizações de notícias sobre a seleção de notícias, mas também enfraquecem

⁸¹ This is not either a platform- driven or a user- driven process but one that results from the interaction between platforms, ad networks, news and fact- checking organizations, advertisers, and billions of users.

fundamentalmente a posição privilegiada do jornalismo profissional (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018, p. 52-53, tradução nossa)⁸².

De acordo com os autores, pelo rápido crescimento, as plataformas de mídias sociais ampliam significativamente a desagregação do jornalismo. O uso de *smartphones* para acessar notícias também contribui para a desagregação do jornalismo. Os dados vão ao encontro da análise de Van Dijck, Poell e Waal (2018), que afirmam que o crescente hábito de consumo de notícias por meio de plataformas on-line significa que *Facebook* domina progressivamente a distribuição e a seleção de notícias, afetando a receita publicitária.

Dessa forma, durante a pandemia da Covid-19, circularam, no *Facebook*, diferentes tipos de informação e visão sobre a doença provenientes de empresas jornalísticas, cidadãos comuns, entidades, políticos, entre outros, em disputa de narrativas sobre o modo de prevenção e combate à Covid-19. O exemplo de João, que abre o capítulo, também mostra que, ao mesmo tempo em que as plataformas de mídias sociais democratizaram a produção de conteúdo, também amplificaram a propagação de desinformação. Para Wardle e Derakhshan (2017), notícias falsas podem ser caracterizadas por três termos em inglês, que se diferem pela sua intencionalidade, a saber: *misinformation*, *disinformation* e *mal-information*. *Misinformations* são informações falsas criadas sem a intenção de causar mal ou prejuízo.

Disinformations são as informações falsas criadas e propagadas com o intuito de causar dano a uma pessoa, grupo social, organização ou país. Já *mal-information* são intenções verdadeiras propagadas para causar dano. Em diagrama proposto Wardle e Derakhshan (2017), a *disinformation* está imbricada com os outros termos e abarca todo o ecossistema das *fake news*.

Já Marshall (2017) não faz uma diferenciação entre tais termos, pois eles se sobrepõem. Além disso, o autor alerta que não podemos levar em conta apenas a intenção da informação propagada, porque isso colocaria em segundo plano a circulação da desinformação no processo comunicativo. Esse processo comunicativo

⁸² Whereas traditional news aggregators employ professional editors or algorithms to select content from a relatively limited set of professional news publications, on social media everyone can share news or other content from anyone and from anywhere. This means that what is shared tends to be a much more heterogeneous and fortuitous content mix, containing news from mainstream news organizations but also from the widest variety of other sources, including regular users and producers of disinformation. In this regard, social media not only undermine the control of news organizations over the selection of news but also fundamentally undermine the privileged position of professional journalism

é essencial, pois as consequências negativas da desinformação acontecem mesmo sem a intenção.

Faz-se importante destacar que a desinformação não surge com a internet. Ela sempre existiu. Kapferer (1993) coloca o boato como a mais antiga mídia do mundo e o define como informação ainda não-confirmada por fontes oficiais. Desse modo, boato é compreendido pelo estudioso como “a emergência e a circulação no corpo social de informações que não foram ainda confirmadas publicamente pelas fontes oficiais, ou que não foram desmentidas por estas” (KAPFERER, 1993, p. 16).

O autor justifica a propagação de boatos: é preciso que essa informação seja esperada, imprevista, que corresponda aos anseios e temores e traga consequências imediatas e importantes para o grupo. Assim, o boato corre, porque haveria perigo iminente, físico ou simbólico, e o alerta sobre a informação urgente serve para o grupo decidir o que deve fazer com a notícia. Surge, então, a necessidade de falar, divulgar, mesmo sem verificar sua veracidade, para se saber o que fazer. Na maioria dos casos, a fonte do boato é desconhecida e, nesse caso, o critério de verdade passa a ser puramente social, ou seja, o verdadeiro passa a ser o consenso definido pelo grupo.

Nessa linha de pensamento, Renard (2007, p. 97) destaca que o “fenômeno do boato é tão antigo quanto a palavra humana” e permanece até hoje como fonte de informação. Nas nossas relações sociais, não resistimos a uma novidade quando um amigo nos pergunta algo como “tu sabes da última?”. Nosso impulso é acreditar, por confiarmos no amigo e por ser humanamente impossível checar todas as informações na nossa vida cotidiana.

Para Renard (2007), o termo boato possui dois sentidos. O primeiro deles dialoga com Kapferer (1993) e define boato como informação não-verificada. Se o boato, após verificado, for exato, daí passa a ser chamado de informação, “um saber sobre a realidade”. O segundo tem o boato como informação falsa. Se a verificação da informação nos mostrar que a informação é inexata, trata-se de um boato no segundo sentido do termo.

Nesse sentido, as informações circulantes em plataformas de mídias sociais, produzidas por usuários comuns são, potencialmente, boatos. O que ocorre hoje é que a desinformação na contemporaneidade é propagável com mais rapidez e facilidade, do que nos tempos mais antigos, por causa das plataformas de mídias sociais.

Jenkins, Green e Ford (2015, p. 23) nomeiam de propagabilidade a combinação de recursos técnicos que facilitam a circulação de determinados tipos de conteúdo, as estruturas econômicas que asseguram ou limitam a circulação, as características de um texto de mídia que provocam o interesse de um grupo para compartilhar determinado conteúdo e as mídias sociais que juntam as pessoas por meio da *troca de bytes significativos*. Dessa forma, propagabilidade remete ao que faz algo circular mais facilmente do que os demais tipos de conteúdo, e a todas as variáveis que influenciam nesse processo. Assim, a desinformação é propagável. Parece-nos que o modelo participativo das mídias sociais digitais foi sequestrado para contar com o usuário como propagador da desinformação, com ou sem intenção, como foi o caso das narrativas propagadas por João.

4.2 Narrativas e acontecimento

O termo narrativa se tornou comum nas plataformas de mídias sociais e é usada para construir experiências on-line e descrever as versões dos fatos para alimentar pontos de vista sobre os acontecimentos (MALINI *et al*, 2020). Antes da popularização da internet e das plataformas de mídias sociais, as versões dos fatos eram propagadas por especialistas em promover versões favoráveis na imprensa tradicional sobre um acontecimento. No entanto, na contemporaneidade, há outros atores/influenciadores orquestrando canais na interface disponibilizada pelas plataformas digitais (MALINI *et al*, 2020).

É a identidade narrativa organizando as práticas sociais de integrantes (SEARGEANT, 2020). E podemos afirmar, baseados em Malini *et al*. (2020, p. 4_), que “o caso da Covid-19 ilustra a relevância em se estudar a narrativa como condutora de sentidos por emoldurar diferentes atitudes expressas quanto ao evitar a propagação do vírus, ao tratar a doença e ao se prevenir dela” (MALINI *et al*, 2020, p. 4). Diante disso, “narrativas dão sentido ao mundo, põem coisas em seu lugar de acordo com nossa experiência, e então nos fala o que fazer. Elas são uma estrutura organizadora de nossos pensamentos” (SEARGEANT, 2020, p. 61, tradução nossa)⁸³.

A experiência do cotidiano é entrelaçada com as trocas comunicacionais, com a mídia e seus produtos e exige mirada para as narrativas, que articulam essa

⁸³ Narratives make sense of the world, put things in their place according to our experience, and then tell us what to do. They're an organizing framework for our thoughts.

vivência. Leal (2006) traz a necessidade de um “olhar narrativizante” capaz de estabelecer conexões e articulações para analisar os “diversos fragmentos em circulação” (2006, p. 21). Em sua visão,

narrar significa buscar e estabelecer um encadeamento e uma direção, investir o sujeito de papéis e criar personagens, indicar uma solução. As narrativas, assim, tecem a experiência vivida e podem aparecer no cotidiano, contadas pelos seres humanos, ajudando-os a viver e agrupando-os, distinguindo-os, marcando seus lugares e possibilitando a criação de comunidades (LEAL, 2006, p. 20).

Narrativas são fenômenos complexos e “emergem como resultado da interrelação das forças sociais, as mais diversas; caracterizam equacionamentos possíveis dessas forças, em pontos peculiares do fluxo histórico e social” (LEAL, 2006, p. 22). Conseguem se repetir e, ao mesmo tempo, se diferenciar porque são abertas, em fluxo, se dão nas interfaces e no tensionamento entre diversas forças. Diante disso, “as narrativas apresentam-se como espaço de tensão, em que convivem coerção, resistência, consonâncias e dissonâncias” (LEAL, 2006, p.26).

Para Ricouer (2010, p. 59), um acontecimento é sempre mediado e qualificado pela narrativa, uma vez que é entendido e se faz entender a partir do narrar (CARVALHO; LAGE, 2012). Nesse sentido, podemos entender a pandemia da Covid-19 como um acontecimento. Disputas são comuns em qualquer acontecimento, principalmente com a popularização das narrativas nas plataformas de mídias sociais, em que estão tensionadas permanentemente inúmeras versões sobre tal, em jogos de poder e confrontos de ideias que provocam concordâncias e discordâncias.

A partir de Aristóteles e de sua definição de *muthos* (intriga), Ricouer (2010, p. 59) define acontecimento como agenciamento dos fatos em sistema, em função da tessitura da intriga, esta conceituada como a operação pela qual organizamos um conjunto de fatos e ações. Dessa forma, os acontecimentos são as distintas versões em disputa e essas narrativas tecem sua compreensão.

A intriga em Ricouer (2010) faz uma “mediação entre acontecimentos ou incidentes individuais e uma história tomada como um todo” (RICOEUR, 2010, p. 114), em uma dinâmica de “síntese do heterogêneo”. A intriga é, para Quéré (2005, p, 72), “uma situação problemática, isto é, uma situação caracterizada por tensões, conflitos ou contradições, ou pela discordância entre os seus elementos, que impedem que se chegue a uma solução [...]. Está-lhe subjacente um problema a resolver”. A intriga

une-se a “campos problemáticos”, sendo que diversos problemas são circunscritos na experiência diária do indivíduo e da coletividade.

A intriga em Aristóteles vai ao encontro das controvérsias, que são, de acordo com Venturini (2010, p. 262), “onde a vida coletiva se torna mais complexa: onde a maior e a mais diversa seleção de atores está envolvida; [...] onde todos estão gritando e brigando; onde conflitos crescem de maneira áspera”.

Posto isso, as controvérsias sobre um acontecimento podem também ser analisadas a partir das plataformas de mídias sociais. Analisando a narrativa como mediação fundamental da experiência dos acontecimentos em Ricouer (2010), observam Carvalho e Lage (2012, p. 211) que “mais do que parte constituinte de uma intriga, o acontecimento é constituído nela. A narrativa substitui a dimensão episódica dos acontecimentos e a amarra ao fio da história”, revelando, portanto, o acontecimento. Para Ricouer (2010), na disputa de sentidos, o acontecimento é fonte de discordância quando surge na experiência e também é fonte de concordância, pois faz a história avançar para um desfecho.

Em uma visada pragmática, que, segundo Quéré (2011) vai além de Ricouer (2010), aquele estudioso aborda como um acontecimento ganha importância e visibilidade no espaço público, convertendo-se em problema. Quéré considera que, “pelo viés pragmatista, entendemos que os acontecimentos são coisas concretas, coisas reais, antes de serem colocadas no discurso. São coisas que ocorrem, que se passam” (QUÉRÉ, 2011, p. 179). Esse teórico critica as abordagens que reduzem os acontecimentos a uma “construção midiática” e defende visão mais complexa, em que há mais atores atuando. Portanto, para ele,

com a corrente pragmatista, uma elaboração progressiva do acontecimento se produz através de um trabalho de enquete, distribuído através de vários operadores. Participam desse trabalho de investigação e de constituição os jornalistas, os médias, e também a política, a justiça, os sindicatos, os partidos políticos, as associações... Várias instâncias participam e contribuem para dar aos acontecimentos essa dimensão. (QUÉRÉ, 2011, p.180).

Podemos afirmar que João foi um dos operadores que propagou narrativas sobre a Covid-19, ajudando a dar sentido ao acontecimento *pandemia da Covid-19*. Para Quéré (2011), o acontecimento organiza e ganha sentido na experiência. Atuamos para domesticar o acontecimento, experimentamo-lo, refletimos sobre ele,

sofremos e agimos para mitigar seus efeitos ou impedir que ocorra novamente. Assim sendo, afetamos o acontecimento individual e coletivamente.

Os acontecimentos estão imbricados na intriga, os quais contribuem para retardar ou acelerar a sua solução. Ao contrário de Ricoeur (2010), que coloca o acontecimento dependente da narrativa e da tripla mimese, Quéré (2005) afirma que nem todos os acontecimentos são narrativizados e as narrativas não são suficientes para sublinhar o “poder hermenêutico do acontecimento, na medida em que este intervém na experiência segundo modalidades que não implicam, necessariamente, a mediação da narração (QUÉRÉ, 2005, p. 60).

Em Quéré (2012), os acontecimentos necessitam de interpretação, estão em eterna busca de significados e trazem sentido novo sobre o mundo. A partir de Herbert Mead (1932), Quéré (2005) propõe que o acontecimento é um eterno “vir a ser”, um devir, na medida em que

o acontecimento é um vir a ser orientado, seu conceito é “teleológico”. Devir é, de fato, mudar qualitativamente. Tal mudança implica uma heterogeneidade interna e um movimento direcional: por um lado, não há a mesma coisa de um extremo ao outro do processo; por outro, é impossível perceber um devir se não for apreendida uma transição de um estado para outro, passando por um ou vários estados intermediários. (QUÉRÉ, 2012, p. 26).

Interessa-nos compreender a dinâmica que surge a partir da interação dos atores com a pandemia da Covid-19, no *Facebook*, expressa por meio da circulação de textualidades midiáticas distintas sobre o acontecimento na sociedade brasileira, fazendo surgir controvérsias.

Aqui, texto e textualidade são entendidos como processo porque dependem da interpretação de uma comunidade de usuários e do agir na vida cotidiana (RHYNEY, 2010), são dependentes da situação comunicativa porque ganham sentido a partir das interações (VAL COSTA, 2012). Portanto, texto e textualidade são mutuamente interdependentes (LEAL, 2018).

Leal (2018, p. 20) considera que “um texto é necessariamente o fragmento perceptível de um processo comunicacional, sem o qual não é possível sua existência” . Para Leal (2018), texto não é um dado, um produto de processo já concluído, acabado. É uma emergência e depende da maneira como cada pessoa se integra ao processo para haver uma definição de como ele será experienciado e apreendido.

Ademais, “a objetividade e a identidade do texto são sustentadas pelas práticas textuais que o atualizam e dinamizam, é o resultado de uma atividade mediada histórica e intersubjetivamente ao invés da persistência de certas constantes formais” (ABRIL, 2007, p. 83, tradução nossa)⁸⁴. Assim, remetendo a Bakhtin (1970), que defende que o texto não é uma entidade estável, Abril (2007) diz que o texto não deve ser entendido como a metáfora da ilha, mas com a metáfora do arquipélago, ou melhor, uma rede textual, por se tratar de uma estrutura relacional, em permanente reconstituição, por ser vinculado aos processos comunicacionais, portanto, tem sentido provisório.

Nessa perspectiva, as metáforas da rede não expõem apenas a estrutura de nós e arestas, “mas apelam ao caráter multidimensional, multiforme, impreciso, inconcluso e diverso da textualidade e dos processos comunicacionais” (LEAL, 2018, p. 26).

Nesse sentido, textualidades são entendidas como um “fazer-se qualificado e qualificante se qualificado e qualificante, um tecer-se e um devir em um labirinto de sentidos” (ABRIL, 2018, p. 12-13), uma vez que o sufixo “idade” denota um sentido de qualidade, fluidez e abertura, que não há no substantivo texto. Textualidade se refere ao que faz “de um texto um texto” e também os modos de investigá-lo, sendo, portanto, processos de comunicação, ligados às práticas cotidianas (LEAL, 2018). A textualidade tem sentido relacional, da mesma forma que os afetos.

Isso porque comunicar é bem mais que produzir e transmitir significados, é “ganhar sentido no compartilhamento de sensações, sentimentos, afetos e/ou mesmo na própria condição de estarmos juntos” (LEAL, 2018, p. 27). Texto, textualidades e afetos estão imbricados e nos ajudam a dar conta da complexidade do processo comunicativo.

Nas plataformas de mídias sociais, a ideia é fazer com que os usuários da rede embarquem na narrativa e alimente esse ponto de vista, abraçando ponto de vista sobre determinado acontecimento. Ganhar a “guerra das narrativas” nas mídias sociais digitais tem a ver com a ampla propagação da versão desejada, de que se precisa (MALINI *et al.*, 2020).

⁸⁴ La objetividad y la identidad del texto es sostenida por las prácticas textuales que lo actualizan y dinamizan, es el resultado de una actividad histórica e intersubjetivamente mediada más que de la persistencia de ciertas constantes formales.

Isso porque a natureza efêmera da ambiência digital cria a necessidade de validação das narrativas constantemente para não cansar ou saturar sua performance. Para quem deseja manter uma ideologia hegemônica e controlar a narrativa, é necessário corrigir, mudar a narrativa para recuperar o controle sobre o sentido de um acontecimento (MALINI *et al.*, 2020), em um eterno devir. A captura dessas variações cria uma narrativa cronológica nas redes, a chamada *timeline* discursiva (MALINI *et al.*, 2020). Dessa forma,

a narração nas redes telemáticas é esta tessitura dos fios da vida social para um determinado empenho, cuja moral é a de manutenção do *status quo*. Já as contra narrativas nascem de um esforço de grupos marginalizados que buscam a ruptura de submissões estabelecidas por dinâmicas de poder que regem as plataformas digitais. (MALINI *et al.*, 2020, p. 9).

Analisando as postagens em plataformas de mídias sociais é possível perceber as *timelines* discursivas, ou seja, as variações discursivas no tempo, os diferentes enquadramentos temáticos de opiniões e conversações públicas, que vão variando ao longo do tempo (MALINI *et al.*, 2020). Discursos levam à ação (ARENDDT, 2014).

Arendt (2014) designa três atividades fundamentais da vida humana: trabalho, obra e ação⁸⁵. Nosso interesse está nesse terceiro item, a ação, que indica a vida ativa dos homens condicionados, habitando o mundo, e da necessária relação com o outro.

Para Arendt (2014), por meio de palavras e atos, os homens aparecem para o outro, inserem-se no mundo humano. E isso é colocado pela autora como um segundo nascimento, porque não se dá por necessidade, imposição ou utilidade. A simples presença do outro, a quem queremos nos juntar, nos impulsiona, nos impele a agir.

Etimologicamente, agir vem da palavra grega *archein* e significa começar, conduzir e, finalmente, governar. Em latim, *agere* é imprimir movimento a alguma coisa. Arendt (2014) aponta que o sentido mais geral de agir é tomar iniciativa, iniciar, corresponde ao nascimento. Já o discurso é a distinção, a pluralidade, é ser distinto entre os iguais.

Ação e discurso são intimamente relacionados. A ação precisa do discurso. Agindo e falando, os homens revelam quem são, mostram suas identidades pessoais

⁸⁵ Em outras traduções, é possível encontrar as três atividades humanas fundamentais como labor, trabalho e ação. Labor como o processo biológico, trabalho como o mundo artificial e ação como condição humana da pluralidade, de toda a vida política.

únicas na teia de relações humanas existentes em todos os lugares em que os homens vivem juntos. O discurso leva a ação.

Para Arendt, o discurso é a comunicação orientada ao relacionamento e à convivência entre os homens. Na contemporaneidade, sua centralidade se equipara à dificuldade de seu estabelecimento em bases efetivas, por mais paradoxal que possa parecer.

Um dos desafios é a propagação de desinformação, que fomenta uma polarização nós *versus* eles. Nesse contexto, as narrativas nas plataformas de mídias sociais são usadas na política para propagar desinformação. A desinformação é uma questão que desafia as plataformas, principalmente após a eleição de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos em 2016. Afinal, uma fonte tradicionalmente autorizada a falar propagava desinformação. Desde então, há ações significativas de combate às *fake news*, como as parcerias do *Facebook* com empresas de *fact-checking* (D'ANDREA, 2020). O *WhatsApp*, plataforma de comunicação instantânea, também tomou medidas para reduzir a intensa propagação de desinformação (D'ANDREA, 2020).

Tardáguila, Benevenuto, Ortellado (2018) denunciaram o uso do *WhatsApp* para propagação de desinformação durante o primeiro turno das eleições para presidente no Brasil, em 2018, em artigo publicado no *The New York Times*⁸⁶. Na época, pouco antes do segundo turno das eleições, sugeriram mudanças na plataforma para reduzir o *envenenamento da política brasileira*. Para os autores, as iniciativas de controle de *fake news* empurraram as estratégias para o *WhatsApp*, cujas mensagens criptografadas dificultam o monitoramento.

A ascensão do populismo e da nova direita no Brasil, com Jair Messias Bolsonaro, em 2018, ganhou força a partir da eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos, e do resultado do referendo Brexit, no Reino Unido, em 2016. O populismo tem se espalhado no mundo e se apropriou da comunicação digital, que passou a ter papel essencial nesse cenário.

Na teoria de Laclau (2005), o populismo não se define por ideologia de direita ou esquerda ou posição avançada ou atrasada no desenvolvimento democrático. O populismo é colocado em prática por meio de uma liderança carismática, que emerge em contexto de insatisfação generalizada, alegando ser de fora do sistema e líder da

⁸⁶ Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/10/17/opinion/brazil-election-fake-news-whatsapp.html>. Acesso em: 23 abr. 2021.

ruptura e da mudança, articulando as demandas da sociedade (LACLAU, 2005). Há ainda o antagonismo amigo-inimigo, alimentado nas narrativas do líder, que se coloca como representante do povo contra algum tipo de elite privilegiada, com interesses próprios, hipócrita e/ou corrupta (LACLAU, 2005).

Laclau (2005) desenvolveu seus estudos baseando-se no populismo clássico, como o peronismo na Argentina, muito antes do advento da internet e da popularização das plataformas de mídias sociais. Na contemporaneidade, há o que Bruzzone (2021) nomeia de neopopulismo digital.

Segundo Bruzzone (2021), o fenômeno aparece no encontro entre a propagação de informações que acende a faísca, onde meio e mensagem se encontram de forma eficaz. Assim, o populismo que atravessa o mundo não é o tradicional, mas o populismo político renovado pela comunicação digital em plataformas. Considerando isso,

a convergência do populismo e das mídias digitais dá lugar a um fenômeno novo, o neopopulismo digital. É o ciberpopulismo, capaz de gerar adesões de identidade narrativas fortes, simples e seguras, usando tecnologias de microsegmentação que somente são possíveis em grande escala com recursos digitais. Sem tecnologia digital, esse populismo não existiria em escala global. (BRUZZONE, 2021, p. 59).

A experiência brasileira, chamada por Cesarino (2019; 2020) de populismo digital, tem padrões discursivos e estéticos ancorados nas plataformas de mídias, com propagação massiva e constante de conteúdos para mobilização usados como tática política para produzir hegemonia.

Cesarino (2020) realizou pesquisa, durante as eleições presidenciais no Brasil em 2018, a partir do *WhatsApp* de uma parente e em grupos do aplicativo gerenciados verticalmente, em que apenas o administrador podia postar, em “zona cinzenta entre campanha oficial e militância espontânea”, e grupos colaborativos de até 256 pessoas, limite estabelecido pelo *WhatsApp*, em que qualquer participante podia publicar conteúdos. Durante o estudo, a autora notou que o conteúdo que circulava no aplicativo era multiplataforma e remetia a “sites alternativos de notícias, vídeos no *YouTube*, posts no *Facebook* ou *Twitter*” (CESARINO, 2020, p. 96).

O conteúdo, muitas vezes falso, trazia vídeos, memes, textos e áudios com teorias conspiratórias, mensagens alarmantes e caluniosas, que estimulavam a polarização política e reforçavam a imagem do líder populista capaz de promover a mudança para solucionar os problemas do povo. Para Cesarino (2020), conteúdos

com função mobilizadora foram os que mais recircularam durante o pleito brasileiro, em 2018. Nesse contexto, agentes não-humanos, chamados de algoritmos emocionais por Malini, Ciarelli e Medeiros (2017), exerceram importante papel como mobilizadores e produtores de equivalência por meio de afetos.

É interessante notar que todos os grupos de *WhatsApp* que fizeram parte da amostra de Cesarino (2020) foram extintos após a eleição. Houve uma reorganização e novos grupos foram criados.

Essa audiência conectada ao *WhatsApp* e às mensagens criptografadas foram terreno fértil nas eleições de 2018, no Brasil. Houve disparo ilegal de mensagens em massa, via sistemas automatizados, fato que foi admitido pelo *WhatsApp* em novembro de 2019 (MELLO, 2019). O gerente de políticas públicas e eleições globais do *WhatsApp*, Ben Supple, disse em palestra no Festival Gabo que “na eleição brasileira do ano passado houve a atuação de empresas fornecedoras de envios maciços de mensagens, que violaram nossos termos de uso para atingir um grande número de pessoas”. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) proíbe a automação de envio de mensagens maciças. Grupos públicos do aplicativo, acessados por meio de *link*, funcionavam como tabloides sensacionalistas, com divulgação de mensagens polêmicas e problemáticas em listas de transmissão, segundo Ben Supple (MELLO, 2019).

Em julho de 2018, o *WhatsApp* passou a informar quando uma mensagem recebida se tratava de algo encaminhado pelo remetente, não se tratando de conteúdo produzido pelo próprio. A empresa garante o sigilo de conteúdo, pois as mensagens são criptografadas ponta a ponta, o que dificulta o controle das mensagens compartilhadas. Vale lembrar que cada grupo pode ter até 256 pessoas. Em janeiro de 2019, o *WhatsApp* alterou as regras mundiais de compartilhamento e cada mensagem passou a poder ser compartilhada só para até cinco pessoas. O problema é que cada grupo conta como um destinatário. Assim, uma mesma mensagem, em lista de transmissão, pode ser encaminhada ao mesmo tempo para 1.280 pessoas. Antes, era possível enviar mensagens para até 20 destinatários⁸⁷.

Para D’Andrea (2020, p. 45), as eleições presidenciais no Brasil, em 2018, foram emblemáticas, e a propagação orquestrada de desinformação via *WhatsApp*

⁸⁷ <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/01/21/como-a-nova-regra-do-whatsapp-afeta-grupos-entenda.ghtml>. Acesso em: 23 ago. 2020.

“contraria, de forma definitiva, a ideia de que a plataforma abrigaria trocas ‘espontâneas’ ou ‘orgânicas’ entre os eleitores”. O próprio gerente de políticas públicas e eleições globais do *WhatsApp*, Ben Supple, reconheceu a influência da plataforma nos pleitos eleitorais e disse, em palestra, que “sabemos que eleições podem ser vencidas ou perdidas no *WhatsApp*” (MELLO, 2019).

Eleito presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro passou a usar a tática de campanha como estratégia de comunicação governamental, como veremos a seguir.

4.3. Necropoder na sociedade da desinformação

Isolamento social para evitar a propagação da Covid-19 ou a vida normal, pois a economia não pode parar? A questão dividia os brasileiros em março de 2020. O presidente Jair Messias Bolsonaro, em pronunciamento oficial em cadeia nacional de televisão, no dia 24 de março de 2020, defendeu o ponto de vista de seu governo:

a [...] O vírus chegou. Está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa. O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima de 60 anos. Então, por que fechar escolas? Raros são os casos de pessoas sãs com menos de 40 anos de idade. Noventa por cento de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine. Devemos, sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós, respeitando as orientações do Ministério da Saúde. No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão...” (BOLSONARO, 2020, pronunciamento na TV)⁸⁸.

O presidente se refere ao médico Dráuzio Varella, conhecido profissional que atua na TV Globo. Em 30 de janeiro de 2020, ele divulgou vídeo no *YouTube*, antes do vírus se propagar mundialmente, acalmando a população e minimizando os efeitos da Covid-19. Em 22 de março de 2020, já em outro cenário, esse mesmo vídeo foi divulgado como sendo atual nos perfis, no *Twitter*, do então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, e do senador Flávio Bolsonaro (sem partido), um dos filhos do presidente. O material traz informações desatualizadas sobre a Covid-19 e “cria confusão ao misturar recomendações verdadeiras, como não criar pânico, com outras

⁸⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VI_DYb-XaAE. Acesso em 4 jun. 2022.

agora pouco efetivas, como manter a vida normal. Sites também amplificam desinformação e usam títulos falsos para desorientar” (NALON, 2020). O médico retirou o vídeo do ar e, na época, gravou novo material com recomendações, como "reforcem as medidas de precaução, as medidas preventivas, que vocês já sabem quais são: lavar as mãos, evitar ficar próximo de outras pessoas e, especialmente, proteger os mais velhos, as pessoas que você tem em casa: seus pais, seus avós" (NALON, 2020).

Três dias após o pronunciamento em cadeia nacional, Bolsonaro concedeu entrevista para o apresentador de TV José Luiz Datena, na Band, e voltou a criticar o isolamento social em alguns Estados, chamando a quarentena de abusiva. “Quem pode trabalhar tem que trabalhar”, afirmou, reclamando do clima de histeria e pânico. Além disso, disse duvidar do número de mortes por Covid-19 e acusou, sem provas, que alguns governadores estariam burlando as estatísticas. “Alguns vão morrer? Vão morrer, ué. Lamento, lamento. Essa é a vida, é a realidade. Nós não podemos parar a fábrica de automóveis se temos 60 mil mortes no trânsito por ano”⁸⁹.

O posicionamento do presidente Jair Messias Bolsonaro de minimizar a gravidade da pandemia revela uma estratégia de controle. Isso porque “a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (MBEMBE, 2016, p. 123). Mbembe (2016) propõe os termos necropolítica e do necropoder para explicar as várias formas, na contemporaneidade, de subjugação “da vida ao poder da morte”, conferindo às pessoas o *status* de mortos-vivos (MBEMBE, 2016, p. 146). O necropoder mistura, segundo Mbembe (2016, p. 146), “fronteiras entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, mártir e liberdade”.

À época, Mbembe concedeu entrevista para o jornal Folha de São Paulo, publicada em 30 de março de 2020, sobre a Covid-19 no Brasil. Para Mbembe, o neoliberalismo, que deveríamos nomear necroliberalismo, sempre operou com a lógica do sacrifício, com a ideia de que alguns valem mais que outros. Dessa forma, as pessoas que não têm valor podem ser descartadas.

A pandemia da Covid-19 escancarou a importância de entendermos a ambiência comunicativa da contemporaneidade e suas consequências. A OMS e a Organização Pan-Americana de Saúde (Pan American Health Organization, PAHO)

⁸⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z0vRvsB-Alw>. Acesso em 4 jun. 2022.

indicaram que o surto de Covid-19 veio acompanhado de infodemia, termo que designa o “excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa” (PAHO, 2020b, p. 2). O aumento na quantidade de informações sobre a pandemia da Covid-19 se multiplicou exponencialmente e, junto a informações fidedignas, surgiram boatos, desinformação e manipulação das informações com interesses duvidosos. “Na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas redes sociais e se alastra mais rapidamente, como um vírus” (PAHO, 2020b, p. 2).

Versões conflitantes sobre como se prevenir e tratar da Covid-19 confundiram e geraram controvérsias. Nesse cenário, “a infodemia marca, até o momento, o apogeu da sociedade da desinformação. Trata-se de conteúdos díspares, contraditórios e confusos, intencionalmente falsos ou não, sobre a pandemia de Covid-19” (ALZAMORA, 2021, p. 175).

Vivemos na sociedade da desinformação, como considera Marshall (2017), termo proposto pelo autor após as eleições de Donald Trump, como presidente dos Estados Unidos, em 2016. Para Marshall (2017), as notícias falsas podem ser consideradas endêmicas na sociedade da informação (CASTELLS, 1999) e fazem parte da experiência diária de todo cidadão, indo muito além das mídias sociais digitais.

A situação se agrava, uma vez que os atuais padrões de comunicação da contemporaneidade derivam do capitalismo de informação (MARSHALL, 2017), em que as *Big Five* (as cinco grandes são *Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft*) estão no topo das listas das empresas mais rentáveis do mundo.

Dessa forma, as plataformas de mídias sociais, principalmente as *Big Five*, são a cada dia mais protagonistas do capitalismo contemporâneo. Suas lógicas de funcionamento e constrangimentos, como já mencionamos, moldam o mercado fundamentado em “movimentações financeiras transnacionais, de caráter especulativo e que acirra desigualdades e assimetrias em âmbitos locais e globais” (D’ANDREA, 2020, p. 36), em detrimento da precisão da informação que circula (MARSHALL, 2017).

O jornalista Christopher Ingaham (2020), citado por Philip Seargeant (2020), nota que com a mudança no ambiente midiático, promovido pela popularização da internet e das plataformas de mídias sociais, a política se aproxima do entretenimento e de suas estratégias de comunicação transmidiática (JENKINS, 2013).

Na mesma linha de pensamento, Jenkins (2017) diz que o conceito de transmídia se expandiu. Do entretenimento migrou para o jornalismo, ativismo e mobilização, educação, religião, diplomacia, esportes e gestão de marcas (JENKINS, 2017).

A dinâmica transmídia (*transmedia storytelling*) é conceituada como narrativas que se desenrolam “através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo” (JENKINS, 2013, p. 141), através da expansão do universo narrativo e sem prejuízo da autonomia de sentido destes novos conteúdos.

Lógica comunicacional contemporânea, as narrativas transmídia estão presentes em múltiplas práticas sociais e caracterizam-se pela propagação multiplataforma de informações e participação do público para expandir a informação, de maneiras diversas. A dinâmica transmídia normaliza fluxos de práticas em várias “instâncias mediadoras”, como institucional, tecnológico, social, político, cultural, entre outros, configurando-se em um processo complexo de mediação em vários níveis, com propagação em conjunto por meio da indústria de mídia e das ações dos cidadãos comuns. Nesse sentido, “quanto mais robusta forem as práticas sociais, mais associações eles podem fazer em conexões on-line/offline” (GAMBARATO, ALZAMORA, TÁRCIA, 2020, p. 1, tradução nossa)⁹⁰.

Há diversos modelos para as formas que a transmídia pode assumir enquanto diferentes equipes criativas buscam relações distintas em histórias para públicos e contextos diversos. Portanto, o conceito de transmídia não pode se limitar a uma fórmula, deve ser adaptável, personalizável (JENKINS, 2019).

Aqui, interessa-nos o ativismo transmídia, termo introduzido por Lina Srivastava (2009) e definido como a criação de impacto social por meio de narrativas de diversos atores, que criam conteúdo para ampla propagação, em múltiplas formas de mídia, com o objetivo de aumentar a conscientização e influenciar a ação, visto que “o ativismo transmídia traz nova vida e entendimentos ao papel da identidade e representação na mudança social”, tendo “paixão por *big data* como o Santo Graal para mudar corações e mentes (HANCOX, 2019, p. 339, tradução nossa)⁹¹.

⁹⁰ that the more robust the social practices are, the more associations they are able to make in online/offline connections.

⁹¹ Transmedia activism brings new life and understandings to the role of identity and representation in social change. [...] recently an infatuation with big data as the holy grail to changing hearts and minds.

Assim, um estilo mais lúdico de ativismo emerge por meio da cultura participativa, por meio de produção de conteúdo, compartilhamentos e circulação em diferentes mídias. Imagens culturalmente conhecidas, histórias em quadrinhos de super-heróis ou séries famosas são usadas por serem uma referência compartilhada entre os ativistas, mas também são compreendidas por um público maior (JENKINS, 2016).

Esses são exemplos da política participativa, a qual é ancorada na cultura participativa por meio da participação política e cívica. Nela, a “mudança política é promovida por meio de mecanismos sociais e culturais, e não por meio de instituições políticas, e onde os cidadãos se consideram capazes de expressar suas preocupações políticas” (JENKINS, 2016, p. 2, tradução nossa)⁹².

Jenkins (2016), no entanto, aponta uma contradição central. Analisando a democracia norte-americana, diz que, por um lado, há uma percepção generalizada de que as instituições democráticas, historicamente instauradas, são disfuncionais e, por isso, sofrem desgaste da confiança do público. Junta-se a isso a desconfiança nos processos eleitorais, acusados de serem manipulados e que desqualificam as minorias e os jovens, além de crises orçamentárias, e meios de comunicação cada vez mais concentrados nas mãos de grandes conglomerados de mídia, com interesses próprios, o que causa desconfiança. Ainda há a vigilância, que invade nossa privacidade e intimida possíveis participantes políticos. Por outro lado, vimos o incremento da comunicação em rede, feita por pessoas comuns, por meio de diferentes plataformas de mídias sociais.

Essa ambiência de crise de confiança se assemelha ao que vivemos no Brasil e o quadro se agrava, porque o presidente Jair Messias Bolsonaro usa as plataformas de mídias sociais para propagar narrativas de seu interesse. Como isso se dá?

“A política pode ser vista como uma forma de contar histórias (*storytelling*) que utiliza uma abordagem mais ampla e extenso conjunto de recursos que um romance

⁹² [...] political change is promoted through social and cultural mechanisms rather than through established political institutions, and where citizens see themselves as capable of expressing their political concerns

ou filme comum” (SEARGEANT, 2020, p. 56)⁹³, influenciando diretamente o estado do mundo.

Dessa forma, parece-nos familiar o enredo do homem, “um herói do nosso tempo”, que tem como missão salvar o país da corrupção. Para isso, luta contra inimigos implacáveis, que escravizam o povo e colocam sua vida em perigo. Na árdua jornada, seus aliados começam a duvidar de sua capacidade e o abandonam. Com “autoconfiança e força de caráter”, ele alcança o inatingível e vence. Esse é o modelo de uma história clássica, digna dos roteiros de Hollywood, que ganham espaço na política (SEARGEANT, 2020) visto que

estamos vivendo uma época em que aproveitar as emoções das pessoas provou muito mais eficaz que o argumento racional. Que as pessoas votam principalmente em seus valores e sentimentos. A ideia é apresentada como uma explicação para Trump, Brexit e Boris Johnson, pela aquisição de Jair Messias Bolsonaro no Brasil e pelo sucesso de populistas na Europa Oriental, como o Viktor da Hungria Orbán. Em cada caso, é mais a paixão do que o racionalismo que seduz os eleitores. E uma das ferramentas mais poderosas para jogar nas pessoas emoções é contar histórias” (SEARGEANT, 2020, p.14, tradução nossa)⁹⁴.

Narrativas são valiosas ferramentas políticas e desempenham importante papel em campanhas eleitorais. “Eleitores são atraídos para candidatos que apresentam um enredo” (SEARGEANT, 2020, p. 58, tradução nossa)⁹⁵, segundo o estrategista político Mark McKinnon, que tem no currículo as campanhas presidenciais de W. Bush (2000 e 2004), nos Estados Unidos.

Esse enredo político se apropria, muitas vezes, de referências de histórias, imagens ou frases pré-existentes, provenientes de obras de ficção, já conhecidas pelas pessoas, o que facilita o entendimento da mensagem pretendida e explora o apego emocional vinculado à narrativa original. Nessa perspectiva, Seargeant (2020,

⁹³ Politics can be seen as a form of storytelling that uses a broader and more extensive set of resources than your average novel or film. And of course, one that is ultimately capable of a more profound and direct effect on the state of the world.

⁹⁴ we’re living in an era in which tapping into people’s emotions has proved far more effective than rational argument. That people vote primarily on their values and feelings. The idea is offered up as an explanation for Trump, Brexit and Boris Johnson, for Jair Messias Bolsonaro’s take-over in Brazil and for the success of populists in Eastern Europe such as Hungary’s Viktor Orbán. In each case, it’s passion rather than rationalism which beguiles the voters. And one of the most powerful tools for playing on people’s emotions is storytelling.

⁹⁵ Voters are attracted to candidates who lay out a storyline.

p. 70)⁹⁶ expõe que “as referências a histórias pré-existentes fornecem um vocabulário compartilhado para pessoas discutir ou argumentar sobre seus políticos”.

Jair Messias Bolsonaro segue a linha de estratégia de comunicação multiplataforma, usando referências conhecidas das pessoas. Durante a pandemia da Covid-19, por exemplo, exibiu uma caixa de cloroquina a apoiadores, que se aglomeravam em frente ao Palácio da Alvorada, em Brasília, em 19 de julho de 2020. Após cumprimentar os simpatizantes, Bolsonaro exibiu uma caixa do medicamento para os presentes, que aplaudiram o medicamento, aos gritos de "cloroquina, cloroquina". A cena foi comparada por internautas à imagem do filme da Disney, O Rei Leão, em que Simba, o filhote leão, era apresentado para os súditos pelo personagem Rafiki (MARTINS, 2020).

Figura 3: Bolsonaro mostra caixa de cloroquina



Fonte: Martins (2020)

A cloroquina é um remédio defendido pelo presidente para o combate à Covid-19, mesmo após estudos científicos demonstrarem a ineficácia da medicação contra a doença. Como dissemos, a FDA, agência norte-americana que regulamenta o uso de medicamentos nos Estados Unidos, revogou, em 15 de junho de 2020, a autorização emergencial de uso de cloroquina e hidroxicloroquina para o tratamento da Covid-19⁹⁷.

⁹⁶ References to pre-existing stories provide a shared vocabulary for people to discuss or argue about their politics.

⁹⁷ A nota da FDA diz que “o FDA concluiu, baseado em novas informações e outras discussões anexadas a este memorando, que não há mais razão para acreditar que fórmulas orais de cloroquina

A mistura persuasiva se dá por meio das plataformas de mídias sociais e populismo, que alimentam um ambiente de “ideias, ideais ou medos a serem enfrentados”⁹⁸. A receita é usada para se chegar ao poder ou para manter-se nele e está na “raiz de estratégias de desinformação (*disinformation*), *fake news* e propaganda”, resumindo o clima político em pós-verdade e populismo (SEARGEANT, 2020, p. 15, tradução nossa)⁹⁹.

Nessa ambiência, cada indivíduo decide propagar ou não uma mensagem, estabelecendo um modelo de circulação híbrido, “em que um mix de forças de cima para baixo e de baixo para cima determina como um material é compartilhado” (JENKINS; GREEN; FORD, 2015, p. 20). Isso não quer dizer que os indivíduos eram sujeitos passivos antes da popularização da internet, mas que, na contemporaneidade, eles têm acesso a ferramentas de produção e propagação de conteúdo e remodelam o ecossistema midiático em modelo não imaginado anteriormente. Passamos da distribuição para a circulação de mensagens, que vão muito além de “vizinhança geográfica”.

Mas, na prática, esse cenário também possibilita que mensagens pré-construídas sejam compartilhadas pelo cidadão comum que, muitas vezes, sem conhecimento, ajuda a criar um cenário de disputas de narrativas, como na pandemia causada pelo novo coronavírus, no Brasil. Aparenta-nos que esse modelo participativo foi sequestrado durante a pandemia da Covid-19 e o cidadão comum, além de narrar sua própria experiência, propagou material negacionista, notícias falsas e/ou sem comprovação científica. Com diz Das (2020, p. 185), “força perlocucionária do rumor mostra quão frágil pode ser o mundo social em que vivemos”.

Geralmente, a narrativa começa em blog alternativo ou em postagem em mídias sociais e o compartilhamento de usuários garante que ela se propague em múltiplas plataformas, cobrindo todo o ecossistema midiático, criando tendência e aguardando espaço na mídia tradicional. Nessa ambiência, “se você cria uma tendência, você a torna verdadeira” (DIRESTA, 2018, p. 15, tradução nossa)¹⁰⁰.

e hidroxiclороquina podem ser efetivas para tratar a Covid-19, nem que é há razão para crer que os conhecidos e potenciais benefícios destes produtos são maiores que os potenciais riscos”. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/06/15/agencia-dos-eua-revoga-autorizacao-para-uso-da-cloroquina-contr-a-Covid-19.htm?next=0001H1144U11N&cmpid=copiaecola>. Acesso em: 3 set. 2021

⁹⁸ ideas, ideals or fears to rub up against,

⁹⁹ [...] root of strategies of disinformation, of 'fake news' and propaganda.

¹⁰⁰ [...] If you make it trend, you make it true.

Decerto, cada narrativa afeta de forma diferente cada usuário, mas os algoritmos dão visibilidade na *timeline* aos assuntos e abordagens que mais interessam cada usuário, o que cria bolhas informativas e ajuda a propagar desinformação.

Diresta (2018) recupera o conceito de viralização e diz que, quando uma mensagem contendo desinformação é propagada como um vírus nas plataformas de mídias sociais, é difícil negar e revelar o conteúdo correto. Os algoritmos acabam ajudando a mensagem maligna viralizar por promover tendências que estão em alta entre os temas discutidos em tempo real. Há duas formas principais de manipular os algoritmos: flodando uma *hashtag* ativa com propaganda, mudando a conversa ou estabelecendo uma agenda; ou criando tendências do zero por meio de propagação de mensagens via *bots* (contas robotizadas que imitam ser usuários comuns), criando a ilusão de que a opinião é compartilhada por muitas pessoas, em “consenso fabricado” (DIRESTA, 2018). Segundo Diresta (2018, p. 21, tradução nossa)¹⁰¹, “as plataformas privilegiam popularidade mais que precisão”.

Reule (2008) afirma que são os dispositivos textuais, ou seja, os comentários dos membros, que fortalecem ou enfraquecem a disseminação de uma desinformação. A autora chama de dispositivos textuais fortalecedores os comentários que reforçam e dão credibilidade à informação falsa, influenciando a percepção das pessoas, que podem tomá-la como verdade. Por outro lado, os dispositivos textuais enfraquecedores são aqueles comentários em que o membro da comunidade ou grupo virtual desabona a informação, fazendo outros participantes desacreditarem da mensagem. Assim, atenuam ou controlam sua propagação.

São as ações e emoções humanas que determinam se uma informação falsa será propagada ou enfraquecida. Nesse viés, como considera Reule (2008, p. 108), “apesar de se discutir a questão tecnologicamente, são receios humanos que motivam os debates”. Por conseguinte, são nossos afetos que fazem uma informação falsa ser propagada ou controlada.

A exemplo da comunicação presencial, na esfera digital, o que se pode dizer é que fica a critério de cada usuário, munido de seus próprios anseios, argumentos, interpretações e experiências quando inseridos em ambientes de coletividade, estabelecer seus limites de credulidade sobre toda e qualquer informação repassada, para só, então, se manifestar sobre o assunto (REULE, 2008, p. 109).

¹⁰¹ It privileges popularity over factual accuracy.

Nesse sentido, os processos de desinformação, na atualidade, vêm se dando por meio de notícias falsas, distorcidas e descontextualizadas propagadas nas plataformas de mídias sociais (BENKLER; FARIS; ROBERTS, 2018), como o exemplo do médico Dráuzio Varella que citamos no início do capítulo. Benkler, Faris e Roberts (2018) apontam uma crise epistêmica, criada a partir da deslegitimação das instituições democráticas e enraizada na ascensão e radicalização de políticos da extrema direita, nos Estados Unidos.

Como dissemos, esse cenário se agrava na sociedade da plataforma (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018), em que somos cada vez mais usuários das plataformas de mídias sociais digitais e seu controverso modo de funcionamento, porque

processos tecnológicos fora do controle de qualquer pessoa ou país - a convergência das mídias sociais, curadoria algorítmica de notícias, *bots*, inteligência artificial e análise de *big data* - criaram câmaras de eco que reforçaram nossos preconceitos, foram removendo indícios de confiabilidade. (BENKLER; FARIS; ROBERTS, 2018, p. 4, tradução nossa)¹⁰².

Esse contexto nos ajuda a entender o que ocorre com João, cuja história contamos no capítulo anterior. Diante do medo, o tratamento precoce foi a narrativa da esperança, crença que João escolheu. Mesmo ficando 28 dias internado em estado grave por Covid-19, seguiu acreditando e propagando narrativas que vão contra os fatos, agarrando-se em crenças.

Como dissemos, João se posicionou a favor do tratamento precoce contra a Covid-19, contra o distanciamento social, contra o uso de máscaras, contra as vacinas. Também fez campanha para a volta das missas presenciais e defendia a importância da comunhão, mesmo na fase aguda da pandemia. Uma infinidade de desinformação propagada de formas diversas. Em vários *posts* de João, o *Facebook* inseria abaixo legenda chamando para leitura sobre o assunto na Central de Informações sobre a Covid-19, na própria plataforma. Em uma postagem, o *Facebook* informava que o *link* da postagem é parcialmente falso e foi apurado por empresas de checagem de notícias.

¹⁰² Technological processes beyond the control of any person or country— the convergence of social media, algorithmic news curation, bots, artificial intelligence, and big data analysis— were creating echo chambers that reinforced our biases, were removing indicia of trustworthiness.

A desinformação é, para Alzamora (2021, p. 169), “fenômeno comunicacional, social e cultural que caracteriza a infodemia”, uma norma de conduta dos nossos tempos, um “produto das formas de interação mediadas pelas plataformas de mídias sociais [...] normalmente delineadas pela lógica comunicacional da dinâmica transmídia, que abrange conexões online e offline” (ALZAMORA, 2021, p. 169).

A partir da frase de quase um século do consultor de relações públicas, Edward Bernays, “existem governantes invisíveis que controlam o destino de milhões” (BERNAYS *apud* DIRESTA, 2018, p. 12, tradução nossa)¹⁰³, Diresta (2018) a recontextualiza para os dias atuais. “Na era de desinformação galopante e campanhas insidiosas de desinformação on-line” (DIRESTA, 2018, p. 12, tradução nossa)¹⁰⁴, há regras invisíveis que governam a linha do tempo de bilhões de usuários. Os mais hábeis em jogar com as características das plataformas de mídias sociais e os algoritmos, propagando narrativas com desinformação por meio de *bots* e/ou seres humanos, controlam a propaganda e formam um “governo invisível”.

Para Diresta (2018), o conceito de propaganda evoluiu para “informação como uma agenda”, baseada em “verdade parcial”, que tem o objetivo de “influenciar o alvo a se sentir de uma certa maneira ou formar uma certa opinião sobre um conceito ou entidade” (DIRESTA, 2018, p. 13, tradução nossa)¹⁰⁵. Historicamente, a propaganda é ligada a governos, mas também é usada por ativistas, empresas e mídia.

Trata-se, segundo Diresta (2018), de “propaganda computacional”, termo cunhado por Phil Howard e Sam Woolley, da Universidade de Oxford, que significa o “uso de algoritmos, automação e curadoria humana para propositadamente distribuir informação enganosa para redes de mídias sociais” (DIRESTA, 2018, p. 13-14, tradução nossa)¹⁰⁶, em campanhas on-line em forma de guerras de informação.

É o que Castro (2019) chama de guerra híbrida em plataformas algorítmicas, uma vez que as plataformas reforçam a “predisposição dos algoritmos à desinformação, produzindo e disseminando notícias falsas em larga escala, o que conduz à anomalia informacional e contribui para a polarização assimétrica” (CASTRO, 2019, p. 1).

¹⁰³ There are invisible rulers who control the destinies of millions.

¹⁰⁴ [...] in an era of rampant misinformation and insidious disinformation campaigns online

¹⁰⁵ [...] to influence the target to feel a certain way or form a certain opinion about a concept or entity.

¹⁰⁶ [...] the use of algorithms, automation, and human curation to purposefully distribute misleading information over social media networks.

Na pandemia da Covid-19, por exemplo, vivenciamos uma nova revolta da vacina. Se em 1904, a revolta ocorreu em campanha de desinformação propagada pelos opositores do governo de Rodrigo Alves e do então secretário da Saúde Pública, o sanitarista Oswaldo Cruz (BATISTA, 2020, online), na pandemia da Covid-19 no Brasil, o próprio presidente da República e seus aliados fomentaram a desconfiança, o medo das vacinas e ampla propagação de teorias da conspiração. Conforme aponta Uscinski (2020), uma conspiração abarca grupos poderosos que agem em sigilo em benefício próprio e contra o bem comum. Também tentam reduzir direitos em larga escala, modificar instituições fundamentais e praticam grandes fraudes.

Nesse contexto, Bolsonaro governa o Brasil com “base em decisões e implementações de políticas e discursos e pronunciamentos dirigidos à população cujos pilares fundamentais se assentam e se justificam com base em teorias conspiratórias” (AGGIO, 2021, p. 65).

Conceitualmente, teorias da conspiração são ideias acusatórias, têm caráter especulativo, são inerentemente políticas e podem ser falsas ou não. Geralmente, contradizem as autoridades epistemológicas e quem acredita nessas crenças sem comprovação se justifica dizendo que há evidências (USCINSKI, 2020).

Na mesma linha de pensamento, Sunstein e Vermeule (2009) dizem que

as pessoas tendem a possuir pouca informação sobre a maioria das coisas que julgam compreender; em alguns domínios, as pessoas sofrem de uma “epistemologia capenga”, no sentido de que sabem muito pouca coisa e aquilo que sabem é equivocado. (SUNSTEIN; VERMEULE, 2009, p. 21).

Dessa forma, as pessoas tomam como verdade crenças e opiniões que julgam serem corretas, ignorando os fatos, o que é chamado de pós-verdade (USCINSKI, 2020). Isso é preocupante, pois as teorias conspiratórias negam a ciência e atuam para que a verdade seja suprimida a partir de “articulações obscuras de grupos poderosos que defendem seus interesses escusos em detrimento do interesse e bem-estar coletivos” (AGGIO, 2021, p. 83).

Considerando isso, “podemos inferir que a desinformação tende, por um lado, a reforçar crenças já estabelecidas em seus interlocutores” (RIBEIRO; PAES, 2021, p. 94). Cada pessoa é afetada de maneiras diferentes por uma narrativa, um fato. Na pandemia da Covid-19, as teorias da conspiração estimularam o medo de perder o

emprego e a esperança em falsos remédios, por exemplo. Isso nos faz rejeitar notícias que contradigam nossas crenças, fazendo-nos agarrar a crenças e não aos fatos, o que podemos denominar de pós-verdade.

Pós-verdade foi considerada a palavra do ano pelo dicionário Oxford em 2016 e definida como “circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal” (D’ANCONA, 2018, p. 20).

Diante disso, faz-se importante conceituar verdade e como ela se relaciona com nosso cotidiano. Para Foucault (1998, p. 12), “a verdade não existe fora do poder ou sem poder. [...] A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder”. Dessa forma, assim como o poder, a verdade é relacional, emerge a partir das relações e é produzida por múltiplas coerções.

Ademais, de acordo com Foucault (1998, p. 12), “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros”. Dessa forma, a noção de verdade sobre a pandemia da Covid-19 estava em disputa por diversos atores. A ciência foi muito contestada e cada pessoa foi afetada de forma diferente com as recomendações dos cientistas. Alguns acataram as prescrições da ciência. Outros abraçaram crenças e as teorias da conspiração, como as que diziam que a vacina continha um chip ou causava outras doenças, o que dificultou o combate ao vírus.

Por verdade, entende-se “um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados” (FOUCAULT, 1998, p. 14). A verdade está relacionada a sistemas de poder, “que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (FOUCAULT, 1998, p. 14).

Desse modo, dando espaço ao boato, a mídia aumenta a sua circulação, uma vez que propaga a narrativa e acaba estimulando a discussão acerca das versões que cada um tem sobre o assunto. Muitas pessoas passam a saber do boato a partir da sua divulgação oficial. Isso o autoriza, porque sua divulgação dá credibilidade ao boato, que adquire um *status* de verdade (KAPFERER, 19993).

Faz-se necessário retirar as teorias conspiratórias da vida política e democrática, pois elas são capazes de gerar danos irreparáveis, e mandá-las de volta para onde vieram: a ficção, o entretenimento e o folclore (MUIRHEAD; ROSENBLUM,

2019). Na vida política, elas corroem a base da sociedade e da democracia. Por meio de desinformação, muitas vezes, políticos nutrem falsas esperanças e propagam o medo para promover a servidão dos afetos (ESPINOSA, 2016). Como disse Espinosa (2016), as causas da servidão são superstição religiosa, tirania teológica, despotismo político, ignorância filosófica e científica.

5. TIMELINE DISCURSIVA DA COVID-19 NO FACEBOOK BRASIL

Este capítulo cartografa os afetos da Covid-19, no *Facebook* Brasil, em 2020, primeiro ano da pandemia, por meio de suas *timelines* discursivas (MALINI *et al.*, 2020). Dessa forma, analisamos sistematicamente a formação do social a partir da recontextualização dos acontecimentos, por meio de reportagens da imprensa tradicional e cartografia das postagens que circularam no *Facebook* em quatro períodos da pandemia. Para isso, tomamos como base a Teoria Ator-Rede (LATOUR, 2012), que coloca em conexão atores humanos e não-humanos nas redes, e a cartografia das controvérsias (VENTURINI, 2010). Como dissemos anteriormente, controvérsias são situações nas quais “a vida coletiva se torna mais complexa, [...] onde todos estão gritando e brigando; onde conflitos crescem de maneira áspera” (VENTURINI, 2010, p. 262).

Buscamos compreender como a “formação do social” sobre a pandemia da Covid-19 no Brasil se estabeleceu a partir das possibilidades de uso do *Facebook*, ambiência em que os usuários agem com objetivo de obter visibilidade para suas narrativas (D’ANDREA, 2020), em uma “cartografia das narrativas na cronologia das redes”, chamada *timeline* discursiva por Malini *et al.* (2020). Interessa-nos perceber como os sujeitos performaram no *Facebook* em relação à pandemia e quais as narrativas sobre a Covid-19 tiveram mais interações no *Facebook*.

Sendo assim, tentamos colher os rastros do político, do ético em nossa performance, destacando o “efeito das estruturas, da história, da biopolítica, do imaginário, do contágio” (MORICEAU, 2020, p. 29), abarcando reflexivamente o efeito de nossos atos, deixando-nos vivenciar a experiência (MASSUMI, 2015). Para isso, também nos baseamos nos métodos digitais, que fazem parte de amplo movimento de “virada computacional nas pesquisas em Comunicação” (VIMIEIRO e BARGAS, 2018) e posicionam os procedimentos metodológicos como “formas de saber que fazem emergir leituras e visões de mundo atrelados às lógicas de datificação, às mediações algorítmicas, às políticas de governança e a outras dimensões das plataformas online” (D’ANDREA, 2020, p. 32).

A partir da Análise de Redes Sociais (ARS), em diálogo com a TAR, representamos as redes visualmente em grafos, que são inscrições que tornam visíveis como os atores sociais (nós) se conectam uns aos outros através de arestas (linhas que representam suas conexões) (RECUERO, 2017). Nessa abordagem, a

teoria dos grafos (RECUERO, 2009) nos ajuda a compreender sistematicamente a medida e a estrutura de uma rede. Os grafos são, como considera Recuero (2017, p. 16), “os grafos são representações das redes, e em sua teorização estão as principais métricas utilizadas para a compreensão de sua estrutura e das posições de seus nós”.

Nas plataformas de mídias sociais, “as conexões sociais se tornam mais materiais e, com isso, mais rastreáveis” (VENTURINI; MUNK; JACOMY, 2018, p. 9) Dessa forma, “quanto mais mediada por tecnologias, mais a vida coletiva pode ser lida por meio da teoria das redes, mensurada pela Análise de Redes e capturada em dados de rede” (VENTURINI; MUNK; JACOMY, 2018, p. 11).

A perspectiva teórico-metodológica dos métodos digitais nos convoca a uma visão crítica das plataformas. Por isso, antes de analisar os dados coletados via *CrowdTangle*, é importante contextualizar as visibilidades e invisibilidades do material.

5.1. APIs restritas e a possibilidade da Crowdtangle

Desde a controvérsia da *Cambridge Analytica*, em 2018, envolvendo o *Facebook* em escândalo que expôs a negligente política de proteção de dados dos usuários e a mercantilização destes nas eleições presidenciais estadunidenses, em 2016, plataformas como *Facebook* e *Twitter* restringiram o acesso aos dados por meio de suas *APIs* (*Application Programming Interfaces*, em português, Aplicativos de Interfaces de Programação). O fechamento das *APIs* dificulta a pesquisa científica em mídias sociais e a investigação de fenômenos, como desinformação e discurso de ódio (BRUNS, 2019).

Isso porque um dos percursos metodológicos dos métodos digitais é a extração, processamento e visualização de grandes dados (*big data*) coletados por meio de *APIs* públicas das plataformas. A *Netvizz*, popular ferramenta do projeto *Digital Methods Initiative* (DMI), da Universidade de Amsterdam, é exemplo de iniciativa independente vitimada pelo fechamento da API pública do *Facebook*. Após várias restrições, foi retirada do ar, em agosto de 2019, por causa de mudança na política de dados do *Facebook*, fomentada pelo escândalo da *Cambridge Analytica* (D'ANDREA, 2020). Antes disso, em 2018, houve o fechamento da API pública do *Instagram*. O apagão de dados das APIs públicas para pesquisas científicas foi chamado por Bruns (2019) de *APIcalypse*.

Como apela Bruns (2019, p. 18), “exigimos que as plataformas de mídia social forneçam acesso transparente aos dados para pesquisa independente e de interesse público”¹⁰⁷. As plataformas estão implicadas, por exemplo, em campanhas de desinformação, discurso de ódio, polarização do debate público. Estudos científicos independentes, que consigam ter acesso detalhado aos dados, auxiliariam no momento crítico da sociedade na contemporaneidade (BRUNS, 2019).

Em julho de 2020, quase um ano depois de ter tirado do ar a *Netvizz*, o *Facebook* abriu o aplicativo público *CrowdTangle* para pesquisas acadêmicas em “nível de corpo docente, doutorado ou pós-doutorado, e que estão focados em desinformação, eleições, COVID-19, justiça racial e bem-estar”¹⁰⁸ (SHIFFMAN; SILVERMAN, 2020). Nessa época, o Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), da Universidade Federal do Espírito Santo, foi credenciado a ter acesso à ferramenta. Embora exista uma tendência a se reduzir a oferta de dados em nome da “privacidade dos usuários, [...] os dados estruturados fornecidos pelas plataformas são um potente e rico material para análise” (D’ANDREA, 2020, p. 32).

Originalmente, o *CrowdTagngle* foi criado como *startup*, em 2011, pelos cofundadores Brandon Silverman e Matt Garmur, recebeu “financiamento da *Knight Foundation* e organizava o ativismo no *Facebook*, mesclando páginas, eventos e grupos em um lugar central”¹⁰⁹, funcionando muito bem no movimento *Occupy Wall Street*, por exemplo (KESSLER, 2015).

Mas essa atuação não envolvia dinheiro e os fundadores criaram novo produto: rastrear as histórias de maior engajamento no *Facebok*, *Instagram*, *Twitter* e *Vine*, em tempo real, e disponibilizar para empresas de mídias e marcas (NEWTON, 2016). Os algoritmos do *Facebook* privilegiam na linha do tempo as postagens com maior repercussão e, ao mostrar os conteúdos com melhor desempenho, o *Facebook* levantou US\$ 2,2 milhões de dólares, 2014 (KESSLER, 2015).

Em 2016, o *CrowdTangle* foi adquirido pelo *Facebook* e passou a ser oferecida gratuitamente para os parceiros da plataforma em 2017, como jornalistas, gerentes de mídias sociais e checadores de notícias, para acesso a métricas, análise de

¹⁰⁷ we demand that social media platforms provide transparent data access to critical, independent, public-interest research.

¹⁰⁸ university-based researchers at the faculty, PhD, or post-doctoral level, and who are focused on misinformation, elections, COVID-19, racial justice, and well-being.

¹⁰⁹ won funding from the Knight Foundation, organized activism on Facebook by merging pages, events, and groups into one central place

engajamento e identificação de influenciadores digitais e de temas de maior repercussão (JURNO, 2020; BLEAKLEY, 2020; SILVERMAN, GARMUR, 2016).

Desde julho de 2020, como dissemos, o *Facebook* abriu a *CrowdTangle* para pesquisadores credenciados. Bleakey (2020) explica que a *CrowdTangle* possibilita a coleta de imagens, textos e vídeos em perfis verificados, páginas públicas, grupos públicos e contas públicas influentes (“políticos, jornalistas, mídia e editores, celebridades, equipes esportivas, figuras públicas” etc.)¹¹⁰.

Esses diferentes formatos de postagens possibilitam analisar conteúdos de recirculação multiplataforma, como vídeos do *YouTube* ou tuítes republicados no *Facebook*, performando uma dinâmica transmídia. Mas, ao mesmo tempo, os dados disponibilizados são controlados pelo *Facebook* e não há transparência com relação a isso.

A *CrowdTangle* disponibiliza o material em planilha .csv, elencada em ordem decrescente, de acordo com interações obtidas (soma das reações, comentários e compartilhamentos). Na planilha disponibilizada para análise dos dados, há a data da postagem, seu conteúdo (imagens, textos e vídeos), quem postou ou compartilhou (desde que o conteúdo seja oriundo de página, conta ou grupo público) e a quantidade de interações (número de curtidas, comentários e compartilhamentos).

Após coletar os dados, o script *Ford*, desenvolvido no Labic, nos mostra as palavras mais usadas no *dataset* e libera arquivos em formato .gdf, que permite a análise e visualização dos dados extraídos a partir do aplicativo de código aberto *Gephi*¹¹¹. A partir desse programa e também da leitura de todas as 150 postagens com mais interações, por meio da planilha, que os dados são analisados e visualizados em formato de grafos com as informações coletadas, tornando possível descobrir como a rede se comportava.

Nossa intenção não é pontuar a totalidade dos acontecimentos, mas jogar luz às disputas narrativas relacionadas com a pandemia. Para a análise dos dados da *CrowdTangle*, elegemos quatro períodos da pandemia no Brasil, em 2020, em que metáforas da doença (SONTAG, 1988) foram se configurando a partir da *timeline* discursiva (MALINI *et al.*, 2020).

¹¹⁰ Accounts like politicians, journalists, media and publishers, celebrities, sports teams, public figures and more.

¹¹¹ *Gephi* é um programa open source de análise de dados e criação de visualizações específicas de grafos, mostrando as informações e estatísticas provenientes dos mesmos.

Como dissemos na introdução, três deles são marcados por frases fortes de Jair Messias Bolsonaro, que foram de encontro à OMS e hiperaceleraram a disputa de sentidos nas plataformas, a saber: a repercussão da eclosão da doença (20 a 29 de janeiro de 2020); a suspensão de aulas presenciais nas escolas e as limitações para o funcionamento do comércio e outras atividades econômicas (17 a 26 de março de 2020); a disputa de sentidos com relação ao tratamento precoce da Covid-19 com medicamentos sem comprovação científica (29 de junho a 8 de julho de 2020); e as narrativas controversas sobre as vacinas que despontavam como promissoras no segundo semestre de 2020 (14 a 23 de dezembro de 2020).

Mas a “relativa facilidade” em ter em mãos *dataset* sobre nosso objeto empírico, “a coleta de uma pesquisa não deve invisibilizar as mediações tecnopolíticas exercidas pelas plataformas” (D’ANDREA, 2020, p. 32).

A ferramenta é controlada pelo *Facebook* e esconde a identidade de quem curtiu ou reagiu à postagem, além do conteúdo dos comentários e qualquer postagem de contas privadas ou contas com restrições de localização ou idade (BLEAKLEY, 2020). Segundo Bleakley (2020), a *CrowdTangle* também não rastreia “alcance ou impressões em uma postagem, conteúdo efêmero como histórias, informações demográficas dos usuários [...] e não diferencia entre engajamento pago ou orgânico”¹¹². Mas a ferramenta oferece o *link* da postagem, o que possibilita o aprofundamento da pesquisa e o acesso aos comentários, por exemplo, que fazem emergir textualidades e disputas de sentidos.

Após a *APIcalypse* (BRUNS, 2019), fomentada pelo escândalo da *Cambridge Analytica*, o *Facebook* passou a oferecer dados para pesquisas científicas para pesquisadores e laboratórios de pesquisas credenciados, em uma tentativa de controle inclusive das temáticas dos estudos. Como abordamos, o *Facebook* é uma plataforma infraestrutural para as empresas de jornalismo e marcas e, agora, também oferece infraestrutura para pesquisas científicas.

¹¹² Reach or impressions on a post, ephemeral content like stories, demographic information on users,[...] doesn’t differentiate between paid or organic engagement.

5.2. Análise de quatro marcos discursivos na Covid-19

Sontag (1988) considera que, historicamente, o surgimento de uma doença vem acompanhado de metáforas, estereótipos e fantasias, e faz surgir todo um léxico sobre a enfermidade. Na opinião da autora, é necessário expurgar o pensamento metafórico, desmistificá-lo, maneira mais fidedigna e saudável de enfrentar a doença (SONTAG, 1988).

Para Sontag (1988), “a doença não é uma metáfora”, mas, ao mesmo tempo, observa que é quase impossível o doente não ter sido influenciado anteriormente pelas metáforas que rondam as enfermidades e os discursos que culpabilizam os pacientes pelas suas patologias. A tuberculose, no século XIX, por exemplo, era doença desconhecida, sem tratamentos eficazes, sem cura e rodeada de mistérios e temores. Um diagnóstico de tuberculose era como uma sentença de morte. Muitos não nomeavam a doença por medo de ela se espalhar mais rápido (SONTAG, 1988).

Sontag (1988) traça comparativos entre a tuberculose e o câncer, por ambas consumirem o corpo e tipologicamente serem descritas como inchaço, caroço, protuberância. Com a descoberta da causa e de tratamentos eficazes contra a tuberculose, o câncer passou a representar este papel. Nas palavras da autora, “agora é a vez de o câncer ocupar a vaga da enfermidade que entra sem pedir licença; é o câncer que representa o papel de uma doença vivenciada como uma invasão cruel e secreta” (SONTAG, 1988, p. 1). Esse papel só deixará de ser desempenhado após se determinar suas causas e cura com tratamentos eficazes.

Anos mais tarde, também estudou a AIDS e suas metáforas e ponderou que o câncer perdeu parte do seu estigma por causa do surgimento da AIDS, que estigmatiza muito mais os pacientes (SONTAG, 1988). A AIDS é encarada como o câncer, “como uma invasão, uma síndrome, com uma lista infindável de doenças oportunistas. Quando o que está em foco é a transmissão da doença, invoca-se uma metáfora mais antiga, que lembra a sífilis: a da poluição” (SONTAG, 1988, p. 53).

Na AIDS, atribui-se culpa ao doente. Não estamos falando de uma doença misteriosa, que escolhe suas vítimas aparentemente de forma aleatória, mas de pessoas que fazem parte de “grupo de risco”, uma “comunidade de párias”. Em um primeiro momento, homossexuais masculinos foram o grupo de risco mais atingido nos Estados Unidos, o que expôs e isolou os doentes, que sofreram com discriminações e perseguições” (SONTAG, 1988).

No atual cenário de surgimento de nova doença, em que emergem “metáforas da doença” (SONTAG, 1988), interessa-nos cartografar os afetos da pandemia da Covid-19, expressos em narrativas do *Facebook*, que surgem em sua genealogia, em 2020. Para isso, os dados analisados nesta seção foram extraídos da *CrowdTangle*. Como dissemos, a ferramenta do *Facebook* disponibiliza “*insights* públicos”, e ajuda a “seguir, analisar e relatar”¹¹³ conteúdo público do *Facebook*, *Instagram* e *Reddit* (BLEAKLEY, 2020).

Nesse contexto, o primeiro *dataset* analisado a seguir é sobre a eclosão da Covid-19. Para isso, coletamos na ferramenta *CrowdTangle* as palavras “China and Wuhan”, em páginas públicas, grupos públicos, perfis verificados e contas públicas influentes no *Facebook*, de 20 a 29 de janeiro de 2020. As palavras coletadas foram escolhidas pela possibilidade de serem utilizadas por todos os grupos que disputavam narrativas no *Facebook*.

5.2.1. A eclosão da Covid-19

“Vírus letal de Wuhan se espalha pela China”. Com sintomas parecidos com a de uma pneumonia, a nova doença começava a virar notícia no Brasil e ganhava manchetes da imprensa tradicional, como essa do El País Brasil, publicada em 20 de janeiro de 2020, que citamos. A referida reportagem foi postada pelo jornal no *Facebook* e teve 533 reações, 57 comentários e 219 compartilhamentos. No *dataset* do nosso primeiro marco discursivo, de 20 a 29 de janeiro de 2020, figura na 168ª posição de conteúdos com maior interação, em um universo de 3.476 postagens. Isso porque, em 20 de janeiro de 2020, dia da primeira coleta de janeiro, a *timeline* discursiva já havia se deslocado da descoberta do vírus para ações de enfrentamento, como veremos mais abaixo. Como já dissemos, as *timelines* discursivas são as variações discursivas no tempo, os diferentes enquadramentos temáticos de opiniões e conversações públicas, que vão variando ao longo do tempo (MALINI *et al.*, 2020).

Na época, o misterioso vírus era algo distante do cotidiano dos brasileiros. Era algo chinês, iniciado em Wuhan, com primeiros casos surgidos em dezembro de 2019. Por aqui, no Brasil, tudo funcionava dentro dos parâmetros tidos como normais no país. Aulas de ensino a distância (EAD) eram uma questão de escolha. Máscaras faciais

¹¹³ CrowdTangle is a public insights tool from Facebook that makes it easy to follow, analyze, and report on what’s happening with public content on social media.

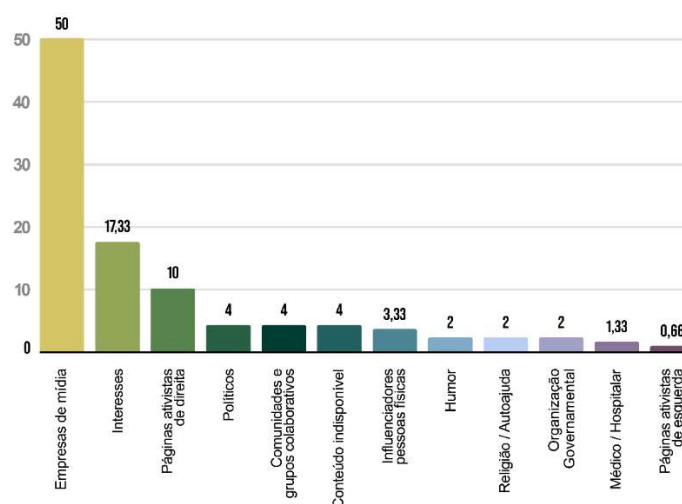
eram equipamentos de proteção, para alguns profissionais, e álcool 70 não era produto usual nas mesas, bolsas e mochilas.

Mas quais atores falavam sobre a Covid-19 neste período, no *Facebook*? Quais eram as narrativas que circulavam nas postagens? Para responder a essas questões filtramos os 150 *posts* que tiveram maior performance no *dataset* de 20 a 29 de janeiro de 2020 e analisamos seus atores. Entramos manualmente no link de cada página e perfil para conferir como eles se autodefiniam, mas também realizamos análise de conteúdo e de estrutura fora das plataformas de mídias sociais para analisar e classificar cada um (VER APÊNDICE A). O trabalho foi desafiador, pois encontramos páginas de *Facebook*, blogs e grupos colaborativos que emulam o formato consagrado do jornalismo profissional para propagar opiniões e crenças.

Das 150 postagens com mais interações do *dataset*, 50% dos atores se apresentam como empresas de mídia/notícias. Não acatamos todos os atores que se autodefinem como empresas de mídia. Essa categoria reúne, após nossa análise e classificação, a imprensa tradicional e páginas de *Facebook* que possuem sites de notícia, com formato profissional, e se apresentam como empresas de mídia. Aqui, também entram jornalismo de comunidades/bairros, por interesse de profissões e de estrangeiros que vivem no Brasil, como sites sobre notícias do Japão e da China.

Quadro 1: Análise dos atores de janeiro de 2020, divididos por categoria

Atores



Fonte: Quadro criado pela autora, a partir de dados do CrowdTangle

Na análise de conteúdo que realizamos manualmente, classificamos 17,33% como páginas de conteúdos de interesse de certos grupos, como causa animal, história, corpo humano, música. Páginas de ativistas de direita, apoiadoras do presidente Jair Messias Bolsonaro e com conteúdos analisado que deixam claro a preferência política, são 10% do *dataset*. Políticos representam 4% da mostra. Comunidades, blogs e grupos colaborativos do *Facebook* também representam 4%. Como dissemos, esses espaços emulam o jornalismo tradicional. Em alguns, apenas os administradores da página podem postar. Em outros, todos os membros podem postar. Nessa categoria, estão classificados os espaços que dependem do Facebook ou de blogs com estruturas amadoras para propagar seus conteúdos.

Chamamos influenciadores as pessoas físicas, com destaque em suas profissões, que são 3,33% do *dataset* estudado e que possuem amplo número de seguidores. Humor, religião/autoajuda e organização governamental são categorias que estão empatadas com 2% cada um. Médicos e hospitais são responsáveis por 1,33%. Após leitura e análise do conteúdo, classificamos como página ativista de esquerda 0,66% do *dataset*. Vale salientar que 4% do conteúdo do *dataset* analisado estão indisponíveis.

Também lemos e analisamos as narrativas que circulavam nas postagens com mais interações. Nesse *dataset* de janeiro de 2020, as empresas jornalísticas se destacam, em tautologia sobre a Covid-19, com os meios se repetindo sobre a temática.

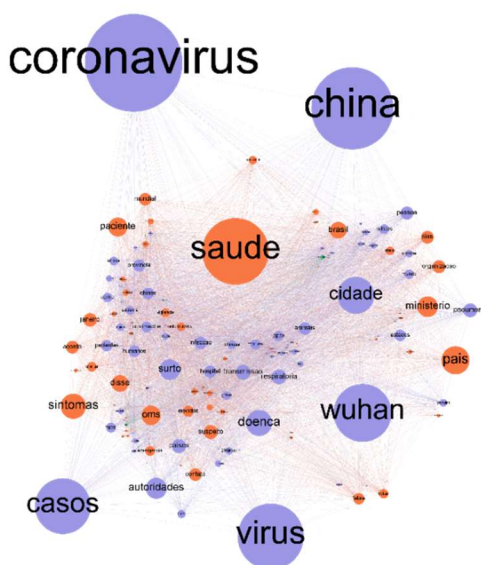
Após filtragem e exclusão das postagens repetidas, identificamos as 150 palavras mais usadas nas postagens via *script Ford*, do Labic, que nos auxiliaram na análise das narrativas (VER APÊNDICE B).

A análise das 150 palavras mais usadas possibilitou o entendimento de que a temática das narrativas girava em torno da eclosão de surto do vírus coronavírus, com casos em Wuhan, na China, o que forçava as autoridades a criar e construir hospitais para atendimento dos casos. Dessa forma, a *timeline* discursiva se desenrola a partir do surgimento da doença misteriosa e narrativas de atualizações com o desenrolar dos dias, dos novos casos, da construção de hospital, o aumento do número de doentes, as cidades em quarentena. Começam a surgir também narrativas falsas sobre o surgimento da doença, em possível transmissão por causa de sopa de morcego.

Para entender como esses termos se relacionam lexicalmente no nosso primeiro *dataset*, e como esses sentidos se conectavam ou se distanciavam nos arranjos textuais, elaboramos um grafo com as 150 palavras mais recorrentes nas postagens. Além das 150 palavras mais frequentes nas postagens filtradas, o grafo relaciona as 10 palavras mais associadas a cada uma dessas 150, apresentadas em uma teia de conexões entre todas as palavras associadas, visualizadas por meio de um grafo (representação matemática de relações entre entidades), formado por nós (palavras) e arestas (conexões do número de vezes que as palavras aparecem juntas nas mensagens). Nas arestas, há um peso lexical que, no grafo, é representado pela largura das linhas entre elas. Quanto mais espessa a linha, mais intensa é a relação de uma palavra com a outra. Quanto maior é o tamanho da palavra, mais vezes ela foi usada nas postagens (MALINI *et al.*, 2020). Nosso *dataset* é formado por 403 nós e 9700 arestas.

O grafo (Figura 4) possui três *clusters* (agrupamentos), representados por três cores distintas: roxo, laranja e verde. A rede de palavras foi feita a partir de mineração de textos publicados, em português, no *Facebook*, sobre a Covid-19, dos dias 20 a 29 de janeiro de 2020.

Figura 4 – grafo geral de rede de palavras do *dataset* de janeiro de 2020

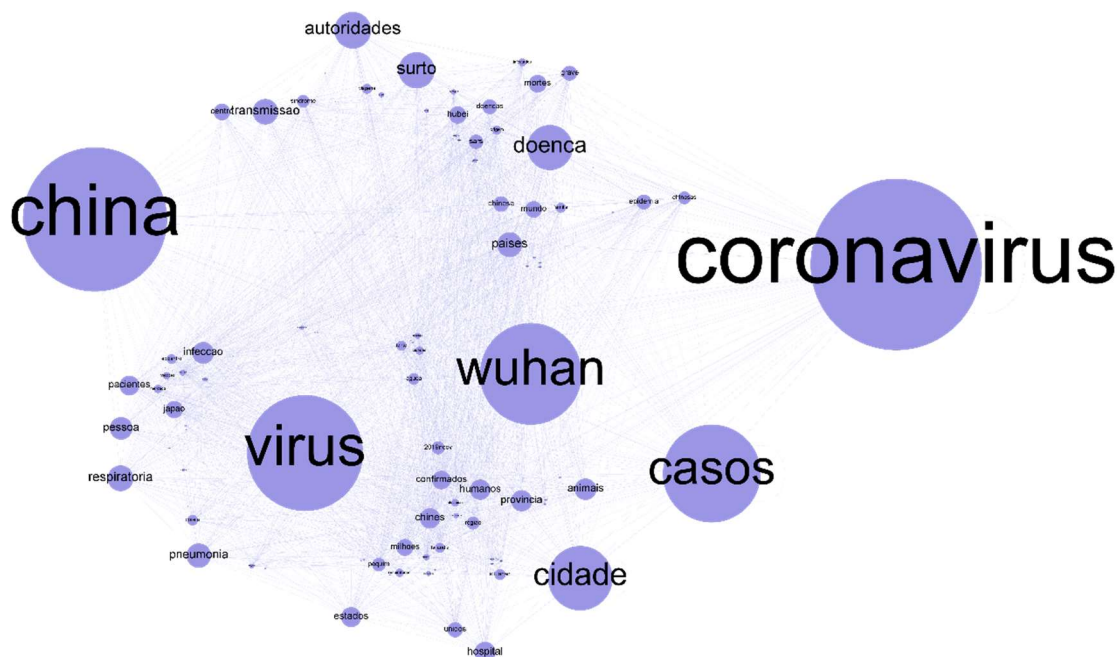


Fonte: Grafo de palavras gerado no *Gephi*, a partir de dados coletados pela pesquisadora, no *CrowdTangle*.

O *cluster* de cor roxo (45,16%) é o de maior centralidade no período analisado, com maior quantidade de conexões (arestas) e pontos (nós). Por isso, traz as palavras (nós) de maior destaque no grafo por sua repetição nas postagens. Elas remetem ao surgimento da doença, como coronavírus, China, Wuhan, vírus, casos, cidade, como observamos no grafo (Figura 5). Analisamos os léxicos envolvidos no cluster roxo e entendemos que há predomínio de enunciadores, como veículos da imprensa, e narrativas mais informacionais, que traziam dados sobre os acontecimentos na China e no mundo sobre o novo coronavírus, as medidas anunciadas pelas autoridades, o aumento no número de casos, o investimento no aumento de leitos e construção de hospitais.

Trata-se da propagação sobre o acontecimento, pelas empresas de mídia tradicionais, que também usam as plataformas de mídias sociais para propagação dos conteúdos. Como dissemos, um acontecimento é sempre mediado e qualificado pela narrativa (RICOUER, 2010), uma vez que é entendido e se faz entender a partir do narrar (CARVALHO; LAGE, 2012).

Figura 5 – grafo de rede de palavras, do *cluster* roxo, do *dataset* de janeiro de 2020



Fonte: Grafo de palavras gerado no *Gephi*, a partir de dados coletados pela pesquisadora, no *CrowdTangle*.

O grafo mostra as palavras coronavírus, China, Wuhan, vírus, casos, cidade, surto, autoridades e doença em destaque por elas se repetirem mais vezes no *cluster* estudado¹¹⁴. Para além da análise de rede via grafo, lemos e analisamos todas as postagens e comentários mais relevantes das 150 postagens com mais interações. Assim, fizemos uma “descida ao ordinário” (DAS, 2020) da *timeline* discursiva do período, enxergando narrativas que ainda emergiam nos comentários, mas que ganhariam força ao longo do tempo.

No período analisado, o *post* com mais engajamento, que figura em primeiro lugar no *dataset* e faz parte do *cluster* roxo, foi uma reportagem do portal de notícias G1, do Grupo Globo, em 24 de janeiro de 2020. A publicação dizia “China constrói hospital com mil leitos como parte do esforço do país contra o novo coronavírus” e informava que “instalação está sendo erguida em Wuhan, cidade que está isolada e foi o epicentro da propagação do vírus”¹¹⁵. O texto destacava que a previsão era que, em 10 dias, a construção ficasse pronta para inauguração. A postagem teve 64 mil reações, 6,2 mil comentários e 20 mil compartilhamentos.

Figura 6 – Imagem de postagem do G1



Fonte: G1¹¹⁶

¹¹⁴ A lista de todas as palavras pode ser conferida no Apêndice C.

¹¹⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/3325814330791556>. Acesso em: 20 fev. 2022.

¹¹⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/jornaloglobo/posts/3325814330791556>. Acesso em 28 ago. 2021.

A maioria dos comentários da postagem com mais interações do *dataset* destacava a eficiência do país e comparava que, se fosse no Brasil, a obra demoraria anos. “Quase igual aqui no Brasil, a única diferença é que o prazo é de 10 anos para um hospital com 3 leitos. Superfaturado em 1 milhão de reais”, dizia uma postagem com 1,5 mil reações¹¹⁷. Ao mesmo tempo, comentários destacavam que os trabalhadores chineses eram explorados em jornadas de 12 horas de trabalho, não tinham férias e eram mão de obra barata para o mundo.

Também notamos o início das “teorias conspiratórias”, em comentários nas postagens: o “vírus misterioso” era possivelmente uma “arma biológica”, da China ou dos Estados Unidos, criado propositalmente para “espalhar esses agentes vivos”. As aspas nas palavras acima indicam trechos de alguns comentários no *Facebook*.

Mas o “novo vírus chinês” colocava a Ásia em alerta e países reforçavam o controle sanitário para evitar a propagação da doença, como mostra postagem de matéria da ElsevierBR¹¹⁸, com 334 reações, 205 comentários e 222 compartilhamentos, também parte do *cluster* roxo. “O número de infectados disparou em Wuhan” e três pessoas já tinham morrido com febre e dificuldades respiratórias, também em 20 de janeiro de 2020, como informava a postagem com *link* para a matéria.

Nos comentários, usuários apontavam como culpados os hábitos alimentares dos chineses: “comem carne de cachorro”, “tem que educar a alimentação. Comem coisas nojentas”, “é sopa de morcego que estavam comendo”, que vão despontar em narrativas sobre a Covid-19.

Nesse período, 20 a 29 de janeiro de 2020, a narrativa predominante era a da imprensa tradicional, com os meios se repetindo com reportagens que passavam um tom de mistério.

A chegada do risco iminente no Brasil é representada no grafo na cor laranja (37,22%). As palavras (nós) de maior destaque são saúde, sintomas, país, ministério, paciente, Brasil, disse, oms, que remetem ao anúncio do primeiro caso suspeito no Brasil, como podemos observar no grafo (Figura 7). A palavra disse nos remete aos textos jornalísticos em que ela é comumente empregada para destacar a fala de algum

¹¹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/g1/posts/3621254574593268>. Acesso em: 28 ago. 2021.

¹¹⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/elsevierbr/posts/2870776199653164>. Acesso em: 28 ago. 2021.

entrevistado. Neste caso, o então ministro da Saúde no Brasil, Luiz Henrique Mandetta. Outros casos suspeitos são anunciados em São Leopoldo, Mogi das Cruzes, entre outros.

No mesmo *cluster* laranja, há narrativas de que a Organização Mundial da Saúde (OMS) estuda decretar estado de emergência, em 23 de janeiro de 2020¹¹⁹. Também faz parte desse *cluster* as narrativas da imprensa tradicional sobre brasileiros isolados em Wuhan, na China, no “epicentro do coronavírus”. Reportagem do programa de TV Domingo Espetacular, postada na página oficial do programa no *Facebook*, é a segunda postagem com mais repercussão no *dataset* de janeiro, com 51.409 interações¹²⁰. O grupo de 31 brasileiros pede ajuda ao Itamaraty para sair de Wuhan¹²¹.

Em 28 de janeiro de 2020, o então ministro da Saúde, Henrique Mandetta, confirma um caso suspeito de Covid-19, em Minas Gerais. A paciente era uma jovem de 22 anos, que tinha viajado para Wuhan, na China, e estava com sintomas da doença, em isolamento. Pessoas próximas a ela também estavam em observação. A narrativa faz parte do *cluster* laranja. A notícia foi dada pela imprensa, como Rádio CBN, Carta Capital, Correio Braziliense, Uol e Agência Brasil, e também em páginas e perfis públicos, como Gardenal, Senhora Rivotril e a influenciadora digital bolsonarista Karol Eller.

A postagem da rádio CBN sobre o caso suspeito teve 3,1 mil reações, 463 comentários e 9,7 mil compartilhamentos. Um dos comentários, com 79 reações, diz: “o vírus já está circulando entre nós, pois essa jovem não veio sozinha da china no avião, a tripulação e os passageiros que vieram com ela tiveram contato e podem estar contaminados espalhando o vírus no Brasil. É meio paranóico mas é real”¹²².

As palavras de mais destaque no grafo a seguir são as que mais se repetiram no *cluster*: saúde, país, sintomas, Brasil, ministério, paciente, OMS, dias, disse, janeiro, acordo, mundial, contato, organização, medidas, febre, alerta, evitar, tosse e emergência¹²³.

¹¹⁹ Disponível em: <https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/288870/oms-decide-nesta-quinta-se-decreta-emergencia-glob.htm>. Acesso em 30 jul. 2022.

¹²⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=199922587859459>. Acesso em 30 jul. 2022.

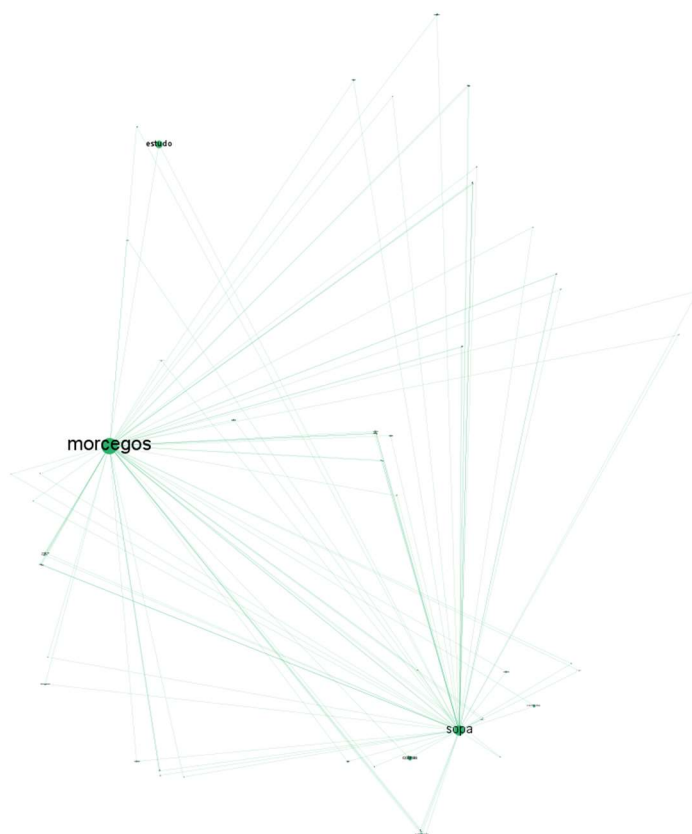
¹²¹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/sociedade/coronavirus-brasileiros-em-wuhan-querem-sair-da-china-pedem-ajuda-ao-itamaraty-24214223>. Acesso em 30 jul. 2022.

¹²² Disponível em: <https://www.facebook.com/radiocbn/posts/2867953696584323>. Acesso: 13 set. 2021.

¹²³ A lista completa das palavras que forma o grafo está no Apêndice D.

“metáforas da doença” (SONTAG, 1988). Como em outras epidemias do mundo, o medo do estrangeiro se aflorou. Com o novo coronavírus, repetiu-se o ocorrido na Europa medieval, assolada pelas pestes, quando a população buscava culpados, como estrangeiros (DELUMAU, 2009). A tuberculose, no século XIX, por exemplo, era doença desconhecida, sem tratamentos eficazes e rodeada de temores (SONTAG, 1988), como ocorre no século XXI, com a Covid-19. Na eclosão da Covid-19, os chineses foram culpabilizados pelo surgimento da doença por causa dos hábitos alimentares estranhos. No grafo, as palavras que têm mais destaque são morcegos, sopa e estudos¹²⁴.

Figura 8 – grafo de rede de palavras, do *cluster verde*, do *dataset* de janeiro de 2020



Fonte: Grafo de palavras gerado no *Gephi*, a partir de dados coletados pela pesquisadora, no *CrowdTangle*.

A imprensa tradicional embarca na narrativa sobre a sopa de morcego, “muito popular e consumida em Wuhan, na China”, que poderia ter disseminado a Covid-19

¹²⁴ A lista completa de palavras pode ser conferida no Apêndice E.

entre humanos. Um vídeo mostrando uma jovem degustando a sopa ganhou variadas reportagens, a partir de 23 de janeiro de 2020¹²⁵ e também circulou em páginas de humor. Em uma delas, a *Contenido Cochino*, página de humor, em língua espanhola, chegou a ter mais de 12 mil compartilhamentos, duas mil reações e 120 comentários, figurando entre os sete conteúdos com mais engajamento no período estudado¹²⁶.

Figura 9: Postagem sobre sopa de morcego



Fonte: Página do *Facebook Contenido Cochino*¹²⁷

Quatro dias depois, estudante brasileiro que mora em Wuhan diz “nunca vi a sopa de morcego”, alertando que a alimentação na China é estereotipada¹²⁸. Em 28 de janeiro de 2020, a página do Boatos.org, no *Facebook*, publica informação de que “a tal sopa de morcego não é a causa do coronavírus. Vídeo não é recente e não foi gravado em Wuhan ou China”. O engajamento na postagem tem apenas 101 reações, 12 comentários e 79 compartilhamentos, números bem abaixo do que o conquistado

¹²⁵ <https://www.facebook.com/opopular/posts/10158277717738313>. Acesso em: 28 ago. 2021.

¹²⁶ <https://www.facebook.com/contenidocochino1/posts/2668921216556895>. Acesso em: 28 ago. 2021.

¹²⁷ <https://www.facebook.com/contenidocochino1/posts/2668921216556895>. Acesso em: 28 ago. 2021.

¹²⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/CartaCapital/posts/2991817930839601>. Acesso em: 28 ago. 2021.

pela história falsa. O vídeo que mostra uma jovem degustando a sopa de morcego, na verdade, foi feito pela influenciadora digital Wang Mengyun, em 2016, em Palau, uma ilha da Micronésia. Em seu canal de viagens na internet, Wang mostrava o estilo de vida das pessoas, em diferentes lugares do mundo. Com o impacto negativo do vídeo em todo o mundo, a jovem foi atacada virtualmente e chegou a receber ameaça de morte. Ela se desculpou, disse que não deveria comer morcegos e explicou que o consumo de morcegos está relacionado “à culinária local de Palau e não tem nada a ver com Wuhan ou com o Coronavírus”¹²⁹.

A própria Wang disse que o vídeo foi sequestrado por contas de mídias sociais digitais para propagar desinformação sobre a Covid-19 e espalhar o pânico. Os conteúdos que a relacionam a sopa de morcego com o surgimento da Covid-19 em humanos seguem no *Facebook* sem nenhum tipo de selo que alerte sobre a informação falsa.

A Covid-19 se espalhava e a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretava emergência de saúde pública de importância internacional, em 30 de janeiro de 2020, quando já se somavam 7.834 casos confirmados, 99% desses na China. Na época, ao todo, 170 pessoas já tinham morrido em decorrência da doença, todas na China, mas a Covid-19 já estava em 18 países (PAHO, 2020c).

Havia a preocupação de o vírus se propagar em países com sistemas de saúde mais precários. Mesmo assim, a OMS não limitou o comércio e o movimento de pessoas, todavia conclamou a união das nações para o desenvolvimento de diagnósticos, vacinas, combate à desinformação, apoio aos países com sistema de saúde mais fraco, trabalho conjunto para avaliar recursos necessários para evitar a transmissão e compartilhamento de informações e experiências. “É tempo de fatos, não de medo. É tempo da ciência, não de rumores. É tempo da solidariedade, não do estigma”, disse o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, ao final de seu pronunciamento (PAHO, 2020c). Dessa forma, a leitura do *dataset*, inclusive a dos comentários das 150 postagens com mais interações, confirma a análise de rede via grafo e nos traz uma análise qualitativa das narrativas que mais circularam no período.

A noção de risco estava presente e escancarava como a globalização traz a expansão dos eventos contingentes que afetam a todos (GIDDENS, p. 1991). Em um

¹²⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/Boatos.org/posts/1511172672363465>. Acesso em: 30 ago. 2021.

mês, o novo vírus já estava em 18 países (PAHO, 2020c). Em 30 de janeiro de 2020, 170 pessoas já tinham morrido pela doença, todas na China, deixando o mundo em alerta e as pessoas cara a cara com o “medo original, o medo da morte” (BAUMAN, 2012).

Assim, pudemos notar o medo do desconhecido como afeto comum começando a circular por causa das reportagens que davam o tom de mistério. As metáforas da doença que surgiram em janeiro de 2020 eram as narrativas que apontavam para o surgimento de um vírus misterioso, o vírus chinês, que podia estar correlacionado aos hábitos alimentícios estranhos do país. Assim, o sentimento anti-China começava a aflorar já no primeiro mês da propagação da Covid-19 no mundo.

5.2.2. Controvérsia do isolamento social

O Brasil estava dividido em março de 2020. Nessa época, 18 Estados brasileiros suspenderam as aulas presenciais, como São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Distrito Federal (FERREIRA, 2020), e intensificaram-se as controvérsias sobre a necessidade ou não de isolamento social em todo o país. Em uma de suas primeiras declarações públicas sobre a doença, o presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, disse que a doença estava superdimensionada. “Tem a questão do coronavírus também que, no meu entender, está superdimensionado, o poder destruidor desse vírus”, disse em Miami, no dia 9 de março de 2020 (G1, 2020b). Mas o vírus já tinha se espalhado pelo mundo e a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou pandemia de Covid-19, em 11 de março de 2020¹³⁰, pouco antes da ocorrência da primeira morte confirmada no Brasil por Covid-19, em São Paulo, seis dias depois¹³¹.

Como já dissemos, ao longo de 2020, Bolsonaro colecionou discursos negacionistas, contrários às medidas de prevenção estabelecidas nos Estados brasileiros, que reduziam a gravidade da Covid-19. “Depois da facada¹³², não é uma

¹³⁰ Disponível em:

https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-Covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812. Acesso em: 11 mar. 2020.

¹³¹ Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-registra-primeira-morte-pelo-novo-coronavirus-em-sao-paulo,70003236434>. Acesso em: 13 jun. 2020.

¹³² Durante as eleições 2018, o candidato a presidente Jair Messias Bolsonaro levou uma facada quando participava de um ato de campanha, nas ruas de Juiz de Fora, cidade do interior de Minas Gerais, em 8 de setembro de 2018. Adélio Bispo, autor do atentado, foi preso e investigações da Polícia

gripezinha que vai me derrubar”¹³³, disse Bolsonaro em 20 de março desse mesmo ano. Quatro dias depois, Bolsonaro voltou a minimizar a Covid-19, em pronunciamento oficial em cadeia nacional de televisão, em 24 de março de 2020:

[...] O vírus chegou. Está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa. O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima de 60 anos. Então, por que fechar escolas? Raros são os casos de pessoas sãs com menos de 40 anos de idade. Noventa por cento de nós não teremos qualquer manifestação, caso se contamine. Devemos, sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós, respeitando as orientações do Ministério da Saúde. No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão... (BOLSONARO, 2020, pronunciamento na TV)¹³⁴

Como informamos anteriormente, o presidente se referia ao médico Dráuzio Varella, conhecido profissional que atua na TV Globo. Em 30 de janeiro de 2020, o médico divulgou vídeo no *YouTube*, antes de o vírus se propagar mundialmente, acalmando a população e minimizando os efeitos da Covid-19. Em 22 de março de 2020, o vídeo foi divulgado, como sendo atual, nos perfis no *Twitter* do ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, e do senador Flávio Bolsonaro (sem partido), um dos filhos do presidente. O material trazia informações desatualizadas sobre a Covid-19 e criava “confusão ao misturar recomendações verdadeiras, como não criar pânico, com outras agora pouco efetivas, como manter a vida normal. Sites também amplificam desinformação e usam títulos falsos para desorientar” (NALON, 2020). O médico retirou o vídeo do ar e, na época, gravou novo material com recomendações que reforçavam as medidas de prevenção.

E o pronunciamento de Bolsonaro, na TV, seguiu justificando a visão de seu governo: “algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o

Federal apontam que ele agiu sozinho e não houve mandante. “A Justiça Federal declarou que o agressor de Bolsonaro é ‘inimputável’ – não pode responder pelos seus crimes por apresentar problema mental, transtorno delirante, devendo ser encaminhado para um manicômio judicial” (RIBEIRO, 2020). Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/05/01/interna_politica,1143593/pf-deve-ratificar-que-nao-houve-mandantes-da-facada-em-bolsonaro.shtml. Acesso em 4 jun. 2022.

¹³³ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/20/depois-da-facada-nao-vai-ser-gripezinha-que-vai-me-derrubar-diz-bolsonaro.htm>. Acesso em 4 jun. 2022.

¹³⁴ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VI_DYb-XaAE. Acesso em 4 jun. 2022.

conceito de terra arrasada, a proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa”¹³⁵.

O presidente do Brasil defendia o isolamento social vertical, ou seja, apenas para pessoas de grupos de risco, como os idosos, indo contra a recomendação da OMS que indicava o isolamento social como a única opção para conter a propagação do vírus.

O posicionamento do presidente Jair Messias Bolsonaro minimizava a gravidade da pandemia e revelava uma estratégia de controle. Isso porque “a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (MBEMBE, 2016, p. 123). As falas de Bolsonaro são exemplos de necropolítica e do necropoder, termos que apontam as várias formas, na contemporaneidade, de subjugação “da vida ao poder da morte”, conferindo às pessoas o status de mortos-vivos (MBEMBE, 2016, p. 146). O necropoder mistura “fronteiras entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, mártir e liberdade” (MBEMBE, 2016, p.146).

Para o neoliberal Bolsonaro, era preciso se sacrificar pela economia. Para Mbembe (2020), o neoliberalismo, que deveríamos nomear necroliberalismo, sempre operou com a lógica do sacrifício, com a ideia de que alguns valem mais que outros. Dessa forma, as pessoas que não têm valor podem ser descartadas. Nesse caso, as pessoas mais pobres, que não tinham como parar de trabalhar, uma vez que o próprio governo federal minimizava os efeitos da Covid-19.

Assim, o segundo *dataset* a ser avaliado analisará as narrativas que se conformaram de 17 a 26 de março de 2020. As palavras coletadas na *CrowdTangle* foram “isolamento and corona”. Nosso *dataset* é formado por 1.169 nós e 20.765 arestas. Mas quais atores falavam sobre a Covid-19 nesse período, no *Facebook*? Quais foram as narrativas com mais interações? Para responder a essas questões, filtramos os 150 *posts* que tiveram maior performance no *dataset* de 17 a 26 de março de 2020, por meio do *Ford, script* do Labic.

Nesse período, a Covid-19 era tema das conversas de todos os grupos, que reverberavam as notícias, por meio de comentários, *links* de imprensa, opiniões, relatos pessoais, teorias da conspiração e controvérsias sobre o caminho a ser seguido. Como o acontecimento é um eterno “vir a ser” (QUERÉ, 2012), disputas de

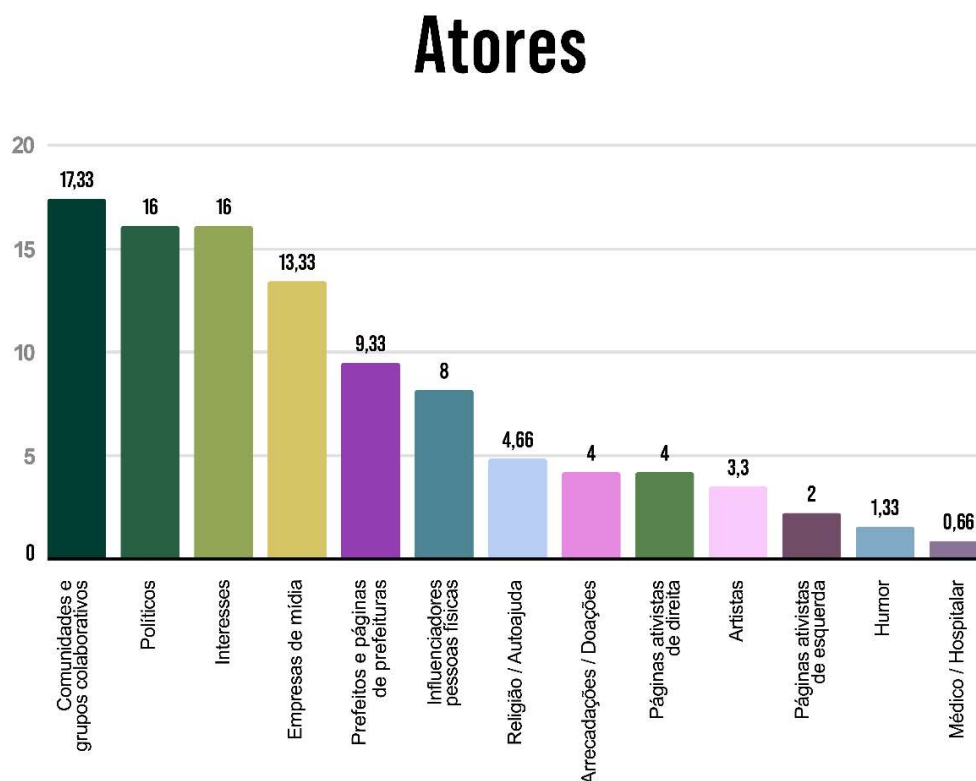
¹³⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/26/frases-bolsonaro-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 13 jun 2020.

narrativas são comuns, principalmente com a popularização das narrativas nas plataformas de mídias sociais, em que estão tensionadas versões diversas sobre o mesmo acontecimento, em jogos de poder e confrontos de ideias que provocam concordâncias e discordâncias, como ocorreu em março de 2020. Na época, a controvérsia do *dataset* eram as narrativas sobre o isolamento social *versus* a economia não pode parar.

Das 150 postagens analisadas (VER APÊNDICE F), a maioria (17,33%) veio de blogs, comunidades e grupos colaborativos do *Facebook*, cujos nomes, muitas vezes, possuem “alerta” ou “SOS” no título, geralmente focados em alguma localidade. Em alguns, apenas o administrador posta conteúdo e os integrantes podem comentar, compartilhar e reagir. Em outros, todos os participantes podem postar conteúdo. Essas comunidades imitam o modelo do jornalismo profissional e foram importantes meios de propagação de informação e desinformação sobre a pandemia, em março de 2020.

Como dissemos, essa classificação foi feita após leitura e análise do conteúdo e da estrutura de cada página e perfil, que só existem no *Facebook* ou que possuem blog amador. Muitos espaços que imitam o modelo do jornalismo profissional se autoclassificam como empresas de mídia/jornalismo, mas analisando o conteúdo e estrutura observamos que eles não usam os preceitos do jornalismo profissional, como apuração antes da checagem, por exemplo.

Por isso não acatamos a autoclassificação e fizemos análise de conteúdo das postagens. Mas, ao mesmo tempo, refletimos como a autoclassificação, permitida pelo *Facebook*, vem alargando o conceito de de jornalismo na contemporaneidade.

Quadro 2: Análise dos atores de março de 2020, divididos por categoria

Fonte: Quadro criado pela autora, a partir de dados do CrowdTangle

Políticos estaduais, federais, lideranças partidárias e vereadores representam 16% da amostra pesquisada. Páginas de diferentes interesses, como grupo de pesca, bem-estar, unhas, causa animal, entre outros, representam 16% das postagens analisadas. A imprensa tradicional já não dominava as informações sobre a Covid-19. Das 150 postagens analisadas, 13,33% são de páginas da imprensa tradicional, jornais de bairros e sites que se apresentam como veículos de mídia e que possuem estrutura de portais de notícias e/ou rádio, jornal impresso, TV.

Prefeitos e páginas de prefeituras municipais são 9,33% das postagens analisadas. Separamo-las dos demais políticos, porque são do poder executivo municipal e anunciavam medidas de restrição que afetavam diretamente a vida dos moradores dos municípios. Influenciadores, categoria formada por pessoas físicas que falam sobre suas profissões, como economistas, ou defendem causas, como ativistas de meio ambiente e movimento negro, por exemplo, representam 8%. Há, ainda, as páginas de religião/autoajuda (4,66%), arrecadações/doações (4%), páginas ativistas de direita (4%), artistas (3,3%), páginas ativistas de esquerda (2%), humor

(1,33%) e Médico/Hospital (0,66%). As categorizações foram feitas lendo e analisando o conteúdo que circula em cada página e perfil. Importante salientar que nem sempre a autodefinição é definidora da classificação que usamos aqui, uma vez que muitos espaços têm nomes e descrição que não condizem com o conteúdo que circula.

Esse dataset é um exemplo de como as plataformas de mídias sociais atuam também como agregadores de conteúdos, permitindo que jornalistas profissionais, empresas de mídia e de outros setores ou qualquer usuário comum crie e compartilhe informações. “Nesse sentido, as mídias sociais enfraquecem não apenas o controle das organizações de notícias sobre a seleção de notícias, mas também prejudicam fundamentalmente a posição privilegiada do jornalismo profissional” (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018, p. 53, tradução nossa)¹³⁶.

Nessa ambiência, o material de empresas jornalísticas faz parte de um mix de conteúdos que também agrega fontes diversas, inclusive produtores de desinformação (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018). Com a popularização da internet e das plataformas de mídias sociais, o jornalismo se tornou atividade generalizada. “A sociedade se apropriou do jornalismo. As fontes não são mais um lugar onde jorra uma informação pura. Ao contrário, elas agem, direcionam, forjam notícias bem escritas e bem apresentadas” (MOTTA, 2014, p. 10).

No dataset de março de 2020, a imprensa aparece em quarto lugar entre as narrativas mais propagadas, estando as comunidades e grupos colaborativos, além dos políticos, como os dois primeiros atores cujas narrativas mais se propagaram.

Mas quais eram as narrativas que circulavam nas postagens? Nesse *dataset* de 17 a 26 de março de 2020, o novo coronavírus é a agenda das conversas, ganha espaço em diferentes grupos.

Após filtragem e exclusão das postagens repetidas, identificamos as 150 palavras mais usadas nas postagens via *script* Ford, do Labic, que nos auxiliaram na análise das narrativas (VER APÊNDICE G). A tabela com as 150 palavras mais usadas possibilita o entendimento de que a temática das narrativas girava em torno do *isolamento social* por causa da *Covid-19*, pois houve aumento significativo de *casos da doença*. A *quarentena* virou controvérsia.

Dessa forma, a *timeline* discursiva se desloca para as ações, com o intuito de evitar a propagação do vírus, mostrando-nos como os discursos vão sendo moldados

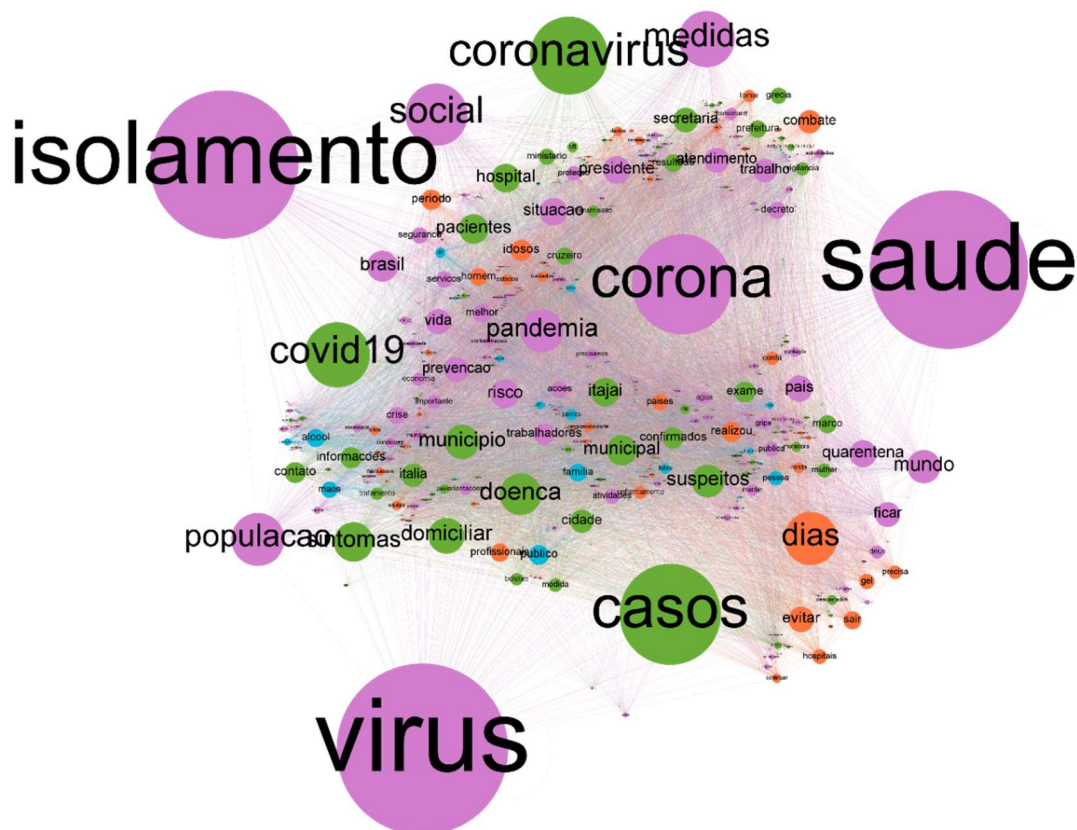
¹³⁶ In this regard, social media not only undermine the control of news organizations over the selection of news but also fundamentally undermine the privileged position of professional journalism.

ao longo do tempo, de acordo com os acontecimentos. Como disse Arendt (2014), discurso e ação são intimamente relacionados. A ação precisa do discurso. Agindo e falando, os homens revelam quem são, mostram suas identidades pessoais únicas na teia de relações humanas existentes em todos os lugares em que os homens vivem juntos. Nesse sentido, o discurso na ambiência digital estudada leva à ação.

Para entender como esses termos se relacionavam lexicalmente no nosso *dataset*, de março, e como esses sentidos se conectavam ou se distanciavam nos arranjos textuais, elaboramos um grafo com a relação das 150 palavras mais recorrentes nas postagens, o que nos possibilita analisar as narrativas mais recorrentes sobre a Covid-19, no período.

O grafo (Figura 10) possui quatro *clusters* (agrupamentos) adensados, representados por quatro cores distintas: roxo, verde, laranja e azul. A rede de palavras, feita a partir de mineração de textos publicados no *Facebook* (em português) sobre a Covid-19, dos dias 17 a 26 de março de 2020.

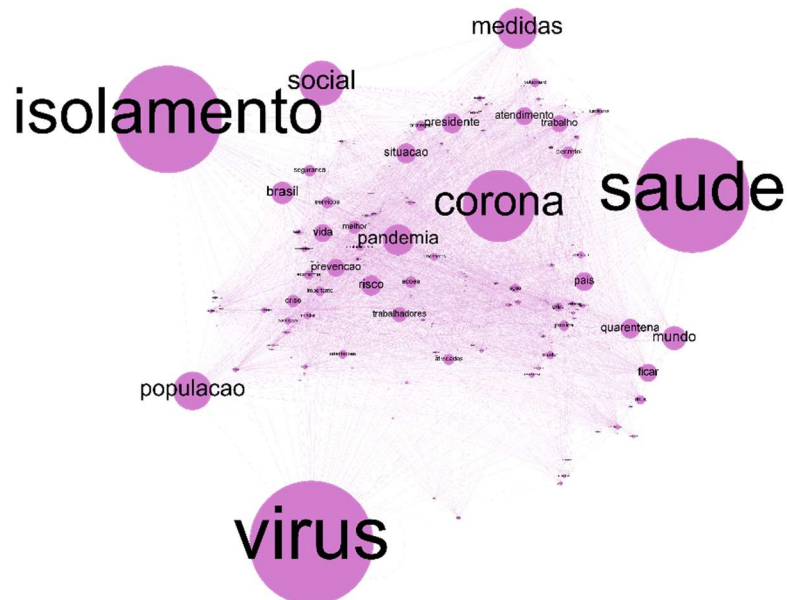
Figura 10 - Grafo geral de rede de palavras do *dataset* de março de 2020



Fonte: Grafo de palavras gerado no *Gephi*, a partir de dados coletados pela pesquisadora, no *CrowdTangle*.

O *cluster* de cor roxo (51,77%) é o de maior centralidade no período analisado, com maior quantidade de conexões (arestas) e pontos (nós). Por isso, traz as palavras (nós) de maior destaque no grafo por sua repetição nas postagens. Elas remetem ao *isolamento social*, por causa do *vírus corona*, que provocou *pandemia* e exigiu *medidas* para proteger a *saúde* da *população*, como observamos no grafo (Figura 11). A lista completa pode ser observada no Apêndice H.

Figura 11 – Grafo de rede de palavras, do *cluster* roxo, do *dataset* de março de 2020



Fonte: Grafo de palavras gerado no *Gephi*, a partir de dados coletados pela pesquisadora, no *CrowdTangle*.

Analisamos os léxicos envolvidos no *cluster* roxo e comparamos com as postagens coletadas. Entendemos o *cluster* roxo como referente à controvérsia isolamento social *versus* a economia não pode parar. Por exemplo, a postagem do economista Ricardo Amorim traz *link* de reportagem da Revista Veja e destaca o seguinte texto:

O isolamento social é desastroso para a economia, mas quanto mais cedo você fizer isso, mais cedo poderá desfazê-lo e voltar ao normal. Bill Gates, que ainda em 2015 previu que o maior risco para o mundo não era uma guerra ou uma crise financeira, mas uma pandemia. (AMORIM, 2020)¹³⁷.

Também faz parte desse *cluster* postagem da ex-presidente Dilma Rousseff, de 26 de março de 2020, que destaca a “carta em defesa da vida”. “Em resposta à fala de Bolsonaro, que minimizou os efeitos do coronavírus e se posicionou contra a quarentena, sete ex-ministros da Saúde divulgaram um manifesto contra a atitude do presidente, classificada como “irresponsável” e “desrespeitosa”¹³⁸. A carta foi enviada à Organização Mundial da Saúde (OMS) e à Comissão de Direitos Humanos da ONU, pedindo acompanhamento do enfrentamento da pandemia de Covid- 19 no Brasil.

Como dissemos, março de 2020 era o início do isolamento social e das *lives* via plataformas de mídias sociais, que se tornaram comuns na época. A segunda postagem com mais interações foi uma *live* do cantor Antony Correia, a partir da página oficial da dupla sertaneja Antony e Gabriel, em 26 de março de 2020¹³⁹. A *live* durou pouco mais de 26 minutos, teve 5,8 mil reações, 77 mil visualizações e 2,2 mil comentários. Com uma música da dupla sertaneja Bruno e Marrone ao fundo, o cantor Antony abre uma lata de cerveja Brahma e chama os fãs para conversar, incentivando a participação.

Ele se diz preocupado com a demissão em massa que estava acontecendo no país, porque os empresários não estavam conseguindo manter os funcionários, segundo informações recebidas em grupos de amigos. “Qual o plano que nosso país tem para essas pessoas que estão sendo demitidas”, questiona, citando os autônomos, as manicures, barraqueiros dos rodeios, entre outros. Diz ainda que parece que o governo federal estava estudando auxílio emergencial de R\$ 200,00 para os autônomos e demitidos, mas que o valor não dava para quase nada. Outra saída seria a cloroquina, um remédio que parecia ser eficaz contra a Covid-19.

Antony lembra que já está há dez dias em casa, posicionou-se a favor do isolamento, mas que, agora, está preocupado e passou a se colocar no lugar do próximo para opinar. O artista se diz surpreso com o resultado de uma enquete que

¹³⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/358850087527814/posts/2816777898401675>. Acesso em 8 ago. 2022.

¹³⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/351338968253034/posts/2909351745785064>. Acesso em 8 ago. 2022.

¹³⁹ Disponível em: https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=227783441931887. Acesso em 25 jun. 2022.

fez em seu *Instagram*, em que a maioria se posicionou a favor do isolamento parcial apenas para as pessoas do grupo de risco. Ele destaca o momento difícil e diz que “ou a pessoa morre do vírus ou morre de fome, deprimida ou mesmo pode passar a saquear”. Também comenta que “ouviu dizer” que já havia brasileiros cometendo suicídio por não verem saída para a situação. Das participações de fãs lidas pelo cantor durante a *live*, apenas uma fã faz comentário a favor do isolamento social total.

O cantor resume em sua *live* as controvérsias acerca do isolamento social *versus* a economia não pode parar. Medo e esperança são os afetos que permeiam a narrativa plataformizada de Antony. Diante da possibilidade da perda de empregos, o medo aflora e ele começa a ver a cloroquina como a esperança para o combate à doença. Como disse Espinosa (2016), esperança e medo são carência de conhecimento e impotência da mente, que tem incertezas sobre o porvir.

Começam a aparecer relatos de pessoas internadas, na UTI. Foi o caso da Jéssica, cuja postagem figura em terceiro lugar no *dataset* de março de 2020. O vídeo foi postado na comunidade do *Facebook* Alvarenga TV, que se apresenta como espaço de “memes, zueiras, notícias, voz comunitária e tudo mais sobre a zona sul de São Paulo e cidades vizinhas”.

Figura 12: imagem de postagem no Facebook



Fonte: Facebook

O vídeo, de 1m46s, mostra Jéssica, moradora do Ingaí, do Balneário Mar Paulista, com oxigênio nas narinas, contando suas afetações, que reproduzimos a seguir na íntegra:

Oi, gente, tudo bem? Eu sou a Jéssica, tenho 27 anos, eu fui internada ontem aqui na UTI, liberaram o celular porque eu estou de quarentena, não posso receber visita. Então, eu quis gravar esse vídeo, porque eu era uma pessoa que ficava falando que “ah, eu não fico doente. Ah, esse negócio de corona não é nada grave etc.”. E, bom, agora eu estou em um quadro suspeito de Covid. Estou com uma pneumonia, por isso que fui internada. Eu queria deixar um relato *pra* vocês, porque muita gente acha que isso só afeta a mais velhos. Muita gente acaba se despreocupando um pouco porque fala: “ah, eu sou jovem. Isso não vai acontecer comigo”. A gente nunca acha que vai acontecer com a gente, mas, por favor, se cuidem, não só pelos mais velhos da sua família, mas por você também. É horrível ficar internada. É horrível passar por isso. A gente não pode receber visita. A gente não pode, em nenhum momento, ver os nossos familiares. Só pelo celular. Então, por favor, se cuidem, cuidem dos seus filhos, cuidem dos seus pais, dos seus avós, e cuidem de vocês. Se você puder, fique em casa, tá bom?¹⁴⁰.

O vídeo tem 3,4 mil reações, 618 comentários e 359 mil visualizações. A grande maioria dos comentários deseja melhoras e cita Deus e a necessidade de orações. Mas há controvérsias. Por exemplo: “É que eu falo o povo só vão cair na real quando alguém da família pega coronavírus a gente isso não é brincadeira ainda tem gente que aposta Fake falando que não existe mas é real tem que tomar cuidado”. Outros comentários dizem que o vídeo busca espalhar pânico e não há confirmação da doença na Jéssica: “TD mentira esses vídeos. Pacientes pra ir pra uma UTI tem que precisar de ser entubado. Ela está muito bem pra estar numa UTI. Que significa (unidade de tratamento intensivo.) E a moça ainda é suspeito. Até onde vai esse terrorismo?”. Outro comentário diz “Me ofereceram 200,00 para fazer um vídeo deste mas recusei”.

Ademais, há narrativas que criticam o uso de celular em UTI ou mesmo duvidam de a moça estar em UTI, porque o uso do aparelho celular é proibido nesses ambientes. No entanto, o uso de celular por pacientes lúcidos e apenas com cateter de oxigênio se tornou comum nas UTIs durante a pandemia. Em casos mais graves, os profissionais de saúde faziam videochamadas para os familiares, o que era uma forma de reduzir a ansiedade e os pensamentos negativos, mas, muitas vezes, uma despedida¹⁴¹.

¹⁴⁰ <https://www.facebook.com/watch/?v=1915434025256124>. Acesso em 8 jul. 2022.

¹⁴¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/viva-voce/noticia/2020/05/26/sem-receber-visitas-pacientes-tem-na-videochamada-chance-de-contato-com-a-familia-alguns-ate-de-uma-despedida.ghtml>. Acesso em 9 jul. 2022.

Como disse Seargeant (2020), “narrativas dão sentido ao mundo, põem coisas em seu lugar de acordo com nossa experiência, e então nos fala o que fazer. Elas são uma estrutura organizadora de nossos pensamentos” (SEARGEANT, 2020, p. 61, tradução nossa)¹⁴². E a pandemia da Covid-19 contou com narrativas plataformizadas de doentes que estavam lúcidos e queriam influenciar as pessoas a adotar as medidas preventivas. Ao mesmo tempo, uma forma de driblar a solidão do isolamento e o medo do porvir.

O uso de celulares por pacientes internados em UTIs foi regulamentado no ano seguinte, na Lei 14.198/21, sancionada por Jair Messias Bolsonaro, que regulamentou “videochamadas para pacientes internados em enfermarias, apartamentos e unidades de terapia intensiva (UTIs), impossibilitados de receber visitas de seus familiares”, e publicada no Diário Oficial de 3 de setembro de 2021¹⁴³.

Em meio às controvérsias, “onde a vida coletiva se torna mais complexa” (VENTURINI, 2010, p. 262), “funcionários do Hospital de Serra Branca fortalecem campanha de isolamento e pedem que fiquem em casa por eles e seus familiares”. O vídeo de 48 segundos, postado em 22 de março de 2020, no perfil do portal de notícias “De Olho no Cariri”, tem 3,5 mil reações, 120 comentários e 344 mil visualizações. No material, sétimo com mais interações no *dataset* de março, funcionários com máscaras, luvas e toucas de proteção mostram cartazes com os seguintes dizeres digitados: “Deixei em casa pessoas que amo. Se você pode, fique em casa com aqueles que você ama também. Proteja-os. Isolamento social é um privilégio que eu não posso ter. Hospital Geral de Serra Branca”¹⁴⁴.

Já o *cluster* verde representa 22,87% das postagens e traz os anúncios e ações que cada município estava tomando para conter os *casos* de *Covid-19*, doença causada por um novo tipo de coronavírus. Podemos citar como exemplo a postagem que diz “a Vigilância Epidemiológica de Foz do Iguaçu confirma, na data de hoje, 22 de março de 2020, mais três casos positivos da Covid-19”¹⁴⁵, informando que um dos casos é de uma jovem que retornou da Itália há pouco tempo. Na época, a Itália sofria com aumento de casos e mortes.

¹⁴² Narratives make sense of the world, put things in their place according to our experience, and then tell us what to do. They're an organizing framework for our thoughts.

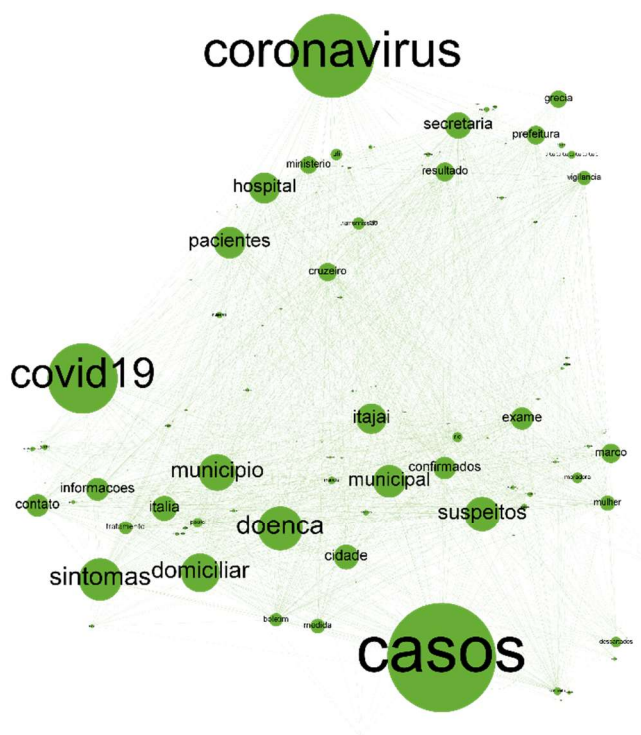
¹⁴³ Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/803120-sancionada-lei-que-regulamenta-videochamadas-para-pacientes-internados>. Acesso em 9 jul. 2022.

¹⁴⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=2703484976601729>. Acesso em 9 jul. 2022.

¹⁴⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/950916768305654/posts/3053539924709984>. Acesso em 8 set. 2022.

No grafo a seguir, é possível identificar as palavras que mais se repetiram no *cluster* e, portanto, aparecem em destaque. São elas: casos, coronavírus, covid19, doença, sintomas, domiciliar, teste, município, municipal, positivo, cidade, contato, prefeitura, continua, marco, Itália, Itajaí¹⁴⁶.

Figura 13 – Grafo de rede de palavras, do *cluster* verde, do *dataset* de março de 2020



Fonte: Grafo de palavras gerado no *Gephi*, a partir de dados coletados pela pesquisadora, no *CrowdTangle*.

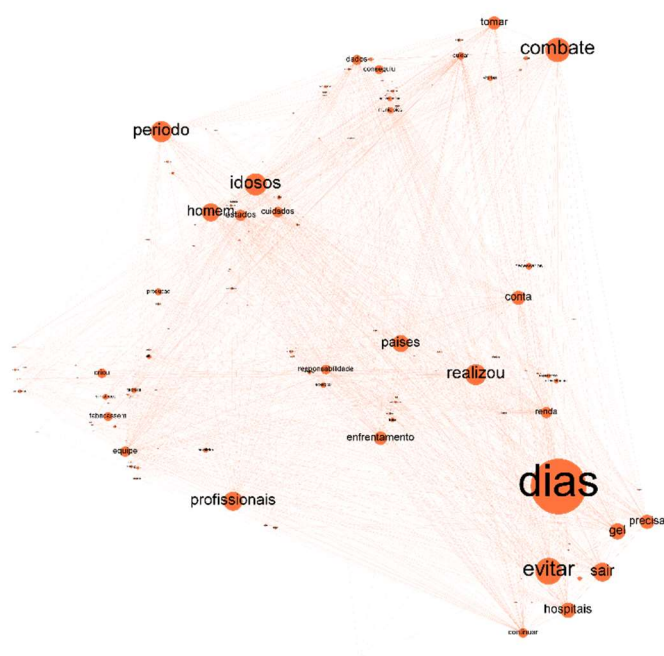
O *dataset* laranja representa 13,77% das postagens do *dataset* de março e traz as narrativas a favor e contra sobre a controvérsia do isolamento social apenas para os grupos de risco, principalmente os idosos, como defendia o presidente Jair Messias Bolsonaro. Na visão do político, a Covid-19 não passava de uma “gripezinha” ou “resfriadinho” para os jovens. O perfil “Família Passos, talkey?” faz críticas ao presidente Jair Bolsonaro e diz que o país enfrenta o “Bolsovírus”. A família postou a

¹⁴⁶ A lista completa de palavras do cluster verde pode ser conferida no Apêndice I.

letra de uma música, em que um dos trechos diz o seguinte: “Incompetente, maldoso, inconsequente. Depois de uma facada, o que é uma gripezinha? Você não passa de um ignorante, cretino, débil mental, um verme assassino!”. A postagem teve 1,4 mil reações, 93 comentários e 105 compartilhamentos¹⁴⁷.

As palavras em destaque no grafo abaixo foram as que mais se repetiram no *cluster*, como dias, evitar, período, idosos, sair, conta, profissionais, gel, precisa, países, homem, tomar, hospitais, realizou¹⁴⁸.

Figura 14 – Grafo de rede de palavras, do *cluster* laranja, do *dataset* de março de 2020



Fonte: Grafo de palavras gerado no *Gephi*, a partir de dados coletados pela pesquisadora, no *CrowdTangle*.

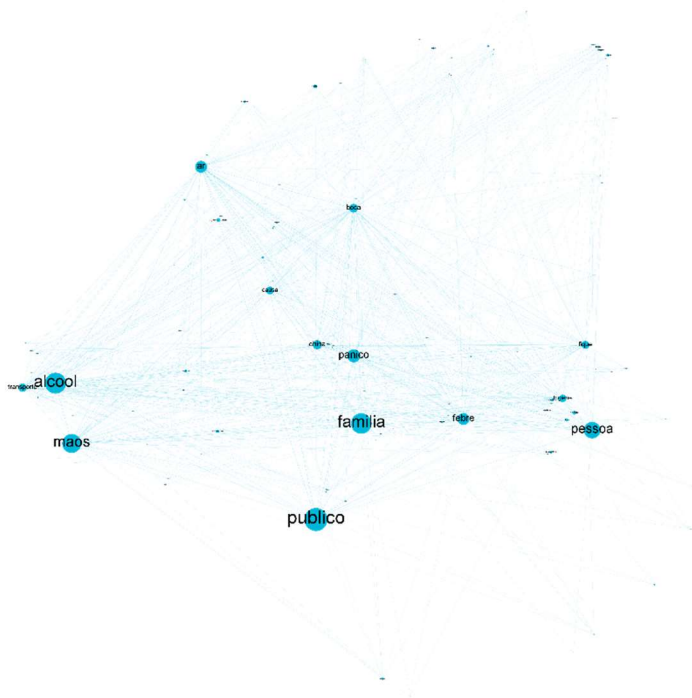
Já o *cluster* azul reúne narrativas bem-humoradas sobre a pandemia, como a proteção dos idosos e a dificuldade de eles obedecerem e ficarem em casa, os conflitos da convivência no isolamento social. “Para descontrair um pouco e distrair do pânico... Urgente! Novo sintoma do coronavírus: destruição de casamentos e da saúde mental! Avisem seus parentes, protejam-se no isolamento social. Cada um em

¹⁴⁷ <https://www.facebook.com/357937921724916/posts/647997672718938>. Acesso em 7 set. 2022.

¹⁴⁸ A lista de palavras completa pode ser conferida no Apêndice J.

um quarto, por via das dúvidas!” , diz postagem¹⁴⁹. As palavras de maior destaque no grafo abaixo são as que mais se repetiram no *cluster*, como família, mãos, público, álcool, pessoa¹⁵⁰.

Figura 15 – Grafo de rede de palavras, do *cluster* azul, do *dataset* de março de 2020



Fonte: Grafo de palavras gerado no *Gephi*, a partir de dados coletados pela pesquisadora, no *CrowdTangle*.

O primeiro lugar do *dataset* desse período, *que faz parte do cluster azul*, é da página de humor Suricate (@suricateseboso), de 19 de março de 2020, com o total de 8.643 interações (7,2 mil reações, 143 comentários e 1,3 mil compartilhamentos). O texto vinha acompanhado da imagem abaixo (FIGURA 16) e dizia: “Uma campanha pela vida dos mais idosos, lavem bem as mãos quando chegar em casa. Peçam aos mais velhos e pessoas com imunidade baixa para ficarem em isolamento. Corona vírus mata! Vamos se prevenir. #Fortaleza #Ceara #CoronaVirus #Brasil”¹⁵¹

¹⁴⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/100810428052460/posts/156287489171420>. Acesso em 8 ago. 2022.

¹⁵⁰ A lista completa de palavras deste cluster pode ser conferida no Apêndice L.

¹⁵¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/255108341285168/posts/2731604193635558>. Acesso em 25 jun. 2022.

Figura 16 – Postagem de humor sobre isolamento dos idosos



Fonte: Postagem no Facebook

Nos comentários do meme, uma série de relatos para manter os “coroa vivo”. Por exemplo: “minha mãe está aqui em casa, não vou deixar ela arredar o pé fora de casa, enquanto não passar essa fase é para o próprio bem dela”. Em outro comentário, uma mulher fala da teimosia dos idosos em obedecer ao isolamento: “a gente até tenta, mas aki na minha cidade os idosos estão achando que é bora passear no centro da cidade, tem monte de gente alertando, mas eles querem passear”. O último comentário, feito um ano depois da postagem original, tira o humor da conversa: “Lamentavelmente, meu coroa se foi. Vítima da covid”.

Também faz parte deste *cluster* narrativas que alertam para não se tomar Ibuprofeno (Advil, Alivium, Buscofen, por exemplo), pois o remédio acelera a multiplicação do vírus¹⁵², restrição que foi retirada com estudos posteriores. Como no surgimento de outras doenças, até o tratamento e remédios eficazes serem descobertos, surgiam temores, mistérios e narrativas que mudavam as orientações, o que aumentava a insegurança e o medo do porvir.

Dessa forma, houve disputa sobre o significado do termo isolamento social. Para muitos, a expressão denotava a esperança e única forma de se proteger e evitar a propagação da Covid-19 em uma época em que ainda não havia tratamentos eficazes. Para outros, o isolamento social gerava medo. Significava um desastre para a economia, possível demissão em massa, algo desnecessário porque a Covid-19 era

¹⁵² Disponível em: <https://www.facebook.com/2318732558414881/posts/2615095555445245>. Acesso em 8 set. 2022.

apenas uma “gripezinha”, um “resfriadinho” e apenas os idosos deveriam ser protegidos.

Como dissemos, a OMS recomendava o isolamento social como a única forma de conter a propagação do vírus, principalmente após pesquisa do Imperial College London, divulgada em 16 de março de 2020, que mostrou que o isolamento vertical não seria capaz de conter a disseminação do vírus¹⁵³. A lógica do isolamento apenas para idosos não se sustentava, uma vez que muitos idosos moravam com familiares e crianças, que poderiam levar o vírus para casa.

Em 18 de março de 2020, a OMS divulgou guia com dicas para o enfrentamento das consequências psicológicas e mentais causadas pelo novo coronavírus, uma vez que a população enfrenta o medo da contaminação, a incerteza do porvir, o risco de desemprego e o isolamento social¹⁵⁴. Em 30 de março de 2020, voltou a defender que o isolamento social era a melhor alternativa contra a disseminação da Covid-19 e cobrou que os governos garantissem renda e bem-estar para a população¹⁵⁵.

Os trabalhadores informais, intermitentes e microempreendedores individuais tiveram auxílio emergencial de R\$ 600,00 mensais, inicialmente por três meses, a partir da sanção do presidente Jair Bolsonaro a projeto de lei, em abril de 2020¹⁵⁶. O projeto de lei (PL) 1.066/2020 foi de autoria do deputado federal Eduardo Barbosa (PSDB-MG).

5.2.3. A controvérsia do tratamento precoce

A pandemia se agravou e o Brasil atingiu 5.017 mortes por Covid-19, superando a China (naquele momento, com 4.643 mortes oficiais por Covid-19), em 28 de abril de 2020. Confrontado por repórter sobre os dados, Jair Messias Bolsonaro respondeu: “e daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”. Na mesma entrevista, moderou o tom e declarou: “Lamento a situação que nós atravessamos com o vírus. Nos solidarizamos com as famílias que perderam seus entes queridos, que grande parte eram pessoas idosas. Mas é a vida. Amanhã vou

¹⁵³ Disponível em: <https://www.imperial.ac.uk/media/imperial-college/medicine/sph/ide/gida-fellowships/Imperial-College-COVID19-NPI-modelling-16-03-2020.pdf>. Acesso em 7 set. 2021.

¹⁵⁴ Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1707792>. Acesso em 7 set. 2021.

¹⁵⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/30/oms-reforca-que-medidas-de-isolamento-social-sao-a-melhor-alternativa-contr-o-coronavirus.ghtml>. Acesso em 7 set. 2021.

¹⁵⁶ Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,auxilio-emergencial-a-informais-aguarda-ha-48-horas-na-mesa-de-bolsonaro-para-sancao,70003256755>. Acesso em 20 set. 2021.

eu. Logicamente, a gente quer ter uma morte digna e deixar uma boa história para trás”¹⁵⁷.

No protocolo sanitário do Protocolo de Manejo de Corpos no Contexto do novo coronavírus COVID-19¹⁵⁸, lançado pelo Ministério da Saúde, as vítimas de Covid-19 deveriam ter caixão lacrado, que não podia ser aberto nos velórios. Em meio à disputa de narrativa, em contexto de desinformação, familiares de vítimas da doença começaram a abrir os caixões, não confiando na causa da morte e/ou negando a gravidade da doença, o que ajudava a ampliar a quantidade de contaminados (CAMPOS, 2020).

Mais adiante, a América Latina virou o novo epicentro mundial da pandemia, sendo o Brasil o país mais preocupante, segundo a OMS, em 22 de maio de 2020. Na ocasião, o Brasil já tinha mais de mil mortes diárias pela Covid-19, um total de 20 mil óbitos pela doença¹⁵⁹. Na contramão das recomendações mundiais, o Ministério da Saúde do Brasil divulgou, em 21 de maio de 2020, documento com novo protocolo que ampliava o uso da cloroquina nos estágios iniciais da doença¹⁶⁰. O medicamento ainda não tinha estudos científicos que comprovassem sua eficácia contra a Covid-19.

Quatro dias depois, a OMS suspendeu um “grande teste do medicamento contra a malária em pacientes com a Covid-19 devido a questões de segurança”. França, Itália e Bélgica suspenderam o uso da hidroxicloroquina contra Covid-19 na mesma época. “A revista médica britânica *The Lancet* informou que os pacientes que receberam hidroxicloroquina elevaram suas taxas de mortalidade e batimentos cardíacos irregulares”, aponta reportagem da CNN¹⁶¹. Mesmo assim, Bolsonaro e aliados seguiram com a defesa do tratamento precoce.

Em meio à crise sanitária, o Brasil teve três ministros da Saúde só em 2020. Os dois primeiros, Luiz Henrique Mandetta (demitido em 16 de abril) e Nelson Teich (pediu demissão em 15 de maio) saíram por embates contra a conduta do presidente

¹⁵⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 13 jun. 2020.

¹⁵⁸ Ver: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/manejo-corpos-coronavirus-versao1-25mar20-rev5-pdf>

¹⁵⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/05/america-latina-e-o-epicentro-da-pandemia-e-brasil-e-pais-mais-preocupante-diz-oms.shtml?origin=folha>. Acesso em: 13 jun. 2020.

¹⁶⁰ Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/economia/ministerio-da-saude-divulga-protocolo-da-cloroquina-com-assinatura-de-secretarios-24438850.html>. Acesso em: 13 jun. 2020.

¹⁶¹ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/franca-proibe-uso-da-cloroquina-no-tratamento-da-Covid-19/>. Acesso em 5 ago. 2022.

Jair Messias Bolsonaro em relação à pandemia e o uso de medicamentos sem comprovação científica. Foi a partir do general Eduardo Pazuello como gestor da pasta que a cloroquina passou a ser indicada pelo Ministério da Saúde para tratamento da Covid-19, em casos leves (CANCIAN, 2020).

As controvérsias, onde “a vida coletiva se torna mais complexa, [...] onde todos estão gritando e brigando; onde conflitos crescem de maneira áspera” (VENTURINI, 2010, p. 262), estavam dentro do próprio governo federal e se estendiam para a sociedade, em narrativas plataformizadas que propagavam a falsa esperança do tratamento precoce.

Nessa época, eclodiram manifestações de rua a favor e contra o presidente Jair Messias Bolsonaro em várias cidades, como São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro, em um hibridismo característico dos eventos fomentados na internet (BENNET & SEGERBERG, 2012). Os grupos contra o presidente se autodenominavam antifascistas e diziam defender a democracia. Os grupos a favor do presidente Jair Messias Bolsonaro criticavam o Congresso e o Supremo Tribunal Federal (STF). Bolsonaro chegou a participar de várias dessas manifestações a seu favor, na capital federal, apertou a mão de manifestantes, sem uso de máscara de proteção (REVISTA VEJA, 2020). Alguns manifestantes favoráveis ao presidente não usavam máscara, item obrigatório em Brasília, e exibiam faixas e cartazes com dizeres antidemocráticos (FERREIRA; GOMES, 2020).

Além disso, o Ministério da Saúde passou a reportar os dados de novos casos e mortes por Covid-19, às 22 horas, em vez das 19 horas, em 3 de junho¹⁶². “Acabou matéria no Jornal Nacional”, disse Bolsonaro, dois dias depois (GARCIA, 2020), referindo-se ao telejornal da Rede Globo de maior audiência do país. O portal covid.saude.gov.br ficou fora do ar da noite de 5 de junho de 2020 à tarde do dia 6 de junho de 2020 e, quando voltou ao ar, deixou de exibir o número acumulado de casos e mortes, além das informações sobre as internações por síndrome respiratória aguda grave (SRAG), dados importantes em um país com pouca quantidade de testes. A necropolítica de Bolsonaro tenta esconder os fatos e os dados que assolavam as famílias brasileiras. Afinal, a economia não podia parar.

Em 5 de junho de 2020, Bolsonaro ameaçou tirar o Brasil da OMS. “E adianto aqui, os Estados Unidos saíram da OMS, e a gente estuda, no futuro: ou a OMS

¹⁶² Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/03/casos-de-coronavirus-e-numero-de-mortes-no-brasil-em-3-de-junho.ghtml>. Acesso em: 3 jun. 2020.

trabalha sem viés ideológico, ou vamos estar fora também. Não precisamos de ninguém de lá de fora para dar palpite na saúde aqui dentro", declarou em entrevista¹⁶³.

Para dar transparência aos dados de Covid-19, empresas de comunicação anunciaram parceria inédita, em 8 de junho de 2020. Assim, "jornalistas de G1, O Globo, Extra, Estadão, Folha e UOL passaram a coletar, nas secretarias de Saúde, e divulgar em conjunto, números sobre mortes e contaminados, em razão das limitações impostas pelo Ministério da Saúde"¹⁶⁴.

No período, mesmo com a OMS esclarecendo não existir tratamento profilático para Covid-19, cresciam, no Brasil, as disputas informacionais a respeito de tratamento precoce contra a Covid-19, com uso de Cloroquina/Hidroxicloroquina, Ivermectina e Azitromicina, medicamentos sem comprovação científica para esse fim (LEMOS, 2020). A Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia (SBPT) divulgou nota, em 29 de junho, dizendo que "redes sociais não são textos médicos e, com frequência, transmitem informações infundadas, impulsionadas por interesses obscuros"¹⁶⁵.

Em comunicado, a Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI) disse que "nos últimos dias, muito tem se divulgado nas redes sociais a respeito do uso de medicamentos para a Covid-19. Várias destas divulgações que circulam nas mídias sociais são inadequadas, sem evidência científica e desinformam o público"¹⁶⁶.

Apesar disso, Bolsonaro defendeu o uso de cloroquina e ordenou a produção do medicamento pelo Exército, comprando insumos sem licitação, o que está sendo investigado pelo Ministério Público por suspeita de superfaturamento (PONTES, 2020). O próprio Bolsonaro contraiu Covid-19 e disse que estava se tratando com Hidroxicloroquina e Azitromicina, em 7 julho de 2020 (CARVALHO, 2020).

Pelo incentivo ao uso de medicamentos sem comprovação científica ter provocado controvérsias, elegemos esse período como o terceiro marco para análise, com coleta das palavras "tratamento and precoce", em páginas e perfis públicos, via

¹⁶³

Disponível

em:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/06/06/interna_mundo,861652/Covid-19-se-agrava-na-america-latina-e-bolsonaro-ameaca-tirar-brasil-d.shtml Acesso em: 13 jun 2020.

¹⁶⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-Covid-19.ghtml>. Acesso em: 8 jun. 2020.

¹⁶⁵ Disponível em: <https://sbpt.org.br/portal/t/dexametasona/>. Acesso em: 29 jun. 2020

¹⁶⁶ Disponível em: <https://infectologia.org.br/wp-content/uploads/2020/07/Informe-15-uso-de-medicamentos-para-Covid-19.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2020

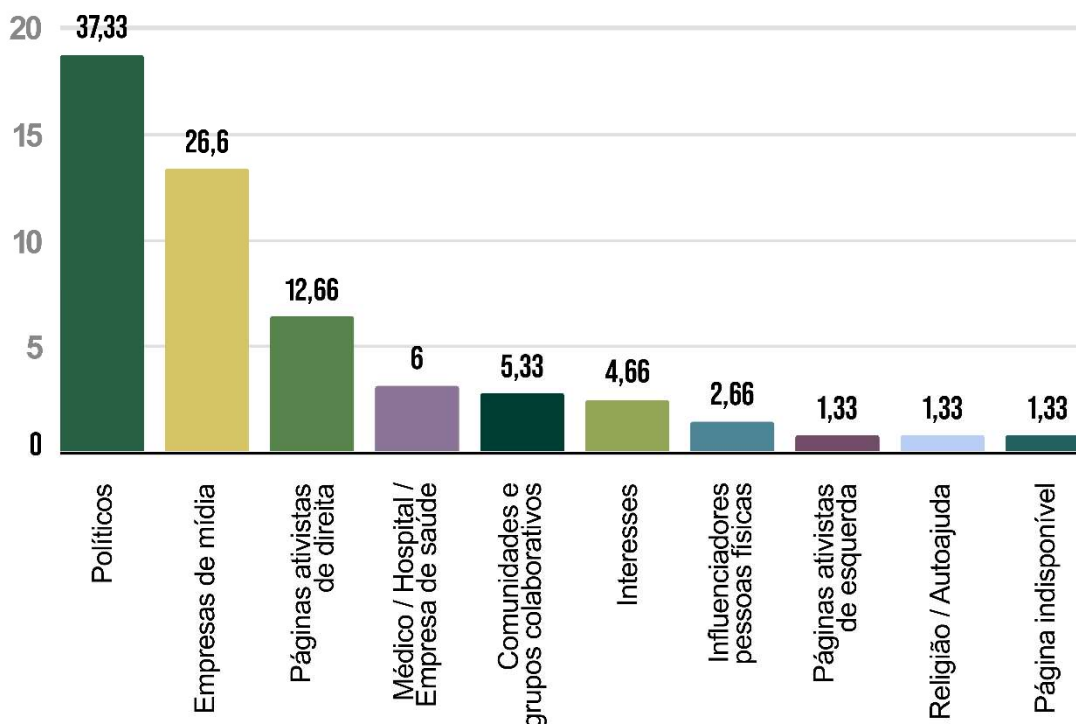
CrowdTangle, de 29 de junho a 8 de julho de 2020. Nosso *dataset* é formado por 1350 nós e 20.037 arestas.

O Brasil virou o país do tratamento precoce: cloroquina, ivermectina e azitromicina formaram o kit covid, chamado de tratamento precoce, esperança na pandemia. Na bula, indicava-se tais fármacos para tratamento de malária e lúpus, verme etc.

Mas quais atores falavam sobre a Covid-19 nesse período, no *Facebook*? Quais foram as narrativas com mais interações? Para responder a essas questões, filtramos os 150 *posts* que tiveram maior performance no *dataset* de 29 de junho a 8 de julho de 2020, por meio do *Ford*, *script* do Labic.

Quadro 3 – Análise dos atores de junho de 2020, divididos por categoria

Atores



Fonte: Quadro preparado pela autora após análise dos dados públicos, coletados na *CrowdTangle*

Os políticos federais, estaduais, municipais e lideranças de partidos lideraram as narrativas do período, com 27,33% das interações com mais engajamento. Aqui, não separamos os prefeitos, porque as narrativas giram em torno da adoção do tratamento precoce como política pública ou preferência a dar liberdade aos médicos na tomada de decisão do tratamento, em ativismo transmídia que propagou desinformação e confundiu as pessoas. Empresas de mídia/notícia, de jornalismo regional, estão em segundo lugar no *dataset*, com 26,6% das postagens com mais interações. Outras páginas que ganham destaque são de ativistas de direita, com 12,66%¹⁶⁷.

Mas quais eram as narrativas que circulavam nas postagens? Nesse *dataset* de 29 de junho a 8 de julho de 2020, a controvérsia sobre o uso ou não do tratamento precoce pautam as conversas. Após filtragem e exclusão das postagens repetidas, identificamos as 150 palavras mais usadas nas postagens via *script Ford*, do Labic, que nos auxiliaram na análise das narrativas¹⁶⁸.

A tabela com as 150 palavras mais usadas possibilita o entendimento de que a temática das narrativas girava em torno do *tratamento*, *precoce*, formado por azitromicina, *ivermectina* e *hidroxicloroquina*, *medicamentos* defendidos pelos políticos de direita para serem adotados como *protocolo* para salvar *vidas*. A *timeline* discursiva se desloca para a controvérsia do uso desses remédios como política pública no combate à Covid-19.

Para entender como esses termos se relacionavam lexicalmente no nosso *dataset*, de março e como esses sentidos se conectavam ou se distanciavam nos arranjos textuais, elaboramos um grafo com a relação das 150 palavras mais recorrentes nas postagens, o que nos possibilita analisar as narrativas mais recorrentes, sobre a Covid-19, no período.

O grafo (Figura 17) possui cinco *clusters* (agrupamentos), representados por cinco cores distintas: roxo, verde, azul, laranja e amarelo. O grafo mostra clusters isolados, diferentemente dos outros grafos do trabalho. Isso significa que os clusters discutiam diferentes narrativas sobre o tratamento precoce, com baixa interação entre as redes. Novamente, houve disputa de significado de termos, desta vez sobre o

¹⁶⁷ Lista completa de atores dos 150 posts com mais interações em junho de 2020 está no Apêndice M.

¹⁶⁸ Lista completa de palavras mais usadas no *dataset* de junho de 2020 pode ser conferida no Apêndice N.

quimioterapias, cirurgias, radioterapias, dentre outros procedimentos, para o paciente onco-hematológico”¹⁶⁹.

Nesta época, o vermífugo Annita, à base de *Nitazoxanida*, uma das palavras de destaque do grafo, começou a ser testado para o combate à Covid-19. O Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) começou pesquisa e convocava voluntários para o estudo “Efeitos do uso precoce da nitazoxanida em pacientes com Covid-19”, aprovado Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep).

“Pessoas maiores de idade com pelo menos um sintoma característico do novo coronavírus, tais como febre, tosse seca e fraqueza, podem se voluntariar à mobilização #500VoluntáriosJá”, dizia postagem do prefeito de Guarulhos, Guti, acompanhado de vídeo junto ao então ministro da pasta Marcos Pontes¹⁷⁰. Novamente, a esperança de cura levou muitos às farmácias. Meu pai, Ulan Bastos, por exemplo, comprou algumas caixas de Annita, por precaução.

Dicas caseiras para “prevenir” e “combater” infecções também fazem parte do cluster roxo, como as narrativas sobre os benefícios do *alho* porque possui “propriedades antivirais e bactericidas”¹⁷¹. Como disse Espinosa (2016), diante do medo, as pessoas se agarram a crenças, seja em remédios sem comprovação científica para os fins utilizados, seja nas receitas caseiras em busca de aumento da imunidade.

No grafo a seguir, podemos observar as palavras que se destacam no cluster, por se repetir mais vezes, como direitos, pele, vida, dias, câncer, mundo, frequência, alho, julho, melhor, doenças, proteção, ação, corpo, testículo, importância, combater, perda, pessoa, cabeça, pesquisa, detecção, cebola, acesse, material, cru, suco, tomar, Alves, ar, estômago, mulheres, especialmente, procure, distribuição, Deus, dentes, expectorante, receita, pressão, alta, tiver, milhares, social, água, fundamental, online, compartilha, sinusite, asma, nitazoxanida¹⁷².

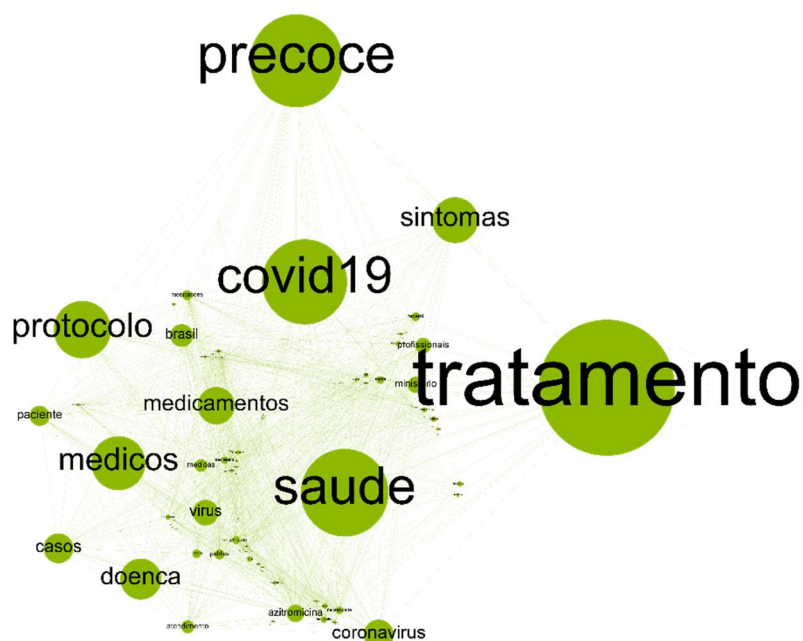
¹⁶⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/240264769421125/posts/3032307280216846>. Acesso em: 2 jul. 2022.

¹⁷⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=575792406443719>. Acesso em: 2 julho 2022.

¹⁷¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/1533694503369629/posts/4076259215779799>. Acesso em: 2 jul. 2022.

¹⁷² Confira a lista completa de palavras que se relacionam no *cluster* no Apêndice O.

Figura 19 – Grafo de rede de palavras, do *cluster* verde, do *dataset* de junho de 2020



Fonte: Grafo de palavras, do *cluster* verde, gerado no *Gephi*, a partir de dados coletados pela pesquisadora, no *CrowdTangle*.

A distribuição do tratamento precoce virou política pública, com parte da comunidade médica, políticos, prefeitos, entidades, influenciadores e cidadãos comuns narrando no *Facebook* os benefícios. Os governadores e prefeitos contrários à distribuição foram duramente cobrados. O tratamento precoce da Covid-19 está para nossa época no mesmo patamar dos paliativos para a melhora da tuberculose, antes da descoberta da cura. Diante do afeto medo, o tratamento precoce foi a esperança propagandeada como salvação. Como disse Espinosa (2016), com medo, o ser humano se deixa dominar pela superstição, é afeito às coisas incertas.

Na guerra híbrida em plataformas algorítmicas, em que há “predisposição dos algoritmos à desinformação, produzindo e disseminando notícias falsas em larga escala” (CASTRO, 2019, p. 1), a defesa deste foi o discurso que defendia o tratamento precoce foi o que mais se propagou. A popularidade nas plataformas de mídias sociais, como preconizam Van Dijck; Poell (2013), se refere à visibilidade gerada por meio de curtidas, *rankings* e algoritmos. Esse item quer dizer que, quanto mais uma postagem gera engajamento, mais ela circula. Podemos afirmar que a popularidade de uma postagem afeta a *timeline* discursiva.

Como dissemos, ação e discurso são intimamente relacionados. A ação precisa do discurso. Agindo e falando, os homens revelam quem são, mostram suas identidades pessoais únicas na teia de relações humanas existentes em todos os lugares em que os homens vivem juntos. O discurso leva a ação (ARENDDT, 2014). Dessa forma, as narrativas que defendiam o tratamento precoce, sem eficácia para Covid-19, levou milhares a usar medicamentos sem necessidade.

A desinformação foi a estratégia comunicativa de muitos políticos. Um exemplo desse *cluster* pode ser dado com a segunda postagem que recebeu mais reações, do senador capixaba Marcos do Val, de 6 de julho de 2020. Na publicação, o político diz o seguinte:

Tratamento precoce salva vidas! Por isso, destinei 11 milhões de reais para a compra de Azitromicina, ivermectina e Hidroxicloroquina para o tratamento da COVID-19 no Espírito Santo. Com esse valor, serão adquiridos 200 mil kits de cada medicamento para distribuição em todo o estado. Além disso, encaminhei 1 milhão de reais para pesquisa científica sobre o uso dos medicamentos na primeira fase da doença¹⁷⁴.

A postagem teve 13 mil reações, 1,7 mil comentários e 4 mil compartilhamentos e traz arte com a imagem de uma caixa do remédio.

A maioria dos comentários parabeniza o senador, outros dizem que os medicamentos não chegaram ao Espírito Santo e cobram soluções para melhor distribuição. Há, ainda, relatos de pessoas que se dizem curadas da Covid-19 pelos medicamentos do “tratamento precoce porque se deixar inflamar o pulmão, já era”: “Eu fui testada com covid, os remedio que me passaram no posto de saúde era caríssimo e nao tinha nas farmacia pra comprar, eu tomei azitromicina e ivermectina tenho 64 anos e graças a Deus estou bem”.

A corrida pela cloroquina, no entanto, fez acabar o remédio das farmácias, e os pacientes de lúpus, que tomavam o remédio regularmente, não conseguiam achar a medicação, fato alertado em comentário na postagem do senador:

¹⁷⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/360331564101406/posts/2152619691539242>. Acesso em: 9 jul. 2022.

Infelizmente muita gente que usa Hidroxicloroquina no tratamento contra o lúpus não consegue comprar, eu mesma estou já a 2 meses sem tomar pq a receita que eu tinha não era de controle especial e por conta de tudo isso não consigo marcar consulta pra pegar a receita¹⁷⁵.

A postagem também teve controvérsias, com comentários destacando a ineficácia dos medicamentos, o desperdício de dinheiro público em remédios sem comprovação científica para Covid-19, como o seguinte exemplo: “Remédio tão bom que todos os países do mundo suspenderam seu uso por ser inútil no combate ao vírus. Difícil entender...”.

Um vídeo da dupla sertaneja Bruno e Marrone foi publicado pelo deputado federal de Mato Grosso, José Medeiros. O vídeo¹⁷⁶ é acompanhado do seguinte texto: “São inúmeros os testemunhos de vidas salvas com o tratamento precoce da COVID-19, utilizando-se de protocolo que inclui cloroquina... O cantor Marrone é mais um curado! #BolsonaroTemRazão”. O vídeo tem 21 segundos e a dupla conversa:

- Bruno: Que remédio você tomou para se curar?
- Marrone: Cloroquina.
- Bruno: Então, o Bolsonaro estava correto?
- Marrone: Corretíssimo.

A desinformação imperou na comunicação política da direita. Como dissemos, o ativismo transmídia, termo introduzido por Lina Srivastava (2009) e definido como a criação de impacto social por meio de narrativas de diversos atores, que criam conteúdo para ampla propagação, influenciaram a ação propagando desinformação e falsas esperanças. Nesse contexto, o ativismo transmídia propagou falsas esperanças por meio de políticos, artistas, médicos e pequenas empresas de mídia.

¹⁷⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/360331564101406/posts/2152619691539242>. Acesso em: 9 jul. 2022.

¹⁷⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=586969005343848>. Acesso em: 9 jul. 2022.

Yamaguchi Pensa¹⁷⁸. As controvérsias novamente confundiam a população, uma vez que médicos, fontes tradicionais do jornalismo, com autoridade no assunto de saúde, não entraram em consenso, defendendo diferentes caminhos.

A postagem de maior interação no *dataset*, publicada em 4 de julho de 2020, é um comentário do delegado Francischini¹⁷⁹, deputado estadual pelo Paraná, sobre a coluna do UOL, publicada pouco mais de um mês antes, em 1 de junho de 2020. A postagem do delegado traz o seguinte texto:

A médica Nise Yamaguchi conta que diversos convênios médicos que adotaram a estratégia de tratamento precoce hidroxicloroquina, azitromicina e zinco têm os seus centros de terapia intensiva se esvaziando e dando espaço para que cirurgias de doenças importantes também possam ser realizadas em meio à pandemia. Para ela, criou-se uma espécie de pandemia do medo em torno da cloroquina, expondo pacientes a um sofrimento desnecessário¹⁸⁰.

Tal postagem teve 20 mil reações, 1,2 mil comentários e 73 mil compartilhamentos.

O material também traz *link* da coluna de Diogo Schelp, do UOL, com a defesa da médica imunologista e oncologista Nise Yamaguchi às críticas recebidas pelo infectologista e epidemiologista Carlos Magno Fortaleza, publicadas anteriormente no mesmo espaço. O título resume o pensamento da médica: “Convênios que adotaram cloroquina esvaziaram seus CTIs, diz Nise Yamaguchi”¹⁸¹. A médica virou referência entre os bolsonaristas e defensores do tratamento precoce e chegou a ser cotada para assumir o Ministério da Saúde.

¹⁷⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/147321592615657/posts/567190853962060>. Acesso em: 9 jul. 2022.

¹⁷⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/122807377823217/posts/2932436040193656>. Acesso em: 9 jul. 2022.

¹⁸⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/122807377823217/posts/2932436040193656>. Acesso em: 9 jul. 2022.

¹⁸¹ Disponível em: https://noticias.uol.com.br/colunas/diogo-schelp/2020/06/01/convenios-que-adotaram-cloroquina-esvaziaram-seus-ctis-diz-nise-yamaguchi.htm?fbclid=IwAR2g3-cWgreq7pf6u2C1VXC11GB8zW7_Yl1ngeDmzznt3oPCba-9p0emqNM. Acesso em: 9 jul. 2022.

Figura 21 – Postagem sobre uso do tratamento precoce

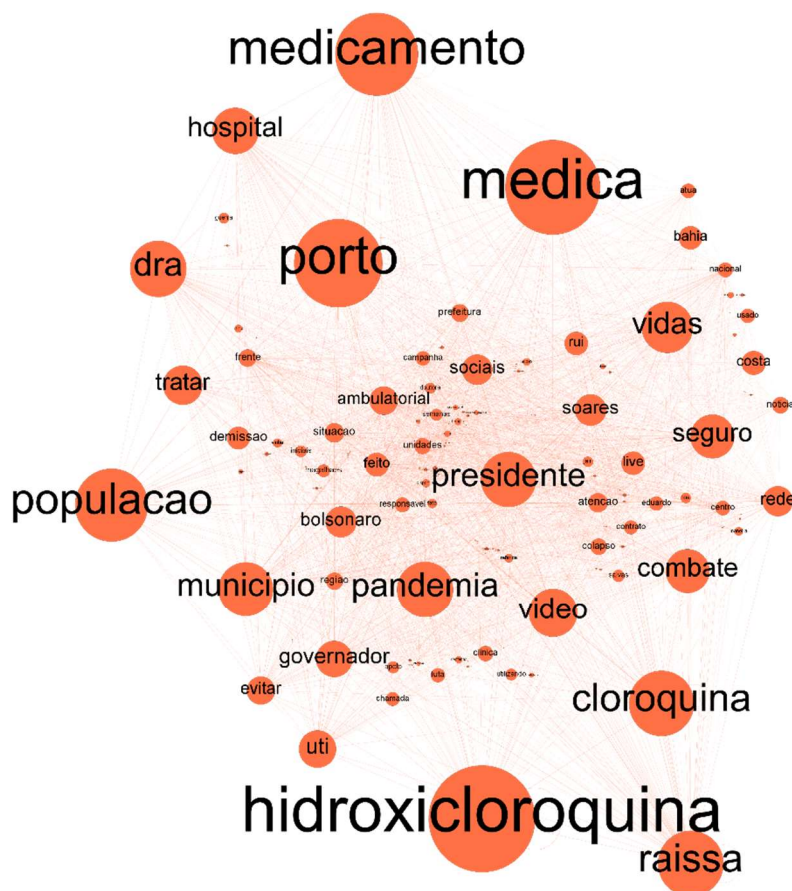


Fonte: Facebook

Já o *cluster* laranja representa 13,06% das postagens representam a narrativa sobre a médica Raissa Soares, de Porto Seguro, que ficou conhecida ao pedir o medicamento hidroxiclороquina, ao presidente Jair Bolsonaro, para tratar¹⁸² seus pacientes. As falsas esperanças levaram muitos a tomar o tratamento precoce, como o sobrevivente Bruno Bourguignon, cuja história contamos anteriormente. Diante do medo, da falta de um consenso para o combate a doença, muitas pessoas se agarram a falsas esperanças, prescritas por médicos.

¹⁸² A lista completa das palavras do *cluster* laranja pode ser conferida no Apêndice R.

Figura 22 – Grafo de rede de palavras, do *cluster* laranja, do *dataset* de junho de 2020

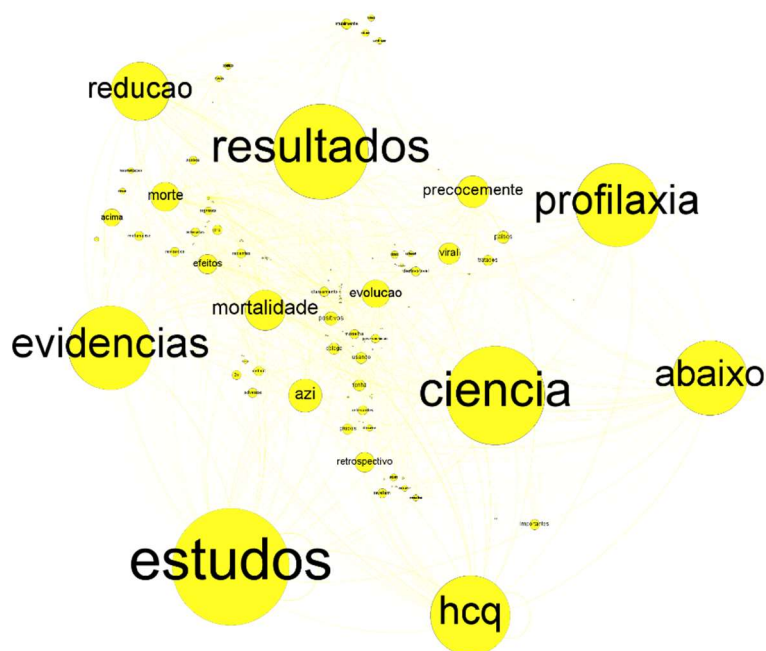


Fonte: Grafo de palavras, do *cluster* laranja, gerado no *Gephi*, a partir de dados coletados pela pesquisadora, no *CrowdTangle*.

Já o *cluster* amarelo (8,93%) traz narrativas sobre *estudos* que trazem *evidências* que a *HCQ* (hidroxicloroquina) traz *resultados*. A *ciência* teria comprovado em estudos¹⁸³, como mostra a Figura 23. O referido estudo alimentava a desinformação.

¹⁸³ A lista completa de palavras do *cluster* amarelo pode ser conferida no Apêndice S.

Figura 23 – Grafo de rede de palavras, do *cluster* amarelo, do *dataset* de junho de 2020



Fonte: Grafo de palavras, do *cluster* laranja, gerado no *Gephi*, a partir de dados coletados pela pesquisadora, no *CrowdTangle*.

As narrativas defendem que “acabou o discurso de que não existe evidência para hidroxicloroquina”. Em 4 de julho de 2020, *post* do vereador de Passo Fundo (RS) e procurador do Estado do Rio Grande do Sul, Rodinei Candeia, diz que “já são 49 estudos (29 revisados) cujo total revelam resultados ‘muito positivos’ usando o HCQ como profilaxia pré e pós-exposição e principalmente no tratamento precoce”. O texto segue dizendo que “a ciência diz que tratar precocemente é a chave para acabar com hospitalizações e morte”, listando os estudos, com *link*. Ele finaliza questionando “A turma das ‘evidências’ vai continuar a negar o óbvio ou vão assumir que a negativa tem cunho político?”¹⁸⁴.

¹⁸⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/271901299955863/posts/900929900386330>. Acesso em: 2 ago. 2022.

Desde 25 de maio de 2020, a OMS já tinha suspenso um “grande teste do medicamento contra a malária em pacientes com a Covid-19 devido a questões de segurança”. França, Itália e Bélgica suspenderam o uso da hidroxicloroquina contra Covid-19 na mesma época. “A revista médica britânica *The Lancet* informou que os pacientes que receberam hidroxicloroquina elevaram suas taxas de mortalidade e batimentos cardíacos irregulares”, aponta reportagem da CNN¹⁸⁵.

O médico e pesquisador francês, Didier Raoult, é o autor do estudo, publicado em março de 2020, que deu início a defesa do uso da medicação contra Covid-19. Ele ficou mundialmente conhecido como Doutor Cloroquina, entretanto cientistas do mundo todo chamavam a atenção para falhas graves no estudo e contestavam seus resultados. Em janeiro de 2021, Raoult reconheceu que estava equivocado, em carta publicada na mesma revista do artigo original, *International Journal of Antimicrobial Agents*. “A equipe consertou seus dados e admitiu que não houve comprovação de 100% de cura, como divulgado anteriormente”¹⁸⁶. “Concordamos com os colegas que a exclusão de seis pacientes de nossa análise pode ter enviesado os resultados”¹⁸⁷. A Agência Francesa de Segurança de Medicamentos e Produtos de Saúde (ANSM) anunciou sanções ao instituto coordenado pelo “Doutor Cloroquina”, em junho de 2022¹⁸⁸.

Como em outras doenças surgidas no mundo, como aponta Sontag (1988), as “metáforas” sobre a Covid-19 vão sendo criadas e propagadas nas plataformas de mídias sociais. Sontag (1988) observa que “a doença não é uma metáfora”, mas também que é quase impossível o doente não ter sido impactado pelo discurso que ronda as enfermidades (SONTAG, 1988, p. 6). Dessa forma, é preciso desmistificar as enfermidades para tratá-las de maneira mais fidedigna e humanizada.

Mas não foi isso que vimos. Muitos médicos e políticos abraçaram a desinformação e propagaram falsas esperanças de cura pelas plataformas de mídias sociais. O tratamento precoce como cura foi o mais propagado na *timeline* discursiva, confundiu a população e dificultou o combate da doença.

¹⁸⁵ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/franca-proibe-uso-da-cloroquina-no-tratamento-da-Covid-19/>. Acesso em 5 ago. 2022.

¹⁸⁶ Disponível em: <https://super.abril.com.br/saude/maior-defensor-da-cloroquina-medico-frances-admite-erros-em-estudo/>. Acesso em 5 ago. 2022.

¹⁸⁷ Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S092485792030460X#bib0001>. Acesso em 5 ago. 2022.

¹⁸⁸ Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/agencia-francesa-impoe-sancoes-a-instituto-dirigido-por-didier-raoult/>. Acesso em 5 ago. 2022.

5.2.4. A controvérsia da vacina

A falsa esperança do tratamento precoce, vendida pelo populismo digital, não deu resultados. O Brasil atingiu 100 mil mortos por Covid-19, em 8 de agosto de 2020. Na data, o governo federal, em postagem nas mídias sociais via Secretaria de Comunicação, comemorou “um dos menores índices de óbito por milhão”. A contagem do governo federal não é o mais indicado, segundo especialistas, porque usa o total da população e porque há subnotificação de casos e de mortes. “Dados da Universidade de Oxford mostram o Brasil em 10º lugar entre os países com o maior número de mortes por milhão - taxa de 468,44 por milhão de habitantes¹⁸⁹.

Nessa época, foram anunciadas vacinas promissoras contra a Covid-19 e Bolsonaro encampa um movimento antivacina, ao afirmar que “Ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina”, em 31 de agosto de 2020, mesmo já tendo assinado Medida Provisória para liberar crédito orçamentário para a compra de vacinas¹⁹⁰.

A curva epidemiológica começa a cair em setembro e Bolsonaro segue criticando as vacinas contra a Covid-19, principalmente a Coronovac, produzida no Brasil pelo Instituto Butantan, em uma parceria firmada com a farmacêutica Sinovac da China, e o governo de São Paulo. Bolsonaro chegou a desautorizar o ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, suspendendo a compra de 46 milhões de doses da vacina Coronovac, em 31 de outubro de 2020. “A vacina chinesa de João Doria¹⁹¹, qualquer vacina antes de ser disponibilizada à população, deve ser comprovada cientificamente pelo Ministério da Saúde e certificada pela Anvisa. O povo brasileiro não será cobaia de ninguém. Minha decisão é a de não adquirir a referida vacina¹⁹²”, escreveu Bolsonaro em sua página no *Facebook* com mais de 10 milhões de reações e, na época, com mais de 13 milhões de seguidores¹⁹³.

É curioso notar que os políticos de direita que defenderam o tratamento precoce, ignorando riscos e efeitos colaterais, começam a fazer campanha contrária

¹⁸⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/08/08/no-dia-em-que-brasil-atinge-100-mil-mortes-por-Covid-19-governo-comemora-um-dos-menores-indices-de-obitos-por-milhao.ghtml>. Acesso em: 26 ago. 2020.

¹⁹⁰ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2020/08/31/ninguem-pode-obrigar-ninguem-a-tomar-vacina-diz-bolsonaro.htm>. Acesso em 31 ago. 2020.

¹⁹¹ Governador do Estado de São Paulo pelo PSDB, se elegeu com o apoio de Jair Messias Bolsonaro, mas depois rompeu relações com o mesmo, tornando-se um desafeto e adversário político.

¹⁹² Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/10/21/bolsonaro-desautoriza-pazuello-e-suspende-compra-da-vacina-coronovac.ghtml>. Acesso em: 21 out. 2020.

¹⁹³ Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/posts/2146049442210697>. Acesso em: 21 out. 2020.

às vacinas, que estavam sendo testadas e passavam por aprovações na Anvisa e se significavam esperança real no combate à Covid-19. Em sua ofensiva contra a vacinação, Bolsonaro comemorou a suspensão dos testes da Coronavac pela Anvisa, após a morte de um dos voluntários. “Morte, invalidez, anomalia. Esta é a vacina que o Doria queria obrigar a todos os paulistanos tomá-la. O presidente disse que a vacina jamais poderia ser obrigatória. Mais uma que Jair Messias Bolsonaro ganha”, escreveu no *Facebook*. Posteriormente, descobriu-se que foi suicídio e que a morte não tinha relação com o imunizante (GORTÁZAR, 2020).

Em entrevista, na TV Band, em 15 de dezembro de 2020, disse: “Eu não posso falar. Como cidadão é uma coisa e como presidente é outra. Mas como eu nunca fugi da verdade, eu digo: Eu não vou tomar a vacina. Se alguém acha que a minha vida está em risco, o problema é meu e ponto final”¹⁹⁴.

Três dias depois, em evento na Bahia, Bolsonaro questionou os possíveis efeitos colaterais da vacinação. “Lá no contrato da Pfizer, está bem claro nós (a Pfizer) não nos responsabilizamos por qualquer efeito colateral. Se você virar um jacaré, é problema seu”, disse. Ainda complementou: “Se você virar Super-Homem, se nascer barba em alguma mulher aí, ou algum homem começar a falar fino, eles (Pfizer) não têm nada a ver isso. E, o que é pior, mexer no sistema imunológico das pessoas”. Em meio à disputa de narrativas, o Supremo Tribunal Federal (STF) autorizou governadores e prefeitos a estabelecerem, de forma obrigatória, a vacinação contra a Covid-19¹⁹⁵.

As narrativas contrárias às vacinas fomentaram o afeto medo em um ambiente que a extrema direita descredibiliza o jornalismo profissional, mesmo antes da pandemia, e divulga teorias da conspiração. Como dissemos, o medo é uma tristeza instável, surgida igualmente da imagem de uma coisa duvidosa (ESPINOSA, 2016, p. 56). O homem dominado pelo medo como superstição é afeito às coisas incertas. Nos dias de adversidade, angustiados, tornam-se crédulos de tudo o que ouvem, mesmo que seja algo absurdo (ESPINOSA, 2003).

Na realidade, as vacinas se mostraram ser eficazes e esperança concreta para salvar vidas. Tanto que à medida que a vacinação aumentava, a curva de mortes

¹⁹⁴ Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-diz-que-nao-vai-tomar-vacina-contracovid,70003552928>. Acesso em: 15 dez. 2020.

¹⁹⁵ Disponível em: <https://istoe.com.br/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce-vice-um-jacare-e-problema-de-voce/>. Acesso em: 18 dez. 2020.

diminuía. Mas quem se apega ao afeto esperança também tem dúvida sobre as realização. Para Espinosa (2016), se retirarmos a dúvida, da esperança nasce a confiança.

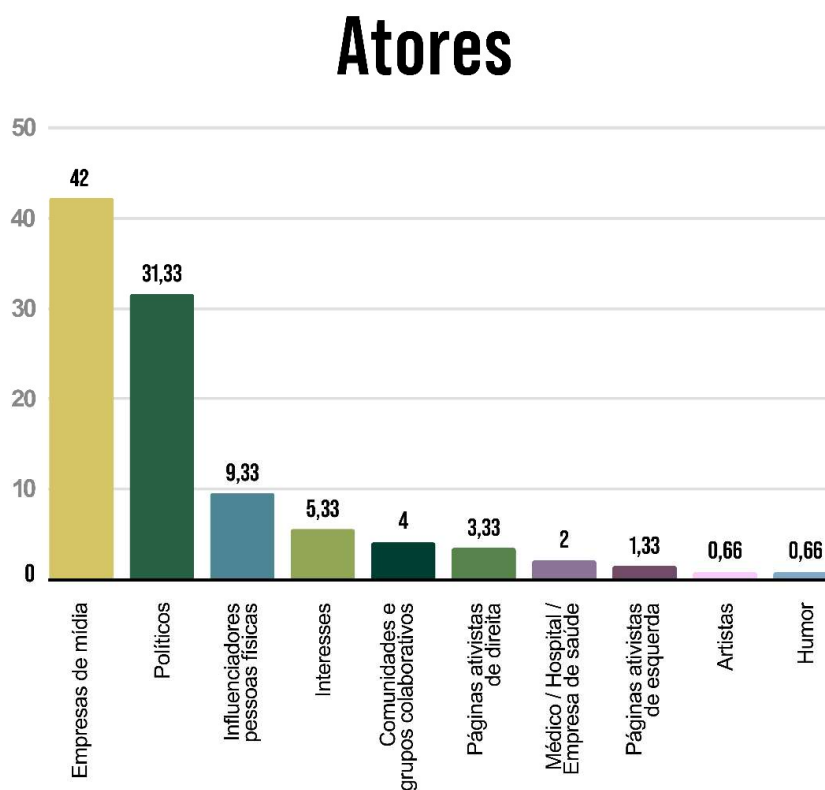
“O afeto produzido sobre os registros do virtual e do potencial, do medo que é real, mas não necessariamente concretizado em eventos, vem a constituir a ecologia do medo na vida cotidiana” (DAS, 2020, p. 31).

A atitude antivacina de Bolsonaro lembra a histórica revolta da vacina, em 1904, motim popular ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, capital do Brasil na época, contra a obrigatoriedade da vacinação em massa contra a varíola, em campanha da presidência da República (SEVCENKO, 2018). No século XXI, a revolta da vacina ocorreu em narrativas controversas nas plataformas de mídias sociais e afetou a muitas pessoas, que temeram a vacinação contra a Covid-19, e foi fomentada pelo próprio mandatário e seus aliados.

Nosso quarto marco analisado são as controvérsias com relação à vacina contra a Covid-19, em coleta, via *CrowdTangle*, das palavras “vacina and vacinação”, de 14 a 23 de dezembro de 2020. Mas quais atores falavam sobre a Covid-19 neste período, no *Facebook*? Quais foram as narrativas com mais interações? Para responder a essas questões filtramos os 150 *posts* que tiveram maior performance no *dataset* de 14 a 23 de dezembro de 2020, por meio do *Ford, script* do Labic.

Nesse período, as grandes empresas de mídia/notícias retornam para o primeiro lugar ao analisarmos os atores com mais interações, ficando com 42% das narrativas do *dataset* de dezembro de 2020. Lembramos que entramos em cada link de páginas e perfis para analisar o conteúdo e a estrutura que possuem fora das plataformas de mídias sociais, não acatando a autodefinição de empresas de mídia/notícia sem antes fazer análise manual. Os políticos ficam em segundo lugar, com 31,33%, seguido dos influenciadores pessoas físicas (9,33%)¹⁹⁶.

¹⁹⁶ Veja atores dos 150 posts com mais interações no dataset de dezembro de 2020 na Apêndice T.

Quadro 4 - Análise dos atores de dezembro de 2020, divididos por categoria

Fonte: Quadro preparado pela autora após análise dos dados públicos, coletados na *CrowdTangle*

Mas quais eram as narrativas que circulavam nas postagens? Nesse *dataset* de 14 a 23 de dezembro de 2020, a controvérsia sobre as vacinas, que despontavam como promissoras, pauta as conversas. Após filtragem e exclusão das postagens repetidas, identificamos as 150 palavras mais usadas nas postagens via *script Ford*, do Labic, que nos auxiliaram na análise das narrativas¹⁹⁷.

Analisando as 150 palavras mais usadas, foi possível perceber que a temática das narrativas girava em torno da *vacina* e da possibilidade de início da *vacinação*. Para isso, era necessário um *plano nacional* de *imunização* e aprovação da *Anvisa*. A *timeline* discursiva se desloca para as vacinas que despontavam como promissoras no combate à Covid-19.

¹⁹⁷ A lista completa de palavras mais recorrentes estatisticamente, no *dataset* de dezembro de 2020, pode ser conferida no Apêndice U.

Para entender como esses termos se relacionam lexicalmente no nosso *dataset* de dezembro de 2020 e como esses sentidos se conectavam ou se distanciavam nos arranjos textuais, elaboramos um grafo com a relação das 150 palavras mais recorrentes nas postagens, o que nos possibilita analisar as narrativas sobre a Covid-19 mais recorrentes no período.

Como já dissemos, além das 150 palavras mais frequentes nas postagens filtradas, o grafo relaciona as 10 palavras mais associadas a cada uma dessas 150, apresentadas em uma teia de conexões entre todas as palavras associadas, visualizadas por meio de um grafo (representação matemática de relações entre entidades), formado por nós (palavras) e arestas (conexões do número de vezes que as palavras aparecem juntas nas mensagens).

Nas arestas, há um peso lexical, que, no grafo, é representado pela largura das linhas entre elas. Quanto mais espessa a linha, mais intensa é a relação de uma palavra com a outra. Quanto maior é o tamanho da palavra, mais vezes ela foi usada nas postagens (MALINI *et al.*, 2020). Nosso *dataset* é formado por 849 nós e 19.379 arestas.

O grafo (Figura 24) possui cinco *clusters* (agrupamentos), representados por cinco cores distintas: rosa, verde, azul, laranja e amarelo. A rede de palavras foi criada a partir de mineração de textos publicados no *Facebook* (em português) sobre a Covid-19, dos dias de 14 a 23 de dezembro 2020.

o certificado de extrema unção”. Para muitos, a “vacina chinesa precisa” “ser testada e aprovada pelos órgãos oficiais da saúde” e obrigar o povo a tomar vacina seria uma “ditadura”. Detalhe que a Fiocruz fabricou a Astrazeneca. O Instituto Butantan que fabricou a Coronavac, que ficou conhecida como “vacina chinesa”. As vacinas, que salvam vidas, passaram a ser objeto de desconfiança, narrativa fomentada pelo populismo digital (CESARINO, 2019). Medo e esperança, os afetos opostos e interdependentes (ESPINOSA, 2016), disputam a percepção das pessoas. Algumas com medo das vacinas e seus efeitos e outras pessoas esperançosas pela cura.

Mas, a maioria dos comentários parabeniza a Fiocruz e a iniciativa do arcebispo. “Que esperança ver a Igreja se aliando a Fiocruz! É somente somando forças que iremos controlar a pandemias e evitar muitas mortes desnecessárias...”

Governadores se movimentam para conseguir vacinas. Postagem do então governador do Ceará, Camilo Santana, traz informações sobre reunião em São Paulo com o “governador João Dória, o presidente do Instituto Butantan, Dimas Covas, e equipe do Governo. Conversamos sobre a produção da vacina da Covid pelo Butantan e sobre o Plano Nacional de Imunização”²⁰⁰.

Também faz parte desse *cluster* a narrativa da vacinação do presidente eleito dos Estados Unidos, Joe Biden, em 21 de dezembro de 2020. Ele “recebeu a primeira dose da vacina contra a Covid-19 desenvolvida pelas farmacêuticas Pfizer e BioNTech! A aplicação foi transmitida ao vivo, para incentivar a vacinação no país”, informa postagem do Hugo Gloss²⁰¹.

Já o *cluster* verde (25,16%) destaca a narrativa do *presidente Jair Bolsonaro*, que *disse* em sua *live* semanal que não haveria *vacina* suficiente para *vacinação* de toda a *população* do Brasil²⁰² em 2021. “Não temos como conseguir vacina para todo mundo até o final do ano. Então não tem medida restritiva nenhuma. Pode ser uma medida inócua do Supremo”, disse Bolsonaro, cuja fala foi reverberada pela imprensa em geral e pelo jornalista Leonardo Sakamoto, em 18 de dezembro de 2020²⁰³. Nos comentários, preocupação. “O Brasil atravessa uma pandemia, sem alguém que tenha capacidade de lhe guiar, de lhe dirigir por esse momento complicado, pq essa criatura

²⁰⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/1563383537227567/posts/290545196968737>. Acesso em 5 set. 2022.

²⁰¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/196008906145/posts/10157798799676146>. Acesso em 5 set. 2022.

²⁰² A lista completa de palavras do cluster verde pode ser observada no Apêndice W.

²⁰³ Disponível em: <https://www.facebook.com/335237883171442/posts/4108202989208227>. Acesso em 5 set. 2022

Já o *cluster* azul (16,6%) traz as narrativas sobre o lançamento do *plano* para *imunização* de *milhões* de *doses*²⁰⁵ de vacina, ocorrido em 16 de dezembro de 2020, como destacado na Figura 25. O “Plano Nacional de Operacionalização da Vacina contra a Covid-19 [...] prevê quatro grupos prioritários que somam 50 milhões de pessoas, que receberão duas doses em um intervalo de 14 dias entre a primeira e a segunda injeção”. A prioridade foi trabalhadores da saúde, idosos, pessoas com doenças crônicas, diz postagem da página de ativistas de direita “Bolsonaro Presidente 2022”²⁰⁶.

Mesmo depois de ter criticado a vacinação várias vezes, no lançamento, Jair Bolsonaro posou para fotos com o Zé Gotinha, personagem clássico de campanhas de vacinação no Brasil. Nos comentários, desconfiança da vacina: “Não tomo até que me prove que essas vacinas é certa”. “Vacina sem homologação totalmente controversa... não irei tomar e se o governo for me marginalizar por isso que assim seja”. Novamente, o discurso levou a ação (ARENDR, 2014). O discurso de Bolsonaro afetou a muitas pessoas, que ficaram com medo de toma a vacina. Esse é mais um exemplo de como Bolsonaro governa o Brasil com “base em decisões e implementações de políticas e discursos e pronunciamentos dirigidos à população cujos pilares fundamentais se assentam e se justificam com base em teorias conspiratórias” (AGGIO, 2021, p. 65).

Em 1904, oficialmente, a revolta da vacina “durou seis dias e cinco noites, levou à decretação de estado de sítio na cidade e só cessou após a revogação da obrigatoriedade da vacina. Trinta mortos, 110 feridos e mais de 1.500 presos e deportados” (BATISTA, 2020, online). Nos primeiros anos da pandemia da Covid-19, quantos mortos tivemos por falta de vacinas, seja pela demora na aquisição ou seja pelo medo propagado pela necropolítica do próprio governo e seus aliados?

²⁰⁵ Confira lista completa com as palavras que formam o cluster azul no Apêndice X.

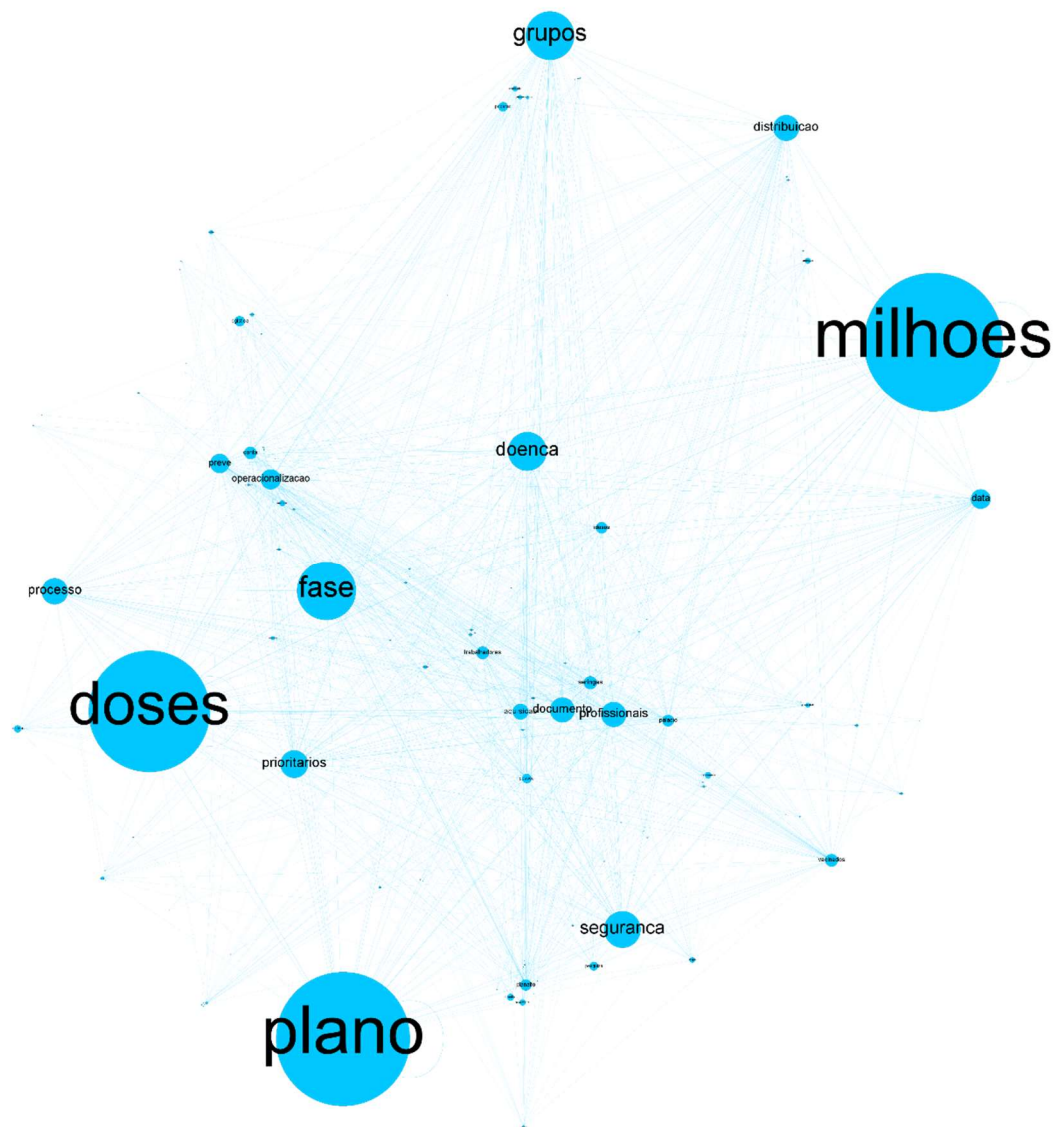
²⁰⁶

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/bolsonaropr2022/photos/a.1788965448061070/2603535429937397/?type=3>. Acesso 5 set. 2022.

Figura 27 – Grafo geral de rede de palavras, do *cluster* azul, do *dataset* de dezembro de 2020



Fonte: Grafo de palavras, do *cluster* azul, gerado no *Gephi*, a partir de dados coletados pela pesquisadora, no *CrowdTangle*.

O *cluster* também traz narrativas dos governadores, como o governador do Ceará, Camilo Santana, anuncia preparação para colocar em prática o Plano Estadual de Vacinação. “O Governo do Estado adquiriu câmaras refrigeradas e mais 6 milhões

de seringas e agulhas, que chegarão ao Ceará em janeiro”, diz, em postagem de 19 de dezembro de 2020²⁰⁷.

Em Minas Gerais, o governador Zema anuncia Plano de Vacinação, em 14 de dezembro de 2020, e publicou: “O Estado já adquiriu 50 milhões de seringas agulhadas e 671 câmaras refrigeradas. O objetivo é claro, prever estratégias logísticas para garantir que todos os 853 municípios de Minas recebam a vacina, assim que for homologada”²⁰⁸.

Por sua vez, o *cluster* laranja (16,28%) traz as narrativas sobre a decisão do ministro do *Supremo Tribunal Federal (STF)*, Ricardo Lewandowski, que autorizou que estados e municípios importem e distribuam vacinas contra Covid-19 que tenham registro nas principais agências reguladoras internacionais, caso a Anvisa não cumpra o prazo de 72 horas para autorização destas²⁰⁹. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) é uma autarquia do Governo Federal e a medida de Lewandowski buscava assegurar vacinação para a população, independente do governo federal, que dificultava a compra de vacinas. A decisão gerou controvérsias. “Se o STF acha que a Anvisa não serve para nada, manda fechar as portas então!!”, diz comentário em postagem da Jovem Pan News, cujo título dizia que “Lewandowski dá aval para compra de vacinas sem aval da Anvisa”.

Outro comentário diz “Deus ajude que milhões de pessoas não morram ao tomarem essas vacinas feitas às pressas. Como foi dito por alguns renomados médicos que as pesquisas indicam efeitos colaterais”. Na contramão das críticas, comentário traz a seguinte opinião: “Tem que comprar mesmo Estados Unidos e Inglaterra começou a vacinação e nos aqui ouvindo babaguices do Bolsonaro”²¹⁰.

O *cluster* laranja, além disso, traz a decisão do STF de que a vacina contra a Covid-19 é obrigatória. Entre as palavras mais usadas, que aparecem no grafo a seguir por se repetir no *cluster*, estão STF, medidas, obrigatória, supremo, municípios, união, tribunal, autoriza, Lewandowski²¹¹.

²⁰⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/1563383537227567/posts/2908785019354072>. Acesso em 5 set. 2022.

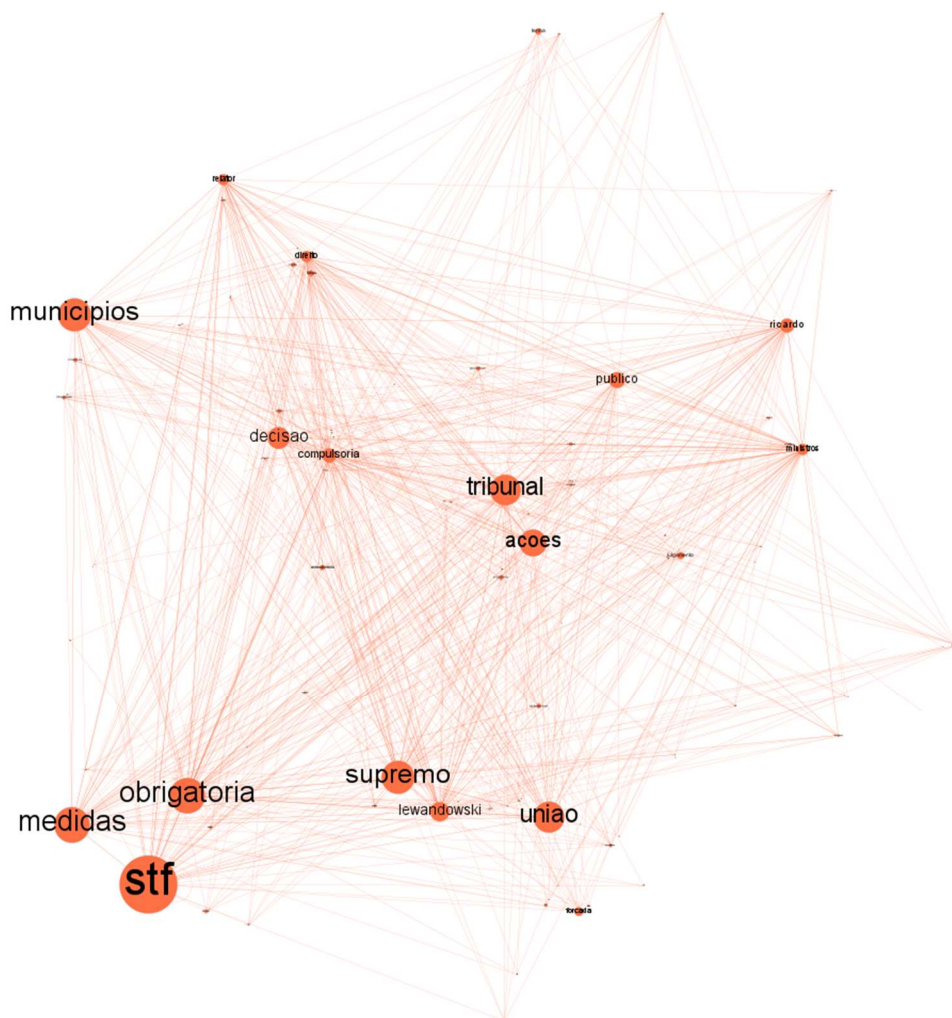
²⁰⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/655132991340181/posts/1643379912515479>. Acesso em 5 set. 2022.

²⁰⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/164188247072662/posts/2086191974872270>. Acesso em 5 set. 2022.

²¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/182364316471/posts/10158018992891472>. Acesso em 5 set. 2022.

²¹¹ A lista completa de palavras do cluster laranja pode ser conferida no Apêndice Y.

Figura 28 – Grafo geral de rede de palavras, do *cluster* laranja, do *dataset* de dezembro de 2020



Fonte: Grafo de palavras, do *cluster* laranja, gerado no *Gephi*, a partir de dados coletados pela pesquisadora, no *CrowdTangle*.

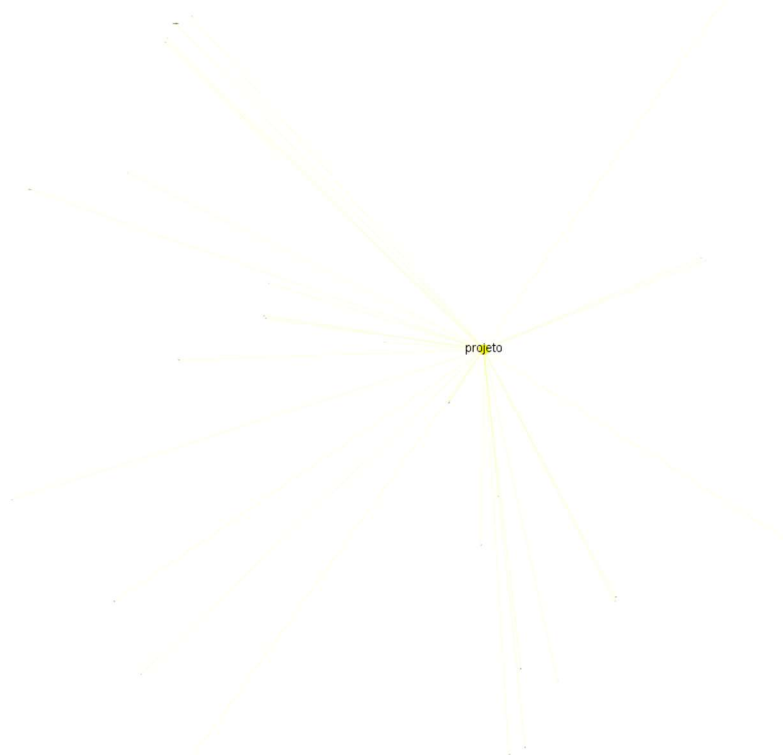
“Entre outros pontos, ficou decidido que vacinação obrigatória não significa vacinação forçada contra a Covid, mas que sanções podem ser estabelecidas contra quem não se imunizar”, diz postagem do Jornal Nacional. A postagem também gerou comentários controversos, como “Não somos obrigados a nada. Temos o livre arbítrio e essa vacina ainda não foi aprovada”.

“Concordo que a vacina tem que ser ‘obrigatória’ desde que seja 100% eficaz, e que tenha passado por todas as fases que são necessárias para que uma vacina seja considerada segura e eficaz”. “Fechado com Bolsonaro, não vou me vacinar”. Há comentários que apoiam a vacinação, como os seguintes: “Não acho que a população do Brasil esteja em posição pra reclamar da obrigatoriedade da vacina. Se outros Países estão abraçando, porque nós não? Eu quero é que chegue logo e que seja

eficaz, sou a favor de todas as vacinas”; “Melhor decisão! Infelizmente vivemos num país com ingerência política e tudo o STF precisa resolver”.²¹².

O *cluster* amarelo tem 3,13% das interações e traz as interações sobre projeto de lei do senador Ângelo Coronel (PSD-BA), que previa alteração no código penal brasileiro e prisão de até oito anos para quem não tomasse vacinas em casos de emergência de saúde pública, como a pandemia da Covid-19. O texto também prevê a punição para pais que não vacinarem seus filhos e para quem divulgar *fake news* sobre as vacinas. A narrativa está no grupo Aliança pelo Brasil, que repete a temática em várias postagens²¹³. A palavra projeto é a única em destaque no grafo, por se repetir mais vezes no *cluster*²¹⁴.

Figura 29 – Grafo geral de rede de palavras, do *cluster* amarelo, do *dataset* de dezembro de 2020



Fonte: Grafo de palavras, do *cluster* amarelo, gerado no *Gephi*, a partir de dados coletados pela pesquisadora, no *CrowdTangle*.

²¹² Disponível em: <https://www.facebook.com/159354314154963/posts/3593183360772024>. Acesso em 5 set. 2022.

²¹³ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/2797070420313338/permalink/3770048383015532>. Acesso em 5 set. 2022.

²¹⁴ A lista completa de palavras que formam o *cluster* amarelo pode ser conferida no Apêndice Z.

Políticos bolsonaristas fazem campanha antivacina e propagam desinformação a respeito. Em postagem, a deputada federal Carla Zambelli diz que, “além do pedido de Fundo, as farmacêuticas também pretendem deixar claro, em cláusulas nos contratos com o Governo, que não conhecem todos os riscos a longo prazo e que não serão responsáveis por reações adversas”²¹⁵. A publicação diz, além disso, que até a Organização Mundial da Saúde (OMS) já descartou a obrigatoriedade da vacina. No Brasil, essa obrigatoriedade fere direitos previstos no artigo 15º do Código Civil. “Se você concorda, apoie o nosso PL de nº 4966/2020, que torna crime funcionário público obrigar alguém a se submeter, com risco de vida, a tratamento médico, vacinação, ou a intervenção cirúrgica”, diz²¹⁶.

Novamente, políticos de direita usaram a desinformação como estratégia comunicativa, criando teorias da conspiração contra as vacinas. Como dissemos, teorias da conspiração são ideias acusatórias, têm caráter especulativo, são inerentemente políticas e podem ser falsas ou não. Geralmente, contradizem as autoridades epistemológicas e quem acredita nessas crenças sem comprovação se justifica dizendo que há evidências (USCINSKI, 2020).

Figura 30 – Postagem sobre projeto de lei



Fonte: Facebook

²¹⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/198620036895177/posts/3696708577086288>. Acesso em 18 jul. 2022.

²¹⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/198620036895177/posts/3696708577086288>. Acesso em 5 set. 2022.

A postagem traz comentários com opiniões controversas: “Já chega de ouvirmos opiniões políticas sobre assuntos científicos. A Carla Zambelli está a serviço de sua facção. Que valor tem a opinião dela? Todas as vacinas que já tomamos jamais foram contestadas e os resultados foram sempre brilhantes”. Outro comentário diz: “o povo não pode aceitar, pois as vacinas estão ainda muito obscuras!”

A *timeline* discursiva se desloca para controvérsias entre defensores e pessoas contra vacinas. Como já dissemos, a *timeline* discursiva são as variações discursivas no tempo, os diferentes enquadramentos temáticos de opiniões e conversações públicas, que vão variando ao longo do tempo (MALINI *et al.*, 2020).

A primeira brasileira a ser vacinada foi a enfermeira Mônica Calazans, em 17 de janeiro de 2021. Ela tomou a primeira dose de Coronavac, produzida no Instituto Butantan, graças ao acordo firmado entre o governador de São Paulo, João Doria, e a Sinovac. A vacinação seguiu por ordem de grupos prioritários e o número de mortes foi reduzindo à medida que o número de vacinados aumentava. Muitos brasileiros não se vacinaram por causa das controvérsias sobre as vacinas, na crença de que coloca a vida em risco, em controvérsias estimuladas por políticos. Outros adiaram a decisão, mas não resistiram às fotos e narrativas em defesa das vacinas. Novamente, medo e esperança são os afetos que oscilam nas postagens analisadas. Muitos com esperança pela cura, por vacinas efetivas, mas, ao mesmo tempo, outros com medo dos efeitos colaterais, fomentado por políticos e por cidadãos comuns.

Eu, meu marido e filhos nos vacinamos. Só pegamos Covid-19 em 2022, na chamada quarta onda, mas tivemos sintomas leves, graças à vacinação. Contudo, a pandemia ainda não acabou. Ainda temos novos casos e mortes no Brasil e no mundo. Além disso, muitos estão tratando as sequelas físicas e emocionais deixadas pela doença que vitimou 687.574²¹⁷ pessoas no Brasil, até 24 de outubro de 2022, número que poderia ser menor se as pessoas buscassem a razão absoluta, aquilo que Espinosa (2016) tanto defendeu, e houvesse consenso no tratamento da doença.

217

Ministério da Saúde. <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 25 out. 2022.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia da Covid-19 foi quantitativa. Diariamente, número de infectados, internados, mortos e curados era divulgado. A pandemia da Covid-19 também foi qualitativa. Afinal, cada número divulgado significava histórias de vidas afetadas. A pandemia da Covid-19 também foi uma infodemia, excesso de informações circulando sobre a doença, em que fontes fidedignas, que divulgavam orientações confiáveis, se misturaram com desinformação e manipulação de informações com interesses duvidosos (PAHO, 2020b).

Esse fenômeno foi ampliado pelas narrativas em plataformas de mídias sociais, que se propagavam rapidamente e podiam mudar o comportamento das pessoas, “possivelmente levando-as a correr riscos maiores” (PAHO, 2020b, p. 2). Junte-se a isso o fato de que o *Facebook* foi a plataforma mais usada pelos brasileiros para se informarem em 2020 e 2021, anos iniciais da pandemia da Covid-19, segundo o *Digital News Report* (2020; 2021). Em 2020, foi a primeira vez que o meio TV perdeu o primeiro lugar como fonte de informação mais usada pelos brasileiros.

Nesse contexto, este trabalho teve como objetivo principal cartografar os afetos da Covid-19, na *timeline* discursiva (MALINI *et al.*, 2020), no *Facebook* Brasil em quatro períodos de 2020. Para fazermos isso, buscamos compreender teoricamente os afetos, descrever a mudança de fluxos da comunicação e o cenário de plataformização da sociedade e do jornalismo, discutir o uso da desinformação como estratégia política.

Também procuramos recontextualizar os acontecimentos por meio de reportagens da imprensa tradicional, analisar a governança do *Facebook* durante a pandemia para evitar a propagação de desinformação e as controvérsias da plataforma com seus usuários por causa das regras impostas e pela política de deplataformização (ROGERS, 2020). Buscamos, ainda, descer ao cotidiano (DAS, 2020) de cinco sobreviventes para cartografar afetos não expressos nas postagens de *Facebook*.

Procuramos entender a sociologia do comportamento dos indivíduos, inspirados pela Teoria Ator-Rede (LATOURETTE, 2012), que põe em conexão atores humanos e não-humanos nas redes, e a cartografia das controvérsias, conceito revigorado por Venturini (2010). “Controvérsias são situações onde a vida coletiva se torna mais complexa: onde a maior e a mais diversa seleção de atores está envolvida;

onde as alianças e oposições se transformam sem muita prudência; onde nada é tão simples quanto parece” (VENTURINI, 2010, p. 262).

A pandemia da Covid-19 afetou as pessoas de maneiras diferentes. Por isso, partimos da obra de Espinosa (2016), que determina a natureza, a virtude e a força dos afetos (*pathema* – paixão do ânimo) e define afetos (*affectus*), algo natural aos seres humanos, como “afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (ESPINOSA, 2016, p. 49). Dessa forma, Espinosa (2016) compreende afeto como ação ou, caso contrário, uma paixão.

Focamos nossos estudos, principalmente, no medo e na esperança. Espinosa considera o medo uma tristeza instável, que surge a partir de uma imagem duvidosa, paralisa e refreia a potência de agir. Moldado pela superstição, o medo institui a submissão de um povo e é um poderoso instrumento de dominação. Na dúvida do porvir, acredita-se seja no que for, como em remédios sem comprovação científica, em teorias da conspiração contra as vacinas, como aconteceu na pandemia da Covid-19.

A esperança, por outro lado, é uma alegria instável, que amplia a potência de agir. Esperança e medo são afetos opostos, mas interdependentes. Se não houver dúvida, a esperança passa a ser confiança, enquanto o medo torna-se desespero. Como dissemos, Espinosa acrescenta que esperança e medo são carência de conhecimento e impotência da mente, que tem incertezas sobre o porvir. Diante de uma nova doença, com carência de conhecimentos sobre a cura, a esperança e o medo tiveram terreno fértil para se propagarem no primeiro ano da pandemia da Covid-19. Ao mesmo tempo, a extrema direita de Jair Bolsonaro fomentou a descredibilização da imprensa tradicional, com constantes ataques, e estímulo ao consumo de canais próprios de informação, que divulgaram teorias da conspiração e desinformação, ampliando o afeto medo e propagando falsas esperanças.

O presente trabalho enfrentou desafios metodológicos, uma vez que cartografar afetos na pandemia da Covid-19 não podia ficar restrito à plataforma Facebook e suas regras e limites. Coletamos, via CrowdTangle, postagens de quatro marcos discursivos de 2020, em janeiro, março, junho e dezembro. Analisamos as narrativas nas postagens com mais interações. Também entramos no link de cada página e perfil para analisar o conteúdo que os atores propagavam para analisar e categorizar cada um. Muitas vezes, não acatamos a autodefinição dos perfis e páginas, principalmente

as que se autodenominam empresas de mídias, mas, por exemplo, são grupos colaborativos de Facebook que não seguem os preceitos do jornalismo profissional. Por isso, cartografar afetos no Facebook nos exigiu análise quantitativa e qualitativa para identificar ironias e duplo sentido. Por exemplo, o perfil “Família Passos, talkey?”, à primeira vista, poderia ser identificado como um perfil bolsonarista por usar o verde e amarelo, cores muito exploradas a comunicação visual da extrema direita, e a expressão “talkey”, usada rotineiramente por Jair Bolsonaro. Mas a análise de conteúdo revelou tratar-se de perfil que usa o humor para criticar Bolsonaro. Também identificamos termos com significado em disputa, como isolamento social.

Para evitar uma possível plataformização da presente pesquisa, também ouvimos cinco sobreviventes para nos contar afetos não expressos no Facebook a Covid-19. Solidão, medo da morte e desamparo foram citados pelos sobreviventes. O desamparo elimina a temporalidade da expectativa e inaugura um caráter indeterminado, “pois estar desamparado é estar sem ajuda, sem recursos diante de um acontecimento que não é a atualização de meus possíveis. Por isso, ele provoca a suspensão, mesmo que momentânea, da minha capacidade de ação, representação e previsão” (SAFATLE, 2016, p. 53).

A análise de dados, coletados via CrowdTangle, nos mostrou que blogs, comunidades, grupos colaborativos do *Facebook* e pequenas empresas de mídia, com foco regional, foram importantes para propagar informação e desinformação sobre a pandemia. Muitos desses espaços imitam o modelo do jornalismo profissional, por já ser consagrado e ter credibilidade junto ao público. Dessa forma, as pessoas se identificam com o modelo jornalístico e os políticos de direita, negacionistas, que se agarraram e propagaram crenças, com falsas esperanças, buscaram o mesmo modelo e espaço da imprensa em busca de sua credibilidade.

Na genealogia da doença, o acontecimento teve a imprensa tradicional como a maior propagadora do fato. Entretanto, ainda em janeiro de 2020, emergem narrativas xenofóbicas, que culpam os hábitos alimentares estranhos da China pelo surgimento da doença. O medo do estrangeiro não é novidade na história. Na Europa medieval, assolada pelas pestes, a população também buscava culpados, como estrangeiros e viajantes. Dessa forma, o afeto medo, principalmente do estrangeiro, foi predominante no surgimento da doença.

Como o acontecimento é mediado e qualificado pelas narrativas (RICOUER, 2010), na *timeline* discursiva (MALINI *et al.*, 2020) do *Facebook*, controvérsias são

comuns e elas foram potencializadas em março de 2020, quando o Brasil estava dividido entre dois caminhos a seguir: isolamento social *versus* proteger apenas os idosos e pessoas sem comorbidade e os demais, sadios, e seguir a vida normalmente porque a economia não podia parar. Nesse cenário, o termo isolamento social estava em disputa e significava única forma de se proteger e evitar a propagação da doença ou denotava risco de atrapalhar o crescimento da economia, demissões em massa e medo de ser afetado e perder o emprego. Como dissemos, Espinosa (2016) afirma que esperança e medo são carência de conhecimento e impotência da mente, que tem incertezas sobre o porvir.

Nessa fase, a imprensa tradicional não foi o principal ator das postagens. As narrativas com mais engajamento foram de blogs, comunidades e grupos colaborativos do *Facebook*. Essas comunidades imitam o modelo do jornalismo profissional e foram importantes meios de propagação de informação e desinformação sobre a pandemia. O medo foi o afeto comum de ambos os lados. Medo da doença, de perder a vida por causa dela, e medo de perder o emprego.

Em junho de 2020, mesmo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) esclarecendo não existir tratamento profilático para a Covid-19, a *timeline* discursiva (MALINI *et al.*, 2020) se desloca para a falsa esperança do tratamento precoce, formado pela cloroquina, ivermectina e azitromicina. Os políticos e pequenas empresas de mídia, de circulação mais regional, são os principais atores do período e as narrativas giram em torno da adoção do tratamento precoce como política pública ou preferir dar liberdade aos médicos na tomada de decisão do tratamento. Dessa forma, o termo tratamento precoce esteve em disputa e denotava esperança para muitos. Para outros, que seguiam as orientações da OMS, uma falsa promessa.

Para Espinosa (2003, p. 7), “a que ponto o medo ensandece os homens! O medo é a causa que origina, conserva e alimenta a superstição”. Com medo, o ser humano se deixa dominar pela superstição, é afeito às coisas incertas. Podemos afirmar que o tratamento precoce foi uma das superstições do primeiro ano da Covid-19 e que ainda é tido como verdade para muitos. Parte dos médicos receitava o kit Covid-19 para seus pacientes.

A grande imprensa reaparece com narrativas com mais engajamento em dezembro de 2020, quando as controvérsias são sobre as vacinas que despontavam como promissoras para o combate à Covid-19, em uma versão do século XXI para a histórica revolta das vacinas, ocorrida no Brasil em 1904, mas que desta vez foi

fomentada pela próprio presidente da República e seus aliados. A vacina virou briga política e Bolsonaro deixou farmacêuticas sem resposta, além de propagar teorias da conspiração e desinformação contra as vacinas, fomentando o afeto medo. Governadores se mobilizaram para a compra de vacinas, principalmente João Doria, então governador de São Paulo, e as narrativas de desinformação, contra a Coronavac, passam a ser fomentadas pelo presidente da República. Isso dificultou o combate à doença.

As plataformas de mídias sociais fazem parte do cotidiano das pessoas, alteraram as interações pessoais e informais até a comunicação institucional e as rotinas de trabalho. Nesse cenário, as plataformas de mídias sociais, as empresas de comunicação tradicional, usuários e instituições estão imbricados em complexa dinâmica, sustentada pela lógica de funcionamento das plataformas (VAN DIJCK; POELL, 2013).

Pudemos testemunhar a plataformização da vida durante a pandemia da Covid-19. Com o isolamento social, as plataformas organizaram a vida cotidiana para o trabalho remoto, para as aulas virtuais, para o entretenimento, por exemplo. Também serviram para propagar informação e desinformação sobre a pandemia da Covid-19. Em meio à abundância de informações, com produção e propagação de conteúdo de vários para vários, circularam muitas narrativas falsas ou imprecisas, teorias conspiratórias a respeito de diversos assuntos e sobre a origem da Covid-19, sua causa, tratamento e propagação.

Isso porque há quatro elementos da lógica das mídias sociais, que estão emaranhados com a mídia de massa. São elas: programabilidade, popularidade, conectividade e datificação (VAN DICK; POELL, 2013). Podemos destacar a popularidade como um dos elementos importantes na pandemia da Covid-19, uma vez que, por popularidade, Van Dijck e Poell (2013) se referem à visibilidade gerada por meio de curtidas, *rankings* e algoritmos. Quanto mais uma narrativa gera engajamento, mais ela circula e afeta a *timeline* discursiva, em uma guerra híbrida em plataformas algorítmicas, uma vez que as plataformas reforçam a “predisposição dos algoritmos à desinformação, produzindo e disseminando notícias falsas em larga escala, o que conduz à anomalia informacional e contribui para a polarização assimétrica” (CASTRO, 2019, p. 1).

Essa lógica foi apropriada por políticos, como o presidente do Brasil Jair Bolsonaro e seus apoiadores, que usaram a desinformação propagável como

estratégia de comunicação transmídia, sequestrando o modelo participativo para alimentar as narrativas do populismo digital. Assim, o cidadão comum, além de narrar sua própria experiência, propagou material negacionista, notícias falsas e/ou sem comprovação científica.

Como mostramos, só no primeiro ano da pandemia da Covid-19, foco deste trabalho, Bolsonaro minimizou a gravidade da doença, foi contra o isolamento social, incentivou as pessoas a trabalharem e a seguirem a vida normalmente, defendendo o isolamento apenas pelos idosos. Também foi contra o uso de máscaras, defendeu o uso de medicamentos sem eficácia contra a Covid-19 e foi contra as vacinas que despontavam como promissoras, propagando desinformação diversas vezes. São exemplos dos chamados necropolítica e necropoder, que explicam as várias formas, na contemporaneidade, de subjugação “da vida ao poder da morte”, conferindo às pessoas o status de mortos-vivos (MBEMBE, 2016, p. 146).

Todas essas narrativas controversas de Bolsonaro circularam no *Facebook*. Em março de 2020, primeiro ano da pandemia da Covid-19, o *Facebook* anunciou implementação de um centro de informações sobre Covid-19, que reúne vídeos, artigos e dicas de como se prevenir da doença e sobre a importância do distanciamento social, em parceria com a OMS, Unicef e os ministérios da saúde dos países. O *Facebook* diz que a iniciativa é para conter a desinformação sobre a doença e distribuiu créditos para campanhas informativas na plataforma para OMS e, também, para o Ministério da Saúde do Brasil. Também anunciou lançamento, em parceria, de *bot* do Ministério da Saúde do Brasil no *WhatsApp*, para esclarecimento de dúvidas sobre o coronavírus, entre outros. Mas o próprio Ministério da Saúde promoveu o kit Covid-19 como política pública, com remédios sem eficácia comprovada, o que evindecia as controvérsias das políticas públicas de cada país em que o Facebook atua e os limites da plataforma.

Desde janeiro de 2020, o *Facebook* remove publicações que fazem alegações falsas sobre a Covid-19, mas o esforço na propagação de informações fidedignas sobre a pandemia da Covid-19, divulgado pelo *Facebook*, esbarra em parcerias controversas, como a com o Ministério da Saúde do Brasil. A plataforma chegou a remover transmissão ao vivo de Bolsonaro, em que o presidente associa a vacina contra a Covid-19 a casos de Aids, em outubro de 2021.

Mas, como pudemos observar, as ações do *Facebook* não foram capazes de inibir ou evitar a propagação de desinformação. Muitos conteúdos falsos sobre a

pandemia da Covid-19 seguem no ar até hoje, como verificamos no perfil do João (nome fictício), sobrevivente que acredita em teorias da conspiração. Seriam as regras do *Facebook* meramente protocolares sem esforço efetivo capaz de impedir a propagação de desinformação? Ou a propagação de desinformação vai além do poderio das plataformas? A temática pode inspirar pesquisas futuras.

Usamos o jornalismo como procedimento metodológico, mas, quando analisamos os dados, vimos a necessidade de discutir como o jornalismo hoje é dependente das plataformas de mídias sociais para propagar as notícias e molda sua produção de acordo com dados e métricas das plataformas (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018).

Também atuando como agregadores de conteúdos, as plataformas de mídias sociais permitem que jornalistas profissionais, empresas de mídia e de outros setores ou qualquer usuário comum crie e compartilhe informações. Dessa forma, enfraquecem o controle das empresas de mídia na seleção e circulação de notícias, processos atravessados por fontes diversas, inclusive produtores de desinformação, o que prejudica sua, até então, posição privilegiada (VAN DIJCK; POELL; WAAL, 2018).

Como dissemos, no Brasil, não houve consenso para o enfrentamento da pandemia da Covid-19. Desde seu surgimento, narrativas controversas circularam e dificultaram o combate da doença. Nesse contexto, estudar as temáticas discutidas neste trabalho e escrevê-lo foram tarefas difíceis em vários sentidos. Estudar o tempo presente é sempre desafiador.

Estive imersa na temática cotidianamente e, como todos, fui afetada pela pandemia da Covid-19. Valorizo a Ciência e, desde o início da pandemia da Covid-19, respeitei as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Por isso, analisar os *datasets* foi minha principal dificuldade. Em pleno século XXI, ler tantas teorias da conspiração e desinformação, propagadas entre as 150 narrativas com mais engajamento nos quatro marcos discursivos, causou indignação e a certeza de que muitas mortes poderiam ter sido evitadas se houvesse consenso no enfrentamento da doença. E, claro, que esse consenso fosse a favor da Ciência.

O alívio começou a chegar quando o Brasil teve sua primeira pessoa vacinada, uma enfermeira, em 17 de janeiro de 2021. Mônica Calazans tomou a primeira dose de Coronavac. A vacinação seguiu por ordem de grupos prioritários. Muitos não se vacinaram por causa das controvérsias sobre as vacinas, em crença que coloca a vida

em risco. Todavia, ao mesmo tempo que a vacinação evoluía, o número de mortes caía drasticamente. A Ciência mostrou ser o caminho da razão.

Esperamos que este trabalho possa inspirar outras pesquisas que unam a virada afetiva e a virada computacional. Também esperamos que o presente estudo seja fonte de consulta e documento histórico para que, no futuro, seja capaz de ajudar a entender as controvérsias e os afetos no primeiro ano da pandemia da Covid-19 no Brasil.

Este trabalho não se encerra aqui. A desinformação afeta nossa sociedade de forma sem precedentes. Os esforços contra narrativas de desinformação esbarram nas crenças e nos afetos de cada usuário. Nem todos buscam a razão absoluta, preconizada por Espinosa (2016). É necessário entender mais profundamente como as crenças são formadas e pensar em soluções para a problemática da desinformação a partir daí.

REFERÊNCIAS

ABRIL, Gonzalo. Prólogo. In: LEAL, Bruno; CARVALHO, Carlos Alberto; ALZAMORA, Geane. **Textualidades midiáticas**. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2018.

ABRIL, Gonzalo. **Análisis crítico de textos visuales**. Madrid: Editorial Sintesis, 2007

AGGIO, Camilo. Teorias conspiratórias, verdade e democracia. In: ALZAMORA, Geane; MENDES, Conrado Moreira; RIBEIRO, Daniel Melo (Orgs). **Sociedade da desinformação e infodemia**. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021

ALVES, Soraia. **Facebook não desmente história sobre moderadores de conteúdo, mas promete maior controle**. B9, 26 fev. 2019. Disponível em: <https://www.b9.com.br/104188/facebook-nao-desmente-historia-sobre-moderadores-de-conteudo-mas-promete-maior-controle/>

ALZAMORA, Geane; ZILLER, Joana; D'ANDREA, Carlos. Mídia e dispositivo: uma aproximação à luz de Michel Foucault. In: LEAL, Bruno; CARVALHO, Carlos Alberto; ALZAMORA, Geane (Orgs). **Textualidades midiáticas**. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2018.

ALZAMORA, Geane. Fixação de crenças em torno de desinformação no contexto da infodemia In: VICTOR, Cilene; SOUSA, Cidoval Morais (Orgs). **A pandemia na sociedade de risco: perspectivas da comunicação**. PB: EDUEPB, 2021.

ANDERSON, Chris; SCHUDSON, Michael. Objectivity, professionalism, and truth seeking in journalism. In: **The handbook of journalism studies**, pp. 108-121. Routledge, 2009.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 12.ed.rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

AURÉLIO, Diogo Pires. Abertura. In: ESPINOSA, Benedictus de. **Tratado Teológico-Político**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Bakhtin, M. **La poétique de Dostoievski**. Paris: Seuil, 1970.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BATISTA, L. Politização e desinformação insuflaram Revolta da Vacina em 1904. Estadão, notícias, online, 22 de outubro de 2020. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,politizacao-e-desinformacao-insuflaram-revolta-da-vacina-em-1904,70003483614,0.htm>. Acesso em: 23 out. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. Edição digital, arquivo ePub.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BEAUREGARD, Luis Pablo. **Facebook suspende por dois anos Donald Trump por incentivar o ataque ao Capitólio**. El Pais Brasil, 4 jun. 2021. Disponível em: Facebook suspende por dois anos Donald Trump por incentivar o ataque ao Capitólio

BECK, Ulrich. A reinvenção da política. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização Reflexiva: Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2011 (2ª Edição).

BECK, Ulrich. Incertezas fabricadas. *In: Sociedade do risco: o medo na contemporaneidade*. IHU Online. Unisinos: São Leopoldo, 2006.

BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony, LASH, Scott. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

BENKLER, Yoachai, FARIS, Robert, ROBERTS, Hal. Epistemic Crisis. In: BENKLER, Yoachai, FARIS, Robert, ROBERTS, Hal. **Network Propaganda: Manipulation, Disinformation and Radicalization in American Politics**. New York: Oxford University Press. 2018.

BIDDLE, Sam. **Days after returning to office, Facebook content moderator contracts coronavirus**. The Intercept, 20. Out. 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/10/20/facebook-coronavuris-content-moderator-accenture/>

BLEAKLEY, Will. Learn more about CrowdTangle. In: **CrowdTangle**. 2020. Disponível: <https://help.crowdtangle.com/en/articles/4201940-about-us>. Acesso em: 12 jan. 2021.

BOYD, D.; ELLISON, N. **Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship**. Journal of Computer-Mediated Communication, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 210-230, 2007.

BRUNHARA, João. **Como a pandemia de Covid-19 tem impactado as relações sexuais**. Veja Saúde, 6 maio 2021. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/coluna/com-a-palavra/como-a-pandemia-de-covid-19-tem-impactado-as-relacoes-sexuais/>

BRUNS, Axel. **After the ‘APIcalypse’**: social media platforms and their fight against critical scholarly research. Information, Communication & Society, v. 22, n. 11, p. 1-23, 2019.

BRUZZONE, Andrés. **Ciberpopulismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

BUCHER, T; HELMOND, A. The Affordances of Social Media Platforms. In: BURGESS, J.; POELL, T.; MARWICK, A. (orgs.) **The SAGE Handbook of Social Media**. London and New York: SAGE Publications Ltd, 2018.

BUCHER, T. **If... then: algorithmic power and politics**. Londres: Oxford University Press, 2018.

BUCHER, Taina. **The friendship assemblage: Investigating programmed sociality on Facebook**. *Television & New Media*, v.14, no. 6, p. 479-493, 2013.

BUCHER, Taina. **Want to be on the top?** Algorithmic power and the threat of invisibility on Facebook. *New Media & Society*, ano 14, n.7, p.1164-1180, 2012.

CAMPOS, Luiz Henrique. **COVID-19: família abre caixão em velório e cinco pessoas se contaminam**. Estado de Minas, 13 mai. 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/05/13/interna_nacional,1146952/COVID-19-familia-abre-caixao-em-velorio-e-cinco-pessoas-se-contaminam.shtml

CANCIAN, Natália. **Três ministros da Saúde e uma pandemia: o ano em que ficamos doentes**. Folha de S. Paulo, 31 dez. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/12/tres-ministros-da-saude-e-uma-pandemia-o-ano-em-que-ficamos-doentes.shtml>

CARVALHO, Carlos Alberto de e LAGE, Leandro. **Narrativa como mediação fundamental da experiência dos acontecimentos: a mise en intrigue midiática**. *Contemporânea*, v.10, n. 1, 2012.

CARVALHO, Priscila. **Remédios que Bolsonaro tomou contra Covid-19 não têm eficácia comprovada**. UOL, 7 jul. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/07/07/bolsonaro-tomou-hidroxiquina-e-azitromicina-drogas-nao-tem-evidencias.htm>

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CLEGG, Nick. **Combatendo a desinformação sobre COVID-19 em nossos aplicativos**. 25 mar. 2020. Disponível em: <https://about.fb.com/br/news/2020/03/combate-a-desinformacao-sobre-covid-19-em-nossos-aplicativos/>

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News**. Barueri: Faro Editorial, 2018. <https://doi.org/10.20396/etd.v21i1.8652833>

CASTILLO, Michelle. **Zuckerberg tells Congress Facebook is not a media company: 'I consider us to be a technology company'**. In: CNBC. 11 abr. 2018. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2018/04/11/mark-zuckerberg-facebook-is-a-technology-company-not-media-company.html>. Acesso em: 25 abr. 2021.

CASTRO, Julio Cesar Lemes de. **Excentricidade, desinformação e polarização assimétrica: máquinas de guerra híbrida em plataformas algorítmicas**. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 11 a 14 de junho de 2019

CENP. Resolução 01/2019. **Veículo de comunicação/Divulgação**. Disponível em: <https://cenp.com.br/wp->

content/uploads/2021/08/RESOLUCAO_01_2019_Veiculos_de_Comunicacao_Divulgacao.pdf. Acesso: 05 set. 2021.

CESARINO, L. (2020). **Como vencer uma eleição sem sair de casa**: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*. N. 1/ V. 1. Fevereiro 2020. 91 - 120.

CESARINO, L. (2019). **On digital populism in Brazil**. Acessado em 18 de setembro de 2019, disponível em <https://polarjournal.org/2019/04/15/on-jair-bolsonaros-digital-populism/>

CHAUÍ, Marilena. **Espinosa**: uma filosofia da liberdade. São Paulo: Moderna, 1995.

CHAUÍ, Marilena. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CLOUGH, Patricia Ticineto. Introduction. *The Affective Turn: Theorizing the Social*. In: CLOUGH, Patricia Ticineto; HALLEY, Jean (Eds). **The affective turn**: Theorizing the social, Duke University Press, 2007, p. 1-33.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News. Barueri: Faro Editorial, 2018. <https://doi.org/10.20396/etd.v21i1.8652833>

D'ANDREA, Carlos. **Pesquisando Plataformas Online**: Conceitos e Métodos. Salvador: Edufba, 2020.

D'ANDRÉA, Carlos. **Rumo a uma plataformação do social**. *Letras*, n.53, 2017, p.17.

DAS, Veena. **Vida e palavras**: a violência e sua descida ao ordinário. São Paulo: Editora Unifesp, 2020.

DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza** (Vincennes, 1978-1981). Fortaleza: EdUECE, 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.

DELUMAU, Jean. Medos de ontem e de hoje. In: NOVAES, Adauto. **Ensaio sobre o medo**. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2007. p. 39-52.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Tradução de Maria Lucia Machado e tradução de notas de Heloisa Jahn.

DELUMEAU, Jean. Uma história do medo. In: **Sociedade do risco**: o medo na contemporaneidade. IHU Online. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

DEVITO, Michael A. **From editors to algorithms: A values-based approach to understanding story selection in the Facebook news feed.** *Digital Journalism*, v. 5, n. 6, p. 753-773, 2016.

DIGITAL NEWS REPORT 2020. **Reuters Institute.** Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/202006/DNR_2020_FINAL.pdf.

DIGITAL NEWS REPORT 2021. 10th edition. Disponível em: [https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/202106/Digital News Report 2021_FINAL.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/202106/Digital%20News%20Report%202021_FINAL.pdf)

DIGITAL NEWS REPORT 2022. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022>

DIRESTA, Renee. **Computational Propaganda: if you make it trend, you make it true.** *The Yale Review*. Volume 106. Issue 4. Outubro de 2018. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/yrev.13402>

DORIA, Pedro. **A palavra do ano: deplataformizar.** O Estado de S. Paulo, 21 jan. 2021. Disponível em: <https://link.estadao.com.br/noticias/geral,a-palavra-do-ano-deplataformizar,70003589802>

ESPINOSA, Benedictus de, 1632-1677. **Ética / Spinoza** [tradução de Tomaz Tadeu]. – 2. ed., 5. reimp. – Belo Horizonte : Autêntica Editora , 2016.

ESPINOSA, Benedictus de. **Tratado Teológico-Político.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FACEBOOK. **Não, seu Feed de Notícias não está limitado a posts de apenas cerca de 25 amigos.** In: Newsroom. 7 fev. 2019. Disponível em: <https://about.fb.com/br/news/2019/02/nao-seu-feed-de-noticias-nao-esta-limitado-a-posts-de-apenas-cerca-de-25-amigos/>. Acesso em: 17 mai. 2021.

FEBVRE, Lucien. 1878-1956. **O problema da incredulidade do século XVI: a religião de Rabelais.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FERREIRA, PAULA. **Dezoito estados já suspenderam aulas devido ao novo coronavírus.** O Globo, 16 mar. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus-servico/dezoito-estados-ja-suspenderam-aulas-devido-ao-novo-coronavirus-24307792>

FERREIRA, Afonso; GOMES, Pedro Henrique. **Grupos contra e a favor de Bolsonaro fazem atos em Brasília.** G1, 21 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/06/21/grupos-contra-e-a-favor-de-bolsonaro-fazem-atos-em-brasilia.ghtml>

FIORE, Matheus. **Moderadores de conteúdo do Facebook exigem melhores condições de trabalho.** B9, 18 nov. 2020. Disponível em:

<https://www.b9.com.br/135105/moderadores-de-conteudo-do-facebook-exigem-melhores-condicoes-de-trabalho/>

FOLHA DE S. PAULO. **Pandemia democratizou poder de matar, diz autor da teoria da 'necropolítica'**. 30 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica.shtml>

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. (2008). **Nascimento da biopolítica**: Curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes.

_____. O cuidado com a Verdade. *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**, volume V: ética, sexualidade, política. 3º edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, pp.234-245.

GAMBARATO, R., ALZAMORA, G., TARCIA, L. **Theory, Development, and Strategy in Transmedia Storytelling**. Routledge Media and Cultural Studies Companions. New York and London: Routledge. 2020.

GARCIA, Gustavo. **'Acabou matéria do Jornal Nacional', diz Bolsonaro sobre atrasos na divulgação de mortos por coronavírus**. G1, 5 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/05/dados-do-coronavirus-bolsonaro-defende-excluir-de-balanco-numero-de-mortos-de-dias-anteriores.ghtml>

G1. **Aplicativos do Facebook têm 3 bilhões de usuários no 1º tri, mas empresa espera queda ao fim do isolamento**. 30 abril 2020a. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/04/30/aplicativos-do-facebook-tem-3-bilhoes-de-usuarios-no-1o-tri-mas-empresa-espera-queda-ao-fim-do-isolamento.ghtml>. Acesso em: 2 mai. 2021.

G1. **Bolsonaro diz que 'poder destruidor' do coronavírus 'está sendo superdimensionado'**. 9 mar. 2020b. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/09/bolsonaro-diz-que-poder-destruidor-do-coronavirus-esta-sendo-superdimensionado.ghtml>

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GILLESPIE, T. "The Relevance of Algorithms." *In*: GILLESPIE, T. **Media Technologies: Essays on Communication, Materiality, and Society**, edited by T. Gillespie, P. J. Boczkowski, and K. A. Foot, 167–94. Cambridge, MA: MIT Press, 2014.

_____. **Custodians of the Internet: platforms, content moderation, and the hidden decisions that shape social media**. New Haven: Yale University Press, 2018.

_____. **The politics of "platforms"** *New Media & Society*, 12, 347-364.

GLEIZER, Marcos André. **Espinosa & a afetividade humana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

GOLDING, P. e ELLIOTT, P. **Making the news**. London: Longman, 1978.

GORTÁZAR, Nayara Galarraga. El País, 10 nov. 2020. **Bolsonaro celebra como uma vitória a suspensão dos testes da Coronavac**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2020-11-10/bolsonaro-celebra-como-uma-vitoria-a-suspensao-dos-testes-dacoronavac.html?utm_source=Facebook&ssm=FB_BR_CM&fbclid=IwAR1eNRQtDVmf2O0aHlJlhoilJKj8FU7qb8BSyG2bjY9hGup0nJn1uwKORF0#Echobox=1605036335

HANCOX, Donna. **Transmedia for social change: Evolving Approaches to Activism and Representation**. In: FREEMAN, Matthew; GAMBARATO, Renira Rampazzo (editors). *The Routledge Companion to Transmedia Studies*. New York and London: Routledge, 2019.

HEATH, Alex. Facebook decides to lift ban on famous Vietnam War photo that depicts child nudity. In: **Business Insider**. 09 set. 2016. Disponível em: <https://www.businessinsider.com/facebook-lifts-ban-on-napalm-girl-vietnam-war-photo-2016-9>. Acesso em 07 set. 2021.

HELMOND, Anne *et al.* Facebook's evolution: development of a platform-as infrastructure. **Internet Histories**, 3:2, 2019, p.123-146.

HELMOND, A. **The platformization of the Web: making web data platform ready**. *Social Media + Society*, Thousand Oaks, v. 1, n. 2, p. 1-11, 2015.

Hutchby I. **Conversation and Technology: From the Telephone to the Internet**. Cambridge, UK: Polity, 2001.

Hutchby I and Barnett S. **Aspects of the sequential organization of mobile phone conversation**. *Discourse Studies* 7(2): 147–171, 2005.

JENKINS, Henry. Transmedia Logics and Locations In: **The Rise of Transtexts: Challenges and Opportunities**, edited by Benjamin W. L. Derhy Kurtz and Mélanie Bourdaa, 220– 240. London: Routledge, 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência** . São Paulo: Aleph, 2013, 432 p.

JENKINS, Henry. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável** / Henry Jenkins, Sam Ford e Joshua Green. São Paulo: Aleph, 2015.

JENKINS, Henry. 2016. "Youth Voice, Media and Political Engagement." In: **By Any Media Necessary: The New Youth Activism**, edited by Henry Jenkins, Sangita Shresthova, Liana Gamber-Thompson, Neta Kligler-Vilenchik, and Arely M. Zimmerman, 1– 60. New York: New York University Press.

JURNO, A.; D'ANDRÉA, C. Do algorithms have cosmopolitics? A discussion based on

Facebook's nudity policy. In: **ANNUAL CONFERENCE OF THE ASSOCIATION OF INTERNET RESEARCHERS**, 18., 2017, Tartu. Anais [...]. Tartu: AOIR, 2017.

JURNO, Amanda. **Facebook e a plataformação do jornalismo uma cartografia das disputas, parcerias e controvérsias entre 2014 e 2019**. Tese de doutorado. Belo Horizonte, 2020.

KAPFERER, Jean-Noël. **Boatos: o mais antigo mídia do mundo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

KRAUS, R. 2018 was the year we (sort of) cleaned up the internet. Mashable, 26 December, 2018. Disponível em: <https://mashable.com/article/deplatforming-alex-jones-2018/?europa=true>. Acesso em: 5 ago. 2022.

KESSLER, Sarah. The Secret Tool That Upworthy, BuzzFeed, and Everyone Else Is Using To Win Facebook. In: **Fast Company**. 23 jan. 2015. Disponível: <https://www.fastcompany.com/3040951/the-secret-tool-that-upworthy-buzzfeed-and-everyone-else-is-using-to-win-facebook>. Acesso em: 12 jan. 2021.

LACLAU, E. **On populist reason**. Londres: Verso, 2005.

LAGRANGE, Hughes. **La Civilité à l'épreuve**. Crime et sentiment d'insécurité, PUF, 1996, p.173s.

LAVADO, Thiago. **Facebook anuncia centro de informações do coronavírus**. G1, 18 mar, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/03/18/facebook-anuncia-centro-de-informacoes-do-coronavirus.ghtml>. Acesso em 15. set. 2022.

LATOURE, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

LEAL, Bruno. Saber das narrativas: narrar. In: GUIMARÃES, César; FRANÇA, Vera. **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006 p. 19-27.

_____. Do texto à textualidade na comunicação: contornos de uma linha de investigação. In: LEAL, Bruno; CARVALHO, Carlos Alberto; ALZAMORA, Geane. **Textualidades midiáticas**. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2018.

LEMO, Vinicius. **A polêmica sobre o tratamento precoce para a Covid-19, criticado por entidades médicas**. BBC News Brasil, 7 jul. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53303287>. Acesso em: 14 set. 2022.

LUCAS, Jean Maximilian. **A Vida e o espírito do senhor Benoit de Spinoza**. 1927. Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso. Disponível em: <<http://benedictusdespinoza.pro.br/biografias-de-spinoza-lucas.html>>. Acesso em 17 abr 2022.

MALINI, F., CIARELLI, P. & MEDEIROS, J. (2017). **O sentimento político em redes sociais: big data, algoritmos e as emoções nos tweets sobre o impeachment de Dilma Rousseff**. *Liinc em Revista*, 13(2), 323-342.

MALINI, Fábio; CAVALCANTI, Camilla Reisler; BERGAMI, Ana Paula Miranda Costa; VENTUROT, Ligia Iunes; BASTOS, Marcela Tessarolo. Medo, infodemia e desinformação: a timeline dos discursos sobre coronavírus nas redes sociais. **Revista UFG**. 2020, v.20: e66593.

MARSHALL, Jonathan Paul. **Disinformation Society, Communication and Cosmopolitan Democracy**. *Cosmopolitan Civil Societies Journal*, v. 9, n. 2, p. 1-24, 2017.

MARTINS, Humberto. **Bolsonaro defendendo cloroquina é comparado com o filme Rei Leão**. *Correio Brasiliense*, 20 jul. 2020. Disponível em: https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/politica/2020/07/20/interna_politica,873615/bolsonaro-exibindo-cloroquina-e-comparado-com-cena-do-filme-rei-leao.shtml

MASSUMI, Brian. **Politics of Affects**. Cambridge, Polity Press, 2015.

_____. **Requiem for Our Prospective Dead (Toward a Participatory Critique of Capitalist Power)**, in Deleuze and Guattari: New Mappings in Politics, Philosophy, and Culture, ed. Eleanor Kaufman and Kevin Jon Heller (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998).

MEAD, G. *The Philophy of the present*. Chicago: University of Chicago Press, 1932.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. *Arte & Ensaios*. *Revista do PPGAV/EBA/UFRJ*, n. 32, dezembro 2016.

MEDINA, Paula Bravo. **As coisas que fazemos que não funcionam contra o coronavírus**. *CNN*, 14 fev. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/as-coisas-que-fazemos-que-nao-funcionam-contra-o-coronavirus/>. Acesso em: 1 set. 2022.

MELLO, P. C. **WhatsApp admite envio maciço ilegal de mensagens nas eleições de 2018**. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 8 out. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/whatsapp-admite-envio-massivo-ilegal-demensagens-nas-eleicoes-de-2018.shtml>. Acesso em: 23 abr. 2021.

MORICEAU, Jean-Luc. *Escritura e afetos*. In: PESSOA, Sônia Caldas; MARQUES, Ângela Salgueiro; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos (Orgs). **Afetos, teses e argumentos**. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021, p. 17-32.

MORICEAU, Jean-Luc. "A virada afetiva como ética: nos passos de Alphonso Lingis". In: Nair Prata & Sônia Caldas Pessoa (Org). **Desigualdades, gêneros e comunicação**. São Paulo: Intercom, 2019, p. 41-49.

MORICEAU, Jean-Luc. **Afetos na pesquisa acadêmica**. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020.

MOSER, Benjamin. **Sontag: vida e obra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Apresentação. In: LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo. **Para entender o jornalismo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

NADLER, Steven – **Spinoza's Heresy. Immortality and the Jewish Mind**. Oxford: Clarendon Press, 2001.

NALON, Tai. Os Fatos. 22 mar. 2020. **Bolsonaristas resgatam vídeo antigo de Drauzio Varella para difundir desinformação sobre Covid-19**. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/bolsonaristas-resgatam-video-antigo-de-drauzio-varella-para-difundir-desinformacao-sobre-Covid-19/>. Acesso em: 14 set. 2022.

NAPOLI, Philip; CAPLAN, Robyn. **Por que as empresas de mídia insistem que não são empresas de mídia, por que estão erradas e por que isso importa**. Parágrafo. São Paulo, Brasil, v. 6, n. 1, p. 143-163, jan./abr. 2018.

NEIMAN, Susan. **O mal no pensamento moderno: uma história alternativa da filosofia**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003

NEWMAN, Nic. Digital New Report 2020. **Executive Summary and Key Findings of the 2020 Report**. Disponível em: <https://www.digitalnewsreport.org/survey/2020/overview-key-findings-2020/>. Acesso em: 8 ou. 2020.

NEWTON, Casey. **Facebook buys CrowdTangle, the tool publishers use to win the internet**. In: The Verge. 11 nov, 2016. Disponível: <https://www.theverge.com/2016/11/11/13594338/facebook-acquires-crowdtangle>. Acesso em: 12 jan. 2021.

NEWTON, Casey. The Verge. **The trauma floor**. 25 fev. 2019. Disponível em: <https://www.theverge.com/2019/2/25/18229714/cognizant-facebook-content-moderator-interviews-trauma-working-conditions-arizona>. Acesso em: 14 set. 2022.

NIEBORG, D. B.; POELL, T. **The platformization of cultural production: theorizing the contingent cultural commodity**. New Media & Society, Thousand Oaks, v. 20, n. 11, p. 4275- 4292, 2018.

Norman DA. **The Psychology of Everyday Things**. New York: Basic Books, 1988.

NUNEZ, Michael. **Former Facebook Workers: We Routinely Suppressed Conservative News**. In: Gizmodo. 09 mai. 2016. Disponível em: <https://gizmodo.com/former-facebook-workerswe-routinely-suppressed-conser-1775461006> . Acesso em: 05 set. 2021.

PAHO (Pan American Health Organization). **Folha informativa sobre Covid-19.** 2020a. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>

_____. Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a Covid-19. Página Informativa 05, 1 mai. 2020b. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/documents/understanding-infodemic-and-misinformation-fight-against-Covid-19>

_____. **OMS declara emergência de saúde pública de importância internacional por surto de novo coronavírus.** 2020c. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/30-1-2020-who-declares-public-health-emergency-novel-coronavirus>

PESSOA, Sônia Caldas; MARQUES, Ângela Salgueiro; MENDONÇA, Carlos Magno Camargo (Org.). **Afetos: pesquisas, reflexões e experiências em quatro encontros com Jean-Luc Moriceau.** Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2019.

PICARD, Robert G. **The economics and financing of media companies.** Fordham Univ Press, 2011.

PINHEIRO, Ulysses. **A heresia oculta de Espinosa: Meditações sobre a morte da ética.** Analytica, Rio de Janeiro, vol 14 nº 1, 2010, p. 217-242

PLANTIN, Jean-Christophe *et al.* **Infrastructure studies meet platform studies in the age of Google and Facebook.** New Media & Society, 2018, Vol. 20(1), p. 293 – 310.

PONTES, Nádia. **Produção de cloroquina coloca Bolsonaro na mira da Justiça.** DW, 3 ago. 2020. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/produ%C3%A7%C3%A3o-de-cloroquina-coloca-bolsonaro-na-mira-da-justi%C3%A7a/a-54413561>

POPKIN, Richard H. **Spinoza.** Oxford: Oneworld Publications, 2004.

QUÉRÉ, L. **Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento.** Trajectos, n. 6, p.59-75. 2005.

_____. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: França, Vera Regina Veiga; Oliveira, Luciana (Org.). **Acontecimentos: reverberações.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

_____. **Por uma abordagem pragmatista dos acontecimentos.** Eco-Pós, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 176-183, 2011. Entrevista concedida a Leandro Rodrigues Lage e Tiago Barcelos Pereira Salgado.

RECUERO, R. **Mídia social, plataforma digital, site de rede social ou rede social? Não é tudo a mesma coisa?** Medium, [Brasil], 9 jul. 2019. Disponível em: <https://medium.com/@raquelrecuero/m%C3%ADdia-social-plataforma-digital-site-dere-de-social-ou-rede-social-n%C3%A3o-%C3%A9-tudo-a-mesma-coisa-d7b54591a9ec>. Acesso em: 10 abr. 2021.

RECUERO, R. **Introdução à análise de redes sociais online**. Salvador: Edufba, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24759>. Acesso em: 10 abr. 2021.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RENARD, Jean Bruno. **Um gênero comunicacional: os boatos e as lendas urbanas**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 32, abr. 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3421/2684>. Acesso em: 9 set. 2022.

REULE, Danielle Sandri. **A dinâmica dos rumores na rede: a web como espaço de propagação de boatos virtuais**. 2008. 130f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

REUTERS. Zuckerberg diz que Facebook não se tornará empresa de mídia. In: **Reuters Brasil**. 29 ago. 2016. Disponível em: <https://cn.reuters.com/article/tech-facebook-empresa-midia-idBRKCN11423T>. Acesso em: 25 abr. 2021.

REVISTA VEJA. **Brasil tem manifestações a favor e contra Bolsonaro no Rio, SP e Brasília**. 31 mai. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/brasil-tem-manifestacoes-a-favor-e-contrabolsonaro-no-rio-sp-e-brasilia/>. Acesso em: 3 set. 2020.

RHINEY, K. Text/Textuality. WARF, B.(ed). **Encyclopedia of Geography**. Thousand Oaks: Sagem 2010, p.2809-2813.

RIBEIRO, D.; PAES, Fábio. **Verdade e crença sob a perspectiva do pragmatismo: contribuições para o debate sobre a desinformação científica**. In: ALZAMORA, Geane; MENDES, Conrado Moreira; RIBEIRO, Daniel Melo (Orgs). Sociedade da desinformação e infodemia. Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021.

RIBEIRO, Daniel. Cartografias afetivas: mapeamentos da experiência do corpo no espaço. In: PESSOA, Sônia Caldas; MARQUES, Ângela Salgueiro; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos (Orgs). **Afetos, teses e argumentos**. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2021, p. 83-104.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** – tomo 1. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

ROGERS, Richard. **Deplatforming: Following extreme Internet celebrities to Telegram and alternative social media**. European Journal of Communication, 2020 0(0) 1–17. DOI: 10.1177/0267323120922066

RUDNITZKI, E.; OLIVEIRA, R. **Como o Facebook está patenteando as suas emoções**. Agência Pública, São Paulo, 10 jul. 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/07/como-o-facebook-esta-patenteando-as-suas-emocoes/>. Acesso em: 25 abr. 2021.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo - 2. ed. rev. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SANT'ANNA, Francisco. **Mídias das fontes. Um novo ator no cenário jornalístico brasileiro**: um olhar sobre a ação midiática do Senado Federal. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O futuro começa agora**: da pandemia à utopia. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

SEARGEANT, Philip. **The Art of Political Storytelling Why Stories Win Votes in Post-truth Politics**. London: Bloomsbury Academic, 2020.

SEVCENKO, N. A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2018.

SHIFFMAN, Naomi; SILVERMAN, Brandon. CrowdTangle opens public application for academics. In: **CrowdTangle**. 31 jul. 2020. Disponível: <https://research.fb.com/blog/2020/07/crowdtangle-opens-public-application-for-academics/>. Acesso em: 12 jan. 2021.

SILVA, Douglas Vieira da. **Brasil é o 4º país com mais usuários no Facebook na quarentena**. TecMundo, 27 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/153570-brasil-4-pais-usuarios-facebook-quarentena.htm>. Acesso em: 2 mai. 2021.

SILVERMAN, Brandon; GARMUR, Matt. **We're joining Facebook**. CrowdTangle, 11 nov, 2016. Disponível: <https://www.crowdtangle.com/>. Acesso em: 12 jan. 2021.

SILVERSTONE, Roger. **A textura da experiência**. In: Por que estudar a mídia. São Paulo, Loyola, 2002.

SRIVASTAVA, Lina. 2009. **Transmedia Activism: Telling Your Story across Media Platforms to Create Effective Social Change**. Disponível em: <http://transmedia-activism.com/>. Acesso em: 11 dez. 2016

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SONTAG, Suzan. **Doença como metáfora**: aids e suas metáforas. São Paulo: Companhia de Bolso, 1988.

STEWART, Kathleen. **Ordinary Affects**. Durhan, NC: Duke University Press, 2007.

SUNSTEIN, Cass R; VERMEULE, Adrian. **Conspiracy Theories: Causes and Cures**. The journal of Political Philosophy, v.17, n. 2. 2009.

TARDÁGUILA, Cristina; BENEVENUTO, Fabrício; ORTELLADO, Pablo. **Fake News Is Poisoning Brazilian Politics**. WhatsApp Can Stop It. 17 outubro 2018. Disponível

em: <https://www.nytimes.com/2018/10/17/opinion/brazil-election-fake-newswhatsapp.html>. Acesso em: 23 ago. 2020.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo. **A tribo jornalística** - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

UCHINAKA, Fabiana. UOL (Barcelona, Espanha), 7. Jun. 2019. **No Limite: Facebook abre as portas da moderação de conteúdo para mostrar quem decide o que é certo ou errado na rede.** Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/reportagens-especiais/como-e-o-centro-de-moderacao-de-conteudo-do-facebook/#cover>.

USCINSKI, Joseph. What Is a Conspiracy Theory? In: USCINSKI, Joseph E. **Conspiracy Theories: A Primer**. London: Rowman & Littlefield. 2020.

VAL, M. Graça Costa. **Redação e textualidade**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

VAN DIJCK, José. **The Culture of Connectivity**. New York: Oxford Press, 2013.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; WAAL, Martijn de. **The platform society: Public Values in a Connective World**. New York: Oxford University Press, 2018.

VAN DIJCK, J.; POELL, T. **Understanding social media logic**. Media and Communication, Lisboa, v. 1, n. 1, p. 2-14, 2013.

VAN DIJCK, J. **Confiamos nos dados?** As implicações da datificação para o monitoramento social. *MATRIZES*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 39-59, 2017.

VAN DIJCK, Jose. **"Facebook and the engineering of connectivity: A multi-layered approach to social media platforms."** *Convergence*. 19, n. 2, 2012. p: 141-155.

VENTURINI, T.; MUNK, A.; JACOMY, M. **Ator-rede versus Análise de Redes versus Redes Digitais: falamos das mesmas redes?**. *Galáxia*, São Paulo, n. 38, p. 5-27, 2018.

VENTURINI, Tommaso. **Diving in magma: How to explore controversies with actor-network theory.** *Public understanding of science*, v. 19, n. 3, p. 258-273, 2010.

VIMIEIRO, Ana Carolina; BARGAS, Janine de Kássia Rocha. **A virada computacional nas pesquisas em comunicação**. XXVII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 05 a 08 de junho de 2018.

VINCENT, James. **Facebook bans academics who researched ad transparency and misinformation on Facebook**. *The Verge*, 4 ago. 2021. Disponível em: <https://www.theverge.com/2021/8/4/22609020/facebook-bans-academic-researchers-ad-transparency-misinformation-nyu-ad-observatory-plug-in>

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information Disorder: Toward** na interdisciplinary framework for research and policymaking. Council of Europe report, DGI (2017), v. 9, 2017.

WOLFF, Francis. Devemos temer a morte? In: NOVAES, Adauto. **Ensaio sobre o medo**. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2007. p. 17-38.

APÊNDICE A

Atores dos 150 posts com mais interações no *dataset* de janeiro de 2020, por ordem decrescente. Destacamos com sombreado as páginas que se apresentam como empresas de mídia/notícias.

Ordem	Nome do perfil	Interações	Ordem	Nome do perfil	Interações
1	G1	92,338	2	Domingo Espetacular	51,409
3	Jornal O Globo	33,476	4	Jornal O Globo	23,792
5	UOL Notícias	23,416	6	Jornal Notícias	15,222
7	Contenido Cochino 1	14,572	8	Rádio CBN	13,653
9	Sargento Alexandre Oficial	13,262	10	Jornal Diário de Pernambuco	12,401
11	Rádio CBN	11,662	12	Renova Mídia ²¹⁸	11,075
13	Jornal Extra	10,098	14	Jornal Sol	9,336
15	Histologia Fisiologia Anatomia Humana	7,669	16	Neuroteologia	6,791
17	Direitos dos Animais	6,142	18	Porto Alegre 24 horas	6,118
19	Parem com os Chemtrails nos Céus	5,770	20	Hospital Alemão Oswaldo Cruz	5,149
21	Histologia Fisiologia Anatomia Humana	4,998	22	A Gazeta ES	4,710
23	El Pais Brasil	4,654	24	Marcel van Hattem	4,529
25	Época	4,348	26	Karol Eller Oficial	4,290
27	Suzano Hoje	4,184	28	Carta Capital	4,183
29	Sargento Neri Oficial	4,170	30	G1	4,037
31	Grupo do Soldado de Aço Apoio ao Presidente Jair Messias Bolsonaro	3,856	32	GZH Digital	3,851
33	G1	3,764	34	Globo News	3,701
35	A todo momento um fato impressionante na timeline	3,412	36	Aliança pelo Brasil ²¹⁹	3,372
37	Correio Braziliense	3,367	38	Gardenal	3,337

²¹⁸ O site Renova Mídia saiu do ar, em 9 de novembro de 2021, por decisão editorial alegando “perseguição por parte de parlamentares” e “falta de segurança jurídica no Brasil”. Disponível em: <https://agoranoticiasbrasil.com.br/renova-midia-sai-do-ar-por-falta-de-seguranca-juridica-no-brasil/>. Acesso em 20 fev.2021. O site foi citado no relatório final da comissão da CPI da Pandemia, do Senado Federal, como um dos propagadores de fake News sobre a Covid-19. Disponível em: <https://apublica.org/2021/11/google-e-amazon-anunciam-em-sites-citados-por-cpi-da-covid-como-propagadores-de-fake-news/>. Acesso em 20 fev. 2022.

²¹⁹ O grupo Aliança pelo Brasil foi criado em novembro de 2019 e teve o nome alterado para Força Brasil em março de 2021, como informado na aba Sobre. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/561813371057548/about>. Acesso em: 1 jul. 2022.

39	Senhora Rivoltril	3,138	40	Consulado-Geral do Brasil em Nagoia	3,122
41	Ministério da Saúde	3,122	42	No Amazonas é Assim	3,105
43	Aliança pelo Brasil (Oficial) BR	2,832	44	Índia Capitalista	2,815
45	Exame	2,742	46	BBC News Brasil	2,508
47	Notisul	2,484	48	G1	2,454
49	Biologia Total com o Prof. Jubilut	2,435	50	Conexão Política Brasil	2,419
51	G1	2,386	52	Aliança pelo Brasil	2,317
53	Militarismo Mundial	2,185	54	UOL Notícias	2,116
55	Observador	2,094	56	Aliança pelo Brasil (Oficial) BR	2,076
57	Band News TV	2,048	58	Rede de Informações Anarquistas	2,028
59	Jornal Extra	1,925	60	Aliança pelo Brasil	1,900
61	Notícias de Mogi e Região	1,887	62	Alô Gravataí	1,869
63	Revista Alternativa Oficial	1,846	64	Embassy of China in Timor Leste	1,831
65	Cora Ronai	1,810	66	Portal R7	1,810
67	Butantan Oficial	1,806	68	Renova Mídia	1,801
69	É Notícia Meriti	1,782	70	Diário Catarinense	1,772
71	Militarismo Mundial	1,707	72	Revista Engenharia	1,691
73	Jornal O Globo	1,657	74	Datena Oficial	1,640
75	Pérola	1,620	76	Rádio CBN	1,599
77	Guarulhos Web	1,571	78	Agência Brasil.EBC	1,506
79	Solitary 548	1,492	80	Mistérios Oficial	1,482
81	E se fosse na Venezuela	1,473	82	Militarismo Mundial	1,471
83	O Diário de Mogi	1,463	84	HypeScience	1,460
85	Portal R7		86	Nunca Vi um Cientista	1,451
87	A Enfermeira	1,449	88	Portal Diário da Região	1,441
89	G1	1,435	90	G1	1,423
91	Profecias o Ápice em 2036	1,373	92	Hospital Espiritual Virtual	1,356
93	Portal Tri Notícias	1,352	94	Cara Ronai	1,351

95	Revista Alternativa Oficial	1,346	96	Todo dia meme e MVS de Kpop diferentes	1,326
97	Itaqua News	1,313	98	Lloyd Froy King Oficial	1,306
99	Borradas do Governo Angolano	1,306	100	A Magia do Mundo dos Negócios	1,306
101	Templo de Curitiba	1,298	102	Metrópolis	1,294
103	Grupo do Soldado de Aço Apoio ao Presidente Jair Messias Bolsonaro	1,284	104	Grupo do Soldado de Aço Apoio ao Presidente Jair Messias Bolsonaro	1,280
105	Diário Popular	1,273	106	UOL Notícias	1,273
107	MBA Gestão em Saúde e Controle de Infecção	1,260	108	Renova Mídia	1,247
109	Marcio Nakashima Oficial	1,221	110	Canal History	1,211
111	Revista Alternativa Oficial	1,184	112	FCS Brasil Oficial	1,167
113	UOL Notícias	1,162	114	Resiliência Humana	1,154
115	SKRT Nacional	1,145	116	Militarismo Mundial	1,142
117	Notícias Viriato	1,132	118	Operação Lava Jato – Apoio a PF	1,115
119	Mídia Ninja	1,112	120	Site O Elefante	1,105
121	Junta de Missões Mundiais	1,105	122	Índia Capitalista	1,098
123	Aconteceu em Bertiooga	1,088	124	TV e Saúde	1,072
125	Pediatra Dr. Flávio Melo	1,070	126	Invictus Portucale	1,060
127	Estadão	1,037	128	Revista Alternativa Oficial	1,035
129	Lucas do Liceu	1,031	130	VIX Explore Brasil	1,031
131	UOL	1,030	132	Mulheres Maduras Oficial	1,018
133	Band News TV	1,013	134	Abre Olho Notícias	1,012
135	BDM Kpop	1,008	136	China Xinhua News	999
137	Aliança pelo Brasil	998	138	O Popular	996
139	Portal Catve	996	140	Afrodeks TV	991
141	Nunca pause o MV	987	142	Militarismo Mundial	987
143	Helison Brito – PRTB SP 28.789	985	144	El País Brasil	976

145	Canal Nova TV Oficial	971	146	Nação Bolsonariana 2022	970
147	RIC Mais	945	148	Japão Aqui	914
149	MB Notícias	907	150	Lorena News	905

Fonte: quadro preparado pela autora, com dados coletados na *CrowdTangle*

APÊNDICE B

As 150 palavras mais recorrentes estatisticamente, no dataset de janeiro de 2020.

Palavra	Quantidade	Palavras	Quantidade
Coronavírus	3558	china	3391
Wuhan	2649	vírus	2243
Saúde	1956	cidade	1836
Casos	1624	doença	1087
Paciente	935	país	880
Surto	848	autoridades	722
Sintomas	686	brasil	612
Ministério	590	hospital	685
oms	481	dias	475
Chines	452	pneumonia	450
Países	447	disse	443
Mortes	610	morcegos	427
Província	417	milhões	407
Janeiro	407	suspeito	406
Transmissão	386	epicentro	385
Mundo	381	respiratória	380
Infecção	375	acordo	375
Chinesa	368	epidemia	366
Animais	361	hubei	359
Humanos	352	mundial	351
Confirmados	344	centro	341
Japão	338	contato	337
Pessoa	336	organização	335
Medidas	334	febre	323
Alerta	315	estados	308
Respiratórias	307	suspeita	306
Região	293	pequim	292
Chinesas	285	evitar	280
Suspeitos	275	emergência	275
Infectados	273	informações	268
Grave	262	unidos	259
Risco	256	nacional	255
Mortos	253	2019ncov	247
Situação	246	origem	245
Estudante	243	sars	241
Doenças	241	chegou	237
Quarentena	235	família	231

Vigilância	231	infectadas	217
Informou	214	publica	214
Coreia	211	terça-feira	209
Mercado	209	matou	207
Fonte	204	síndrome	203
Tailândia	203	tosse	202
Confirmou	200	causa	197
Belo	196	semana	195
Mandetta	195	horizonte	192
sexta-feira	189	sopa	186
Aguda	183	secretaria	182
Eua	180	internacional	178
Minas	178	começou	177
Cidadãos	176	infecções	176
Período	175	viagens	174
quarta-feira	173	chineses	169
Surgiu	168	isolamento	165
Homem	165	dezembro	164
Mulher	164	prevenção	162
Gerais	160	propagação	158
Gripe	156	agência	155
Kong	154	hong	153
Mãos	152	incluindo	151
Tratamento	150	habitantes	149
População	149	frança	149
Capital	148	controle	147
Devido	146	estudo	145
Fevereiro	141	contaminação	136
Afirmou	135	conter	134
Aeroportos	134	morreram	131
Viajou	131	confirmado	130
Taiwan	126	segunda-feira	126
Doentes	126	registrados	126
Médicos	126	atenção	126
Dificuldade	126	central	125
Espalhou	123	comissão	122
Viral	121	anunciou	119
Austrália	119	notícias	119

Fonte: quadro preparado pela autora, a partir de palavras coletadas via *CrowdTangle*

APÊNDICE C

Palavras mais usadas no *cluster* roxo, de janeiro de 2020

Cor	Porcentagem	Palavras de referência ²²⁰
Roxo	45,16%	Coronavírus, China, Wuhan, vírus, casos, cidade, surto, autoridades, doença, infecção, chinês, pneumonia, países, província, milhões, epicentro, mundo, epidemia, pacientes, Hubei, humanos, confirmados, centro, Japão, pessoa, estados, região, Pequim, construir, médicos, unidos, respiratória, 2019ncov, chinesa, situação, origem, sars, grave, quarentena, família, Coreia, mercado, matou, fonte, síndrome, Tailândia, causa, semana, sexta-feira, morte, aguda, EUA, terá, viagens, Kong, Hong, comissão, mortes, surgiu, gripe, infectados, prevenção, registrados, franca, começou, chineses, controle, cidadãos, capital, incluindo, devido, voos, dezembro, hospital, habitantes, comum, resfriado, fevereiro, leitos, vacina, construção, transmissão, segunda-feira, conter, medida, laboratório, causar, Macau, transporte, estatal, aeroporto, viral, identificado, tratamento, propagação, Taiwan, África, quinta-feira, telejornal, lunar, anunciou, considerada, isolada, Austrália, iha, população, selvagens, vivos, mar, frutos, mers, comércio, estudantes, Europa, nia, visitou, feriado, ba, variante, central, Alemanha, Xangai, viajantes, cdc, morreram, inglês, incubação, passageiros, Malásia, subiu, chega, balanço, Huang gang, restrições, trens, ezhou, desconhecida, especialistas, notícias, moradores, vivem, história, oriente, médio, Filipinas, ar, record, jr, Vietnã, Nepal, sarscov, merscov, problemas, sigla, sira, Cingapura, oficiais, passada, rna, Washington, moderna, cepi, animais.

Fonte: Quadro preparado pela autora, a partir de análise de grafos, no *Gephi*

²²⁰ Por se referirem à mesma narrativa e não comprometerem seu sentido, realizamos o processo de lematização, com o objetivo de reduzir uma palavra a sua forma base, a sua raiz, padronizando diferentes formas da mesma palavra. A palavra com mais repetições representa as demais na tabela. São elas: animais e animal, anunciaram e anunciou, causada e causar, cidade e cidades, chinesa e chinesas, construído e construir, doença e doenças, grave e graves, hospitais e hospital, infecção e infecções, infectadas e infectados, médico e médicos, mortes e mortos, respiratória e respiratórias, tenha e terá, transmissão e transmitido, tratamento e tratar, vacina e vacinas.

APÊNDICE D

Palavras mais usadas no *cluster* laranja, de janeiro de 2020

Cor	Porcentagem	Palavras de referência ²²¹
Laranja	37,22%	saúde, país, sintomas, Brasil, ministério, paciente, OMS”, dias, disse, janeiro, acordo, mundial, contato, organização, medidas, febre, alerta, evitar, tosse, emergência, risco, nacional, estudante, chegou, vigilância, publica, internada, terça-feira, elevou, Belo, Mandetta, Horizonte, secretaria, Minas, período, aeroportos, atenção, isolamento, observação, mãos, respiratórios, Gerais, internacional, quarta-feira, agência, afirmou, asiático, fase, mulher, doentes, dificuldade, respirar, nariz, boca, contaminação, Henrique, Luiz, pasta, iminente, confirmou, perigo, definição, coletiva, viajou, território, olhar, respeito, exames, suspeito, atendimento, homem, global, Leopoldo, Rio, proteção, domingo, presidente, entrevista, possibilidade, circulação, agosto, portos, estável, compatíveis, verificação, espirrar, sinais, notificação, lavar, sobe, entrada, Paulo, descartados, orientações, operações, comitê, profissionais, sanitária, Anvisa, informações, rumores, monitoradas, muda, grau, circulando, comportamento, exigiram, jovem, tomadas, recomendações, áreas, Eduardo, Menezes, nota, divulgado, brasileira, necessidade, MG, acompanhadas, instalada, passa, feitas, classificação, terça, escala, preparado, Paris, feira, Curitiba, federal, atendida, prefeitura, municipal, estadual, recebeu, investigação, protocolo, apresentar.

Fonte: Quadro preparado pela autora, a partir de análise de grafos, no *Gephi*

²²¹ Por se referirem à mesma narrativa e não comprometerem seu sentido, realizamos o processo de lematização, com o objetivo de reduzir uma palavra a sua forma base, a sua raiz, padronizando diferentes formas da mesma palavra. A palavra com mais repetições representa as demais na tabela. São elas: apresentar e apresentou, brasileira e brasileiros, confirma – confirmada – confirmado – confirmou, eleva e elevou, informações e informou, internada e internado, investiga e investigação, suspeita – suspeito – suspeitos, tosse e tossir.

APÊNDICE E

Palavras mais usadas no *cluster* verde, de janeiro de 2020

Cor	Porcentagem	Palavras de referência ²²²
Verde	17,62%	morcegos, sopa, estudos, cobras, publicado, espalhou, redes, foco, cientistas, disseminação, espécies, cobra, silvestres, iguaria, cepa, principal, feita, análise, sociais, Science, causou, consumida, imagens, oficial, infectou, hospedeiros, pesquisadores, genética, patógeno, claro, link, revista, encontrado, sugere, multiplicaram, daily, star, isolado, contou, parecidos, provável, jornal, amostras, jornal, imediatamente, medical, virology, fato, afirmam, aponta, cov, intermediário, carne, genoma, coletados, conclusão, nativos, life, comparou, academia, ciências, possíveis, prato, relacionado, comparou

Fonte: Quadro preparado pela autora, a partir de análise de grafos, no *Gephi*

²²² Por se referirem à mesma narrativa e não comprometerem seu sentido, realizamos o processo de lematização, com o objetivo de reduzir uma palavra a sua forma base, a sua raiz, padronizando diferentes formas da mesma palavra. A palavra com mais repetições representa as demais na tabela. São elas: disseminação e disseminado, hospedeiro e hospedeiros, pesquisa e pesquisadores, principais e principal, morcego e morcegos, rede e redes, science e sciences.

APÊNDICE F

Atores dos 150 posts com mais interações no *dataset* de março de 2020

Ordem	Nome do perfil	Interações	Ordem	Nome do perfil	Interações
1	Suricate	8,723	2	Antony e Gabriel	8,344
3	Alvarenga TV	6,862	4	Campanha Covid-19 Floripa	6,565
5	Fortaleza Ordinária	6,406	6	G1 - O Portal de Notícias da Globo	6,347
7	De Olho No Cariri	5,066	8	Ricardo Amorim	4,806
9	Douglas Belchior	4,183	10	Amigos de Deus	4,070
11	Sérgio Rossi	3,997	12	Ricardo Amorim	3,470
13	Juliano	3,416	14	CIDADE ALERTA - GRANDES CASOS	3,398
15	João Amoêdo 30	3,386	16	Para Sempre Joãozinho	3,034
17	MV Bill	2,920	18	TRAÍRAS DO BRASIL	2,547
19	Pérolas da Urgência	2,513	20	Ricardo Amorim	2,423
21	Jovens de Direita	2,417	22	O Psicólogo	2,217
23	Robério Negreiros	2,142	24	Gazeta do Pará	2,131
25	Cronicamente	2,108	26	Suricate	2,083
27	Lição de Vida	1,963	28	Dilma Rousseff	1,943
29	Rogério Skylab	1,878	30	Rodrigo Drable	1,844
31	Delegado Christiano Xavier	1,838	32	Para Sempre Joãozinho	1,773
33	Marília Campos	1,767	34	Politicamente Incorrecto	1,744
35	DENUNCIE AQUI CARAGUATATUBA (OFICIAL)	1,721	36	Leo Moraes	1,691
37	Familia Passos, talquey?	1,667	38	CatMypet	1,626
39	Alê Silva	1,563	40	Mundo Galático	1,530
41	Esquerda Online	1,496	42	Curta o Capital	1,482
43	Juliano	1,439	44	Josiel Alcolumbre	1,420
45	Pérolas da Urgência	1,376	46	Na boca do povo	1,366
47	Hildo Do Candango	1,340	48	S.E.P Torcida que Canta e Vibra	1,279

49	Dida Oliveira	1,265	50	Hospital Frei Clemente	1,262
51	Espaço #RH	1,222	52	Mendonça Filho	1,194
53	GRUPO ENERGIA SOLAR	1,191	54	Jornal A Plateia Livramento	1,181
55	Cindy Unhas	1,148	56	Deixa-te de m#rdas	1,131
57	Portal de Notícias Alerta Campinas	1,111	58	Mendonça Filho	1,067
59	Deputado Delegado Recalcatti	1,066	60	Tribuna da Produção	1,059
61	Vanderlei Mársico	1,035	62	Nova Vida Niterói	1,015
63	Made in Diadema	1,014	64	Sintetel-SP	1,004
65	Noticias Policiais	994	66	Município de Carlos Barbosa	971
67	OAB SP	963	68	SP invisível	953
69	Campanha Covid-19 Floripa	939	70	Hildo Do Candango	919
71	Psicologia da Relação	914	72	Paulo de Moraes	893
73	Ricardo Amorim	875	74	Jornal Almenara	873
75	Esquerda Online	832	76	Para Sempre Joãozinho	828
77	Inteligentista	802	78	Árvore, Ser Tecnológico	799
79	Direita Santa Catarina	785	80	Vila Carmosina Itaquera	756
81	Adriane Fauth	751	82	Direita Pernambuco	737
83	Prefeitura de Guarulhos	735	84	TV Tocantina	734
85	Vereador Patrick Machado	734	86	Fique por Dentro	716
87	Nova Vida Niterói	703	88	Clube FM - 100,7	699
89	Camargibe Alerta	678	90	Prefeitura de Feliz	671
91	João Gustavo	664	92	Hugo Gloss	655
93	COLONIA DA LUZ GRUPO ESPIRITA	637	94	BC Notícias	613

95	Cdd Acontece	591	96	Pastor Elder Cavalcante	586
97	Deputado Marcon	586	98	E o espaço é todo seu	584
99	Cabo Nelson	581	100	Cidades OnLine - Região	556
101	SOS Laranjal	553	102	Psicologia da Relação	550
103	Manicure Revolt	547	104	Pontalonline	538
105	Editora Melhoramentos	527	106	Psicologia da Relação	516
107	Boca no Trombone Uberaba - Tulio Micheli	514	108	Marcelo Roque	509
109	Santa Catarina Fatos e FoTos	507	110	Folha de Búzios	504
111	FORÇABRASIL	502	112	A.C. Milan Brasil	498
113	Acorda Gravataí	496	114	Erika Kokay	491
115	Vicente Cascione	489	116	Paripe.net	486
117	Aliança pelo Brasil 22	485	118	Edmilson Rodrigues	485
119	Guilherme Boulos	484	120	Delegado Francischini	479
121	Município de Gouveia	471	122	Nilson Gaspar	469
123	My Crystal Angel - Angel Therapy by Livia Maris Jepsen	468	124	Alex Dias Ribeiro	467
125	Gazeta do Pará	458	126	Prefeitura de Brazópolis	452
127	Grupo Vírus Brasil	451	128	Associação David Melgueiro	449
129	Tampa Tattooist	437	130	Gustavo Saboia PUTIM E Região	434

131	Camaragibe Urgente	433	132	Cumaru News	430
133	Município de Vera Cruz/RS	425	134	Jequié Online Publicidades	424
135	Volnei Morastoni	422	136	Fabricio Petri	417
137	Manuela D'Ávila	415	138	Flávio Mantovani	412
139	Léo Burguês	411	140	CMEIS DE CURITIBA II	409
141	Folha de Búzios	406	142	Diário Pedrosa	403
143	Ricardo Amorim	402	144	Itacoatiara Alerta	392
145	Campos Do Jordão - Prefeitura	391	146	Site João Neiva	391
147	Noticias Agudos	390	148	Gazeta do Pará	385
149	Rádio Lagoa FM	385	150	Sintrasem Florianópolis	383

Fonte: quadro preparado pela autora, com dados coletados na *CrowdTangle*

APÊNDICE G

As 150 palavras mais recorrentes estatisticamente no *dataset* de março de 2020

Palavra	Quantidade	Palavras	Quantidade
virus	2327	isolamento	2193
corona	1682	saude	1660
casos	989	social	909
coronavirus	819	covid19	751
dias	623	medidas	576
populacao	566	pandemia	500
doenca	433	sintomas	429
mundo	425	quarentena	385
brasil	374	domiciliar	365
ficar	352	suspeitos	351
vida	350	municipio	342
presidente	337	situacao	333
municipal	323	risco	320
pais	318	hospital	309
pacientes	298	cidade	290
evitar	284	secretaria	283
prevencao	282	periodo	270
informacoes	267	melhor	258
combate	254	trabalho	254
atendimento	254	familia	251
idosos	246	contato	244
crise	234	deus	232
sair	225	prefeitura	217
confirmados	217	maos	215
marco	215	trabalhadores	213
italia	213	publico	212
alcool	210	conta	209
profissionais	208	importante	200
exame	192	pessoa	190
itajai	189	gel	188
ministerio	188	resultado	186
seguranca	182	bolsonaro	181
precisa	181	países	178
atividades	178	homem	177
publica	175	servicos	174
decreto	173	tomar	172
acoes	172	hospitais	171

precisamos	169	manter	168
orientacoes	167	paciente	167
economia	166	agua	162
juntos	161	fique	160
suspeito	159	medida	158
panico	157	familias	157
fica	156	protecao	155
mulher	154	passar	153
febre	151	boletim	151
realizou	150	paulo	150
necessario	148	contagio	148
importancia	148	ajudar	146
mundial	146	rio	146
medo	144	necessidade	142
vigilancia	141	tratamento	140
ar	140	fiquem	139
cuidados	138	sociais	138
atencao	137	gripe	137
enfrentamento	136	autoridades	136
contaminacao	136	amigos	135
video	134	transmissao	134
criancas	133	semana	128
prefeito	128	devido	128
renda	126	equipe	125
medico	125	suspeita	125
cruzeiro	125	doencas	124
causa	124	china	124
responsabilidade	122	continuar	122
cuidar	121	estados	121
rede	119	peessoal	119
vacina	119	condicoes	118
proteger	118	dados	117
vidas	116	guerra	116
confirmado	116	rua	115
higiene	115	boca	114
oms	114	mortes	114
tempos	113	recomendacoes	113
infectados	112	transporte	111

Fonte: quadro preparado pela autora, a partir de palavras coletadas via *CrowdTangle/Ford*

APÊNDICE H

Palavras mais usadas no *cluster* roxo, de março de 2020

Cor	Porcentagem	Palavras de referência ²²³
Roxo	51,77%	Vírus, isolamento, corona, saúde, supermercados, medidas, população, pandemia, mundo, quarentena, Brasil, risco, país, prevenção, trabalho, atividades, crise, Deus, trabalhar, segurança, Bolsonaro, bairros, publica, setores, decreto, ações, manter, orientações, economia água, juntos, famílias, pensar, necessidade, contágio, importância, mundial, medo, fiquem, atenção, gripe, autoridades, contaminação, amigos, cumprirem, semana, prefeito, devido, doenças, pessoal, vacina, conter, vídeo, OMS, tempos, rede, infectados, fome, propagação, grupos, informação, covid, corpo, estadual, redução, emergência, organização, guerra, locais, Goiás, sociedade, falando, garantir, nacional, econômica, crianças, disseminação, milhões, salvar, serviços, direito, enfrentar, comércio, fundamental, faca, públicos, sentido, educação, amor, cenário, presidente, Holanda, regime, auxílio, ordem, empregos, deverão, imunidade, produtos, vulneráveis, região, sexta-feira, consequências, colapso, órgãos, telefone, sério, civil, Europa, feito, federal, mínimo, disse, acima, organismo, atendimento, essenciais, epidemia, dinheiro, governador, recursos, controle, efeitos, fonte, adotadas, atual, fazendo, considerando, chinês, comida, férias, gosto, entrar, coisas, lanchinho, theo, vo, realmente, lógica, mostrar,

²²³ Por se referirem à mesma narrativa e não comprometerem seu sentido, realizamos o processo de lematização, com o objetivo de reduzir uma palavra a sua forma base, a sua raiz, padronizando diferentes formas da mesma palavra. São elas: acaba e acabou, acesse e acesso, adotadas e adotar, ajuda/ajudar/ajude, art e artigo, atender e atendimento, atividade e atividades, bairro e bairros, banco e bancos, básica/básico/básicos, brasileira e brasileiros, busca e buscar, comunidade e comunidades, condição e condições, contenção e conter, criança e crianças, cumprimento e cumprirem, dada e dadas, decisão e decisões, desempregados e desempregadas, difíceis e difícil, direito e direitos, doar/doe/doações, empresa e empresas, estaduais e estadual, falando e falar, fato e fatos, fechamento e fecharam, fica/ficar/ficarão, fortalecer/fortalecido/fortalecimento, governos e “governu”, grave e graves, guerra e guerras, imediata e imediato, importante e importantes, informais e informal, leite e leitinho, levar e levo, melhor e melhores, militar e miliares, mortes e mortos, mostra e mostrar, mudar e mudei, necessário e necessários, necessidade e necessidades, passa/ passada/passar, pensando e pensar, podendo/poderão/poderia, polícia/policiais/polícias, possa/possam/possamos, precisam/precisamos/preciso, presidente e “prezidente”, principais e principal, problema e problemas, proteção/proteger/proteja, recomendação e recomendações, rede e redes, redução e reduzir, república e “república”, respiratórias e respiratório, rua e ruas, sai/saído/saiu, salário e salários, seguem/seguindo/seguir, serviço e serviços, setor e setores, situação e situações, social e sociais, supermercado e supermercados, suspensão e suspensas, tenha/tenhamos/teremos/teria/termos, texto e textos, tomadas e tomando, trabalhador/trabalhadoras/trabalhadores, trabalhando e trabalhar, vida e vidas, vídeo e vídeos, vivem/vivendo/viver/vivi.

		<p>morrer, maneira, surto, deixar, simples, mandar, fato, office, vida, dormir, colocar, parar, vivendo, aulas, apesar, funcionários, servidores, BA, curso, empregado, polícia, familiares, empregador, SP, condições, leitões, pobres, pronunciamento, vítimas, genocídio, uneafo, pagar, governadores, banco, doe, campanha, política, importante, regras, mente, solidariedade, notícias, moradores, proteção, fé, mental, estratégia, qualidade, municipais, funcionamento, estabelecimentos, eventos, jair, prefeitos, matar, cidadãos, buscar, discurso, sr, desempregados, iha, favelas, voltar, confinamento, opinião, terra, EUA, defesa, social, casas, diariamente, nota, doentes, especial, própolis, reunião, normal, médica, abaixo, prazo, rua, eucalipto, filhos, franca, planeta, capacidade, responsáveis, cidades, porto, saído, secretário, bombeiros, irão, higienização, procedimentos, médicos, receber, práticas, começar, profissional, realidade, limpeza, extrato, pobreza, zona, rotina, popular, inicial, presencial, equipamentos, comum, utilizada, seguir, compreender, assistência, líderes, gabinete, impacto, abençoe, almoço, copo, Jesus, molecada, aceitou, morcego, recomendações, cara, oração, poderão, avo, livre, comer, escolas, orar, vendo, acorda, paz, prioridade, depender, professores, art, sanitárias, Facebook, vereadores, administração, âmbito, José, difícil, afetadas, ônibus, categoria, metros, ex-ministros, sobrevivência, PT, pior, jovens, fiquei, básica, cabeça, contas, delivery, ansiedade, cuidado, informais, respeito, imagem, avaliação, Itapira, fluxo, distanciamento, forcas, TV, desemprego, interesses, seguintes, online, precisamos, fornecimento, teria, pena, calamidade, mortes, preventivas, crimes, realização, postos, aumento, comerciais, sábado, bares, fiscalização, viagens, ajudar, suspensão, penal, determinações, entrega, operações, possa, repressão, sombrio, ambiente, criar, Juliana, situação, infelizmente, milhares, caos, cloroquina, brasileiros, internet, acesso, especialistas, superar, políticos, deveriam, pedindo, sede, lixo, fortes, questões, informe, vencer, principais, Timor-Leste, contamos, jequie, respiratório, empresas, alimentos, periféricos, fortalecer, leite, ameaça, saneamento, repente, apoiar, territórios, minimamente, negras, autistas, dezena, rezemos, iniciamos, moradia, atingem, café, praia, desesperada, superior, físico, plantas, violência, agir, maiores, estudos, festival, RJ, coletivo, afastamento, república, circulação, vacinação, conseguiremos, comunidade, dicas, link, compartilhar, raciocínio, vegetal, gargarejo,</p>
--	--	---

		<p>mensagem, imunológico, Portugal, meios, estigma, livramento, foto, declaração, armas, tragédia, confinado, espalhar, contrário, oportunidade, pensamentos, psicologia, salários, urgência, evitem, cuidem, sigam, global, passa, advogado, acontecer, colaboradores, epi, disponibilidade, ficar, ingestão, níveis, pneumonia, leve, sintoma, precaução, Wuhan, companhia, sozinho, sentimentos, justiça, tutela, Raquel, carona, solidão, isolados, fechamento, texto, dizendo, farmácia, ensaios, dada, passando, aprender, acreditar, palavras, coletiva, canal, distância, Rodrigo, marido, perigo, empatia, bebe, creches, refeição, venho, esquema, cozinha, aparece, solicitar, encontrarem, tias, merendeiras, céu, acostumada, cheia, melhor, clube, parque, pragas, cansam, detalhe, homme, necessário, criaturas, jantar, levar, perguntam, gelatina, saga, estendido, organizaram, rodízio, humanas, fase, presos, espaço, disposição, trabalhadores, dengue, gratuita, digital, max, crônicas, agência, periferias, Venezuela, viajante, financeiro, goianos, Caiado, delegacias, houver, código, internamente, células, permitir, medicamentos, possíveis, reflexão, governos, reino, formação, eficaz, cadeia, militar, dicotomia, problema, expostas, compras, irresponsabilidade, mercado, matou, incompetência, vexe, invisível, imediato, real, corruptos, estatísticas, privacidade, valores, Lafaiete, centros, cm, mantimentos</p> <p>Aquisição, primeiru, ministru, grave, halo, sira, felicidade, Francisco, sangue, portugueses, comcam, conspiração, danos, turistas, declarar, Trump, falsas, governantes, ferramentas, live, tomadas, experiência, mudei, decisões, província, Marília, vertical, espanhola, tratar, acabou</p>
--	--	--

Fonte: quadro preparado pela autora, a partir de palavras coletadas via *CrowdTangle/Ford*

APÊNDICE I

Palavras mais usadas no *cluster* verde, de março de 2020

Cor	Porcentagem	Palavras de referência ²²⁴
Verde	22,87%	Casos, coronavírus, covid19, doença, sintomas, domiciliar, teste, município, municipal, positivo, cidade, contato, prefeitura, continua, marco, Itália, Itajaí, ministério, medida, Paulo, rio, vigilância, tratamento, transmissão, médico, suspeita, cruzeiro, Grécia, uti, diário, mulher, ficam, secretaria, números, quadro, infecção, coleta, Marieta, informa, acordo, moradora, domingo, sanitária, negativo, orientação, análise, registrou, manhã, comitê, gripais, segunda-feira, oficiais, diagnóstico, tosse, janeiro, morte, comunitária, poções, protocolo, Bahia, Marilândia, regional, estruturas, internado, ubs, privado, santo, laboratório, frascos, horário, objetivo, fogo, imagens, hospital, mantido, ocorrer, evento, presente, compartilhem, Tucuruí, haja, amostra, direção, desobediência, desgoverno, queridos, epidemiológica, hj, jogo, corrupção, atendimentos, centro, pomba, chegou, comunicação, dor, Fiocruz, leves, respiratórios, respirar, dificuldade, viajaram, confirmados, dúvidas, data, Itaquí, resultado, e-mail, lista, terça-feira, exterior, jovem, exame, domicílio, boletim, internações, casal, feita, extrema, canais, fizeram, pequeno, anjo, foz, tinha, descartados, ligações, notificações, acompanhamento, pronto, notificados, monitorados, investigação, triagem, Paraná, pacientes, incluídos, santa, Vilhena, quinta-feira, igreja, alegre, infectadas, senhor, paulista, confira, site, central, Altônia, João, instituto, referência, pedimos, unidade, capital, campo, evolução, Iguaçu, fevereiro, Silva, história, encontra-se, europeia, Espanha, Caxias, espera, malafaia, câncer, Maceió, italianos, fiz, morreram, curva, norte, unidos, único, creio, clínico, precisou, leva, ambas,

²²⁴ Por se referirem à mesma narrativa e não comprometerem seu sentido, realizamos o processo de lematização, com o objetivo de reduzir uma palavra a sua forma base, a sua raiz, padronizando diferentes formas da mesma palavra. A palavra com mais repetições representa as demais na tabela. São elas: aguardam/aguardando/aguardava/aguarde, apresenta/apresentado/apresentando/apresentaram/apresentou, boletim e boletins, chega/chegada/chegou, clínico e clínicos, coletada e coletado, confirmado e confirmados, continua e continuam, descartado e descartados, diário e diários, divulgado e divulgados, encaminhado e encaminhou, encontram-se e encontra-se, entrada e entradas, epidemiológica/epidemiológico/epidemiológicos, exame e exames, ficam e ficando, hospital e hospitalar, incluídos e incluindo, inconclusivo e inconclusivos, informações e informamos, internada/internados/internado, monitorada/monitoradas/monitorados, morador e moradora, mulher e mulheres, oficiais e oficial, paciente e pacientes, positivo e positivos, receberam e recebeu, resultado e resultados, secretaria e secretários, suspeito e suspeitos, teste e testes, tinha e tinham, unidade e unidades, viajaram e viajou.

		<p>terça, informações, torno, estação, afirmar, 18h30, entenda, repassados, alterar, lançados, anunciar, orientamos, apresentou, divulgação, trazem, publicação, encaminhado, divulgado, preferencialmente, extraordinários, reúnem, inconclusivo, Konder, Bornhausen, suspeitos, confirmados, www.itajaisc.gov.br/coronavirus, itajaisc.gov.br/coronavirus, itajaienses, permaneçam, reforçar, apelo, barba, estável, Lacen, confirmação, confirma, trata-se, idade, restrição, cuide-se, adotando, saindo, pedido, colaboração, vulnerável, ideia, contabiliza, visitas, preventiva, residências, Araraquara, recebeu, suspeitos, Jaboticabal, Adolfo, Lutz, Carlos, enfermaria, adultos, óbito, postado, Santos, Maria, coletado, liga, circular, entrada, sintomáticos, encaixam, critérios, contatoriopombamg.gov.br, Gonçalves, resfriado, Uberaba, portaria, quarta-feira, aguardando</p>
--	--	--

Fonte: Quadro preparado pela autora, a partir de análise de grafos, no *Gephi*

APÊNDICE J

Palavras mais usadas no *cluster* laranja, de março de 2020

Cor	Porcentagem	Palavras de referência ²²⁵
Laranja	13,77%	Dias, evitar, período, idosos, sair, conta, profissionais, gel, precisa, países, homem, tomar, hospitais, realizou, cuidados, renda, responsabilidade, estados, dados, criou, conseguiu, produção, gratuitamente, cura, municípios, aglomeração, alimentação, procurar, isolar, alta, técnica, exército, ministérios, vitórias, combate, inimigo, remédio, linha, possibilidade, ação, contínuo, claro, empresários, morreu, consciência, união, brasileiro, continuar, fabricassem, imprensa, decretos, luta, lugares, farmácias, reuniões, forte, crime, custo, rápido, equilíbrio, mudanças, cursos, entra, conhecimento, gestão, plano, indústria, demanda, proveniente, respiradores, escala, confinados, equipe, tirar, perder, urgente, cidadão, MEC, rápidas, laboratórios, hotéis, resolve, ministros, acompanhando, carro, independentes, infraestrutura, sites, apoia, eficiente, humano, coragem, jeito, menores, ciências, itens, ficarmos, gripezinha, financiamento, criminoso, secretários, conectado, rainha, resfriadinho, levou, cerveja, graça, garantindo, observou, conhecemos, fundos, links, ocupar, cuida, plena, geração, surpresa, impede, reto, preparou, organizou, ensinar, estender, rodovias, tornou, garantiu, liberou, pontes, fazermos, fábricas, aprendeu, fundamentais, comando, cuidar, arrogante, acreditando, recomendando, empreendedores, confio, perdidos, bandido, polêmico, implementou, coordenou, construções, bases, corrigiu, confiar, erra, perfumaria, vence, pego, preveniu, negociou, anistiou, dívidas, amparou, enfrentamento, ferrovias, suprimentos, elaborou, provisórias, podiam, beneficiar, atalhos, tecnologias, lida, line, necessários, educar, mecanismo, torço, acerto

Fonte: Quadro preparado pela autora, a partir de análise de grafos, no *Gephi*

²²⁵ Por se referirem à mesma narrativa e não comprometerem seu sentido, realizamos o processo de lematização, com o objetivo de reduzir uma palavra a sua forma base, a sua raiz, padronizando diferentes formas da mesma palavra. A palavra com mais repetições representa as demais na tabela. São elas: acerto e acertos, combate e combater, continuar e continuem, cuidar e cuidou, enfrentamento e enfrentando, equipe e equipes, fabricasse e fabricassem, gratuitamente e gratuitos, necessária/necessárias/necessitam.

APÊNDICE L

Palavras mais usadas no *cluster* azul, de março de 2020

Cor	Porcentagem	Palavras de referência ²²⁶
Azul	11,59%	Família, mãos, público, álcool, pessoa, fique, pânico, febre, ar, causa, China, higiene, boca, transporte, aglomerações, doente, nariz, respiratória, truncated, luvas, possuem, frente, mantenha-se, cabelos, sabão, humanos, olhos, síndrome, cair, apresentar, permanecer, segue, morre, luz, raiva, idoso, garganta, lavar, news, fake, gravidade, vacinas, saem, minutos, trabalhei, nele, infectada, chegar, respiração, tocar, lave, gênero, vivo, diretamente, papel, sobrevive, vivos, movimento, ler, estrutura, microscópio, ibuprofeno, atacam, maçanetas, tossir, roupas, eu, gripal, restaurantes, influenza, cotovelo, sintomático, pneumocócica, indicado, corrimão, apoiadores, epidêmico, visitar, cinema, analgésicos, dipirona, antitérmico, fechadas, anti, obs, evite, máscaras, tendo, compartilhe, acelera, multiplicação, procure, idoso, escolas, teste, hospital, mídia, teoria, econômico, Procon, material, máscaras, informado, passageiros, viajante, gripados, sem, lavar, álcool, síndrome, hidratação, eventos, Advil, Alivium, Buscofen, resumo, Algiflex, algireumatril, Nurofen, Spidufen, Ibuflex, bactérias, aguda, processo, rapidamente, Mendes, sarscov, fina, desidrata, solar, ratos, comunista, trilhões, existem, humanidade, seção, definitivo, modelo, biólogo, professor, médio, espirrar, objetos, espécie

Fonte: Quadro preparado pela autora, a partir de análise de grafos, no *Gephi*

²²⁶ Por se referirem à mesma narrativa e não comprometerem seu sentido, realizamos o processo de lematização, com o objetivo de reduzir uma palavra a sua forma base, a sua raiz, padronizando diferentes formas da mesma palavra. A palavra com mais repetições representa as demais na tabela. São elas: espécie e espécies, ibuprofen e ibuprofeno, mantenha e mantenha-se, máscara e máscaras, roupa e roupas, sabão e “sabão sabonete”, tendo e tenham.

APÊNDICE M

Atores dos 150 posts com mais interações no *dataset* de junho de 2020. Os políticos foram os destaques do *dataset* e estão destacados na tabela.

Ordem	Nome do perfil	Interações	Ordem	Nome do perfil	Interações
1	Delegado Francischini	85,222	2	Marcos Do Val	18,999
3	Camboriú News	18,053	4	José Medeiros	18,013
5	Luiz Barboza	12,443	6	NasRuas	10,523
7	Professor Paschoal	8,940	8	Marcos Do Val	7,007
9	Ricardo Arruda	5,203	10	Cezar Leite	4,979
11	Luiz Barboza	4,698	12	Gazeta do Povo	4,478
13	Humberto Costa	3,913	14	Hospital Sório-Libanês	3,887
15	Dr. Pacheco	3,346	16	Coronel Américo	3,332
17	Fátima Daudt	3,287	18	Repórter Sérgio Guimarães	3,219
19	Jornal NH	3,143	20	Pardini	3,139
21	Naomi Yamaguchi Pensa	3,113	22	Hospital São Lucas - Copacabana	2,969
23	Sidnei Prestes Junior	2,962	24	Agentes Federais do Brasil	2,919
25	Priscila Costa	2,698	26	Jornal da Região	2,686
27	Coronel Sandro	2,656	28	José Medeiros	2,223
29	Patricia Beck	2,210	30	Sou esquerda e daí?	2,127
31	Ana Caroline Campagnolo	2,064	32	IBCC Oncologia	1,986
33	Fátima Daudt	1,905	34	Movimento Direita Joinville	1,678
35	Repórter MT	1,634	36	Portal Leouve - Leia Ouça Veja.	1,627
37	Guti	1,618	38	Diário de Canoas	1,599
39	Rádio Gazeta Do Jacuí	1,581	40	Governo de Mato Grosso	1,575
41	Leo Moraes	1,555	42	Canal Ideal	1,537
43	Pioneiro / Gaúcha Serra	1,527	44	Movimento Direita Joinville	1,492
45	Fernanda Barth	1,482	46	Gugu Nader	1,459
47	Diário Catarinense	1,429	48	Fátima Daudt	1,352
49	Dr. Cássio	1,314	50	Priscila Costa	1,303
51	Nova Parnamirim Notícias	1,225	52	Diário Catarinense	1,211

53	Eros Biondini	1,194	54	Naomi Yamaguchi Pensa	1,189
55	Delegada Sheila	1,184	56	Jornal dos Bairros - Itajaí	1,181
57	Rodinei Candea	1,162	58	Remedios caseiros da vovó	1,154
59	Cezar Leite	1,154	60	Albino Vereador	1,132
61	Movimento Direita Joinville	1,117	62	Hora de Santa Catarina	1,117
63	Repórter MT	1,107	64	Diário Catarinense	1,031
65	Mauro Mendes	1,005	66	Álvaro Dias	1,003
67	MidiaNews	954	68	Sou de Cuiabá.	953
69	Dr. Pacheco	934	70	Remedios caseiros da vovó	930
71	Dr. Sandro	919	72	Vereadora Daniela	915
73	GOIOTUDO! desde2012	913	74	BR POR UM BRASIL MELHOR BR	907
75	NSC Total	907	76	Biommm_Oficial	893
77	Rodinei Candea	892	78	Saúde Logo Ali	892
79	Sargento Claudinei	891	80	Jornal NH	872
81	Revista Pensar Contemporâneo	862	82	BBC News Brasil	857
83	Metrópoles	852	84	Prefeitura de Campo Limpo Paulista	798
85	Carla Mesko	763	86	Militância Bolsonarista - Santa Catarina	758
87	Verdade e Vida	751	88	Mauro Mendes	749
89	Patricia Beck	748	90	Movimento Avança Brasil	743
91	O Popular	740	92	Jornal VS	720
93	Naomi Yamaguchi Pensa	710	94	Notícias no Face RN	703
95	PADRE FÁBIO DE MELO Membros Religiosos	681	96	Abmael Almeida de Oliveira	667
97	NDTV Record TV	655	98	Portal R7	655
99	Revista Oeste	645	100	Albert Dickson	631
101	Lucas Redecker	629	102	Livre Brasil	

103	Jair Messias Bolsonaro Nosso Presidente	621	104	Thiago Fernandes	615
105	COVID tratamento precoce - Médicos pela vida Campo Grande	602	106	André Linhares	600
107	Pepe Vargas	599	108	Questão de Ciência	588
109	Repórter Beto Ribeiro	587	110	HiperNotícias	586
111	Fabrizio Marinho	584	112	Rodinei Candeia	576
113	Chico Cancela	575	114	Ponte FM Indaial 98,3	573
115	Diário de Hospital	571	116	Apoio Alessandro Loiola para Ministro da Saúde	564
117	A Folha Do Bosque	563	118	Tita Furlan	560
119	Eduardo Capistrano	560	120	Comprova	553
121	Dr. Sandro	543	122	Band Fm Itajaí	526
123	Eduardo Capistrano	523	124	Rodinei Candeia	521
125	Agora RN	507	126	Cidadania e Fé	491
127	André Machado	489	128	Aliança pelo Brasil São Paulo	488
129	Ligado na Notícia	488	130	Pacto Contra o #PT	485
131	Prefeitura Municipal de Rolante		132	Militância Bolsonarista - Santa Catarina	
133	Opinião Crítica	484	134	Dilemário Alencar	480
135	Vereadora Daniela	475	136	Blog do Davzinho	474
137	Gazeta Sobradinho	474	138	Caso Criminal RS	457
139	Luciano Orsi	452	140	FORÇABRASIL	449
141	Rodinei Candeia	442	142	Centro Médico Dr.PLUS	439
143	Samambaia em Pauta	436	144	Gazeta do Povo	432
145	AMPARA Animal	428	146	Prefeitura Municipal de Rolante	426
147	Conquist Odontologia	425	148	Associação Brasileira de Câncer de Cabeça e Pescoço	424

149	96FM Bauru	412	150	Dr Paulo Tigre PP	409
-----	------------	-----	-----	-------------------	-----

Fonte: quadro preparado pela autora, com dados coletados na *CrowdTangle*

APÊNDICE N

150 palavras mais recorrentes estatisticamente no dataset de junho de 2020.

Palavra	Quantidade	Palavras	Quantidade
Tratamento	1786	precoce	1323
covid19	868	saude	854
Pacientes	563	medicos	523
Doença	484	protocolo	463
sintomas	440	medicamentos	349
ivermectina	338	hidroxicloroquina	335
coronavirus	325	medico	310
casos	304	covid	254
medica	252	virus	249
medicamento	232	brasil	228
vidas	225	populacao	224
porto	222	diagnostico	220
cloroquina	206	estudo	200
pele	195	prefeito	192
estudos	187	pandemia	185
paciente	185	fase	176
presidente	174	vida	172
dias	167	ministerio	164
cidade	163	prevencao	162
profissionais	157	municipio	157
atendimento	155	cancer	152
combate	150	azitromicina	147
hospital	146	hcq	145
video	142	dra	138
resultados	136	feliz	131
live	129	cancro	129
dr	126	reducao	126
evidencias	122	medidas	122
ciencia	119	raissa	119
bolsonaro	115	pais	111
tratar	111	protocolos	110
uti	110	prefeitos	110
municipios	110	mortes	106

importante	106	evitar	106
rede	106	federal	106
mundo	105	exames	104
governador	103	profilaxia	101
alho	101	risco	100
abaixo	100	publica	100
idades	100	julho	100
medicacao	99	kit	99
prefeitura	98	melhor	98
seguro	97	equipe	95
doencas	94	remedio	93
mortalidade	92	secretaria	92
atencao	91	feito	88
necessidade	88	tratamentos	88
alexandre	88	municipal	88
regiao	86	problemas	85
ajuda	85	dor	85
salvar	83	medicacoes	82
acao	82	campanha	82
santa	79	internacao	78
corpo	78	informacoes	78
contato	78	precocemente	76
sucesso	76	testes	76
teste	76	morte	75
marco	75	leitos	73
clinico	72	sinais	71
sociais	71	nacional	71
cura	70	garcia	70
centro	68	eficacia	68
governadores	68	situacao	67
hospitais	67	cassio	67
acordo	67	unidades	67
importancia	66	azi	65
efeitos	65	prevenir	65
ambulatorial	65	frente	64
combater	63	obitos	63
objetivo	63	medicina	62
link	62	perda	62
evolucao	61	prescricao	61

paulo	60	perda	62
evolucao	61	semana	60
leves	60	soares	60

Fonte: quadro preparado pela autora, a partir de palavras coletadas pela autora via *CrowdTangle/Ford*

APÊNDICE O

Palavras mais usadas no *cluster* roxo, de junho de 2020

Cor	Porcentagem	Palavras de referência ²²⁷
Roxo	36,58%	Direitos, pele, vida, dias, câncer, mundo, frequência, alho, julho, melhor, doenças, proteção, ação, corpo, testículo, importância, combater, perda, pessoa, cabeça, pesquisa, detecção, cebola, acesse, material, cru, suco, tomar, Alves, ar, estômago, mulheres, especialmente, procure, distribuição, Deus, dentes, expectorante, receita Pressão, alta, tiver, milhares, social, água, fundamental, online, compartilha, sinusite, asma, nitazoxanida, síndrome, brasileiros, cistinose, cancro, números, crônica, estágio, venosa, científica, coração, homens, pâncreas, fígado, hepatites, idade, principais, julgamento, tumores, vejo, dados, história, Recife, linfedema, HPV, MCTI, intestinal, triagem, atividade, Sorocaba, vitro, voluntários, carga, Marcos, Pontes, autoridades, pescoço, virais, veias, sociedade, boca, células, visão, diabetes, amarelo, replicação, Barueri, Bauru, Guarulhos, tosse, tecnologia, segunda-feira, febre, envelhecimento, manchas, antioxidantes, rugas, ácido, chá, benefícios, hialurônico, propriedades, linhas, tipos, creme,

²²⁷ Por se referirem à mesma narrativa e não comprometerem seu sentido, realizamos o processo de lematização, com o objetivo de reduzir uma palavra a sua forma base, a sua raiz, padronizando diferentes formas da mesma palavra. A palavra com mais repetições representa as demais na tabela. São elas: abdome e abdominal, ajuda – ajudam – ajudar, alerta e alertar, alteração e alterações, antioxidante e antioxidantes, autismo e autista, aumento e aumentar, brasileiras e brasileiros, cancro e cancros, capaz e capazes, cápsula e cápsulas, causa - causada - causadas - causador - causados – causar, chance e chances, científica – cientificamente – científicos, cirurgia e cirurgias, comprovação – comprovada – comprovar, comum e comuns, conscientização e conscientizar, consulta – consultar – consultas – consulte – consultórios, consumido e consumir, conta e contar, criança e crianças, deixa e deixe, dente e dentes, detecção e detecta, diagnosticada e diagnosticado, diagnosticar e diagnóstico, direito e direitos, dor e dores, eficaz e eficácia, especialidades e especialistas, exame e exames, frequência – frequente – frequentemente, genital e genitais, hidratação – hidratada – hidratante, imunidade e imunológico, intestinal e intestinos, leva e levar, linfático e linfáticos, melhora e melhorar, mulher e mulheres, obs e observação, óssea e ossos, possua e possui, prevenir e previne, problemas e problema, proteção e protetor, pulmão e pulmões, realização e realizados, reduz – reduzir – reduziu, respiratórias – respiratório – respiratórios, salsa e salsinha, sangue e sanguínea, sexuais e sexual, teste e testes, testículo e testículos, tratada e tratam, tumor e tumores, veia e veias.

		<p>saudável, chances, peso, sinal, devido, causa, expressão, observação, olhos, articulações, bexiga, problemas, beleza, argila, geralmente, colágeno, teste, inflamação, eficácia, natural, tecidos, textura, flacidez, alerta, auxilia, colo, tratam, sangue, promove, rins, estimula, verão, essencial, icterícia, urina, imunidade, pé, especialidades, gordura, vitaminas, pílula, excesso, depilação, solar, aplicação, calor, exposição, claripele, ajuda, reumatoide, infectadas, circulação, evita, desenvolver, elasticidade, pulmão, fatores, elastina, significa, clarear, provocar, fezes, mama, nódulo, 10h, cuidado, ansiedade, qualidade, WhatsApp, criança, controle, salsinha, falar, conduta, UBS, técnica, rua, potencial, necessário, rico, organização, 1º, verde, útero, urologista, fique, língua, esôfago, conscientização, colesterol, faringe, tireoide, instituto, fica, consulta, laringe, ocorre, facilitar, fadiga, adulto, lesões, entender, parabéns, salvando, caiu, contente, tribunal, humanidade, vacinas, Gates, normal, insanidade, civilização, proibição, Amazonas, ocidental, Portugal, profilática, York, dor, humanos, deram, culpa, trevas, rastreamento, linfonodos, capazes, inchaço, superior, órgãos, imediatamente, líquido, disseminou, biliar, vaginal, costas, acúmulo, bilirrubina, ducto, hidratação, áreas, parceiros, preservativo, razões, cor, avançado, melhorar, genital, condições, tórax, pode-se, próstata, hemorragia, partes, patologias, melanoma, diagnóstico, realizados, vasos, sobrevivida, engravidar, levar, entrevista, RTPCR, empresas, garantir, mortos, mamão, reduzir, comissão, recursos, fármacos, bandeiras, aumento, cirurgia, famílias, matando, Europa, participação, deixa, trabalhos, consumido, acreditar, acompanhamento, receber, assinatura, rotina, bronquite, antibiótico, rinite, introduza, mel, vazio, camomila, conter, laranja, gotas, copaiba, liquidificador, utilize, pedacinho, pica, organismo, resfriados, gripes, conta, cápsula, autismo, alimentos, fortalece, constatado, prevenir, arteriais, digestão, baixa, trombose, sexual, Alzheimer, hipertensão, anemia, obesidade, nervoso, trato, atacado, manhã, óssea, utilizar, polivitamínico, az, madrugada, dica, coma, recomendável, erva, doce, acalmar, consiga, lidar, cheiro, gosto, refeições, possui, transmissão, assunto, incidência, horário, paulista, sair, processo, apesar, hormônios, diminuir, menstruação, atender, apresentam, menopausa, função, cistina, aprovado, dravet, universidades, processados, linfático, planta, comportamentos, chás, DVC, habilidades, aprendizagem, funcionamento, Karine, presencial, ebooks, paixão, agendamento, garganta, auto, estima,</p>
--	--	---

		insuficiência, preciso, apetite, doente, sente, referente, psicólogo, av, metros, depressão, suporte, inovações, comum, CNPEM, infecções, vinculada, identificou, respiratórios, clínicos núcleo, pneumonia, taxa, CEO, jardim, níveis, nefropática, testosterona, moringa, ejaculação, longo, evitando, artrite, crescimento, transporte, rápidos, indicação, estrutura, intenção, quinta-feira, norte, negativo, institute, exames, mobilização, inteligência, odontológicas, glaucoma, voz, pernas, conhecimento, potentes, comprovada, meios, Joinville, diagnosticada, criada, especial, agende, alterações, reabilitação, animais, preocupação, juiz, atenuar, proposta, centre ventos, implantando, antiparasitário, sarscov2, renal, artificial, base, disfunções, infantil, psicoterapia, amor, formas, abdominal.
--	--	---

Fonte: Quadro preparado pela autora, a partir de análise de grafos, no *Gephi*

APÊNDICE P

Palavras mais usadas no *cluster* verde, de junho de 2020

Cor	Porcentagem	Palavras de referência ²²⁸
Verde	21,32%	Tratamento, precoce, covid19, saúde, pedindo, medidas, doença, tenham, medicamentos, coronavírus, casos, vírus, Brasil, ministério, profissionais, azitromicina, necessidade, público, importante, federal, risco, publica, orientação, medicações, santa, informações, contato, hospitais, acordo, objetivo, medicina, prescrição, feira, nota, Catarina, hospitalar, forte, Ícaro, Alcântara, carta, fases, prol, suspensão, temporária, opinião, cuidados, blog, inteiro, esperando, sessão, câmara, indicações, propostas, entrega, remédios, compra, economia, pagamento, retomada, embasada, comente, sugira, pergunte, compartilhe, conteúdo, ajude, agradecemos, citado, Adolfo, Duarte, clicia, sallus, internação, marcação, exterior, recepcaomedgmailcom, principal, canal, Telegram, exclusivo, tmedricaroalveshttpstmedricaroalves, superleve, manual, instruções, falamos, inicial, entenda, imune, funciona, depoimentos, perder, básica, família, secretaria, receberam, hepatite, unidade, documento, paciente, mundial, enfrentamento, sintomas, quadro, procurar, científicas, autonomia, Mato, Grosso, Goiás, colegas, existem, Belém, acesso, infecção, vacina, graves, permanente, milhões, positivo, brasileira, estados, resultado, zinco, regional, Goiânia, chamado, fórmula, vencer, mãos, medo, sintomáticos, mostrando, letalidade, autor, publicações, defende, lista, CRM, testados, locais, feirantes, recomendação, trabalho, benefício, laboratórios, exige, portas, junho, morrendo, Brasília, disponíveis, derrotar, vitória, vitamina, intervenção, agravamento, consentimento, trabalhadores, reais, Alice, calamidade, começou, gripais, sexta-feira, projeto, preventivo, testagem, avaliação, isolamento, postos, prefeituras, serviços, domiciliar, passo, privada, dentre, nº, MG, capacidade, procurador, carro, urgência, revistas, decretou, boicote, Helder, Barbalho, fechadas, superlotados,

²²⁸ Por se referirem à mesma narrativa e não comprometerem seu sentido, realizamos o processo de lematização, com o objetivo de reduzir uma palavra a sua forma base, a sua raiz, padronizando diferentes formas da mesma palavra. São elas: afirma e afirmou, atendimento e atendimentos, avaliação – avaliados – avaliar, dose e doses, ficam e fiquemos, internação – internações – internados, médico e médicos, medida e medidas, necessárias e necessidade, orientação e orientações, paciente e pacientes, pedido e pedindo, precisa – precisam – precisamos, privada e privados, protocolo e protocolos, rápida e rápido, recomenda e recomendação, secretaria – secretarias – secretário, sintomas e sintoma, tendo e tenham, testada e testados, trabalho e trabalhando.

		<p>salvadora, curva, encontrar, despençou, êxito, síndromes, união, protocolo, ocupação, favoráveis, publicou, manter, CFM, extremamente, visando, série, consideradas, randomizados, drogas, Carlos, preventivas, Caratinga, notícias, surtido, utilizados, web conferência, estadual, intuito, canalhas, higiene, rio, MPF, autorização, distrito, samambaia, Moisés, doentes, ambulatório, infectados, site, mapa, ficam, comunidade, rápido, fonte, confirmados, transtorno, tdah, superiores, retrospectivos, hierarquicamente, façamos, precisa, covardia, déficit, reconhece, Ribeiro, André, Motta, preocupados, novamente, destaca, vermífugo, comitê, explica, integrantes, claro, médicos, formado, maiores, voluntariar, deverão, termo, psicólogos, dano, direto, poderão, milhão, infectologista, inserção, atendimento, diretrizes, experiências, interior, vascular, desinformação, atuação, oficial, baseada, possam, Jacqueline, dose, enfermeiros, suspeitos, decisão, civil, MS, ressaltou, CQ, livre, Biguaçu, afirma</p>
--	--	--

Fonte: Quadro preparado pela autora, a partir de análise de grafos, no *Gephi*

APÊNDICE Q

Palavras mais usadas no *cluster* azul, de junho de 2020

Cor	Porcentagem	Palavras de referência ²²⁹
Azul	20,12%	Covid, fase, prevenção, dr, pais, desqualificavam, mortes, chegando, remédio, tratamentos, Alexandre, salvar, sucesso, marco, leitos, clínico, sinais, Garcia, governadores, Cássio, kit, Paulo, semana, leves, médicas, máscaras, respirador, provas, contactantes, mídia, moradores, abril, Prado, serviço, leia, óbitos, esperar, OMS, experiência, Youtube, prefeito, Itajaí, capital, grave, houve, públicos, quadra, truncated, evoluiu, criamos, desenvolveu, Mandetta, faltando, chinês, profilático, brasileiro, quarteirão, alojamentos, período, habitantes, poderiam, habice, publicar, declarou, palavras, ignorou, matérias, possíveis, jornalista, SP, diversas, tardia, pro hidroxiclороquina, fevereiro, baseado, únicos, ex-ministro, milagre, demos, funcionários, criticado, sanitárias, Salvador, recusaram, procura, DF, burocratas, Genebra, serra, Zeballos, histeria, respiradores, preocupa, provavelmente, imagem Ceconello, engl, med, trial, jun, patients, associação, alternativa, passa, Cesar, Maciel, comunicantes, randomized, hydroxychloroquine, remdesivir, severe, usam, japim, iniciativa, Belinati, pessoal, informar, mais, coletivo, , retirado, Karina, bourguignon, amesne, Bento, Goncalves, liderados, Luciano, Zuffo, parceria, Ricardo, Zimmermann, ética, políticos, infelizmente, equipe, maio, STF, custo, executivo, fatos, reestruturamos, Madrid, Bergamo, Marseille, participaram, descrição, tomográfico, tomografia, distribuimos, enoxaparina, enjojo, anti-inflamatório, aproximado, tubo, eleito, graças, esquerda, evitadas, descrito, europeia, gravidade, fácil, suspeita, memória, implantação, solução, realizada, composto, comprou, esquecimento, indica, Cascavel, felizsp, dipirona, Cuiabá, rodízio, protegida, contágio, Melo, feliz, futuro, anúncio, dourados, retornar, São, apresentarem, Fernando,

²²⁹ Por se referirem à mesma narrativa e não comprometerem seu sentido, realizamos o processo de lematização, com o objetivo de reduzir uma palavra a sua forma base, a sua raiz, padronizando diferentes formas da mesma palavra. A palavra com mais repetições representa as demais na tabela. São elas: respiradores e respirador, anunciou e anúncio, ivermectina e ivernectina, cidade e cidades, chegam – chegando – chegue, comprimido e comprimidos, criticado e criticar, equipe e equipes, evolua – evoluem – evoluiu, faltando e faltar, feliz e felizmente, fizemos e fizeram, reúne – reunião – reunimos – reuniu, tomam e tomaram, óbito e óbitos, kit e kits, prefeito e prefeitos, desqualificavam e desqualificou, recebem e recebido, obtive e obtidos, participou e participaram, passa – passaram – passavam.

		<p>idades, gripal, praticamente, localizada, km, conclusão, postagens, transcrever, gostaríamos, máxima, autoridade, determinar, ressaltar, trabalhava, adoeceu, afetado, aplicou, contratos, especializadas, segura, haveria, politizado, sensatez, curvar-se, covidões, indo, obtidos, adiantados, comprimidos, criminoso, tratem, preventiva, Moro, devastador, transformado, contaminados, aprendida, espaços, acaba, Petry, renomados, Carine, assistam, realidade, movimento, tomaram, iniciado, esclarecedor, ouvir, comentário, palestrantes, OS, diferença, raiz, falam, timaço, epidemia, ideal, nasal, falso, Anthony, Wong, Nise, Yamaguchi, providências, longa, compartilhar, argumentos, empregos, desdenhou, ofendeu, recebido, ocultou, citados, cautelosamente, davam, profissionalismo, reunião, lembra, quinzena, corte, delegou, barreiras, índia, fizemos, ivermectina</p>
--	--	--

Fonte: Quadro preparado pela autora, a partir de análise de grafos, no *Gephi*

APÊNDICE R

Palavras mais usadas no *cluster* laranja, de junho de 2020

Cor	Porcentagem	Palavras de referência ²³⁰
Laranja	13,06%	Hidroxicloroquina, médica, município, vidas, população, porto, cloroquina, pandemia, presidente, combate, hospital, vídeo, dra, live, Raissa, Bolsonaro, tratar, utis, postagem, evitar, governador, prefeitura, seguro, medicamento, região, campanha, sociais, nacional, cura, centro, situação, unidades, ambulatorial, frente, soares, usado, salvas, clínica, iniciais, colapso, Bahia, luta, ações, costa, semanas, notícia, Rui, demissão, responsável, guerra, linha, centenas, política, Eduardo, disponível, contrato, Jair, chamada, desenvolvimento, atua, feito, apelo, disse, Magalhães, seguiu, antiviral, terça-feira, chegou, doutora, toa, explicou, terapia, fato, vinha, intensiva, maneira, procedimentos, farmácias, profissional, referida, quarta-feira, juntamente, Luis, dificuldade página, poderia, responsabilidade, etapas, busca, pânico, ficar, viu, resistência, rapidamente, comunicação, controlar, especialista, obter, tinha, deixou, prescrever, apresentando, prática, adotado, república, chama, interesse, videoconferência, participar, fazendo, recuperação, oferecer, administração, espalhou, atual, Instagram, procurada, tido, renovação, utilizando, horária, papel, viva, desespero, seguroba, ACM, planejamento, secretários, sumiu, divulgar, pensar, Roberto, abraçaram, Nero, Cristiana, Altino, Almeida, dezenas, conseguiremos, dividido, alegado, vencido, sofria, desencadeado, segmentos, pressionados, terça, promovida, empresário, Paulinho, rede, senador, Magno, Malta, inesperada, surpreendida, envio, extremo, ativa, efeito, solicitou, distribuir, lotes, kitcovid, quantidade, permitir, defendem, respondeu, gratuita, emergencial, manutenção, compartilharam, presentes, morreu, ferramenta, gravou, ajudasse, atenção

Fonte: Quadro preparado pela autora, a partir de análise de grafos, no *Gephi*

²³⁰ Por se referirem à mesma narrativa e não comprometerem seu sentido, realizamos o processo de lematização, com o objetivo de reduzir uma palavra a sua forma base, a sua raiz, padronizando diferentes formas da mesma palavra. São elas: atendeu e atenção, explicando e explicou, feita e feito, medicação e medicamento, município – municípios – municipal, UTI e UTIs, post e postagem, presença e presentes, rede e redes, salva e salvas, segue e seguiu, solicita e solicitou, surpreendentes e surpreendida, utiliza – utilizada – utilizado – utilizando

APÊNDICE S

Palavras mais usadas no *cluster* amarelo, de junho de 2020

Cor	Porcentagem	Palavras de referência ²³¹
Amarela	8,93%	Evidências, HCQ, resultados, redução, profilaxia, abaixo, mortalidade, precocemente, morte, azi, efeitos, link, evolução, viral, continuar, assista, Unimed, colega, franca, retrospectivo, acima, tenha, positivos, países, importantes, grupos, atualmente, pré, tratados, usando, segurança, recentes, Detroit, desfavorável, revisados, revelam, Marselha, clareamento, adversos, relevantes, metanálise, 3x, pós-exposição, colocadas, barata, turma, discurso, chave, político, vejam, hospitalizações, negar, óbvio, assumir, negativa, cunho, Conep, apontam, licitação, pesquisas, possibilidade, aba, exposto, mundialmente, queda, comércio, menores, resposta, trecho, melhores, epicentro, pré-hospitalar, índices, quiserem, prescrito, corticoide, ocorrências, beneficiários, passado, mentirosa, direita, pega, Manaus, abandona, posto, viaja, jato, interna, caro, Sírio, Libanês, escondido, sonega, estudos, repousando, ciência, preconiza, colaterais, complicações, EUA, científico, natal, incluindo, art, prazo, clique, internet, webinar, listadas, simples, condromalácia, cartilagem, joelho, orienta, toxinas, patelar, canais, vontade, bio, abordagem, Paraíba, conselheira, CRMSC, completa, narrativa, ventilação, mecânica, acabou

Fonte: Quadro preparado pela autora, a partir de análise de grafos, no *Gephi*

²³¹ Por se referirem à mesma narrativa e não comprometerem seu sentido, realizamos o processo de lematização, com o objetivo de reduzir uma palavra a sua forma base, a sua raiz, padronizando diferentes formas da mesma palavra. A palavra com mais repetições representa as demais na tabela. São elas: acabar e acabou, barata e barato, ciência e ciencia, estudos e estudo, evidência e evidências

APÊNDICE T

Atores dos 150 posts com mais interações no *dataset* de dezembro de 2020, em que as empresas de mídia são maioria dos atores e estão destacadas com sombreado

Ordem	Nome do perfil	Interações	Ordem	Nome do perfil	Interações
1	Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)	123,338	2	Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)	93,511
3	Carla Zambelli	72,129	4	Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)	64,191
5	Quebrando o Tabu	59,157	6	g1 - O Portal de Notícias da globo	56,140
7	Pleno.News	54,809	8	g1 - O Portal de Notícias da globo	41,259
9	Hugo Gloss	40,235	10	UOL Notícias	39,791
11	Quebrando o Tabu	34,115	12	Os Pingos nos Is - Jovem Pan	32,289
13	Hugo Gloss	29,472	14	UOL Notícias	24,796
15	Jornal Nacional	20,773	16	Marcel van Hattem	20,205
17	Xé - Agora Aguenta	17,563	18	Jovem Pan News	17,553
19	g1 - O Portal de Notícias da globo	16,900	20	Kajuru Goiás	16,807
21	Tico Santa Cruz	16,240	22	Jovem Pan News	14,314
23	Kajuru Goiás	13,899	24	Quebrando o Tabu	13,877
25	O Globo	13,455	26	Guilherme Boulos	13,403
27	Cleitinho Azevedo	13,245	28	Camilo Santana	13,025
29	Quebrando o Tabu	12,908	30	Manuela D'Ávila	12,115
31	Kajuru Goiás	11,789	32	Quebrando o Tabu	11,607
33	Mídia NINJA	11,448	34	Carlos Jordy	11,306
35	Xé - Agora Aguenta	10,841	36	Alvaro Dias	10,583
37	PT - Partido dos Trabalhadores	10,520	38	Sâmia Bomfim	10,054
39	Jovem Pan News	9,770	40	Leonardo Sakamoto	9,690
41	Filipe Barros	9,673	42	Leonardo Sakamoto	9,632
43	Manuela D'Ávila	9,619	44	Priscila Costa	9,582
45	CNNBrasil	9,304	46	Joice Hasselmann	9,202
47	Leonardo Sakamoto	9,174	48	Clamor pelo Brasil BR	9,063
49	EL PAÍS Brasil	8,997	50	Heróis do Brasil com Bolsonaro	8,832
51	CNNBrasil	8,701	52	A Gazeta ES	8,45

53	SBT	8,437	54	Leonardo Sakamoto	8,427
55	RedeTV!	8,395	56	Quebrando o Tabu	8,331
57	Aliança pelo Brasil - Presidente Jair Messias Bolsonaro	8,111	58	A Gazeta ES	7,989
59	Ministério da Saúde	7,932	60	CNNBrasil	7,644
61	Estadão	7,571	62	Clarissa Tércio	7,451
63	Mídia NINJA	7,345	64	Carlos Jordy	6,996
65	BHAZ	6,973	66	Camilo Santana	6,926
67	Quebrando o Tabu	6,706	68	Henrique Fontana	6,676
69	UOL Notícias	6,580	70	Leonardo Sakamoto	6,515
71	Ricardo Amorim	6,346	72	João Amoêdo 30	6,264
73	Leandro De Jesus	6,177	74	David Miranda	6,128
75	Romeu Zema	6,060	76	Leonardo Sakamoto	5,949
77	Feminismo Sem Demagogia - Original	5,921	78	Jornal Hoje	5,883
79	CPTK - Centro de Pesquisa Tireido Ku	5,880	80	CNNBrasil	5,818
81	Ciro Gomes	5,635	82	Marco Feliciano	5,595
83	g1 - O Portal de Notícias da globo	5,591	84	Carlos Giannazi	5,468
85	UOL Notícias	5,408	86	Bill Guerra Mochilink	5,283
87	Aventuras na História	5,249	88	Bolsonaro Presidente 2022	5,121
89	Hugo Gloss	5,091	90	Clamor pelo Brasil BR	5,050
91	Carlos Jordy	4,994	92	UOL Notícias	4,929
93	A Ciência que nós Fazemos	4,841	94	CBN	4,831
95	Tarcísio Motta	4,821	96	Terra	4,765
97	Marcelo Freixo	4,745	98	Instituto Mises Brasil	4,744
99	Gazeta do Povo	4,728	100	Ricardo Amorim	4,723
101	InfoMoney	4,714	102	DW Brasil	4,692
103	Humberto Costa	4,526	104	Direita Sergipana	4,505
105	Clécio Luis	4,412	106	exame	4,404
107	g1 - O Portal de Notícias da globo	4,335	108	Paulo Pimenta	4,265

109	UOL Notícias	4,216	110	Henrique Fontana	4,180
111	Ministério da Saúde	4,134	112	UOL Notícias	4,065
113	Ronaldo Caiado	4,014	114	Brasil 247	4,003
115	g1 - O Portal de Notícias da globo	3,997	116	UOL	3,977
117	DW Brasil	3,971	118	UOL Notícias	3,896
119	Barbudinho	3,818	120	Somos 70 Por Cento	3,798
121	Rapha Prado	3,738	122	O Globo	3,737
123	UOL Notícias	3,726	124	Jornal Jangadeiro	3,719
125	Jornal da Record	3,716	126	Estadão	3,704
127	Gleisi Hoffmann	3,695	128	Clamor pelo Brasil BR	3,664
129	Pérolas da Urgência	3,623	130	BHAZ	3,609
131	General Mourão - Aliança pelo Brasil	3,584	132	Viver em Santos e região	3,583
133	O Globo	3,531	134	Gleisi Hoffmann	3,503
135	Talita Oliveira	3,457	136	TV Cultura	3,438
137	Carol De Toni	3,431	138	Paulo Pimenta	3,417
139	Ministério da Saúde	3,404	140	Diario de Pernambuco	3,396
141	Ricardo Amorim	3,391	142	Reinaldo Azevedo	3,381
143	David Miranda	3,366	144	Marcelo Freixo	3,353
145	Vem Pra Rua Brasil	3,331	146	Jornal Nacional	3,325
147	Yahoo Noticias	3,317	148	O Antagonista	3,294
149	Carlos Giannazi	3,280	150	Jornal Jangadeiro	3,280

Fonte: quadro preparado pela autora, com dados coletados na *CrowdTangle*

APÊNDICE U

As 150 palavras mais recorrentes estatisticamente, no dataset de dezembro de 2020

Palavra	Quantidade	Palavras	Quantidade
vacina	9451	vacinacao	8342
covid19	4589	saude	4390
vacinas	3360	plano	2741
brasil	2436	nacional	2341
milhoes	2157	doses	2118
bolsonaro	2015	populacao	1928
pais	1834	presidente	1791
federal	1783	imunizacao	1685
disse	1499	anvisa	1450
stf	1415	ministerio	1410
pandemia	1385	coronavirus	1304
tomar	1238	estados	1216
vacinar	1097	obrigatoria	1019
agencia	1017	janeiro	1014
dias	951	campanha	926
fase	919	paulo	906
virus	889	pfizer	879
grupos	868	medidas	830
butantan	820	coronavac	814
doenca	813	casos	797
dezembro	784	munido	774
afirmou	766	obrigatoriedade	747
instituto	744	países	744
acordo	702	imunizante	697
supremo	696	governador	695
pazuello	688	municipios	667
receber	657	comecar	654
seguranca	648	uniao	643
tribunal	635	brasileiros	632
semana	631	eficacia	626
covid	625	vigilancia	621
compra	597	sanitaria	595
doria	584	vida	576
risco	568	emergencial	565
profissionais	561	jair	556
prioritarios	549	quartafeira	548
fevereiro	533	programa	529

decisao	522	acoes	519
processo	488	aprovacao	488
registro	480	mortes	477
publica	466	medida	466
doencas	460	rio	459
distribuicao	458	unidos	455
eduardo	442	publico	441
autorizacao	439	joao	436
testes	436	operacionalizacao	435
lewandowski	418	documento	417
reino	416	unido	413
preve	413	aplicacao	412
brasileiro	407	data	402
fiocruz	399	européia	396
direito	395	quinta-feira	390
ministros	376	projeto	373
sinovac	371	previsao	368
vacinados	367	fonte	360
producao	356	responsabilidade	356
garantir	350	ricardo	350
camara	349	efeitos	348
china	347	conta	344
seringas	339	pessoa	337
compulsoria	337	desenvolvida	332
palacio	331	dose	328
idosos	326	informacoes	326
dados	326	eua	324
aquisicao	324	pedido	322
autoridades	322	planalto	321
importante	319	chinesa	315
trabalhadores	310	prefeito	309
prazo	309	secretario	305
brasileira	302	rede	302
estadual	300	precisa	299
laboratorio	298	termo	297
parceria	296	tera	296
relator	294	aprovada	291
social	289	terca-feira	286

Fonte: quadro preparado pela autora, a partir de palavras coletadas pela autora via *CrowdTangle/Ford*

APÊNDICE V

Palavras mais usadas no *cluster* rosa, de dezembro de 2020

Cor	Porcentagem	Palavras de referência ²³²
Rosa	38,83%	Anvisa, janeiro, Paulo, chegou, CoronaVac, casos, dezembro, instituto, países, imunizante, governador, Pazuello, eficácia, Doria, estudos, fevereiro, aprovada, Rio, venda, João, Unidos, Reino, Fiocruz, ex-presidentes, Sinovac, fonte, produção, câmara, emergencial, China, dose, dados, EUA, chinesa, prazo, estadual, parceria, medicamentos, laboratório, empresa, bancada, mundial, começar, completa, novembro, reunião, disponível, estrutura, feito, divulgação, verde, variante, Biden, órgão, AstraZeneca, moderna, universidade, Senado, Oxford, SP, contrato, cronograma, entrega, lote, comprar, fato, natal, notícias, produto, eleito, comissão, segunda-feira, recebeu, europeu, resultados, análise, pasta, prefeito, definitivo, distribuir, fundação, aumento, testes, campanhas, óbitos, truncated, Guedes, redes, sociais, município, Fernando, desenvolvida, vacinadas, segue, paulista, clínicos, imprensa, teremos, norte, PSDB, onda, capital, prefeitura, etapas, Covas, diretor, fabricantes, Lula, convite, chinês, sexta-feira, Dimas, jornal, sintomas, gripe, tratamento, informou, longo, evitar, prevenção, médicos, anunciou, região, CDC, FDA, ema, hospital, sábado, histórico, Joe, prontas, intenção, voluntários, Dilma, aprovação, declarou, Collor, Sarney, Temer, efeitos, suposta, pretende, alta, cuidados, centro, confirmados, boletim, Portugal, santa, marta, polícia, acesso, colaterais, capacidade, Alemanha, leyen, rápido, África, cidadãos, bloco, global, Canadá, europeia, Camilo, Santana, Caiado, PT, ato, manhã, afirma, meados, documentação, reguladora, específicos, BioNTech, burocráticas, voltou, apresentados, sanitárias, demanda, reserva, passada, esforço, profissional, internacional, PNI, avaliação, resposta,

²³² Por se referirem à mesma narrativa e não comprometerem seu sentido, realizamos o processo de lematização, com o objetivo de reduzir uma palavra a sua forma base, a sua raiz, padronizando diferentes formas da mesma palavra. São elas: alérgica e alérgicas, anuncia e anunciou, aprova – aprovação – aprovar – aprovou, aprovada e aprovado, autorização e autorizado, BioNTech e Biotech, Butantã e Butantan, chega – chegada – chegou, chinês e chineses, cidade e cidades, começa – começar – começara – começaram – começarão – começou, desenvolvem – desenvolvida – desenvolvimento, divulgação e divulgou, efeito e efeitos, emergência e emergencial, estudo e estudos, europeu e europeus, Europa e europeia, ex-presidente e ex-presidentes, fabricante e fabricantes, farmacêutica e farmacêuticas, grave e graves, informação e informou, laboratório e laboratórios, medicamento e medicamentos, municipal e municípios, órgão e órgãos, pede – pedido – pedir, Pfizer e PfizerBiontech, prefeito e prefeitos, produto e produtos, produzir – produzida – produzidas, reação – reações, receberam e recebeu, região e regionais, registrada – registro – registros, regulador e reguladora, segue e seguir, semana e semanas, teste e testes, unido e unidos, venda e vendendo.

		<p>assessoria, Paes, Henrique, disputa, expectativa, previsto, executivo, Nísia, TV, enfrentamento, agências, organização, Pfizer, Madureira, camelos, vendida, cruz, zona, caixa, certificado, aplicada, York, Alasca, Trump, times, disseram, mulher, americano, produzida, comercialização, reportagem, conclusão, Inglaterra, Clark, pacote, Londres, alerta, franca, incentivar, ofício, Margareth, Oswaldo, atender, colaboradores, Trindade, instituição, pneumologista, tecnologia, furar, deputados, condicional, temido, juntos, estados membros, alemã, autorização, domingo, Itália, adiantou, sinal, norte-americana, Áustria, antecipação, semana, passo, liberação, condições, escala, conferência, planejam, mercado, parecer, Johnson, ramos, parlamento, maia, lendo, Butantan, reações, quantidade, equipe, serviços, Junior, rural, Catarina, foto, Deus, audiência, santos, candidato, possíveis, taxa, adversos, farmacêutica, político, vachina, ruas, cidade, suborno, zema, grave, mora, tomara, pence, vice-presidente, carinho, trabalhando, poliomielite, Mike, adotante, vivo, índice, mrna, comitê, pedido, porto, gestão, silva, alegre, dr, famurs, Carlos, registro, Sesa, necessário, atualmente, estratégia, problemas, alérgicas</p>
--	--	--

Fonte: Quadro preparado pela autora, a partir de análise de grafos, no *Gephi*.

APÊNDICE W

Palavras mais usadas no *cluster* verde, de dezembro de 2020

Cor	Porcentagem	Palavras de referência ²³³
Verde	25,16%	Destacou, saúde, vida, Brasil, nacional, Bolsonaro, população, país, presidente, federal, disse, ministério, pandemia, coronavírus, tomar, estados, vacina, agência, dias, campanha, vírus, mundo, afirmou, acordo, receber, cancelados, vigilância, compra, sanitária, Jair, quarta-feira, programa, publica, medida, Eduardo, aplicação, brasileiros, quinta-feira, responsabilidade, garantir, informações, autoridades, importante, secretário, rede, termo, social, terça-feira, bilhões, vacinação, entrevista, governadores, passaportes, hospitais, covid21, situação, normal, cepa, recursos, imunização, maio, mínimo, começam, outubro, obrigatórias, esperança, pior, emenda, Bolívia, aumentar, lockdown, especialistas, param, negócios, encerrados, reforma, infecção, mortal, abril, incapazes, lidar, estruturas, pagamentos, salário, junho, mantimentos, esgotando, estabelecimentos, frequentemente, protestos, constantes, verificação, exército, prisões, civis, agosto, planos, setembro, débitos, covid19, propriedade, privada, transfere, posse, introdução, formato, cartão, viajar, covid1921, mudam, tornam, aceitos, movimento, século, científico, espaço, política, imunizantes, texto, mp, problema, solução, partido, provisória, república, pressa, nota, discurso, general, planejamento, objetivo, médico, proteger, estabelecidos, importância, voluntária, precisa, apesar, números, auxílio, prever, melhor, amarela, cientistas, OMS, período, ciência, história, sociedade, claro, genético, políticos, corpo, sarscov2, família, humanidade, eficaz, educação, deveria, milhares, ansiedade, angústia, economia, papel, trabalho, escolas, chegar, distanciamento, despesas, benefício, responsável, salvar, dinheiro, contrário, risco, tinham, terá, escolha, crédito, máscara, entrar, ensino, escolar, leitos, extraordinário, ficou, apresentação, oficial, continua, calendário, fundamental, Medeiros, Arnaldo, aulas,

²³³ Por se referirem à mesma narrativa e não comprometerem seu sentido, realizamos o processo de lematização, com o objetivo de reduzir uma palavra a sua forma base, a sua raiz, padronizando diferentes formas da mesma palavra. A palavra com mais repetições representa as demais na tabela. São elas: assinar – assinatura – assinou, benefícios e benefício, brasileira – brasileiros – brasileiro, cancela e cancelados, covid e Covid-19, destaca e destacou, economia e econômica, emprego e empregos, especialista e especialistas, estabelecem e estabelecidos, imune – imunização – imunizações, máscara e máscaras, morte – mortes – mortos, precisa – precisamos – preciso, risco e riscos, terá e terão, trabalhar e trabalho, vacinar e vacinação, vacina e vacinas, vida e vidas.

		explica, associação, assunto, emprego, necessidade, aéreas, água, militar, principais, solicitar, preocupação, isolamento, observatório, mortes, trazer, recomendações, aglomerações, debate, falar, manter, ressaltou, assinar
--	--	---

Fonte: Quadro preparado pela autora, a partir de análise de grafos, no *Gephi*.

APÊNDICE X

Palavras mais usadas no *cluster* azul, de dezembro de 2020

Cor	Porcentagem	Palavras de referência ²³⁴
Azul	16,6%	Plano, milhões, doses, grupos, segurança, profissionais, tenham, processo, fase, distribuição, operacionalização, documento, data, prioritários, conta, seringas, pessoa, palácio, idosos, aquisição, planoalto, trabalhadores, poderão, secretaria, varíola, logística, julho, acordos, prioridade, pesquisa, cerimônia, Brasília, apresentado, incluindo, combate, acima, etapa, entregue, agulhas, imunizar, Ceará, forças, semestre, Covax, armazenamento, funcionários, somam, milhão, disponíveis, intervalo, único, explicou, comunicação, frente, idade, controle, difícil, possa, amor, animais, professores, levar, transporte, injeção, esquema, indígenas, comorbidades, imunidade, febre, salvamento, prisional, insumos, diabetes, câncer, pulmonar, renal, hipertensão, obstrutiva, mellitus, indivíduos, pacientes, ficar, garantiu, 10h, Goiás, Minas, superior, consórcio, precisam, filhotes, unidades, centros, quilombolas, perdas, realizada, necessárias, lançamento, deverão, adquiridas, demandar, estratégias, dividido, eixos, descrições, doença, cardiovasculares, obesidade, candidatas, Gerais, população-alvo, prevê, indica, negociação, possui, formado, versão, membros, menores, câmaras, bilhão, estoque, medo, instituições, vulneráveis, ceia, Anhanguera, declaração, depende, errou, assustador, lunáticos, trabalha, feita, marcada, judiciais, chamada, vacinados, ideia, lista, afirmar, adversas, AFA, buscar, cloroquina, cerebrovasculares, anemia, falciforme, crônica

Fonte: Quadro preparado pela autora, a partir de análise de grafos, no *Gephi*.

²³⁴ Por se referirem à mesma narrativa e não comprometerem seu sentido, realizamos o processo de lematização, com o objetivo de reduzir uma palavra a sua forma base, a sua raiz, padronizando diferentes formas da mesma palavra. São elas: crônica e crônicas, doença e doenças, fase e fases, incluem e incluindo, logístico e logística, lançamento e lançará, prevê e previsão, prioritário e prioritários, tenham e tiver, vacinada – vacinados – vacinadas.

APÊNDICE Y

Palavras mais usadas no *cluster* laranja, de dezembro de 2020

Cor	Porcentagem	Palavras de referência ²³⁵
Laranja	16,28%	STF, medidas, possam, supremo, municípios, união, tribunal, determinar, autoriza, público, obrigatória, ministros, Ricardo, compulsória, relator, forçada, governos, locais, ordem, crianças, marco, tenha, julgamento, Lewandowski, liberdade, filhos, Barroso, corte, deixar, justiça, entendimento, distrito, possibilidade, direito, significa, STJ, aval, Marques, Nunes, restritivas, recusar, votos, voto, Roberto, Moraes, Luís, vacinarem, pediu, Alexandre, Fux, públicos, estabelecer, inconstitucional, sanções, convicções, empresas, exigir, impor, Luiz, Rosa, Weber, festas, causa, cidadão, revolta, acompanhou, responsáveis, individual, pena, prevista, coletiva, Carmen, Lúcia, dever, Fachin, matrícula, plenário, José, proteção, tratam, restrições, respeito, Levi, elaborado, ministra, advogado- geral, consentimento, servidores, descumprimento, eventual, competência, julgado, PDT, Paraná, base, Úrsula, artigo, cabe, comprovação, levado, impedido, fila, importar, AGU, indiretas, coletivo, prejudicada, OAB, recurso, enviado, defendeu, aprovadas, registradas, advogados, decisão, sessão, consciência, realização, constitucional, Toffoli, permite, Edson, lugares, Aurélio, Gilmar, Mendes, vota, indivíduo, legais, PTB, proibido, implementada, adolescentes, atividades, pessoais, preventiva, norma, ações

Fonte: Quadro preparado pela autora, a partir de análise de grafos, no *Gephi*.

²³⁵ Por se referirem à mesma narrativa e não comprometerem seu sentido, realizamos o processo de lematização, com o objetivo de reduzir uma palavra a sua forma base, a sua raiz, padronizando diferentes formas da mesma palavra. A palavra com mais repetições representa as demais na tabela. São elas: ação e ações, autoriza e autorizou, coletividade e coletivo, constitucional e constituição, decide – decidiu – decisão, determinadas – determinar – determinados, direito e direitos, entender e entendimentos, Levandoviski e Lewandowski, obrigação – obrigar – obrigatória – obrigatoriedade, poderiam e possam, restrição e restrições, voto e votou.

APÊNDICE Z

Palavras mais usadas no *cluster* amarelo, de dezembro de 2020

Cor	Porcentagem	Palavras de referência ²³⁶
Amarelo	3,13%	Projeto, digital, congresso, senador, prisão, coronel, falsas, PL, adesão, defesa, luta, jmunews, Ângelo, PSDBA, apresentou, código, penal, altera, carteira, desestímulo, proposta, bi, justa, deputado, news, disseminação, reclusão, operação, PF, crime.

Fonte: Quadro preparado pela autora, a partir de análise de grafos, no *Gephi*.

²³⁶ Não realizamos processo de lematização por não haver palavras repetidas com a mesma raiz.